

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**PELAS ÁGUAS DE SÃO JOÃO: DAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DO AMBIENTE À PERSPECTIVA RELACIONAL**

Luciana Figueiredo Bomfim Lopes

Orientadora: Leila Chalub Martins

Dissertação de Mestrado

Brasília – DF. Fevereiro / 2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**PELAS ÁGUAS DE SÃO JOÃO: DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
AMBIENTE À PERSPECTIVA RELACIONAL**

Luciana Figueiredo Bomfim Lopes

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental, opção Acadêmica.

Aprovado por:

Leila Chalub Martins, Doutora, UnB
(Orientadora)

Donald Sawyer, Dr., UnB
(Examinador Interno)

Suzana Machado Pádua, Dra., Instituto de Pesquisa Ecológica - IPÊ
(Examinador Externo)

Brasília-DF, 15 de Fevereiro de 2007.

LOPES, LUCIANA FIGUEIREDO BOMFIM

Pelas Águas de São João: das Representações Sociais do Ambiente à Perspectiva Relacional, 257 p., (UnB-CDS, Mestre, Política e Gestão Ambiental, 2005).

Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável.

1. Representação social

2. Turismo

I. UnB-CDS

II. Título (série)

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta tese de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Luciana Figueiredo Bomfim Lopes

A tua presença
Entra pelos sete buracos
Da minha cabeça
A tua presença
Pelos olhos, boca, narinas e orelhas
A tua presença
Paralisa o meu momento
Em que tudo começa
A tua presença

A tua presença
Desintegra e atualiza
A minha presença
A tua presença
Envolve meu tronco
Meus braços e minhas pernas
A tua presença
É branca, verde, vermelha
Azul e amarela
A tua presença
É negra, é negra, é negra, é negra
A tua presença

A tua presença
Transborda pelas portas
E pelas janelas
A tua presença
Silencia os automóveis
E as motocicletas
A tua presença
Se espalha no campo
Derrubando as cercas
A tua presença

A tua presença
A tudo que se come
Tudo que se reza
A tua presença
Coagulo o jorro da noite sangrenta
A tua presença
É a coisa mais bonita
Em toda natureza
A tua presença
Mantém sempre teso
O arco da promessa
A tua presença
É negra, é negra, é negra, é negra
A tua presença

(Caetano Veloso)

Agradecimentos

Agradeço a vida, por ter me aberto um caminho... O qual eu sigo, imersa em meus pensamentos e sentimentos, encontrando toda sua genialidade.

Agradeço a minha filha, por ter me devolvido a confiança e o amor pela humanidade, me lembrando das infinitas limitações da condição humana, a qual eu também faço parte neste momento.

Agradeço ao meu marido, por seu incentivo e seu amor, me mostrando que minhas limitações só existem para serem superadas e que posso contar com ele para esses e muitos outros ...

Agradeço a minha família, por seu apoio e amor, o primeiro lugar onde entendemos que precisamos aprender a amar e que talvez seja esse o nosso maior desafio.

Agradeço a Leila Chalub, por sua confiança, anterior a tudo, pela liberdade dos encontros que proporcionou e acima de tudo pela ternura e grandiosidade.

Agradeço a Suzana Pádua, por sua generosidade, desde o início, me fazendo crer que tudo seria possível, que realmente foi e o mestrado virou casulo...

Agradeço a Elimar Nascimento por todos os seus ensinamentos, mas principalmente pelo melhor de todos, que muito conhecimento pode combinar com humildade e assim ser realmente compartilhado.

Agradeço a Donald Sawyer, o “estrangeiro” que faltava, o “outro” que nos fala do nosso Cerrado e de nossa gente, por suas palavras desafiadoras e também por acreditar no potencial de uma veterinária, recém apaixonada pelo universo do humano.

Agradeço a todos aqueles com os quais convive durante a pesquisa de campo, que são muitos, mas não poderia deixar de registrar: Geraldo e Marlene, Guilherme, minha colega de turma Ana Izabel, Liliam, Zéria, Anderson, Dani e Marco. Obrigado por todas as formas de dádivas que podemos experimentar.

Agradeço a Andréa Bernades, por sua amizade incondicional, presente e cheia de luz. Por ter participado tão ativamente de todos os momentos de campo, de todas as angústias, mas, sobretudo, do merecido crescimento compartilhado.

Agradeço a Capes pelo apoio indispensável nessa aventura que é o mestrado.

Agradeço ao Programa Pesco e toda sua equipe, por me entregarem os bilhetes de passagem para a viagem e propiciar a pesquisa de campo, a prova de fogo necessária para que o aprendizado faça sentido e seja concluído, pelo menos, por enquanto.

Agradeço aos amigos, em especial, Maíra e Rodrigo, por viverem plenamente os desafios dos temas aqui abordados, por nossas conversas e pelos mitos que compartilhamos.

E aos meus gatos, nossos gatos, por terem a audácia de sapatear sobre os teclados do computador, exigindo a distração renovadora...

Resumo

O argumento nuclear reside na idéia de que durante o desenvolvimento de projetos socioambientais diversas representações sociais estão envolvidas e que o seu reconhecimento pode colaborar para identificar alguns desafios, limites e perspectivas. O estudo é voltado para a identificação das representações sociais de participantes, das diversas organizações envolvidas no Projeto Mulheres das Águas, e de representantes das comunidades do Forte, do Projeto de Assentamento Mingau e da Pontezinha, localizadas no Município de São João d'Aliança, local em que o Projeto se desenvolve, buscando estimular o turismo na região. O levantamento das representações foi realizado por meio de entrevistas semi-estruturadas, incluindo observação-participante em atividades de interesse do grupo do Projeto Mulheres das Águas e no âmbito das comunidades citadas. Como resultados da investigação são apresentados aspectos relacionados a gênero, a família, as condições econômicas, vínculos afetivos e espirituais, dentre outros, revelados pelos sujeitos, interferindo na formação e no movimento de suas representações sociais do ambiente social e natural, do turismo e suas perspectivas. O trabalho aborda ainda as representações sociais envolvendo as trocas e interesses sociais e as expectativas em relação ao outro, conduzindo a discussão para os mitos em torno do herói. Propõe-se, então, uma reflexão sobre a tomada de consciência das próprias representações, como uma possibilidade de ampliar a perspectiva relacional, favorecendo o desenvolvimento do Projeto Mulheres das Águas. Aponta-se também para algumas questões que devem ser consideradas pelo grupo, sobretudo no que diz respeito às atividades desenvolvidas em fases anteriores do Projeto e que pretendem ser consolidadas juntamente com o desenvolvimento turístico, chamando a atenção para o fato de que a transformação dessas atividades em efetiva fonte alternativa de renda parece ser um importante desafio para o fortalecimento das representações sociais, atreladas à necessidade de conservação do ambiente.

Palavras-chave: Representações sociais; Turismo; Projeto Mulheres das Águas.

Abstract

The main argument lies in the idea that during the development of social-environmental projects several social representations are involved and that the recognition of such representations may help identify challenges, limits, and perspectives throughout the projects. The study seeks to identify the social representations of participants from the different organizations involved in the Mulheres das Águas Project, and of members of the communities of the Fort, the Mingau and the Pontezinha, Settlement Project, in the municipality of São João d'Aliança, where the project is being carried out, aiming at stimulating tourism in the region. The survey of the representations was carried out through semi-structured interviews, including participative observation in activities of interest to the group from the Mulheres das Águas Project and within the scope of these communities. The findings of the investigation include aspects related to the gender, the family, the economic conditions, and the affective and spiritual ties revealed by the subjects, interfering in the formation and movement of their social representation of the social and natural environment, of tourism, and their perspectives. The study also addresses the social representations involving expectations about toward others, leading the discussion to myths about the hero. The study then suggests a reflection on the awareness raising of these representations, as a possible means of broadening the relational perspective, enhancing the development of the Mulheres das Águas Project. The study also points out some issues that should be considered by the group, particularly regarding the activities developed in previous phases of the Project and which are intended to be consolidated along with the development of tourism, stressing the fact that the transformation of these activities into an effective alternative source of income seems to be an important challenge for the strengthening of the social representations, coupled with the need for environmental conservation.

Key-words: Social representations; Tourism; Mulheres das Águas Project.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE ABREVIATURAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 DE ONDE PARTE A DISCUSSÃO E POR ONDE CAMINHA A REFLEXÃO	31
1.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL SITUADO.....	31
1.2 ENCONTRO, DIÁLOGO E CONFIRMAÇÃO MÚTUA	33
1.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	36
2 SÃO JOÃO D’ALIANÇA: DADOS, DISTRIBUIÇÃO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DO AMBIENTE	51
2.1 PRIMEIRO CONTATO.....	51
2.2 ALGUNS DADOS @CESSÍVEIS	54
2.3 DISTRIBUIÇÃO	58
2.4 MEMÓRIA E VIVÊNCIA.....	60
2.5 INVESTIGA-AÇÃO, RAZÃO E EMOÇÃO.....	65
2.5.1 “O Forte aqui, num tem muito o que fala dele, fala o que né” (Anhuma).....	69
2.5.2 Natureza: “é a deversão do povo” (Juriti).....	81
2.5.3 “Aquele caldo do barro com a chuva, taí o nome do mingau” (Arirambinha)	90
2.5.4 Ambiente: trabalho, ciência, projeto de vida e espiritualidade	98
2.5.5 Reflexões sobre as Representações Sociais do Ambiente	116
3 O PROJETO MULHERES DAS ÁGUAS E AS PERSPECTIVAS EM TORNO DO TURISMO.....	120
3.1 PROJETO MULHERES DAS ÁGUAS: CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.....	120
3.2 EM BUSCA DO ECOTURISTA.....	135
3.3 FORTE - O TURISTA CICLISTA E O TURISTA PESQUISADOR	147
3.4 PONTEZINHA – O TURISTA PESQUISADOR E O TURISMO INDESEJADO	150
3.5 MINGAU - CONFLITO EM TORNO DO TURISMO E DO AMBIENTE	153
3.6 REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO TURISMO.....	156
4 SOBRE A DÁDIVA: RUPTURAS E ALIANÇAS.....	159
4.1 ESPINHOS E CALOS: PESSOAL OU SOCIAL	160
4.2 “DINHEIRO TEM QUE SER SUADO” (URUTAU): TRABALHO, UMA CONDIÇÃO PARA O DINHEIRO, NÃO PARA A DÁDIVA.....	171
4.3 DINHEIRO NÃO É TUDO, MAS...: O ASPECTO TEMPORAL E AMBIENTAL DA DÁDIVA	175
4.4 CARNE E CORAÇÃO: A DÁDIVA NO LIQUIDIFICADOR DA COMPLEXIDADE.....	184

4.5 PLANEJAMENTO, CAPITAL E DESGASTE...: DESAFIOS PARA A DÁDIVA?	185
4.6 “AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA”: SOBRE A DÁDIVA DA NATUREZA.....	188
4.7 “MESMO POBRE, COMO EU SOU, MAS DA GRAÇA DE DEUS, EU NUM SOU NÃO” (JURITI): UMA REPRESENTAÇÃO COMUNITÁRIA SOBRE A DÁDIVA DE DEUS NA VIDA	190
4.8 REFLEXÕES SOBRE A DÁDIVA.....	195
5 À ESPERA, A BUSCA E A EXPECTATIVA DO OUTRO.....	210
5.1 “SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE”	212
5.2 O ESTRANGEIRO HERÓI	214
5.3 OS HERÓIS E SUAS FAÇANHAS	220
5.3.1 O herói polonês e seus descendentes.....	221
5.3.2 Heróis e heroínas em tempos modernos	223
5.3.3 O arquétipo do herói em sua busca pela “bem aventurança”.....	227
5.4 ÚLTIMO CONTATO (DA PESQUISA).....	238
CONCLUSÃO.....	241
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	255
APÊNDICE A	260
APÊNDICE B.....	263
APÊNDICE C	264

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos entrevistados por grupo e número de visitas	25
Quadro 2 – Caracterização dos sujeitos citados na dissertação que não foram entrevistados ou que não fazem parte dos grupos anteriores	25
Figura 1 – Localização do Município de São João d’Aliança no Estado de Goiás	52
Figura 2 – Localização do Município de São João d’Aliança em relação ao Distrito Federal	53
Gráfico 1 – Tempo de Estudo de Pessoas Residentes	54
Gráfico 2 – Rendimentos Nominais Mensais de Pessoas Residentes com 10 Anos ou Mais de Idade	55
Gráfico 3 – Número de Pessoas Ocupadas por Setor Econômico	56
Gráfico 4 – Pecuária em 2003 – Efetivo dos Rebanhos	56
Gráfico 5 – Lavoura Temporária em 2003 – Extensão de Área Plantada	57
Gráfico 6 – Lavoura Permanente em 2003 – Extensão de Área Plantada	57
Figura 3 – Localização das comunidades estudadas	59
Foto 1 – Vista durante a descida da Serra Geral do Paranã, rumo à comunidade do Forte ...	70
Foto 2 – Casa típica da comunidade do Forte, porém com portas e janelas modificadas	71
Foto 3 – Produção artesanal de rapadura na comunidade da Pontezinha	82
Foto 4 – Tear para confecção de colchas e tapetes na comunidade da Pontezinha	83
Fluxograma 1 – Árvore de Problemas elaborada pelo grupo diretamente envolvido com o Projeto Mulheres das Águas	129
Foto 5 – Balanço do Mingau, atrativo turístico	155

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIAGA – Associação Comercial, Industrial e Pecuária de São João D’Aliança
AD Capetinga – Agência de Desenvolvimento Capetinga
AGEMA – Associação dos Guias de Ecoturismo e Meio Ambiente
ALSO – Alternativas a Soja no Cerrado
AMC – Aliança Mulheres do Cerrado
BPC – Benefício de Prestação Continuada
CAMARÁ – Centro de Apoio para Sociedades Sustentáveis
CAT – Centro de Atendimento ao Turista
CDS – Centro de Desenvolvimento Sustentável
ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
FNMA – Fundo Nacional do Meio Ambiente
FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
GEF – Global Environment Facility
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza
JICA – Agência de Cooperação Internacional do Japão
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA – Ministério do Meio Ambiente
ONG – Organização Não Governamental
PET – Programa de Educação Tutorial
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPP – Programa de Pequenos Projetos
PPP-ECOS – Programa de Pequenos Projetos Ecosociais
RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
UnB – Universidade de Brasília
WWF – World Wildlife Fund [Fundo Mundial da Natureza]

INTRODUÇÃO

A introdução a este trabalho não faria sentido, se não incluísse a busca pessoal, o resgate, que se iniciara há seis anos, quando numa terra distante, chamada Porto Velho, em Rondônia, uma veterinária, “cansada de guerra”, que dividia seu trabalho entre gente (os proprietários) e bichos (ao meu ver, muitas vezes quase “objetos”), começou a enveredar pelo viver-pensar da educação ambiental. A atividade, que até então desenvolvia, estava cindida em opostos: de um lado os animais, fonte de todo sentir-pensar, de um vínculo embriagante com a natureza, de outro, a sociedade, com seus desejos e percepções distorcidas dessa natureza, expressa em posicionamentos, percebidos como “pra lá” de individualistas. Acrescido a isto estava um outro conflito, o do dinheiro, trabalhar com animais, com toda aquela natureza, não me eximia de ter de lidar com o capitalismo, de precisar dessa troca para viver, fato que gerou diversos conflitos pessoais e profissionais, além de um histórico de prejuízo incompatível com a carga de trabalho de que dispunha. Estava convencida que, longe das imposições do mercado, muitos conflitos desapareceriam, que eu poderia, enfim, “tratar dos bichos em paz”, longe das relações que pareciam distorcer o objetivo maior que imputava a minha profissão: a preservação da vida. Na verdade havia uma falta, desde sempre, de um entendimento sobre as dificuldades e as limitações em que nos encontramos, enquanto seres únicos e ao mesmo tempo componentes de nossa sociedade, por nossa intrínseca condição relacional, essa falta, edificando uma ilha e transformando o todo numa paisagem, remota, que só pode levar, até então, a um sentimento de exclusão e insatisfação, mas que acabou encontrando uma ponte entre os princípios socioambientais da educação ambiental e minha busca pessoal.

Essa busca, da qual me apropriei, naquele lugar, ocorreu paralela a um rito de passagem, às profundas mudanças que operam quando a filha passa a ser mãe. Matushima (1992) cita Campbell ao tratar da força e da possibilidade desse rito, ao propiciar uma nova condição, irreversível, “o processo de morte da condição em que se encontra para dar lugar ao nascimento da nova condição de mãe” (CAMPBELL, 1990, p. 38). Por essa transformação tem-se a oportunidade de vivenciar um encontro radical com o outro, a ponto de arriscar a própria vida para dar vida a esse outro ser. O sentimento primordial, que deve se instalar, é o de compaixão, compaixão para com o sofrimento inerente à condição da vida, e esse sentimento pode se estender para outros seres, desde os mais próximos até a própria condição da humanidade.

Os mitos de transformação pessoal tratam desses ritos, onde em situações nada fáceis, nos tornamos, a partir de uma nova condição, mais capazes de contribuir e participar da vida, no contexto em que nos encontramos. Outras situações também propiciam esse rito. Segundo Campbell, no mito da necessidade da busca por um caminho para a recuperação, muitas vezes, assumimos o arquétipo do herói:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno (CAMPBELL, 1990, p. 132).

Trabalhar no Zoológico de Porto Velho, com estruturas físicas precárias, mas local de intensa visitação, e também abrigando os mesmos problemas entre público e animais, que podia ser observado no Zôo de Brasília, caracterizado por grandes transtornos e aumento de atendimento no setor restrito da Veterinária, levou a uma série de indagações. As indagações buscavam pistas nas relações, nas percepções diferenciadas do ser humano sobre seu meio. Essa nova situação, num Zôo de apenas 80 animais, como o de Porto Velho, onde dentro das possibilidades, as maiores emergências foram solucionadas nos correntes três meses, transformou o ambiente de trabalho num constante observar da integração entre os visitantes e visitados, o que antes não havia sido possível. O observar evoluiu para o interagir, e os diálogos que daí se seguiram foram os maiores estímulos à busca por uma outra forma de lidar, não mais com os “visitantes”, mas com toda a complexidade que envolve pensar e trabalhar dentro desse ambiente relacional. Ali, as mais diversas representações foram capazes de compor uma intensa atividade para a elaboração de um projeto de educação ambiental voltado para o Zôo e a comunidade, e ao mesmo tempo promoveu uma iniciação em conhecimentos, das mais diversas áreas, e que tanto me faziam falta.

Retornando à Brasília, o contato com pessoas “presentes”, no sentido desenvolvido por Martin Buber (2004), propiciou, o que seria a continuação por esse caminho, entre o pensar e o agir, entre o estar e ser, entre encontrar o que Matsushima (1992) faz do sentido do seu trabalho, a união entre partes, que estão tão “naturalmente” cindidas em nossa sociedade. A busca por uma maior compreensão em torno das dificuldades inerentes a nossa condição humana e socioambiental. Assim, fez parte desse caminho uma outra busca, incessante e determinada, por um local para pesquisa de campo, sem o qual, me parecia ser difícil tratar da argumentação teórica.

Persistia o mito, de que deveria buscar o campo, novamente, em terras distantes. Assim, depois de um ano, minhas reflexões em torno da Comunidade Xavante, de Entenhitepa, os prováveis “reveladores” que procurava, me levaram a crer que para o tempo e o recurso que dispunha, a tarefa estaria comprometida. Contudo, a partir do pouco contato com a história desse povo e sua relação com a fauna, na verdade, a sua preocupação com o manejo de fauna, e a presença, há mais de 15 anos de um pesquisador em ação, provocaram novas indagações. Uma das principais estava relacionada a uma preocupação, latente e constante, a despeito dos diálogos, das presenças, das trocas possíveis e seus limites, quando nos propomos a trabalhar em prol de uma concepção centrada na questão socioambiental. Como essa nova concepção se consolida, se concretiza, que desafios estariam presentes? De que maneira pensamento, linguagem e ação se realizam nesse novo modo de trabalho? Que referências estariam presentes, provocando essa nova concepção e de que forma poderiam ser identificadas?

Apenas cento e cinquenta quilômetros, apoio, diversidade, proximidade foram concretizando uma nova etapa, tão rica e reveladora, que mais não seria possível. Aqui, no cerrado, minha casa, nossa casa, nossa gente, tanto para ser descoberto e com a incumbência de se fazer traduzir. Uma tradução restrita a um tempo, a um contexto específico e aos limites que a ciência e nós podemos dar, mas que nem por isso diminui sua relevância, trazendo à tona, o que de reflexão e colaboração pretendia realizar. O Projeto Mulheres das Águas desenvolvido em São João d’Aliança, envolvendo diversas comunidades, apresentou-se, nitidamente, como o espaço mais frutífero para a pesquisa. Além de estar em sua terceira fase, o Projeto é também uma proposta de integração entre a Universidade de Brasília, envolvendo diversos alunos, por meio do Decanato de Extensão e do Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS, com o apoio do Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Além disso, o Projeto está totalmente voltado para a construção coletiva, baseada no estímulo e inclusão das comunidades e as organizações do Município. Não há como negar o potencial dessa imensa diversidade de pessoas para propiciar a pesquisa e a discussão em torno do tema meio ambiente e sociedade.

São João d’Aliança está localizada no Estado de Goiás, a apenas 150 km de Brasília, num cerrado cada vez mais modificado. O Cerrado é hoje, um dos biomas brasileiros mais ameaçados, que sofre rápida devastação e modificação de paisagens, sobretudo devido à expansão agropecuária que o abarca em modelos de alto impacto ambiental. Percepções, em geral exógenas, revelando pouco conhecimento, como as de pobreza biológica e, pouco valor

econômico ainda são associados a ele, apesar da sua riqueza em número e diversidade de espécies, além de sua relevância em relação à água.

Localizado basicamente no Planalto Central Brasileiro, o bioma Cerrado é caracterizado pela ocorrência de invernos secos e verões chuvosos, nos quais se concentram uma pluviosidade média anual da ordem de 1500 mm. Por ocorrer em uma grande variabilidade de altitudes e em uma extensa distribuição territorial (23% do território brasileiro), a qual lhe confere o status de segundo maior bioma brasileiro, apresentando uma diversificação térmica bastante expressiva. De maneira geral, predominam solos profundos de baixa fertilidade (latossolos), com grande concentração de alumínio que, aliado a outros fatores como latitude, altitude, proximidade dos recursos hídricos, frequência de queimadas, entre outros, caracterizam e diferenciam a flora do Cerrado, apresentando fisionomias que englobam formações florestais, savânicas e campestres (RIBEIRO, WALTER, 1998).

A pequena parcela do Cerrado que está protegida por Unidades de Conservação, apenas 2%, apresenta pouca capacidade de fiscalização e gestão. Considerando ainda que essas áreas, em geral, são insuficientes para a conservação de grandes animais e plantas de distribuição irregular, podendo resultar, ao final, “no empobrecimento da diversidade biológica em cada reserva” (BIZERRIL, 2004).

Universidades, Organizações não Governamentais - ONGs e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, entre outros, têm divulgado alternativas de exploração econômica do Cerrado, com o propósito de favorecer as chances de conservação dos recursos. Projetos de valorização de produtos e atividades, elaborados dentro de uma perspectiva sustentável e incluindo o reconhecimento das diversas culturas ali presentes, como sertanejos, remanescentes quilombolas, comunidades indígenas, dentre outros, são desenvolvidos. Essas ações abordam tanto os aspectos ambientais, quanto os sociais, o ser humano é considerado parte integrante e fundamental no processo de conservação do Cerrado e de consolidação de uma relação mais coerente com a sua importância para a sociedade. (BIZERRIL, 2004).

Diversas comunidades já utilizam os recursos do Cerrado para sua sobrevivência, ou apresentam costumes e hábitos nesse sentido. Pequenos proprietários rurais, habituados com um modelo de exploração mais convencional, de tradição agropecuária podem não estar assimilando uma perspectiva de relação e exploração econômica sustentável com os recursos naturais do Cerrado.

O Programa de Pequenos Projetos Eossociais – PPP-ECOS apóia diversas iniciativas para o fortalecimento de comunidades e produtos sustentáveis, como uma importante estratégia para a conservação do Cerrado. Os projetos apoiados pelo PPP-ECOS visam articular a conservação ambiental, com o desenvolvimento social e a valorização de conhecimentos tradicionais, promovendo produtos que estão associados a uma melhor qualidade de vida e que favoreçam a segurança alimentar, a partir do uso sustentável da biodiversidade. Ressalta-se, atualmente, a necessidade de fortalecer a inserção econômica desses produtos, como uma etapa importante para a consolidação de sua sustentabilidade. (PPP-ECOS, 2006).

O Projeto Mulheres das Águas, desenvolvido em São João D'Aliança-GO, se insere neste contexto, contando com o apoio e o financiamento do PPP-ECOS. Iniciado em 2001, o Projeto apresentava como objetivo primeiro, a recuperação das matas ciliares do Rio das Brancas e a participação das mulheres na vida comunitária. Assim, as mulheres foram incentivadas a participar do desenvolvimento de ações que envolveram: as comunidades rurais e urbanas de São João da Aliança e Água Fria de Goiás; as escolas públicas locais e os alunos da educação, engenharia florestal, agronomia, antropologia e geografia da UnB. Nessa primeira fase, de 2001 a 2003, foram realizados trabalhos de educação ambiental, plantio de sementes e limpeza das margens do rio, além de resgate cultural por meio do levantamento de histórias locais. (MARTINS, 2006).

A segunda fase do Projeto ocorreu com a criação da organização Mulheres das Águas e a participação do Centro de Apoio para Sociedades Sustentáveis – CAMARÁ. Essa fase incluiu novos objetivos: atividades para a geração de emprego e renda, a alfabetização de jovens e adultos, a valorização da cultura do Cerrado e a construção de relações de gênero mais equitativas. Assim, foram realizados cursos de capacitação em sistemas agroflorestais, de produção de orquídeas exóticas ao Cerrado e de doces, geléias e licores de frutos do cerrado. Outras possibilidades de elaboração de produtos foram levantadas por meio da memória coletiva. (MARTINS, 2006).

Dessa forma, o Projeto procurou, a partir da constatação da existência e da importância cultural comunitária dessas práticas, abordar e investir na valorização dos produtos tradicionais articulando-os com uma alimentação mais saudável e menos dependente de produtos do mercado, mais compatível com o contexto ambiental e também vislumbrando a possibilidade de promover uma alternativa econômica atrelada ao despertar turístico para a

região, que está localizada na rota de outros conhecidos pontos turísticos: Alto Paraíso e Vila de São Jorge. O resgate cultural também direcionou o Projeto para as danças tradicionais e as festas religiosas, favorecendo a identidade local e assim os espaços de expressão com que estão familiarizados os participantes, constituindo-se parte integrante e potencializadora do processo educacional de compreensão das questões ambientais e sociais envolvidas nesta construção coletiva. (MARTINS, 2006).

A terceira e atual fase do Projeto, de 2006 a 2007, pretende favorecer as ações conjuntas para que possam incrementar e corroborar para a consolidação de objetivos comuns, como a conservação ambiental, a participação comunitária, e o ecoturismo, por meio do estímulo às diversas organizações e representações presentes em São João D'Aliança. Essa proposta tem como objetivos: realizar um inventário de potenciais turísticos em São João D'Aliança, capacitar os interessados em participar das atividades turísticas e articular a Universidade de Brasília e as diversas organizações para a implantação do ecoturismo local. (MARTINS, 2006 e CAMARÁ, 2005).

A exploração indiscriminada dos recursos naturais, a extinção de inúmeras espécies, os problemas relacionados à pobreza e as perdas culturais, dentre tantas outras questões, fazem parte da pauta de discussão e trabalho de vários grupos, que de alguma forma estão relacionados a um movimento voltado para essas questões, hoje identificadas como questões socioambientais, porque suas buscas se baseiam nas diversas interconexões presentes entre o ser humano, a diversidade social e o ambiente natural. Segundo Gonçalves (2001), o movimento ambientalista, ou socioambientalista, propõe um repensar das relações do ser humano com o seu meio, donde estão incluídas as suas próprias relações, ou seja, do ser humano com ele mesmo e, os impactos e as conseqüências sobre o meio natural, levando-se em conta que estão todos interligados.

Segundo Gonçalves (2001), quando nos referimos à diversidade social, percebe-se que o interesse por essas questões nem sempre está ligado ao movimento ecológico. Muitas vezes, se trata de uma luta por garantia de sobrevivência, associada à terra e à água, ou pelo direito de continuar vivendo de acordo com costumes tradicionais. “Quer dizer, a ecologia tem interessado aos mais diferentes segmentos da sociedade, apesar de nem todos partirem da mesma motivação política e ideológica. Essa situação verifica-se não está livre de ambigüidades e contradições” (GONÇALVES, 2001, p. 13). Nessas lutas, nesses movimentos, outras questões são reveladas. Elas implicam valores “de ordem cultural,

filosófica e política”. Implicam as representações e os vínculos que a humanidade estabelece com a natureza e com os próprios seres humanos. (GONÇALVES, 2001).

Então, nesses movimentos, socioambientais, ambientais, ou ecológicos, encontramos diversas referências sobre o ser humano e o meio. Os grupos envolvidos em trabalhos e projetos, neste contexto, precisam desenvolver atividades mais coerentes com a conservação do ambiente e voltadas para relações humanas mais equilibradas. Muitas vezes, precisam construir espaços de participação e justiça social e principalmente, precisam desenvolver suas atividades nesse universo de diferenças de concepções e interesses.

Além disso, novas atividades tendem a gerar expectativas diferenciadas, principalmente quando as mesmas incluem a articulação de um grande e diverso número de pessoas e comunidades em torno de temas em processo dinâmico de construção como o meio ambiente e o ecoturismo. Indivíduos, comunidades e seus representantes, para além de seus conhecimentos são sujeitos de histórias, hábitos, opções, preferências, desejos e valores, sociais ou individuais, que interferem, direcionam decisões e podem gerar conflitos e equívocos, revelando limites que estão além do planejamento, além das intenções e dos espaços participativos.

Optou-se então, por uma pesquisa de campo, que estivesse voltada para a identificação das diversas representações sociais envolvidas. Esse conceito, elaborado por Serge Moscovici (2005), no âmbito da psicologia social, é utilizado em diversas áreas, para abordar de maneira interdisciplinar, a complexa relação entre a sociedade e o meio ambiente. (PELUSO, 2003). A representação social é também um aspecto importante a ser considerado em processos de aprendizagem e de transformação, inerentes à educação ambiental. Identificar as representações envolvidas deve ser visto como o “primeiro passo” para o desenvolvimento de projetos de educação ambiental (REIGOTA, 1995). Formadas a partir de nossas experiências anteriores e recentes, as representações sociais influenciam na forma como agimos em nossos grupos sociais e em relação ao ambiente. (MOSCOVICI, 2005). O estudo das representações sociais não se restringe aos aspectos econômicos, afetivos, ou políticos, relacionados ao ser humano e ao meio ambiente, mas está voltado para a forma como esses, entre tantos outros aspectos, são percebidos e fazem sentido na vida pessoal ou comunitária, construindo um significado, por vezes comum, por vezes contraditório, em torno do que move e direciona as ações das pessoas e o que passa, ou não, a fazer parte das práticas individuais e comunitárias.

A problemática científica, das relações humanas com os recursos naturais, requer uma pesquisa onde se reconhece o sujeito individualizado e ao mesmo tempo a sua inserção na sociedade, em uma investigação menos compartimentada, focalizando a realidade complexa, os problemas atuais com que nos deparamos, e principalmente como a sociedade entende e lida com essas questões. Dessa forma, a própria investigação envolve a construção e a participação. Os sujeitos são os agentes de suas histórias e estórias, caminham em direção ao que tem significado. Este foi o propósito desta pesquisa, ciente de sua ciência, se apresentando com um caminho possível para colaborar com as demandas sociais e ambientais.

O objetivo do estudo foi investigar as diferentes representações sociais, relevantes ao ambiente natural e social, e o turismo e suas perspectivas, a partir de entrevistas com os atores que participam da atual fase do Projeto Mulheres das Águas e, com alguns atores, membros de comunidades que estão sendo pensadas como possíveis beneficiárias dessa fase do Projeto, a fim de contribuir com o desenvolvimento do próprio Projeto, apontando para desafios e limites. A intenção foi construir uma visão ampla e, ao mesmo tempo aprofundada das representações, para proporcionar o desenrolar de uma discussão coerente com o universo pensado e construído socialmente, de sujeitos que são únicos, mas que estão imersos em seu ambiente familiar, comunitário, social e global.

O objetivo geral da pesquisa pode ser tratado mais especificamente com os seguintes objetivos específicos:

- Investigar as representações sociais do ambiente natural e social, turismo e outros aspectos relevantes entre os grupos e dentro do próprio grupo, de acordo com o que foi se apresentando e se destacando no contexto da investigação. Gradativamente foi possível identificar as diversas representações, de maneira a permitir também a visualização de diferenças e semelhanças entre as mesmas, a partir das proposições teóricas elaboradas por Moscovici;
- Levantar as prioridades dos diferentes grupos a partir de suas próprias perspectivas e a maneira como essas se articulam com a atual fase do Projeto Mulheres das Águas;
- Identificar aspectos relevantes ao envolvimento com o Projeto, assim como estímulos e desafios para que este envolvimento ocorra a partir das diferentes representações reveladas;

- Discutir os aspectos que se destacam e interferem nas representações identificadas, relacionando-os com os desafios e os limites para o desenvolvimento das propostas do Projeto Mulheres das Águas.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundarmos e ampliarmos a discussão em torno dos projetos voltados para as questões socioambientais, identificando os desafios e os limites a partir das diversas perspectivas dos sujeitos e grupos envolvidos, baseando-se na revelação de suas respectivas representações. A escolha pelo Projeto Mulheres das Águas justifica-se pela sua diversidade, pela sua proposta de inclusão e reconhecimento dessa diversidade de grupos no planejamento do desenvolvimento turístico da região, articulando ainda a Universidade de Brasília, o Instituto Sociedade, População e Natureza e as diversas comunidades e, também, pelo seu histórico de atividades no Município, em projetos anteriores.

Acredita-se que a pesquisa pode promover a identificação de alguns aspectos relacionados às atividades já desenvolvidas, como os processos voltados para as relações entre o meio ambiente e a sociedade, e sobre a participação e a consolidação das atividades propostas em fases anteriores do Projeto Mulheres das Águas. Assim como, acredita-se ser possível investigar como as representações sociais dos grupos a respeito do meio ambiente relacionadas à sua história de vida e à sua realidade dificultam ou facilitam a assimilação de novos hábitos e conceitos.

Uma outra justificativa está relacionada à necessidade de pensarmos o desenvolvimento de projetos no âmbito de conceitos e propostas socioambientais em diálogo com as concepções das próprias comunidades envolvidas, pautando-se pela proposta de um desenvolvimento sustentável situado, conforme abordado por Silva (2005). Por último, acredita-se que a discussão pode ser útil para pensar esse tipo de abordagem e, alguns de seus aspectos em outros projetos que caminham na mesma direção do Projeto Mulheres das Águas, ou seja, inclusão e participação, embora em contextos históricos, econômicos, políticos, ambientais e culturais diferentes desse estudo.

A metodologia compreendeu pesquisa de campo, nas áreas urbana e rural de São João D'Aliança, em diversas visitas ao longo do ano de 2006, e em Brasília, envolvendo:

- Observação-participante (BRANDÃO, 2003) em atividades com os representantes e membros do Projeto Mulheres das Águas, que incluíram, discussão para elaboração de

subprojetos, reuniões, exposições, encontros informais, participação em festas tradicionais e feiras. Fizeram parte da pesquisa, a participação em algumas comunidades a partir de “estágios de vivência”, nome corrente utilizado pelo grupo, para experiência em atividades desenvolvidas pelas comunidades. Assim, na comunidade do Forte foi possível participar da lavagem de pratos coletiva, realizada pelas mulheres após o término da Festa da Caçada da Rainha e, na comunidade da Pontezinha as atividades vivenciadas incluíram o preparo da mandioca para elaboração de farinha e polvilho, e a produção de rapadura;

- Entrevistas semi-estruturadas (Apêndice A), ao longo de diversas visitas, com os membros do Projeto Mulheres das Águas, representantes das comunidades e representante de grupo de ciclistas que visitou turisticamente a comunidade do Forte. As entrevistas foram direcionadas para a história pessoal e coletiva, a descrição do ambiente e suas atividades, em seu contexto socioeconômico, a participação na comunidade, as prioridades das comunidades ou dos grupos, o envolvimento com o Projeto Mulheres das Águas e sobre as perspectivas futuras, incluindo a inserção na atividade turística. Para a “turista do Forte” as perguntas foram direcionadas para as experiências vividas durante a visita a comunidade, os aspectos positivos e negativos, e para suas referências em relação ao turismo e aspectos socioambientais.

Participam do Projeto (CAMARÁ, 2005) e, para efeito do desenvolvimento da pesquisa, são identificados como grupos:

- Centro de Apoio para Sociedades Sustentáveis - CAMARÁ
- Estudantes da Universidade de Brasília, por meio do Decanato de Extensão;
- Organização Mulheres das Águas;
- Associação dos Guias de Ecoturismo e Meio Ambiente – AGEMA;
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João D’Aliança;
- Câmara dos Vereadores de São João D’Aliança;
- Prefeitura de São João D’Aliança;
- Associação Comercial, Industrial e Pecuária de São João D’Aliança - ACIAGA;

- Aliança Mulheres do Cerrado – AMC;
- Agência de Desenvolvimento Capetinga – AD Capetinga.

Foram entrevistados de um a dois representantes de cada grupo, com exceção da Associação Comercial, Industrial e Pecuária de São João D’Aliança, Prefeitura de São João D’Aliança e Câmara dos Vereadores de São João D’Aliança, que não foi entrevistado nenhum dos representantes, por não estarem participando ativamente, durante o período restrito da pesquisa de campo, dos processos e articulações envolvidas no Projeto, ou por motivos outros, como compromissos inevitáveis ou imprevistos.

As seguintes comunidades estão envolvidas no Projeto e também são identificadas como grupos: assentamentos de reforma agrária (Terra Conquistada, Santo Antônio das Brancas, Mingau e Águas Claras I e II); comunidades tradicionais (Forte, Jatobazinho e Pedra de Amolar) e 80 famílias de trabalhadores rurais, incluindo a comunidade Pontezinha. Para tornar viável a pesquisa de campo foram selecionadas três comunidades: Forte, Pontezinha e Mingau. Nesse caso foram entrevistados de três a seis membros de cada comunidade.

Essas três comunidades foram selecionadas devido às suas diferentes origens históricas e as suas características socioculturais e ambientais igualmente diversificadas. Sendo a Comunidade do Forte citada por Dos Anjos (2005) como uma comunidade remanescente de quilombo, que passou a ser Distrito do Município de São João d’Aliança em 1930. A Comunidade da Pontezinha representa, uma das várias comunidades de trabalhadores rurais de São João d’Aliança, que descende do polonês Antônio Rebendoleng Szervinsk. A comunidade do Mingau, constituída há cerca de dez anos, é um assentamento rural, fruto de uma política pública de redistribuição de terras.

A pesquisa de campo foi se desenvolvendo conforme a disponibilidade dos grupos e do tempo: o tempo pessoal, cultural, o tempo permitido; o tempo habitual; e o tempo ambiental, do sol e da chuva, da noite e do dia, que determinou, muitas vezes o tempo de ficar e de partir. Outro ponto que merece destaque é o ritmo: das entrevistas, da participação, um aprendizado necessário para o bom andamento do diálogo. Encontrar o ritmo foi fundamental em vários aspectos, mas, sobretudo em relação à preparação para tratar dos temas, para encontrar os espaços onde conexões relevantes podem ser destacadas e para reconhecer a importância das pausas, tanto para revelar como para encobrir. O grande esforço da pesquisa de campo resultou em muitas reflexões, que foram se desenvolvendo conforme o contato com essas

revelações sociais, e incluíram tanto as questões mais atuais ligadas ao turismo e as condições socioeconômicas dos grupos, como seus vínculos mais antigos, ou mais significantes.

Todos os participantes foram informados do tema da pesquisa e de seu objetivo, de seus direitos e do potencial de suas informações para discutirmos e refletirmos sobre os desafios e as perspectivas relacionadas ao tema. Leram e preencheram o Consentimento Livre e Informado (Apêndice B) utilizado antes das entrevistas. Muitos fizeram perguntas e foram insistentes em destacar alguns pontos, inclusive levantando outras questões que não estavam sendo focalizadas no contexto da discussão.

Apesar de os entrevistados não terem optado pelo uso de codinomes, julgando desnecessário, foi essa a escolha encontrada, pois queremos tornar suas interpretações a pauta para a discussão, ou seja, suas representações sociais. Não queremos reduzir os sujeitos aos momentos de suas falas, a uma parte da história que foram capazes e se interessaram em contar. Para não tornar o irredutível, redutível, é a pesquisa que se redime, na fragilidade com que toca o teclado textual, reconhecendo que esta é mais uma pintura, só que colorida a algumas mãos, e acabada por quatro. Dito isto, é preciso mais que se redimir, não há redenção, sem confissão: Como afirma Buber (2005, p.57), “a melodia não se compõe de sons”. Nós extraímos e discutimos alguns fragmentos desses sons, envolvidos em seus ritmos, mas a melodia permanece íntegra, obscurecida em seu mistério.

Havia uma ausência, desde o início. Na gente de São João encontramos goianos, negros, descendentes de poloneses, gaúchos, brasilienses, etc. Aparentemente não havia índios nessa história. Os índios, os povos indígenas, importantes componentes da nossa cultura não apareciam. Mas logo, um conto, uma prosa, eles estavam lá:

Minha mãe ainda conta
 Meus avós também contavam
 Eventos misteriosos
 Que muito impressionavam
 Espectros sobrenaturais
 Que fazendo traquinadas
 [...]
 Segundo a tradição
 Não eram eles fantasmas
 Mas índios aqui nativos
 Que com feitiços se encantavam
 Tornavam-se invisíveis
 Quando bem lhes aproviam
 [...]
 Gostavam de ser cortejados
 E de receber presentes
 Gostavam de leite e queijo

De fumo e aguardente
 Quem assim os tratava
 Tornavam-se seus parentes
 Recebiam seus agrados
 E as artes eram ausentes (FARIA, 2003, p. 33)

Os codinomes foram definidos: nomes indígenas. A “invisibilidade” indígena garante assim, a “invisibilidade” dos sujeitos¹. Os codinomes são nomes indígenas de pássaros da avifauna brasileira. Nossos pássaros “invisíveis”, animais repletos de simbolismo, nos revelam o que buscamos. “Por pertencerem a um campo intermediário entre o céu e a terra, os pássaros são considerados mensageiros celestes em quase todas as culturas antigas” (ASSUNÇÃO, 2000).

Contudo, para favorecer o entendimento das representações, e facilitar a conexão entre os entrevistados e seus grupos, apresentamos a seguir o Quadro 1 que caracteriza os sujeitos (gênero, idade aproximada e ocupação), identificados por codinomes em seus respectivos grupos. O quadro também esclarece o número de visitas realizadas em cada grupo.

Grupo (nº de visitas)	Entrevistados (codinomes)	Gênero	Idade aprox.	Ocupação
Projeto Mulheres das Águas (13)	Tauató	masculino	50	Guia turístico
	Cauré	masculino	27	“Caseiro” e guia turístico
	Acauã	masculino	26	Turismólogo e fotógrafo
	Inhambu	feminino	40	“Gestora Ambiental” (AD Capetinga)
	Chincoã	feminino	35	Gestora pública do MDA (CAMARÁ)
	Uiraçu	masculino	40	Gestor de política pública MMA (CAMARÁ)
	Iraúna	feminino	65	Artesã e Trabalhadora rural (Mulheres das Águas)
	Pitiguari	feminino	61	Artesã e Trabalhadora rural (Mulheres das Águas)
	Sovi	feminino	50	Artesã (Mulheres do Cerrado)
	Iratauí	feminino	80	Artesã (Mulheres do Cerrado)
Acurana	masculino	20	Secretário (Sindicato dos Trabalhadores Rurais)	
Comunidade do Forte (3)	Anhuma	feminino	35	Proprietária de pousada e restaurante
	Jacutinga	feminino	57	Agente de saúde
	Urututu	masculino	45	Trabalhador rural e músico

Continua

¹ Ao utilizar este recurso, o de re-nomear os sujeitos com nomes indígenas, impomos despretensiosamente ao leitor, a experiência de perceber a presença de suas próprias representações sociais no movimento de compreensão dos temas que foram tratados pelos sujeitos, exatamente não índios, gerando talvez algumas reflexões quanto ao que se esperava encontrar caso os sujeitos fossem realmente índios.

continuação

Grupo (nº de visitas)	Entrevistados (codinomes)	Gênero	Idade aprox.	Ocupação
Comunidade da Pontezinha (5)	Savacu	masculino	40	Trabalhador rural
	Sururina	feminino	35	Trabalhadora rural e artesã
	Arapapá	masculino	30	Trabalhador rural
	Saurá	feminino	30	Trabalhadora rural e artesã
	Juriti	feminino	70	Trabalhadora rural
	Batuíra	feminino	40	Trabalhadora rural
	Uirapuru	feminino	42	Trabalhadora rural
Comunidade do PA Mingau (3)	Urutau	masculino	40	Trabalhador rural e proprietário de local turístico
	Arirambinha*	feminino	44	Trabalhadora rural
	Anambé	masculino	45	Trabalhador rural

*Membro da organização Mulheres das Águas

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos entrevistados por grupo e número de visitas.

O Quadro 2 apresenta a caracterização dos sujeitos que foram citados ou participaram de encontros, diálogos, mas que não foram entrevistados ou então, não fazem parte dos grupos citados anteriormente.

Codinomes	Gênero	Idade aproximada	Ocupação
Anacã	masculino	23	Poeta (AD Capetinga)
Araçari	feminino	50	Trabalhadora rural
Aracuã	masculino	53	Vereador (Câmara dos Vereadores)
Arapaçu	masculino	42	Secretário de turismo (Prefeitura)
Araponga	masculino	55	Trabalhador rural
Caburé	feminino	50	Educadora e Decana (UnB)
Cancã	masculino	72	Trabalhador rural
Corruíra	masculino	30	Empresário do turismo
Curicaca	masculino	60	Trabalhador rural e proprietário de local turístico
Guaracavuçu	feminino	24	Estudante de geologia (turista)
Ipecuá	feminino	40	Estudante de mestrado (UnB)
Irerê	masculino	40	Administrador
Jacupemba	masculino	65	Trabalhador rural
Japacanim	masculino	3	Nada a informar
Japuaçu	masculino	60	Trabalhador rural
Murucututu	feminino	35	“Gestora Ambiental”
Suiriri	feminino	34	Educadora ambiental
Surucuã	masculino	50	Sem informação
Tiriba	feminino	71	Trabalhadora rural
Udu	masculino	50	Comerciante e Produtor rural

Quadro 2 – Caracterização dos sujeitos citados na dissertação que não foram entrevistados ou que não fazem parte dos grupos anteriores.

Dessa forma, o trabalho e suas reflexões devem ser abordados centrados não nos sujeitos, mas nas representações envolvidas a partir de sua inserção no meio ambiente (espaço

de relações sociais, historicamente construído e vinculado a contextos específicos) e, a partir de um reconhecimento temporal (que abrange o tempo social dos mitos, significados e linguagem, o tempo vivido e o contemporâneo) com maior ou menor interferência, dependendo do tema pesquisado. É preciso ressaltar ainda, que não se pretendeu engendrar por um caminho acrítico, em que toda teoria e campo se tornassem vazios de sentido. A discussão segue um caminho propiciado pelo contato com os envolvidos no Projeto Mulheres das Águas e o necessário desenvolvimento teórico do próprio pesquisador. Assim, este pesquisador-autor, acaba se transformando em mais um sujeito de sua própria pesquisa, ao tomar emprestado dos envolvidos suas representações e as referências a elas ancoradas, elaborando, deste contato, um caminho para o questionamento e transformação de suas próprias representações. A discussão é fruto de muitas indagações, que levam o autor à “por a prova” suas expectativas e suas limitações para poder pensar o percurso de um desenvolvimento sustentável situado, como propôs Silva (2005) em sua tese de doutorado, um desenvolvimento pautado pelas diferenças, pela riqueza das diferenças, mas, sobretudo pela possibilidade do “diálogo dos diferentes” considerando as suas diversas representações.

Desde o projeto de pesquisa à sua correspondente discussão teórica o trabalho pode ser compreendido em etapas diferentes, cindidas, porém interligadas, porque em conexão. A primeira foi previamente determinada, ela pretendeu focalizar os temas meio ambiente, natural e social, e o turismo, seus desafios e suas expectativas. O segundo foi definido conforme o desenvolvimento do campo, conforme o interesse e as revelações dos sujeitos, direcionando a discussão para as obrigações sociais, os interesses e os conflitos em torno das representações que identificamos como dádiva, como propõe Mauss (1974). Neste segundo momento também discutimos as representações do outro, o outro que busca, que chega, que espera, o outro representando seu organismo social ou procurando se distanciar do mesmo.

Ao identificar questões relevantes a estes sujeitos e neste contexto, a proposta foi também contribuir para a discussão em torno dos caminhos e desafios para o desenvolvimento e a consolidação do ecoturismo na região e para a sua sustentabilidade. Contudo, as questões foram se edificando, muito além das expectativas, e a pesquisa acabou revelando quase que por imposição a presença e a força de mitos, na vivência e no pensamento social, sempre em relação com a dinâmica das suas representações. Abrir a porta para o universo mitológico é adentrar na morada ancestral que compõe nossa história, a historia de significados e das buscas humanas, dotando de sentido nossa sociedade, mitos expressos em lendas, prosas, poesias, músicas, fotografias e histórias de vida.

O primeiro capítulo apresentou três referenciais teóricos permanentes na discussão, ainda que possam parecer “invisíveis” em alguns capítulos, eles conduziram a procura e o interesse por novos referenciais que foram sendo buscados ao longo do campo, e do desenvolvimento da dissertação. São eles: Gabriela Tunes da Silva (2005), Martin Buber (2004) e Serge Moscovici (2005).

Um dos maiores estímulos a esse trabalho foi à tese de doutorado de Silva (2005), que apontou para a necessidade de enraizamento do processo de desenvolvimento sustentável do País, como um caminho para a valorização do local, enquanto identidade de cultura, de conhecimento e com suas riquezas e necessidades próprias. Um caminho de desenvolvimento que para ser sustentável, precisa ser situado em seu tempo, história e cultura, que possa ser construído autenticamente e não como uma cópia de propostas e modelos externos. Assimilar uma possibilidade de desenvolvimento, voltada para a conservação dos recursos naturais, mas com a sua necessária releitura, valorizando o local por meio de características que lhe são próprias e legítimas. A tese de Silva (2005) representa um estímulo definitivo à pesquisa de campo e ao tema abordado.

Silva (2005) conduz a Buber (2004), em um encontro com a construção de relações do tipo Eu-Tu e Eu-Isso no universo dialógico de possibilidades. Buber aponta para as implicações e as necessidades, implícitas ou viáveis, presentes no exercício vivencial desses dois princípios. Buber (2004), apresenta os perigos de relações baseadas exclusivamente em princípios do tipo Eu-Isso e, ao contrário, o benefício que há no ampliar das relações do tipo Eu-Tu, relações que são acontecimentos, que são experimentadas no encontro dialógico pautada pela presença, pelo vivenciar da alteridade compartilhada, a alteridade com o outro, mútua.

Pensando nas proposições de um desenvolvimento sustentável situado (SILVA, 2005), no exercício do princípio dialógico abordado por Buber (2004) e no contexto de desenvolvimento do Projeto Mulheres, utilizamos a teoria das representações sociais para adentrar na pesquisa de campo, reconhecendo as possibilidades e limitações decorrentes da investigação do organismo social e sua diversidade.

Conforme Moscovici (2005) pesquisar representações sociais significa buscar sua própria origem, as propriedades e o impacto das mesmas na vida social, assim como o contexto em que “os grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como

esconder algo, [...] suas ações e suas crenças, isto é, as suas ideologias, ciências e representações” (MOSCOVICI 2005, p. 43). Assim, a investigação pode envolver desde temas “sobreviventes”, “no subsolo de sociedades primitivas”, até temas contemporâneos que mal conseguem se sedimentar na sociedade, modificando-se conforme a “heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum”. (MOSCOVICI, 2005, p. 48) Essas mudanças nas representações sociais também estão associadas às características dos grupos em relação à comunicação de novas idéias e sua flexibilidade em lidar com as mesmas, já que as representações sociais são construções simbólicas dinâmicas, resultantes de interações entre os indivíduos da sociedade. (MOSCOVICI, 2005).

Segundo Moscovici, (2005), dois processos são utilizados durante o desenvolvimento dinâmico das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem refere-se ao sistema de categorização, por meio do qual um novo elemento é pensado, a fim de que possa ser identificado ou encaixado em categorias já conhecidas a partir de informações e vivências anteriores (MOSCOVICI, 2005).

O outro processo pelo qual as representações sociais são formadas é a objetivação, ela refere-se à materialização do imaginário, do abstrato. A transformação de produtos do pensamento em imagens e em elementos concretos (MOSCOVICI, 2005). Segundo Oliveira (2005), a objetivação é o “(...) processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar” (OLIVEIRA, 2005, p. 181). É necessário estar atento ainda para o fato de que são vários os aspectos, além da informação, como os hábitos, os sentimentos, os interesses e as necessidades individuais e sociais que influenciam o sistema de categorias elaboradas pelo sujeito e que esses também influenciarão a forma como os elementos abordados se tornarão familiares pelos processos de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI; 2005).

Um cuidadoso estudo das condições históricas, socioeconômicas e culturais dos sujeitos torna-se essencial para contextualizar e decifrar suas mensagens. Segundo Franco (2004) as representações sociais permitem entender melhor a sociedade na medida em que possibilitam “(...) ampliar esse conhecimento pela compreensão de um ser histórico, inserido em uma

determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão crítica da realidade” (FRANCO, 2004, p. 171).

O capítulo dois apresenta as “primeiras” representações investigadas, as representações de São João d’Aliança, a partir do contato inicial do autor com os sujeitos, com as comunidades. São apresentados alguns dados considerados relevantes para a discussão, dados que podem ser acessados virtualmente, uma imagem ampla da localização das comunidades, o contexto da ocupação histórica da região e as auto-representações do ambiente dos sujeitos que participaram da pesquisa. As auto-representações estão voltadas para as representações do ambiente, o ambiente coletivo e o ambiente natural de convivência.

O capítulo três está voltado para as representações centradas na atual fase do Projeto. Compreende um histórico do Projeto Mulheres das Águas e a seguir algumas representações do turismo, do turista e dos desafios e perspectivas para o seu desenvolvimento, no Município de São João d’Aliança. Algumas questões abordadas estão afinadas com o período em que a pesquisa foi desenvolvida, mas elas se tornaram relevantes à continuidade do Projeto porque revelam algumas questões primordiais ao seu desenrolar, é o caso da polêmica gerada em torno da construção do Centro de Atendimento ao Turista - CAT.

O capítulo quatro trata das representações vinculadas às trocas sociais, às suas necessidades, às dificuldades em lidar com essas trocas, com as atividades coletivas e com as questões econômicas. A esse conjunto de representações foram identificadas e discutidas proposições de alguns autores, sobretudo Mauss (1974), em seu Ensaio sobre a dádiva, envolvendo os aspectos de liberdade e obrigação presentes nas trocas sociais, as nuances de expectativas humanas envolvidas nas atividades de dar, receber e retribuir. Destacaram-se a preocupação e os conflitos gerados quando se misturam nas relações dos sujeitos seus interesses e/ou necessidades sociais e econômicas.

O capítulo cinco encerra o estudo com as representações do outro, das negações, das esperanças e das expectativas em torno do outro. Não aquela expectativa distante, do outro imaginado, mas as representações vivas de outros pulsantes, presentes e atuantes. E ao mesmo tempo, das atuações deste outro, de quando este outro é que se apresenta, quando se re-apresenta. As representações do outro conduziram aos mitos em torno do herói e, a discussão seguiu esses mitos, as revelações das infinitas traduções do mundo mitológico heróico e sua relevância na nossa sociedade e no nosso tema.

A pesquisa procurou colaborar para o desenvolvimento do Projeto Mulheres das Águas, por meio da relevante articulação permitida pelo Decanato de Extensão e o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília - UnB, o apoio do Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN e Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB, através do Programa Pesca e as Instituições envolvidas, CAMARÁ, AGEMA, Mulheres das Águas, Mulheres do Cerrado e AD Capetinga. Essa conjunção de pessoas revelou uma riqueza de representações além do esperado, capaz de proporcionar um fértil campo de reflexões diante dos desejos de maior cuidado com o meio ambiente, com as relações humanas envolvidas e o desenvolvimento do Projeto Mulheres das Águas.

A pesquisa de campo e a dissertação de mestrado geraram ainda um produto inesperado, fruto do encontro das representações reveladas com o imaginário mitológico, mais uma experiência de representação. Esse produto (Apêndice C) vem sendo trabalhado para ser utilizado em uma etapa posterior no desenvolvimento de atividades de educação ambiental junto ao grupo do Projeto Mulheres das Águas e com as demais comunidades, para tal receberá ilustrações em aquarela de João Damasceno, um artista da comunidade de Montes Claros, em São João d'Aliança. O intuito é promover reflexões sobre os temas abordados pelos participantes da pesquisa, sobretudo no que diz respeito às representações em torno do ambiente natural e social e a necessidade de ampliar e trocar idéias a este respeito, favorecendo os movimentos e a tomada de consciência das representações. Este produto deve ser visto como mais uma ferramenta de trabalho coletivo, resultante das representações reveladas e dos mitos apresentados, que não exclui outros tipos de intervenções ou colaborações potenciais junto ao grupo do Projeto Mulheres das Águas e as comunidades envolvidas.

Ao nos fixarmos nas ancoragens e nos movimentos das representações sociais reveladas, percebemos o quanto o tema meio ambiente e sociedade engloba nossa própria complexidade e urge, cada vez mais o diálogo dos diferentes, o vivenciar do princípio dialógico na experiência humana, conforme proposto por Buber (2004). Sem esse vivenciar é pouco provável que consigamos sentir e viver uma proposta, enquanto proposta, de desenvolvimento sustentável situado em nossa história, nossa cultura, nosso potencial e nossos anseios, como argumenta Silva (2005). As representações sociais (MOSCOVICI, 2005), uma parte de nós, assim identificadas e representadas, se revelaram em conteúdo e sentimentos, elas proporcionaram uma discussão pautada pelas diferenças, pelas liberdades e obrigações e, foram, na sua medida útil a discussão, percussoras dessa reflexão.

1 DE ONDE PARTE A DISCUSSÃO E POR ONDE CAMINHA A REFLEXÃO

1.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL SITUADO

Como podemos pensar um desenvolvimento legítimo e participativo, em que sejam abordados elementos originais e essenciais de nossa sociedade, das diversas realidades sociais? Silva (2005) questiona em sua tese de doutorado, a adoção de modelos externos, tão comum em nossa história socioeconômica, quanto atual em termos de questões socioambientais. Ainda que o atual e questionável modelo, o modelo de desenvolvimento sustentável, de onde parte a argumentação de Silva (2005), esteja se referindo aos aspectos da pobreza, da exclusão social e da degradação do ambiente em relação ao desenvolvimento, questões essas que nos dizem respeito, ele tem sido um modelo externo, com tendências e indicações que se baseiam em realidades externas. (SILVA, 2005). Dessa forma, Silva propõe:

É possível, porém, que um discurso exógeno seja assimilado, não prontamente aceito, mas alterado, modificado, enfim, convertido em outro, do qual se pode dizer realmente que reflete uma outra realidade, diferente da realidade que inspirou o discurso original. Essa resposta ao discurso do desenvolvimento sustentável não é somente viável; é, sobretudo, necessária. É nossa principal tarefa, dos subdesenvolvidos, diante do problema ambiental global. Antes de termos responsabilidades de conservar as florestas tropicais, manter os estoques de água doce do planeta, eliminar a pobreza que causa degradação ambiental, preservar os conhecimentos tradicionais associados ao uso da biodiversidade, entre tantas outras questões colocadas pelo discurso do desenvolvimento sustentável, é nossa responsabilidade primordial formular um discurso de análise e enfrentamento dos problemas contemporâneos que seja genuinamente nosso (SILVA, 2005, p. 3).

A auto-sustentabilidade, conforme Silva (2005) requer essa originalidade, essa responsabilidade para com os próprios problemas, está ancorada em realidades concretas. O pensamento, a ciência e a filosofia do país precisam estar situados “em nossas terras”, em nossas referências. Silva (2005) destaca o papel da ciência nessa assimilação do modelo de desenvolvimento sustentável: a ciência confirma, legitima seus princípios, na medida em que fornece dados, formula os problemas e propõe soluções. Isso tudo, pode ser, no mínimo, perigoso, segundo Silva (2005), sobretudo, em se tratando de um contexto científico respaldado por uma suposta neutralidade acadêmica:

Ancorada na idéia de que pode ser a base de um progresso eticamente neutro, a ciência contemporânea exime-se de julgamentos éticos oriundos de modos de saber alheios a ela própria, e seus critérios ligados ao utilitarismo, capacidade explicativa e sucesso preditivo tornam-se os seus próprios juízes. [...] (SILVA, 2005, p. 4).

Silva (2005) chama a atenção para a necessidade de enraizamento da ciência, ela discute como a transformação do conhecimento em mais uma mercadoria corrobora para o

desenraizamento da ciência. No mesmo sentido o conceito de enraizamento, desenvolvido por Simone Weil, é apresentado, na tese de doutorado de Silva (2005), como uma necessidade do ser humano, a fim de que possa “ser” e permanecer em sua identidade e autenticidade. O enraizamento diz respeito a uma “participação real” na vida coletiva, com um passado que lhe é próprio e atualiza o presente, fornecendo um significado “natural” à “vida moral, intelectual, espiritual”. (Weil, *apud* Silva, 2005). O conceito também explora o poder de desenraizamento do sistema educacional, quando o mesmo promove uma ruptura das pessoas com sua “vida vivida”, e valendo-se de modelos externos, “(...) desfere um golpe mortal na capacidade das pessoas de construir seus futuros, tornando-as escravas de diversas potências tutelares” (Silva, 2005, p. 77).

A autora faz uma ponte entre o pensamento de Weil e Buber, demonstrando como ambos estão vinculados à necessidade de serem respeitados e protegidos os espaços de liberdade e autenticidade, só possíveis quando os seres humanos estão enraizados em suas verdades, em suas histórias de vida, em sua autonomia. Seres humanos que não podem ser definidos exclusivamente pelos seus “atributos racionais” e que se afirmam no exercício de seus encontros dialógicos. (Silva, 2005, p. 10).

Silva (2005) propõe uma “transmutação antropofágica” do modelo de desenvolvimento sustentável, onde exista a possibilidade de relações de alteridade, do tipo Eu-Tu e enraizamento, conforme Martin Buber e Simone Weil, além de muitas outras reflexões e proposições. Ao anular as diversas expressões da cultura, desconsiderar a “presença” do outro, promover um desenraizamento, diminuem-se as possibilidades de relações Eu-Tu, prevalecendo as relações Eu-Isso. As relações do tipo Eu-Isso são desprovidas de diálogo, objetivadas, seguem uma razão utilitarista, intencional. O Isso é analisado, categorizado e “inserido em uma cadeia de causas e efeitos” (Buber *apud* Silva, 2005).

Buber (2004) em sua perspectiva dialogal se refere à necessidade de manter a conversação, se o que se quer é propiciar os encontros “Eu-Tu”, afastando-se da preponderância de novos discursos, e novas doutrinas, que longe de serem encontros, transformam os sujeitos em constantes “Isso” de um processo objetivante.

Os argumentos apresentados por Silva (2005) potencializam as dúvidas em torno do que na prática, na vida real se torna possível, ou se torna uma limitação no trabalho com comunidades diversas, em projetos voltados para as questões socioambientais e como essas

propostas são incorporadas ou não. Tornou-se ainda maior a necessidade de investigar uma proposta autêntica de desenvolvimento sustentável, de planejamento com uma base comunitária, uma proposta situada em concepções e necessidades diversas. Se estamos vivendo uma época em que a comunicação desconhece fronteiras, em uma era globalizada, em que a vida das pessoas está imersa no sistema de mercado, muitas vezes condicionada a ele ou querendo fazer parte dele. Ao mesmo tempo está é uma época em que a exploração dos recursos naturais ocorre de maneira inconseqüente, ameaça senão nossa vida, a sua qualidade e a vida das gerações futuras. Neste cenário surgem algumas indagações: Como estamos lidando com isso? Como esses aspectos, que fazem parte de nossa vida, influenciam nossas escolhas? E que outros aspectos compõem esse tema, em se tratando de um projeto específico, o Projeto Mulheres das Águas?

1.2 ENCONTRO, DIÁLOGO E CONFIRMAÇÃO MÚTUA

Resgatar o princípio dialógico, ou promover mais espaços de encontro que propiciem o vivenciar desse princípio, parece crucial nesta proposta, nesta discussão, de reconhecimento de diferenças. Em meio a diferentes representações sociais, diferentes histórias de enraizamento há uma necessidade de elaborar uma proposta de desenvolvimento por meio de um trabalho em conjunto. Buber (2004) chama a atenção para o princípio dialógico, enquanto experiência vivencial que ocorre no entre si da relação humana. É nesse diálogo, que conforme Buber, encontra-se o próprio fundamento da existência humana, fundamento que é pura ética pautada no acontecimento da experiência vivencial que há no diálogo, no “entre” das relações.

Buber (2004), em sua obra *Eu e Tu*, aponta para a necessidade de modos relacionais do tipo Eu-Tu, o qual “fundamenta o mundo da relação”, recíproca, presente e reveladora da humanidade do homem. Distingue então, uma dualidade nas relações humanas, no próprio homem, que identifica como “palavra-princípio Eu-Tu” e “palavra-princípio Eu-Isso”. Seguem-se então, importantes posturas para a vida humana, as quais não devem ser associadas com atitudes relacionais do mal ou do bem.

O mal que pode haver na relação Eu-Isso, ocorre quando as relações humanas se resumem a ela, “apagando da face do homem a resposta responsável, a disponibilidade para o encontro, e dissolvendo no anonimato a pessoalidade da condição humana. O homem precisa do mundo do Isso para viver, mas quem vive somente a relação Eu-Isso se desumaniza”. (BARTHOLO, 2001, p. 80). Buber fala do ser humano preso ao mundo do Isso:

O homem que se conformou com o mundo do Isso, como algo a ser experimentado e a ser utilizado, faz malograr a realização deste destino: em lugar de liberar o que está ligado a este mundo ele o reprime; em lugar de contempla-lo ele o observa, em lugar de acolhe-lo, serve-se dele. (BUBER, 2004, p. 77).

As relações Eu-isso destinam-se a experienciar o mundo. Assim, como explica Von Zuben: “O Eu do Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência”. (BUBER, 2004, p. 35).

Na relação Eu-Tu presencia-se a alteridade e o mistério do outro. Não há uma posse, contudo “permanece” uma “relação”. Essa relação possui três esferas: com a natureza, com os homens e com os seres espirituais, estando o “Tu eterno” presente em cada uma delas. A “presença” do Tu de cada esfera é o que compõe a relação, em todo o seu mistério e não o seu experienciar. Nem mesmo por meio do “mundo de idéias” vivencia-se a relação do Eu-Tu, mas somente pela presença, pela disponibilidade para o encontro (BUBER, 2004).

Os encontros são acontecimentos pautados por princípios dialógicos Eu-Tu, que ocorrem por meio da relação que os seres humanos estabelecem entre si em reciprocidade, marcando uma “presença”. (BUBER, 2004). Conforme Von Zuben: “Presença significa presentificar e ser presentificado. Reciprocidade é a marca definitiva do fenômeno da relação” (BUBER, 2004, p. 34). Ou como esclarece Buber (2004), o presente é o momento em que existe a presença, “encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura” (BUBER, 2004, p. 60).

Outro apontamento de Buber (2004) é destacado: quando, para compreender e experienciar o mundo, o ser humano o ordena, o classifica e decifra, tornando-se seguro e confiante e afastando-se do Tu, faz uma ordenação do mundo. Contudo, “(...) o mundo ordenado, não significa a ordem do mundo”. E ainda, o “(...) tu não conhece nenhum sistema de coordenadas”. (BUBER, 2004, p. 72). O tu traz consigo o mistério e a ética da vulnerabilidade, da alteridade. O Tu ocorre em responsabilidade e liberdade. E é na vulnerabilidade ao Tu que o Eu se realiza (BARTHOLO, 2001).

A relação Eu-Tu compreende a atualidade, a presença, a reciprocidade, e nesta não há uma apropriação do outro, mas apenas o relacionar. Conforme Silva (2005): “(...) Um Tu não pode nunca ser inteiramente explicado e analisado no discurso do Eu/ Sujeito, pois não cabe em modelos e esquemas conceituais, uma vez que sempre os ultrapassa, trazendo em si algo

de incognoscível: sua irreduzível alteridade” (SILVA, 2005, p. 78). Nesse acontecimento de encontro Eu-Tu, é que ocorre a “abertura dialógica” (SILVA, 2005, p. 80).

Silva (2005) refere-se ainda a ênfase de Buber sobre a necessidade de não confundir o dialógico com um “privilégio da atividade intelectual”, mas à postura livre de cada um, ante às escolhas entre o acontecimento do diálogo ou a experimentação do Isso. Buber revela a questão do risco de diminuição de espaços de Eu-Tu, tão atuais ao nosso tempo como o eram naquela época, como uma ameaça à necessidade de permanência da condição de humanidade do ser humano.

Von Zuben (BUBER, 2004) destaca na filosofia antropológica desenvolvida por Buber a sua abordagem direcionada para a prática, para a vivência, por meio de atitudes, vivenciadas nas relações, relações diferenciadas em Eu-Tu e Eu-Isso. Assim é que Buber (2004) ultrapassa a discussão centrada no conceito da existência. É a vivência, a atitude e as conseqüências advindas dessas escolhas de relações Eu-Isso, onde a experiência é objetivante, ou Eu-Tu, quando há uma confirmação mútua, que define o fundamento da relação humana e a sua ação ética. Uma ética da existência fundada na relação, no diálogo e na atitude.

A palavra-princípio Eu-Tu precede a palavra-princípio Eu-Isso. Ela é totalizante no sentido de ser o princípio da intuição do ser, anterior à experiência de conhecer conceitualmente o mundo. A totalidade do ser humano, anterior a racionalidade, só é revelada neste encontro, encontro mútuo propiciado pelo princípio dialógico do tipo Eu-Tu, onde há uma doação e uma aceitação. “Na medida em que se profere o Tu, coisa alguma existe. O Tu não se confina a nada. Quem diz Tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (BUBER, 2004, p. 54).

Ao contrário, ao pronunciar a palavra princípio Eu-Isso, o encontro está direcionado para o encontro consigo mesmo, um encontro em que o homem entra em relação com o seu “sí-mesmo”. Ele é uma pessoa experimentando, “não participa do mundo: a experiência se realiza ‘nele’ e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada faz com isso e nada disso o atinge” (BUBER, 2004, p. 55).

No mundo do Isso, nossos encontros estão organizados, ordenados. São encontros também indispensáveis à existência, que permitem um entendimento no mundo com outros. Porém, é no mundo do encontro com o Tu que cobra e pede resposta, que o Eu, vivenciando esse apelo relacional, vivencia também a responsabilidade para com o outro e sua

humanidade. Para Buber (2004), o Eu só existe enquanto relação com o outro, sendo que há um Eu-Isso, e um Eu-Tu para cada relação vivenciada. Ao vivenciar o Eu nessas relações, há um reconhecimento da unidade e da multiplicidade presente nesse mundo de relações duplas do ser humano.

1.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Tanto o pensamento de Silva (2005) como o de Buber (2004) conduziram a procura por uma base teórica coerente para a pesquisa de campo e seu desenvolvimento. A teoria das representações sociais de Serge Moscovici (2005) pareceu estar afinada com as idéias desses autores, no sentido de propiciar um melhor entendimento da amplitude e da profundidade, que envolvem os relacionamentos e o pensamento social, reconhecendo os limites de sua ciência, e no contexto de uma proposta de desenvolvimento sustentável situado (SILVA, 2005). As representações sociais compreendem uma forma de expressar o pensamento construído coletivamente, utilizando linguagem, imagem e comunicação, atrelada à realidade, de acordo com o que ela é construída e pode ser pensada. Apresenta-se de forma dinâmica, em que novas idéias são elaboradas a partir da memória vivida e podem ser modificadas, conforme se atraem ou se repelem no convívio social. Têm como finalidade, principalmente “tornar familiar, algo não-familiar” de maneira que faça sentido no contexto em que é pensada. (MOSCOVICI, 2005).

Segundo Moscovici (2005) “[...] as pessoas e grupos produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam. [...]”. Assim como, “analisam, comentam, formulam ‘filosofias’ espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações, em suas escolhas [...]. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o ‘alimento para o pensamento’” (MOSCOVICI, 2005, p. 45).

Para Moscovici (2005), o senso comum é o ponto de chegada a partir de novas teorias e descobertas científicas, é quando conceitos adquirem um significado ou não, na sociedade. Porém, mesmo com as possibilidades de ampliação das informações, de nosso tempo virtual, muitas teorias ou conceitos sequer atingem certos grupos, seja pela sua localização ou condição de pouco acesso à informação, ou ainda pelo tema, que pode parecer fora do contexto de interesses de determinado grupo. Dessa forma, idéias sobre conservação, palavras, como reserva da biosfera ou sustentabilidade muitas vezes podem não ser cogitadas em algumas comunidades. Há, portanto, casos em que o primeiro desafio dos projetos é

divulgar essas informações, torná-las acessíveis. Contudo, esses conceitos encontram diversas outras barreiras até se tornarem idéias que representem algo para os grupos, com imagens familiares e coerentes com seu contexto socioeconômico, não um vocabulário abstrato. Assim, para familiarizar grupos com essas informações precisam ser abordadas questões reais, que lhe dizem algo, além de ser necessário identificar e reconhecer importantes representações vinculadas a estes conceitos, considerando uma abordagem consciente das diferentes representações envolvidas e suas possibilidades de diálogo.

Vislumbrou-se este autor como um importante referencial teórico, sobretudo no que se refere à abordagem sobre o impacto das representações nas atividades, nas escolhas e nas mudanças que se operam na sociedade, e em como ocorrem. Pareceu evidente a ligação entre representações sociais e a proposta de adoção de práticas sustentáveis, no caso, voltadas para o Cerrado, condizentes com as comunidades envolvidas. Assim, seria também uma possibilidade de imprimir objetividade no conjunto da subjetividade, ou seja, de verificar a utilidade desse estudo para a aplicação no Projeto Mulheres das Águas, como uma forma de colaborar para o desenvolvimento do Projeto, por meio da identificação das várias representações em ação, tanto nas comunidades como no grupo diretamente envolvido.

As representações sociais constituem a forma com que compreendemos, comunicamos e dotamos de sentido o meio no qual participamos, “[...] têm como objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. [...]” (MOSCOVICI, 2005, p. 46). São consideradas estruturas dinâmicas “[...] operando em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações” (MOSCOVICI, 2005, p. 47).

A psicologia social, disciplina onde o conceito se desenvolve, tem como objetivo estudar as origens, as características e os impactos das representações sociais e para tal, considera “as circunstâncias em que os grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como esconder algo”, assim como “suas ações e suas crenças”, mais ainda, qualquer tipo de referência, seja ideológica, científica ou espiritualista que se possa ter acesso para entender o sentido da formação de suas representações sociais. (MOSCOVICI, 2005, p. 43).

A linguagem e seus diversos significados indicam a entrada primeira para o intrigante labirinto em que as representações se movimentam. “Nós pensamos através de uma

linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura”. (MOSCOVICI, 2005, p. 35). É utilizando nossa linguagem que expressamos, criamos e modificamos nossas representações sociais.

As representações sociais são impostas, de certa forma, à nossa maneira de pensar. Elas são o resultado de uma construção temporal social, refletindo o meio em seu conteúdo de significados históricos, vinculados à ciência, aos acontecimentos e às necessidades sociais. Essa imposição advém de:

[...] uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2005, p. 37)

As representações são frutos do pensamento social, elas brotam deste pensamento e conduzem a própria elaboração do pensamento, a partir do seu contexto ambiental, sociocultural. Para Moscovici (2005), alguns pontos são importantes para nos darmos conta o quanto do nosso pensamento é composto e é exatamente o resultado de interconexões entre representações. Um desses pontos diz respeito à invisibilidade de algumas coisas, pessoas, ou situações, a invisibilidade originária de representações fragmentadas do meio ambiente em que vivemos, um meio classificado, organizado e construindo inúmeras realidades, tornando alguns seres e objetos visíveis e outros invisíveis.

Um outro aspecto seria a utilização corriqueira de algumas representações, como verdades inquestionáveis, que posteriormente são modificadas. As modificações drásticas ocorrem, em geral, com muitas manifestações de resistência, mas que são viáveis com a subsequente conexão de uma nova imagem. “Distinguimos, pois, as aparências das coisas, mas nós distinguimos precisamente porque nós podemos passar da aparência à realidade através de alguma noção ou imagem” (MOSCOVICI, 2005, p. 31).

E por último, Moscovici (2005) destaca o comportamento e o pensamento como um advento de convenções, definições, representações correntes aos membros de nossa comunidade, tornando alguns fatos “naturais”, determinando previamente as possíveis ações que teremos em situações previstas em nossa sociedade. De fato, estando num mundo social, precisamos compreender que,

Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. Assim, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada seqüência. É essencial lembrar tais lugares comuns quando nos aproximamos do domínio da vida mental na psicologia social (MOSCOVICI, 2005, p. 33).

Moscovici (2005) propõe uma reflexão sobre até que ponto nossas atividades cognitivas podem ser independentes das representações, ou ao contrário, até que ponto elas determinam o nosso agir cognitivo. As representações, ao agirem no universo social convencionalizam objetos, pessoas e acontecimentos, até para que possam ser entendidos e codificados. O problema se dá quando determinado “algo novo”, não se encaixa exatamente onde foi determinado socialmente, e então é forçado a “assumir determinada forma, entrar em determinada categoria”. As representações são também prescritivas, ou seja, elas “se impõem sobre nós”, elas estão nos livros, nos filmes, nos eventos sociais que freqüentamos, são uma tradição. Dessa forma, nós podemos considerar, a força das representações na sociedade, produzindo re-pensamentos, re-apresentações de idéias e imagens anteriores e correntes.

E quanto menos consciente estamos de nossas representações, maior influência, maior força, ela adquire, em nosso pensamento, em nossas ações, em nossas escolhas. (MOSCOVICI, 2005). Segundo Moscovici, o meio ambiente não é algo externo, mas o pano de fundo onde as relações se estabelecem e o constituem, sendo então “um instrumento para essas relações”:

Esse meio ambiente não é inerentemente ambíguo ou estruturado, nem é ele puramente físico ou social; ele é determinado por nosso conhecimento e pelos métodos de investigação. O ambiente não explica nada; pelo contrário, ele se apresenta como necessitando de explicação, pois é tanto construído, como limitado por nossas técnicas, nossas ciências, nossos mitos, nossos sistemas de classificação e nossas categorias (MOSCOVICI, 2005, p. 159).

Ao mesmo tempo, essas representações acabam formando o arcabouço do mundo real, tornando-se autônomas e, muitas vezes inquestionáveis enquanto expressão desse mundo real. Imperceptíveis enquanto idéias, vão sendo forjadas em forma de um objeto social:

Através de sua autonomia e das pressões que elas exercem (mesmo que nós estejamos perfeitamente conscientes que elas não são ‘nada mais que idéias’), elas são, contudo, como se fossem realidades inquestionáveis que nós temos de confronta-las. O peso de sua história, costumes e conteúdo cumulativo nos confronta com toda a resistência de um objeto material. Talvez seja uma resistência ainda maior, pois o que é invisível é inevitavelmente mais difícil de superar do que o que é visível (MOSCOVICI, 2005, p. 40).

Porém, elas também se modificam, sua rigidez está associada a sua necessidade de coerência, mas a sua flexibilidade provém da compreensão humana, que brota da comunicação social, por meio da complexidade de suas inter-relações. Segundo Moscovici:

À luz da história e da antropologia, podemos afirmar que essas representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida; esvaindo-se, apenas para emergir novamente sob novas aparências. Geralmente, em civilizações tão divididas e mutáveis como a nossa, elas co-existem e circulam em várias esferas de atividade, onde uma delas terá precedência, como resposta à nossa necessidade de certa coerência, quando nos referimos a pessoas ou coisas. [...] (MOSCOVICI, 2005, p. 38).

No âmbito da comunicação social, é necessário considerar também os “aspectos simbólicos” envolvidos em nossos relacionamentos e “universos consensuais”:

Porque toda ‘cognição’, toda ‘motivação’ e todo ‘comportamento’ somente existem e têm repercussões uma vez que eles signifiquem algo e significar implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns. É isto que distingue o social do individual, o cultural do físico e o histórico do estático. Ao dizer que as representações são sociais nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto os assim chamados cognitivos. [...] (MOSCOVICI, 2005, p. 105).

Os aspectos simbólicos estão presentes em nossa linguagem “verbal” e “não verbal”, eles se tornam perceptíveis somente quando são compreendidos nas relações, quando os que recebem e os que emitem as mensagens compreendem esse significado comum. Eles estão compreendidos e fundamentados nos círculos sociais, determinando e decifrando comportamentos, eles podem ser lidos socialmente, interpretados, pois fazem parte de uma linguagem: “Comportamento simbólico é fundamentado e torna-se possível pelas normas sociais e regras e por uma história comum que reflete o sistema de conotações implícitas e pontos de referência que, invariavelmente, se desenvolvem em todo ambiente social” (MOSCOVICI, 2005, p. 161).

O objetivo nuclear das representações sociais é tornar familiar algo que não é familiar, ou de outra forma, estabelecer uma conexão com o novo a partir da forma como ele pode ser pensado. Assim “é que os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito” (MOSCOVICI, 2005, p. 54). Nessa dinâmica de familiarização, “a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’”, fazendo com que o novo seja avaliado a partir de um critério anterior da memória. E quando o familiar não encontra, no não-familiar, referências próprias, devido à sua atipicidade, ou “anormalidade”, o

sentimento é de “incompletude e aleatoriedade”, daí a necessidade de se estabelecer uma ponte entre a nova (desconhecida) e a antiga concepção. (MOSCOVICI, 2005, p. 54).

Moscovici (2005) cita como exemplo a situação de contato com diferentes culturas ou etnias, que chegam a incomodar alguns sujeitos, são pessoas que ao mesmo tempo “são como nós e, contudo não são como nós”. “O não-familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso. [...]”. Uma forma de tornar o incompreensível familiar é reorganizar conceitos, criando um sentido por meio de imagens dentro de uma categoria pré-existente, o que permite que se caia novamente no senso comum. Neste processo, longe de ser “uma simples analogia”, estão envolvidos os valores e sentimentos sociais. (MOSCOVICI, 2005, p. 57).

Outra questão a ser destacada é que, como uma das conseqüências “no pensamento social, a conclusão tem prioridade sobre a premissa [...]”, assim uma imagem anterior de um determinado grupo compromete expectativas e comportamentos posteriores em relação a outros grupos, a partir da forma como o primeiro grupo foi pensado, ou de acordo com as imagens e idéias que foram ancoradas a ele (MOSCOVICI, 2005, p. 58). Existe, então, uma tendência a “confirmar” conclusões anteriores e não uma predisposição de refutá-las.

A ancoragem e a objetivação são os dois processos pelos quais as representações sociais são formadas. A ancoragem é a forma, pela qual novas idéias são associadas “a categorias e imagens comuns”. “Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria, ou o comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores” (MOSCOVICI, 2005, p. 61). Levando-se em conta que: “(...) qualquer construção ou tratamento de informação exige pontos de referência: quando um sujeito pensa um objeto, o seu universo mental não é, por definição, tábua rasa. Pelo contrário, é por referência a experiências e esquemas de pensamentos já estabelecidos que um objeto novo pode ser pensado”.(MOSCOVICI; *apud* MONTEIRO e VALA, 2002).

A objetivação ocorre quando o que está sendo pensado é associado a algo do mundo real, a transformação de uma abstração em “algo quase concreto”, relacionado a algo que pode ser “visto e tocado”, e neste processo o novo carrega consigo os elementos que constituíram a sua objetivação:

No momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a idéia [...]. Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade de nossa avaliação, nós nos fixamos nessa transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido (MOSCOVICI, 2005, p. 61).

Logo, ao encaixar o novo em determinada categoria, ele passa a corresponder a todas as características encontradas nesta categoria, ou seja, um conjunto de

[...] limites lingüísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos. E se nós, então, chegamos a ponto de deixa-lo saber o que nós fizemos, nós levaremos nossa interferência a ponto de influenciá-lo, pelo fato de formularmos exigências específicas relacionadas a nossas expectativas (MOSCOVICI, 2005, p. 63).

Porém mesmo que, o sujeito categorizado não saiba quais os componentes de nossas expectativas, elas continuarão a interferir e influenciar em nossas relações. As categorias podem ser classes de objetos, acontecimentos, grupos ou “tipos” de pessoas, temas, dentre outros, utilizadas para organizar e entender o mundo que nos cerca. Uma categoria compreende diversos exemplares, as categorias vão se modificando, restringindo ou ampliando o número e as características de seus exemplares em função de nossas interações e experiências. Assim, as categorias e os processos de ancoragem apresentam um caráter interacional e dinâmico, focalizando a construção do conhecimento a partir das relações sociais.

Então, por meio da objetivação, formulamos um conceito utilizando uma imagem, o que pode ser conseguido instantaneamente através de uma comparação. “Temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal” (MOSCOVICI, 2005, p. 72).

Da mesma forma, novas palavras, novos temas passam a circular na sociedade, e nos vemos em uma situação delicada quando precisamos constantemente encontrar sentido para novos termos, sobretudo aqueles que rapidamente ocupam as conversas e nos afetam no dia-a-dia. “[...]. Desde que suponhamos que as palavras não falam sobre ‘nada’, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não-verbais para elas” (MOSCOVICI, 2005, p. 72). Contudo, algumas palavras não encontram correspondentes imagens, facilmente, seja por seu difícil acesso, seja por que as imagens que são associadas podem inclusive ser consideradas tabus, assim são evitadas ou transformadas em algo aceitável. (MOSCOVICI, 2005).

Há uma seleção de palavras, as quais encontram imagens correspondentes, sobretudo de acordo com crenças e aspectos culturais, que determinam um “estoque de imagens” mais coerentes e facilmente acessíveis. O que não quer dizer que não possam ocorrer mudanças nas representações, mas, em geral, as mudanças tendem para a transmissão de referenciais familiares ou mais próximos de algo recentemente aceito, “[...] do mesmo modo que o leito do rio é gradualmente modificado pelas águas que correm entre as margens”. A partir da identificação dessas imagens há uma correlação com a realidade, quer sejam fenômenos, conceitos ou pessoas. Pode-se afirmar que por meio da cultura há uma construção da realidade significativa socialmente, contudo “cada cultura possui seus próprios instrumentais para transformar suas representações em realidade”, ou sua realidade em representações. (MOSCOVICI, 2005, p. 76). Essas realidades, essas representações compõem e são compostas por extensa diversidade “[...] de indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade. O objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade” (MOSCOVICI, 2005, p. 79).

A memória é considerada, no conceito de representações sociais, o componente ativo do pensamento social, ela reivindica preponderantemente o sentido, a coerência do mundo representado, no universo social:

É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não-familiar, com suas conseqüentes ansiedades. As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais. A ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-lo e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2005, p. 78).

Em uma revisão sobre as últimas pesquisas utilizando o conceito de representação social, Moscovici (2005) identificou algumas características comuns. Os estudos são feitos a partir de construções coletivas em conversações, que podem estar associados a temas importantes ao grupo, ou a temas estranhos, que estimulam os seguintes questionamentos: “Do que se trata afinal?,” “Por que aconteceu isso?,” “Qual o propósito de tal ação?”. As representações mudam ao longo do tempo, e “são determinadas pelas dimensões físicas e psicológicas desses encontros entre indivíduos” (MOSCOVICI, 2005, p. 89). Os boatos fazem

parte dessas conversações e são responsáveis pela divulgação dessas representações, e pela transição da vida privada para a vida pública.

As representações são consideradas meios de re-criar a realidade. Nesse contexto, a maioria dos problemas que nos desafiam tanto intelectualmente, quanto socialmente, não estão relacionados com dificuldade em criar representações, mas com o fato de que pessoas, coisas e acontecimentos são representações, substitutos criados a partir de nossos referenciais e experiências. “O que nós criamos, na verdade, é um referencial, uma entidade à qual nós nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela” (MOSCOVICI, 2005, p. 90).

O que é surpreendente e que deve ser explicado não é tanto o fato de que tais reconstruções sociais influenciam a todos, mas antes que a sociabilidade as exige, expressa nelas sua tendência de posar como não-sociabilidade e como parte do mundo natural (MOSCOVICI, 2005, p. 91).

Uma característica das representações sociais é que momentos de crise e insurreição, quando as imagens do grupo estão mudando, colaboram para revelar o caráter das representações sociais. Nesses momentos:

As pessoas estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não-familiar e perturbador. As representações sociais se mostram transparentes, pois as divisões e barreiras entre mundos privado e público se tornaram confusas. Mas a pior crise acontece quando as tensões entre universos reificados e consensuais criam uma ruptura entre a linguagem dos conceitos e das representações, entre conhecimento científico e popular (MOSCOVICI, 2005, p. 91).

Por isso os processos, com que se reconstroem as representações, são de grande relevância no entendimento dos aspectos envolvidos em mudanças de representações e assimilação de novos conceitos. Nos estudos levantados por Moscovici (2005), as pessoas são vistas como “professores”, sobretudo nos grupos que formam, nos grupos em que se relacionam. Da mesma forma, os grupos que se dedicam a esse público de “professores”, ou seja, os “popularizadores da ciência”, também são considerados de grande relevância para a formação de representações sociais.

Segundo Moscovici (2005), estímulos em mudanças de representações sociais ocorrem, sobretudo no contato com teorias científicas, que seguem uma “metamorfose na sociedade” para fazerem parte do senso comum, ou então quando existem “acontecimentos correntes, experiências e conhecimento objetivo, que um grupo tem de enfrentar a fim de construir e

controlar seu próprio mundo”, ou seja, novidades em acontecimentos, em pessoas, em atividades. (MOSCOVICI, 2005, p. 95).

Moscovici propõe pensar e desenvolver uma psicologia social mais útil à sociedade, menos distante, mais comprometida, ele faz uma crítica de sua ciência: “particularmente quando distorce a realidade, tentando convencer o prisioneiro que ele é livre, o pobre e o explorado de que vive em uma sociedade afluyente, o homem que trabalha 50 horas semanais sem nenhum descanso, de que ele é membro de uma sociedade de lazer. [...]” (MOSCOVICI, 2005, p. 115). Assim, para Moscovici (2005), a psicologia social carece de uma crítica social, uma problematização política, algo que vá além da simples e aparente “objetividade”, já que a cômoda posição desinteressada é falsa por si só, ela comporta algo de conformismo que promove a “preservação da ordem estabelecida”. É preciso mais que identificar, é preciso promover reflexões, re-apresentações no contexto de relações em que as representações estão sendo formadas.

As representações sociais estão intrinsecamente conectadas às relações, no âmbito de suas possibilidades culturais, elas estão constituídas na sociedade e são constituintes da expressão individual. Assim, tratam do individuo imerso em sua cultura, em sua sociedade, revelando aspectos de liberdade e de imposição, no sentido histórico social de representações, símbolos e significados previamente formados, determinando o complexo arcabouço do pensamento e das relações. Portanto, cabe investigar também as representações em “choque”, as representações em contato com outras representações, as relações que se processam imersas nessas diferentes representações. Como se processam as relações fora do círculo social em que elas foram formadas, ou quando elas desencadeiam a busca de outras representações que lhe são, de alguma forma, familiares? Eis aqui uma representação da possibilidade e da dificuldade de lidar com o outro, por uma, dentre as mais diversas expressões artísticas, que tão bem representam os intrigados círculos do mundo social:

Não é impossível
 Eu não sou difícil de ler
 Faça sua parte
 Eu sou daqui eu não sou de Marte
 Vem, cara, me repara
 Não vê, ta na cara, sou porta-bandeira de mim
 Só não se perca ao entrar
 No meu infinito particular
 (ANTUNES, MONTE, BROWN, 2005)

Ser “daqui” significa fazer parte desse mundo social de construções coletivas, contudo no “infinito particular” estão preservados e reconhecidos os domínios da individualidade. Expressamos-nos literalmente sobre nós mesmos, numa imagem tão simbólica quanto dinâmica, como a “porta-bandeira”, contudo para que esse diálogo de representações ocorra, é necessário, querer “ler” e se aventurar, é necessário que cada um “faça sua parte”, dentro dos limites do possível e do imaginário, do encontro e das trocas presentes no “entre si” de vários “infinito[s] particular[es]”.

O social não pode ser visto como uma simples união de indivíduos, assim como o indivíduo como exclusivamente social. Pois que,

[...] o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade da vida social. Além do mais, todas as culturas que conhecemos possuem instituições e normas formais que conduzem de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização. As representações sociais que elas (as culturas) elaboram carregam a marca dessa tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema, nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível. Quero dizer que é justamente este estado de coisas que torna a noção de conflito tão essencial em nossa teoria, quer se trate de transformações cognitivas, quer se trate de comunicações públicas. Sem esta noção não se pode compreender nem o dinamismo da sociedade nem a mudança de qualquer uma das partes que a compõem (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003, p. 12).

Há, no entanto, grande dificuldade em teorizar a complexidade de aspectos que envolvem “a dialética entre o sujeito individual e a sua sociedade”, dessa forma, as teorias desenvolvidas pela psicologia social, falham ao afirmar que os estudos voltados para o indivíduo refletem exclusivamente uma individualidade, pois “as vidas individuais não são realidades abstraídas de um mundo social”. Por meio das representações propõe-se exatamente uma superação de estudos fragmentados, para uma reflexão em torno da relação entre o sujeito e o mundo que o rodeia. “Ao fazer isso, ela recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. [...]. Mas, se a atividade do sujeito é central para a teoria, não menos central é a realidade do mundo”. (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003, p. 19), levando-se em conta sua participação e representação envolvida na “realidade do mundo”. Assim é que para a teoria das representações sociais, a estrutura edificada pela coletividade “encontra a sua mobilidade na dinâmica do social, que é consensual, mas abre-se permanentemente para os esforços de sujeitos sociais, que o desafiam e se necessário o transformam” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003, p. 19).

Que implicações podemos então, perceber no pensamento e no movimento individual e social, sobre as representações que formamos, recebemos e utilizamos? Para Moscovici (2005, p. 40), algo importante, está direcionado para essa possibilidade de transformação nas representações, como elas se processam, se modificam, e como influenciam o pensamento, principalmente “o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade”, elas marcam dessa forma a força e o potencial do processo coletivo, determinando o pensamento e a ação do indivíduo. As representações estão constantemente se modificando, “circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu. [...]” (MOSCOVICI, 2005, p. 41). É necessário salientar ainda como a mudança está condicionada a uma vivência, uma experiência que possa perpetuar o diálogo, embora não necessariamente a exclusão de uma idéia anterior, mas uma procura por uma continuidade de sentido, de familiaridade, mesmo sendo diferentemente representada.

Sobre a ciência, Moscovici ressalta seu papel em formar e criar novas representações na sociedade:

Ao contrário do que se acreditava, no século passado, longe de serem um antídoto contra as representações e as ideologias, as ciências na verdade geram, agora, tais representações. [...]. A ciência era antes baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; mas agora senso comum é a ciência tornada comum. Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o fazem ao mesmo tempo compulsivo e fascinante (MOSCOVICI, 2005, p. 60).

Assim, ao lidar com questões abordadas e vinculadas aos novos conceitos relacionados às questões ambientais, que causam impactos ao meio natural e à vida humana, também geram-se novas representações sociais, e que muitas vezes passa a ser associada à tantas outras familiaridades, como os conceitos religiosos, os paradigmas de um grupo de esportistas, ou os referenciais de vida e sustentação de um grupo social. Essas representações, ancoradas a imagens familiares, vão interferir nas relações e direcionar determinadas escolhas dos sujeitos.

Moscovici (2005) cita algumas questões a serem observadas, quando se trabalha com representações sociais, dentre elas:

- Todo pensamento ou percepção ocorre por meio de ancoragem, contudo existem vieses, eles expressam uma diferença de perspectiva normal entre sujeitos ou grupos

heterogêneos, porém e ainda sim, seus sistemas de classificação baseiam-se em algum consenso, em alguns aspectos em comum;

- Os sistemas de classificação e categorização não se prestam somente para rotular pessoas, “o objetivo principal é facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões” (MOSCOVICI, 2005, p. 71).

Todavia, quando uma representação é formada, e faz parte de um circuito social, tal idéia passa a ser frequentemente utilizada, um “conceito concreto” e “útil”, “significativo”, uma representação:

Surgem, então, fórmulas e clichês que o sintetizam e imagens, que eram antes distintas, aglomeram-se ao seu redor. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir [...] (MOSCOVICI, 2005, p. 73).

As representações agem em nosso comportamento, mas são mediadoras, ou estímulos para o mesmo? Para Moscovici, no âmbito da teoria das representações sociais, os estímulos e as respostas só podem ser compreendidos a partir da identificação das representações sociais envolvidas, o que significa que “reações emocionais, percepções e racionalizações não são respostas a um estímulo exterior, mas a categoria na qual nós classificamos tais imagens, aos nomes que nós damos a elas” (MOSCOVICI, 2005, p. 100).

Estudar as origens e caracterizar as representações envolvidas com nos estímulos e respostas “é o primeiro passo em toda análise de uma situação ou de uma relação social e constitui-se em um meio de prever a evolução das interações grupais, por exemplo” (MOSCOVICI, 2005, p. 100). É nesse sentido que nos dirigimos ao desenvolver a pesquisa, ao identificar as representações envolvidas, com o intuito de torná-las úteis à discussão sobre ambiente e sociedade, principalmente sobre o desenvolvimento da proposta presente no Projeto Mulheres das Águas.

Dessa forma, embora saibamos quais representações queremos estudar, não podemos prever que outras representações estão associadas às mesmas, que imagens e que elementos estão presentes nessas categorias de significado social. As perguntas e os diálogos não devem ficar restritos às questões dadas, sendo necessário ampliar as possibilidades de discussão, a fim de engendrar para uma melhor compreensão do que se pretende investigar, voltando-se para “fenômenos globais, que resultam da interdependência de diversos sujeitos em sua

relação com um ambiente comum, físico ou social” (MOCOVICI, 2005, p. 150). Ao ampliar a discussão, não limitamos o tema focalizado, e ao mesmo tempo, abre-se um espaço para o diálogo, para a exposição de diferentes percepções em torno das questões sociais que queremos abordar.

Por isso, parece-me que, se nós devemos permitir que a sociedade faça as perguntas – uma vez que isso está implícito na natureza de nossas atividades – é, em contraposição, nosso dever elaborar e redefinir nós mesmos estas perguntas. Esta é uma condição necessária para estabelecer um diálogo verdadeiro, em que nós podemos redescobrir a liberdade de analisar objetivamente todos os aspectos de um problema e de considerar os vários pontos de vista que emanam da sociedade em que vivemos (MOCOVICI, 2005, p. 127).

A sociedade compõe uma grande heterogeneidade social, nela os indivíduos se relacionam enquanto “indivíduos coletivos” que são, diferentes em origens, em características culturais e em expectativas. Esse campo de pesquisa tem observado que, ao contrário do que se pensava, as pessoas preferem explicações populares a científicas, pois que as populares e os comportamentos advindos delas tendem a confirmar suas “crenças habituais” (MOCOVICI, 2005). Além disso, desde Descartes, acreditava-se que as pessoas tendiam a pensar de maneira lógica a partir de evidências, chegando a determinada conclusão, evitando-se entrar em contradição quando em confronto com essas evidências. Era a soberania da lógica sobre o pensamento humano. Mas o que se tem verificado, são raciocínios e conclusões equivocadas, relacionados não a problemas lógicos ou a problemas em sintetizar a lógica, mas a “problemas afetivos” e “influências sociais”. As interferências sociais estimulam as pessoas a agirem de determinada forma diante de determinada situação, elas podem abandonar certos hábitos ou assimilá-los. Podem afastar-se de algumas “visões” do mundo externo, ainda que esse afastamento as leve a sucumbir “aos enganos ou à satisfação de uma necessidade imaginada”, ainda que esta necessidade seja legítima (MOCOVICI, 2005, p. 169). Para além do conhecimento, as representações sociais interferem na vida social, num universo de:

[...] crenças sobre a vida em comum, sobre como as coisas devem ser, sobre o que se deve fazer; crenças sobre o que é justo, o que é verdadeiro e o que é belo; e ainda outras coisas, todas produzindo um impacto nos modos de se comportar, de sentir ou de transmitir e permutar bens (MOCOVICI, 2005, p. 173).

Percebemos desse modo, que os vínculos afetivos, as crenças e relacionamentos sociais têm um peso preponderante na assimilação de novos conhecimentos, novos conceitos e novos hábitos. Esses aspectos podem colaborar ou impedir que propostas de intervenção e mudança ocorram efetivamente. Contudo, o encontro com representações familiares promove uma perspectiva, principalmente quando conhecimento e técnica estão tão afinados com as crenças

vigentes, que elas tendem a desencadear movimentos, ações coletivas em prol de “tudo o que traz vida a uma existência em comum” (MOSCOVICI, 2005, p. 173). Para Moscovici (2005): “As sociedades, os grupos se despedaçam se houver apenas poder e interesses diversos que unam as pessoas, se não houver uma soma de idéias e valores em que elas acreditam, que possa uni-las através de uma paixão comum que é transmitida de uma geração a outra” (MOSCOVICI, 2005, p. 173). Assim, esses valores não são apenas um reflexo da sociedade são “uma parte essencial de sua realidade”.

2 SÃO JOÃO D'ALIANÇA: DADOS, DISTRIBUIÇÃO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DO AMBIENTE

2.1 PRIMEIRO CONTATO

Entre morros e morrotes, uma casa de pamonha até o posto policial, chega-se a São João d'Aliança. Duas placas com a imagem do Cristo marcam o curto trecho da GO 118 que nos conduzem por dentro da cidade: ao entrar um bem-vindo, ao sair a certeza de continuar o caminho com a segurança do Divino. De passagem, vê-se o estádio, o comércio e a igreja, além, é claro, dos dois postos de combustível (locais à boa vista de quem está na estrada). A Igreja é o “edifício mais alto” (CAMPBELL, 1990, p. 102). A Igreja, a catedral, quase que na metade deste pequeno trecho, branca, simples, mas imponente se comparada às casas e lojas que compõem a paisagem. Ocupando-se com o estômago, mais dois lugares poderiam ser capturados: um perto do posto, bem no início, muito freqüentado, do lado oposto ao Estádio, outro já no final, estrutura chamativa, de arquitetura rústica, porém inacabada, obra embargada. Outros detalhes vão da curiosidade à velocidade que o veículo e/ou o tempo impõem ao viajante. As Figuras 1 e 2 a seguir apresentam a localização do Município de São João d'Aliança e parte do mapa rodoviário do Estado de Goiás, indicando a sua localização em relação ao Distrito Federal.

Já na primeira visita, para conhecer o grupo envolvido diretamente com o Projeto Mulheres das Águas, foi realizada uma reunião do Conselho Gestor, quando foram discutidos temas como ecoturismo, comunidade e Cerrado. Percebeu-se emoção, posicionamentos passionais e envolvimento pessoal. Segundo Moscovici (2005, p. 79), ao trabalhar com representações sociais, estamos vinculados ao dito: “Não existe fumaça, sem fogo”. Assim, e sem mais, confirmou-se inquestionavelmente um vasto campo para o campo: São João d'Aliança, sua gente, sua história, seus sonhos, suas expectativas. Mas que local, Município, lugar é esse? Há muitas formas de descrever, esclarecer e de representar...

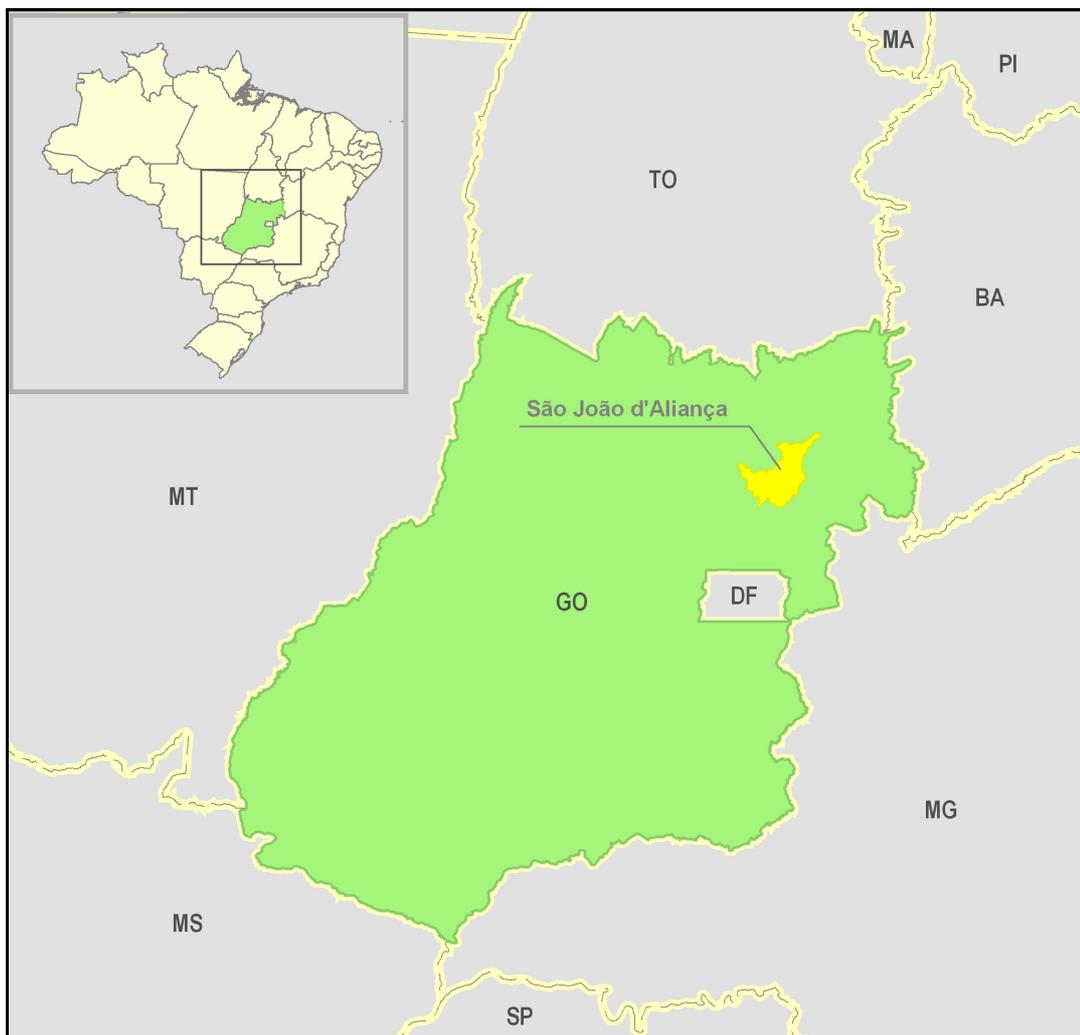


Figura 1 – Localização do Município de São João d'Aliança no Estado de Goiás
Fonte: IBGE - Base Cartográfica Integrada Digital do Brasil ao Milionésimo, 2003

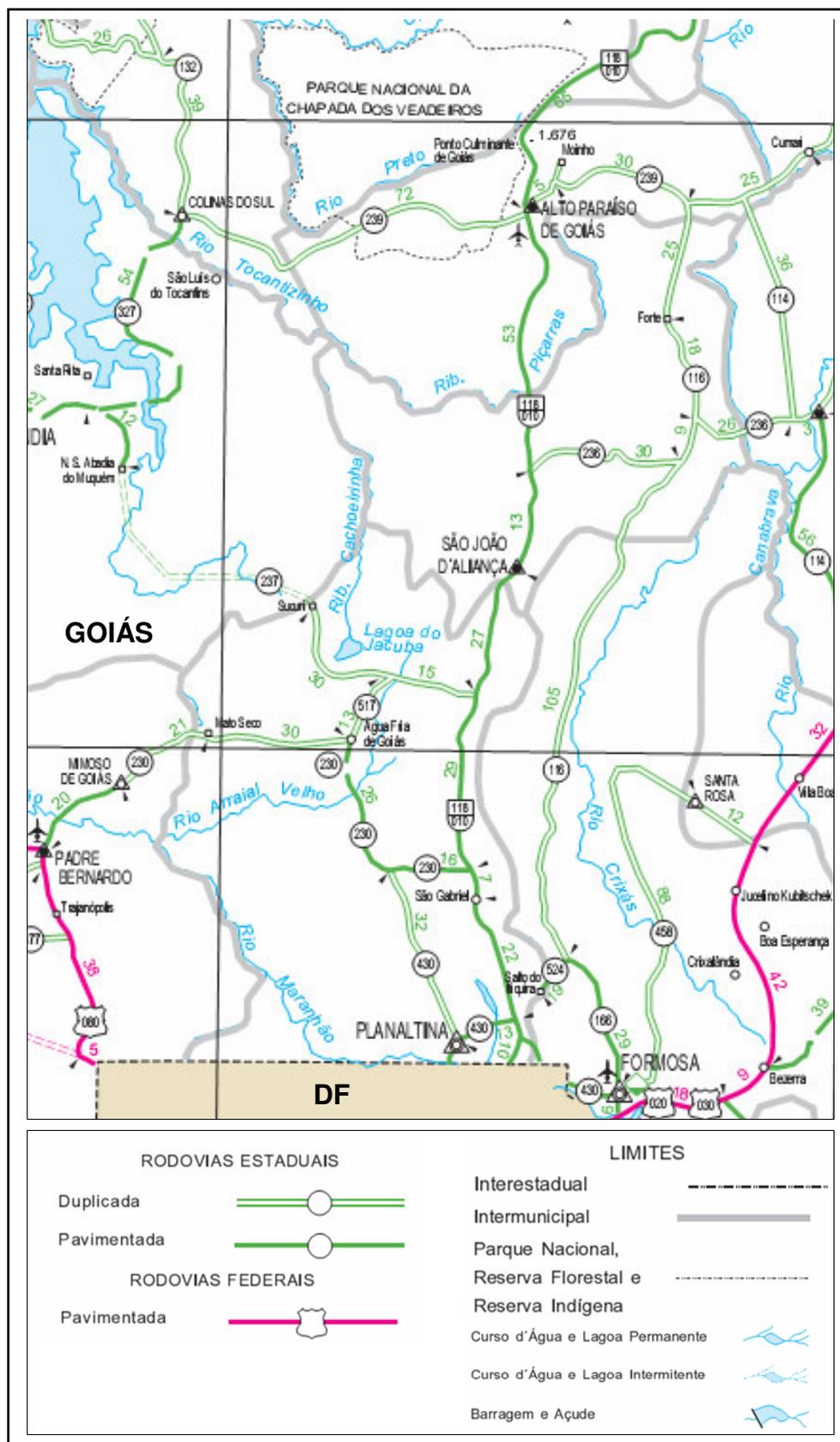


Figura 2 – Localização do Município de São João d'Aliança em relação ao Distrito Federal
 Fonte: <http://www.dnit.gov.br/menu/rodovias/mapas>

2.2 ALGUNS DADOS @CESSÍVEIS²

São João d’Aliança apresenta uma área de 3.327 km² e sua população, de acordo com dados de 2005 da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, está estimada em 7.751 habitantes. Destes, o número de habitantes do sexo feminino é praticamente equivalente ao número de habitantes do sexo masculino. Há somente uma agência bancária e quatro estabelecimentos de saúde, todos da rede pública. Constam ainda onze estabelecimentos destinados à hospedagem e alimentação, contudo, esses dados não fazem distinção dessas atividades separadamente (CIDADES@ - IBGE, 2006).

No que se refere à educação, dados do IBGE, de 2003, registraram 1.702 matrículas no ensino fundamental e 470 ensino médio, sendo 102 docentes para o ensino fundamental e 21 para o ensino médio. De acordo com o Gráfico 1, cerca de um terço da população possuem menos de quatro anos de estudo. (CIDADES@ - IBGE, 2006).

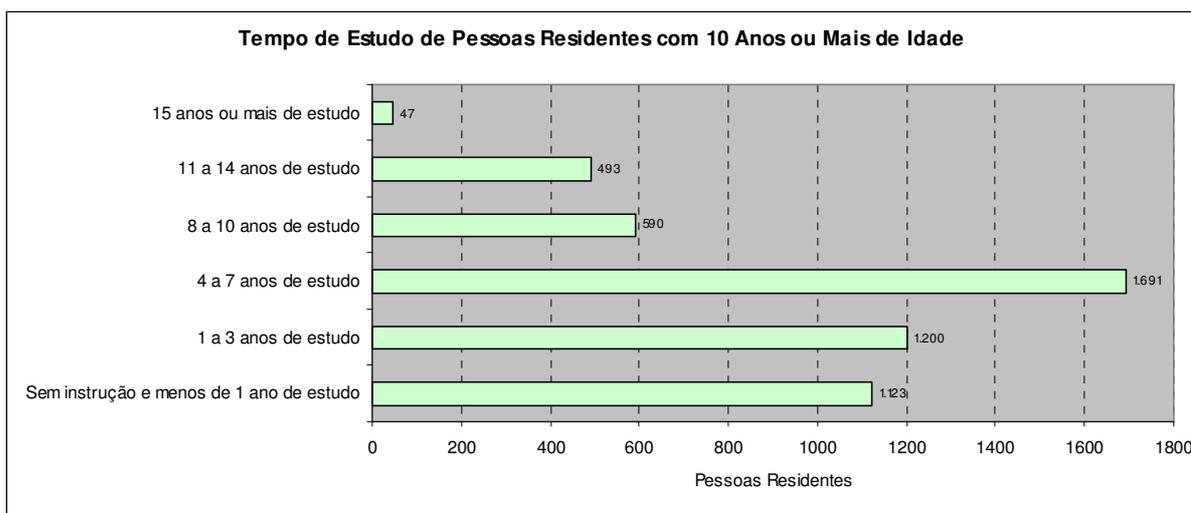


Gráfico 1 - Tempo de Estudo de Pessoas Residentes.

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000

Nota : Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001.

Quanto aos rendimentos pessoais, dos 5.158 habitantes, residentes de dez anos a mais no Município, quase metade é considerado sem rendimento, conforme distribuído no Gráfico 2 a seguir. (CIDADES@ - IBGE, 2006).

² O símbolo @ é uma referência ao tipo de informação, como mais uma dentre várias outras formas de representação, a respeito das cidades brasileiras que pode ser encontrada no site do IBGE.

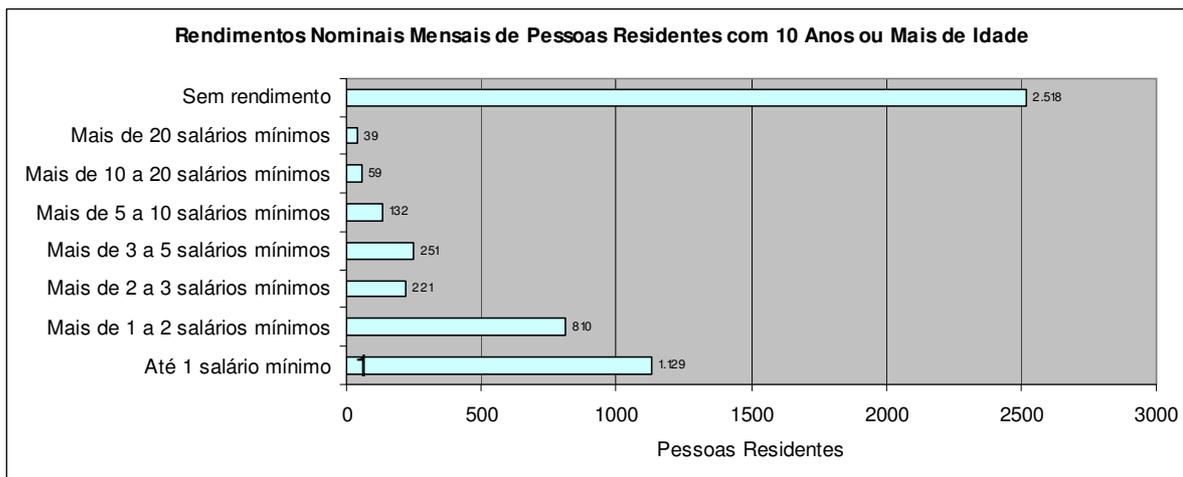


Gráfico 2 - Rendimentos Nominais Mensais de Pessoas Residentes com 10 Anos ou Mais de Idade.

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000

Nota : Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001.

Embora a população de homens seja praticamente a mesma de mulheres, a distribuição de rendimentos não é proporcional. Dos 2.640 habitantes, residentes de dez anos a mais, considerados com rendimento, somente em torno de 35% são mulheres e, com uma grande diferença em torno dos rendimentos médios mensais. Os homens residentes apresentaram um rendimento médio mensal estimado em 756,82 reais enquanto, o rendimento médio mensal das mulheres é estimado em 287,82 reais (CIDADES@ - IBGE, 2006).

O Município desenvolve atividades agropecuárias, voltadas, principalmente para criação de gado e a produção de grãos, sendo responsáveis pela maior parcela do produto interno bruto, seguido dos valores adicionados com os serviços e o comércio. Conforme se observa no Gráfico 3, a ordem se inverte quando se trata de pessoal ocupado e assalariado, por atividade, estando o maior número na administração pública seguido em ordem decrescente pelo comércio. (CIDADES@ - IBGE, 2006).

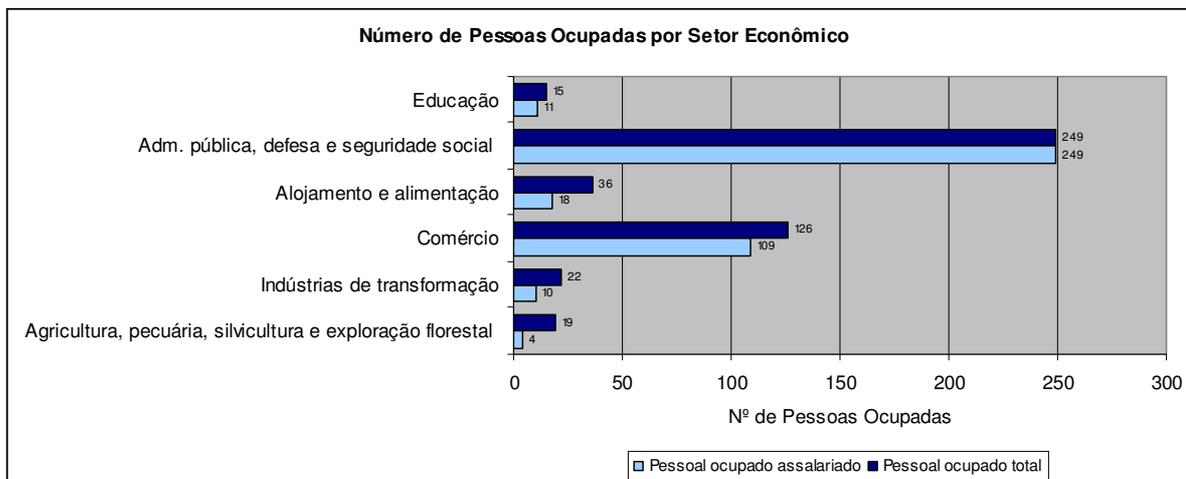


Gráfico 3 – Número de Pessoas Ocupadas por Setor Econômico.
Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2003.

No Gráfico 4 pode ser observado como se dá a distribuição do efetivo do rebanho do Município.

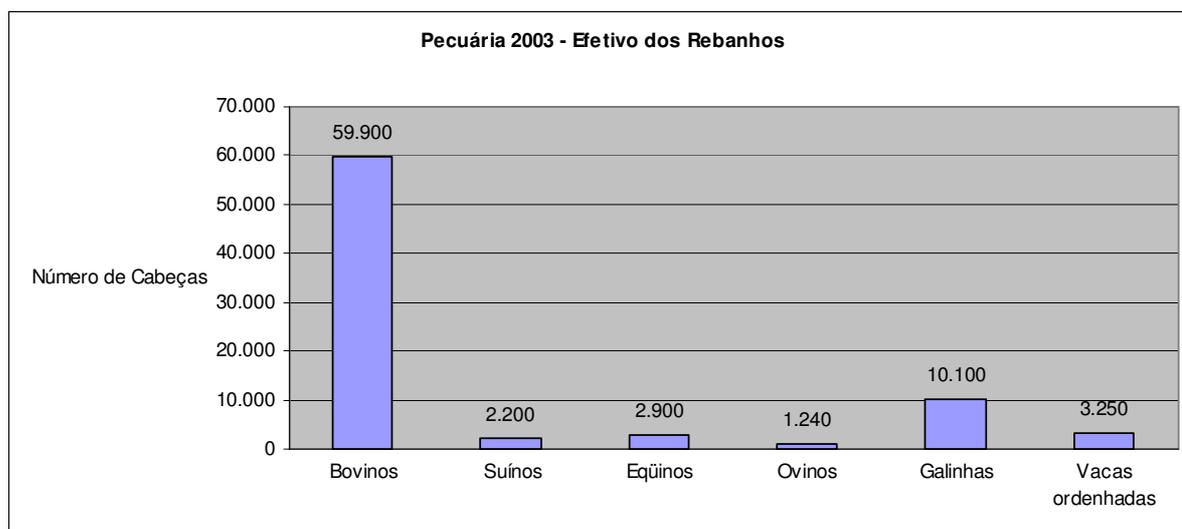


Gráfico 4 – Pecuária em 2003 – Efetivo dos Rebanhos.
Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2003.

Foram registrados ainda, referentes ao ano de 2003, a produção de 2.243 mil litros de leite, 67 mil dúzias de ovos de galinha e 800 kg de mel, incluídos na atividade agropecuária. (CIDADES@ - IBGE, 2006).

Quanto à ocupação do solo com lavouras temporárias e permanentes, destacam-se os itens apresentados nos Gráficos 5 e 6 (CIDADES@ - IBGE, 2006).

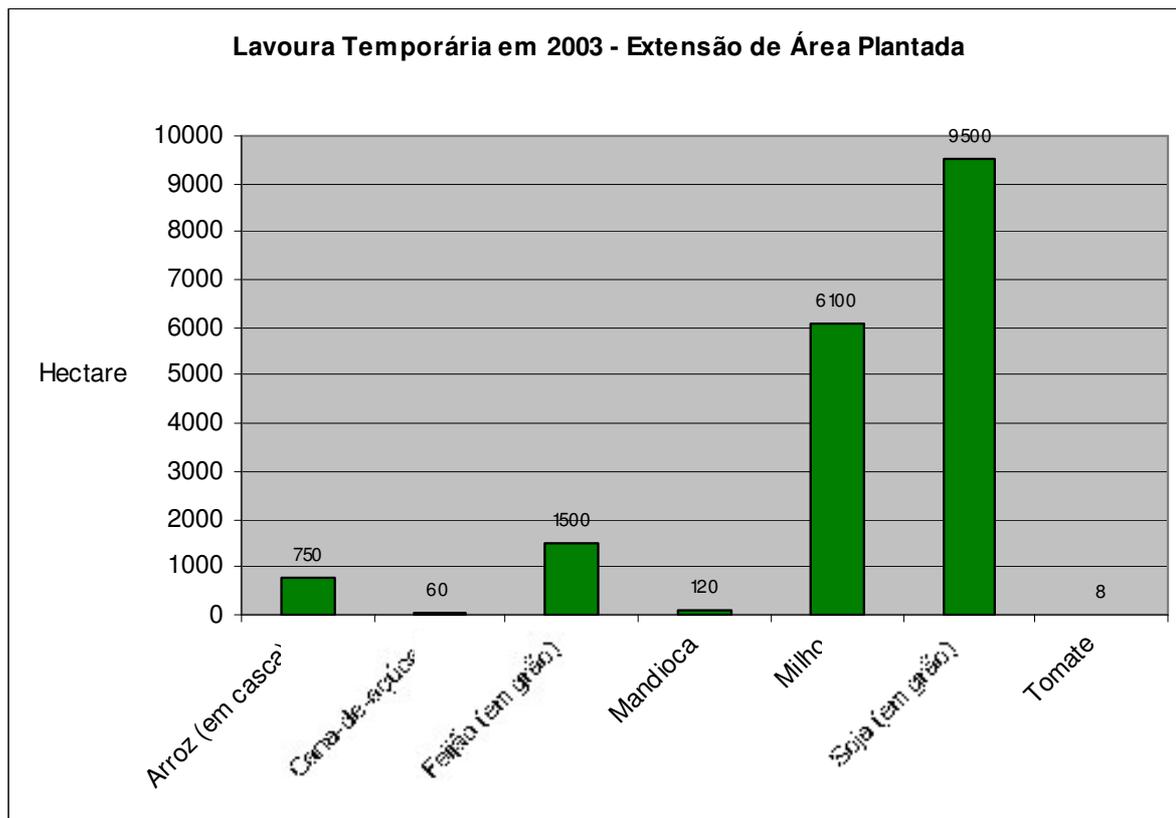


Gráfico 5 – Lavoura Temporária em 2003 – Extensão de Área Plantada.

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2003.

Nota : Atribui-se zeros aos valores dos municípios onde, por arredondamento, os totais não atingem a unidade de medida.

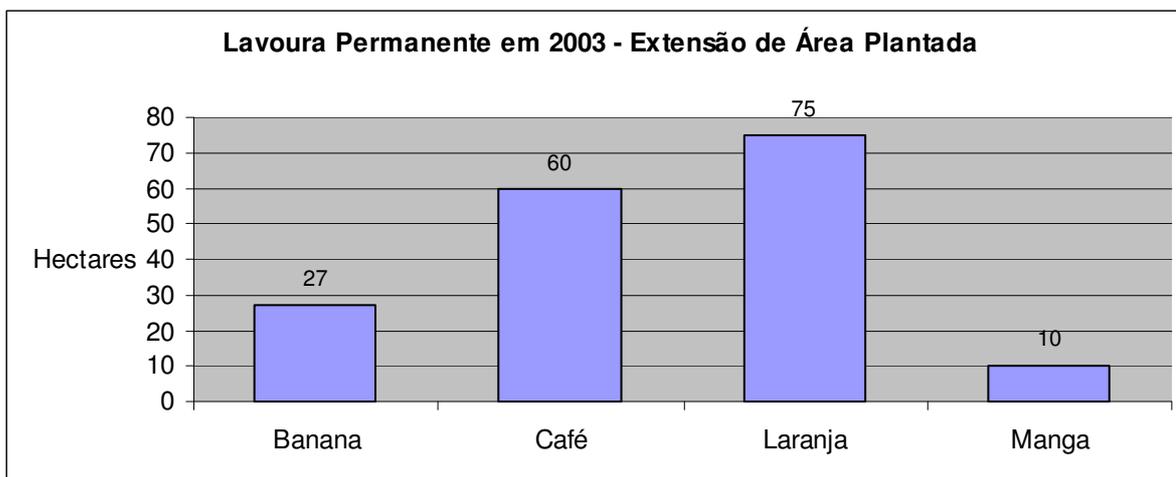


Gráfico 6 – Lavoura Permanente em 2003 – Extensão de Área Plantada.

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2003.

Nota : Atribui-se zeros aos valores dos municípios onde, por arredondamento, os totais não atingem a unidade de medida.

Não incluímos aqui a quantidade produzida, nem os rendimentos por item. Não é objetivo de o trabalho discutir a produtividade dos mesmos ou o seu valor econômico, mas

destacar a sua relevância em termos de uso e ocupação do solo. Assim como, muitos itens podem não estar aqui apresentados, pois nem todos os itens aparecem nos dados do IBGE, já que “atribui-se zero aos valores dos municípios onde, por arredondamento, os totais não atingem a unidade de medida”. Quanto à extração vegetal e silvicultura só aparecem dados referentes à extração de madeira e a produção de lenha e carvão vegetal. (CIDADES@ - IBGE, 2006).

2.3 DISTRIBUIÇÃO

A distribuição espacial das comunidades que participaram do estudo: comunidade do Forte, comunidade do Projeto de Assentamento Mingau e comunidade da Pontezinha, com relação ao centro urbano do Município de São João d'Aliança, pode ser observada na imagem de satélite apresentada na Figura 3 a seguir. Nessa imagem é possível observar, ainda, a extensão das áreas desmatadas para plantio, assim como a Serra Geral do Paranã.

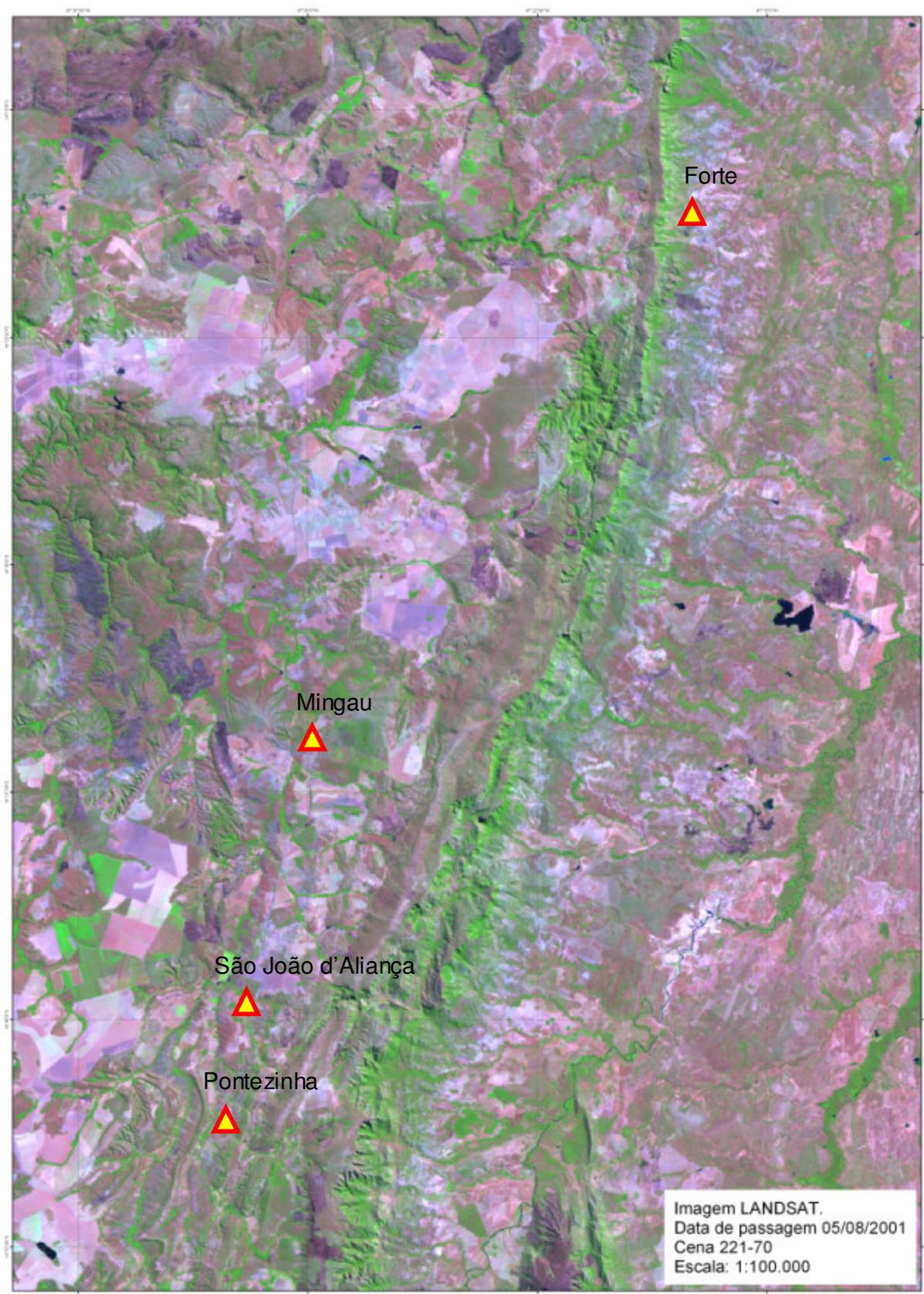


Figura 3 – Localização das comunidades estudadas

Fonte: Imagem Landsat – cena 221-70 – data de passagem 05/08/2001 – Escala 1:100.000

2.4 MEMÓRIA E VIVÊNCIA

A história de ocupação branca no Planalto Central levantada e organizada por Bertran (1988) remonta desde o século XVI, quando Portugueses e Espanhóis buscavam a escravização de indígenas e a apropriação dos seus territórios. Já no século XVIII a ação das bandeiras paulistas volta-se para a procura de ouro e pedras preciosas, atingindo seu apogeu a partir de 1750 até 1770. Deste período em diante, a produção de ouro começa a entrar em decadência. Bertran (2000) cita a passagem, em 1773, do quarto Capitão-General da Capitania de Goiás, D. José de Almeida e Vasconcelos, a partir do relato da segunda viagem que realizou pela região, em São João D'Aliança, então Capetinga, e São Gabriel de Goiás. Segundo Bertran (2000, p. 141),

A última vez que um governador percorrer a Capitania tinha sido em 1760, 13 anos passados. Agora, já em 1773, fazendo-se iminente para todo lado a extinção aurífera, D. José de Almeida foi recebido nos arraiais condenados à decadência com o ânimo gentil que as últimas esperanças lançam pontes por sobre os abismos das derradeiras misérias.

Destacava-se em extração mineral, até então, naquelas proximidades, o povoado de Cavalcante, com uma “rica e problemática” mina de ouro. O ouro era abundante, mas de difícil obtenção, sendo necessário um grande número de escravos para o desenvolvimento da atividade. Além disso, as grandes distâncias que separavam o interior do Goiás dos centros comerciais do país, também colaboravam para dificultar a exploração. Assim, a partir de 1780, “a importância da renda tributária sobre o comércio e agricultura tornou-se maior que as receitas do quinto sobre o ouro” (BERTRAN, 1988, p. 28).

A economia, contudo, manteve-se mais voltada para o comércio do que para a subsistência, e no século XIX, segundo Bertran (1988, p. 31) a estrutura básica do território ainda acontecia vinculada “a antiga zona de mineração”, embora estivesse pautada, sobretudo pela atividade agropecuária. Ao mesmo tempo, diminuía-se as capacidades locais de importações de produtos, o que acabou gerando um re-ordenamento produtivo, aumentando-se o número de “fazendas de pecuária, engenhos de cana, pequenas propriedades agrícolas dedicadas à produção de mantimentos nos limites próximos dos mercados urbanos”. Os escravos passaram a ser utilizados nos trabalhos agrícolas e pecuários, e o quadro de mudanças pode ser assim resumido:

De fato, no conserto da conversão de uma economia aurífera em agropecuária mudam todas as linhas estruturais pelas quais se comportam os agentes econômicos. Doravante existirão em Goiás apenas dois setores produtivos: o de exportação,

estribado no gado; e o de atividades agrícolas, calcado nas trocas intra-regionais e na economia de subsistência, ambos articulados pelo mercantilismo onipresente. (BERTRAN, 1988, p. 42).

O gado era exportado principalmente para Bahia e Minas Gerais, sendo que a região de Flores, na Serra Geral do Paranã, até Arraias compreendia cerca de 230 fazendas destinadas a esta atividade. Bertran (1988) aponta para a previsível estagnação da produção pecuária, em função das características ambientais da região, com um período de seca marcante, determinando a diminuição de oferta dos pastos naturais para o gado. Dessa forma, no final do século XIX a expansão da pecuária se desloca para regiões mais úmidas, no sul e norte de Goiás. Já o setor agrícola mantinha-se concentrado no comércio regional, devido às distâncias comprometendo o “preço/custo” do transporte e do produto final. Bertran (1988) destaca ainda o setor artesanal da região: 1.500 unidades de locais de fiações e tecelagens, e 249 engenhos de açúcar, em 1828. Já em 1880 a produção agrícola de Goiás estava voltada para, além dos mantimentos e da cana-de-açúcar, o cultivo de algodão, café e fumo.

Segundo Bertran (1988), no fim do século XIX, com o fim da escravidão, o governo de Goiás, em dificuldades financeiras, mantinha suas estruturas de poder baseadas no coronelismo dos grandes fazendeiros e nos tecnoburocratas das cidades com característica mais mercantil e financeira do que agropecuária. Além disso, muitos imigrantes estavam formando novas cidades. Quanto à ocupação demográfica, Bertran cita a chegada da Ferrovia de Goiás como a propulsora do aumento populacional do Sul da região, proporcionando a criação de novos povoados. Já nas zonas centrais e norte, a densidade era bem menor, embora um aumento no preço dos minérios tivesse atraído lavristas, originários do Nordeste, para alguns povoados, donde o autor inclui Capetinga ou Olhos D’Água, futura São João d’Aliança.

Em 1930, inicia-se um novo período de estímulo à ocupação do Goiás, conhecido como “Marcha para o Oeste”, com fins de solucionar principalmente a crise de desemprego advinda do setor cafeeiro. Seguem-se, a partir daí, diversos programas de ocupação, caracterizando a região como uma “fronteira de expansão aberta”, principalmente nas décadas de 40, 50 e 60.

Com a construção de Brasília e da BR-153 (Belém-Brasília), em 1960, tem-se uma nova onda de “Marcha para o Oeste”, que acaba repercutindo negativamente na economia agropecuária do nordeste goiano. Segundo Bertran (1988), a tradicional ideologia agrária de exportação da região, prevalecendo até os anos 70, começa a partir de então a desestruturar suas bases econômicas, situação que se agrava:

[...] com os excessos de importações de outros Estados, alimentadas pelo modelo nacional de consumo de massas, induzindo grandes aumentos de renda no terciário e no setor urbano da economia, mas fazendo crescer a altos níveis a descapitalização da economia interna (BERTRAN, 1988, p. 128).

A partir de 1975, surge então o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – Polocentro, que incluía em seu planejamento a região do Vale do Paraná. Este programa, mais uma vez, destinava-se ao estímulo à produção agrária, que contava com os subsídios do Banco Central para a aplicação de calcário, recursos para pesquisas agropecuárias no Cerrado, “investimentos em tecnologia agrária e insumos modernos e para despesas de custeio das propriedades privadas rurais” (BERTRAN, 1988, p. 132). No entanto, mesmo com todo este estímulo à ocupação, em um balanço da estrutura produtiva e social, até os anos oitenta, conforme Bertran (1988), a economia goiana apresentava-se fraca, com uma competitividade baixa, produzindo matéria-prima e importando produtos industrializados. Sobre o nordeste goiano, Bertran (1988, p. 125) afirma:

Contraditoriamente, são nas regiões mais antigamente ocupadas do Estado (nordeste goiano, parte do planalto brasiliense e outros municípios esparsos, com origens nos séculos XVIII e XIX), onde mais se manifestam sistemas produtivos pré-mercado e maior rigidez de estrutura produtiva, devido à própria cristalização histórica e ao imobilismo centenar da estrutura fundiária. Suas funções de produção, seus padrões de urbanização e consumo, tradições econômicas e respostas a investimento social e privado são substancialmente diferentes dos padrões normais brasileiros e tornam-se mais arcaicas na medida em que se distanciam geograficamente do núcleo dinâmico da economia.

O Município de São João d’Aliança, inserido nestes movimentos de ocupação e expansão do Planalto Central, desenvolveu-se a partir de uma economia pastoril resultante do fluxo e do pouso ao longo das “estradas abertas pelas boiadas” (MARTINS, 2006, p. 13).

Quando do início do Projeto Mulheres das Águas no Município de São João d’Aliança, o quadro era de produção de grãos, principalmente milho, arroz e feijão, baseados em uma atividade agrícola de grande impacto ambiental e em que o trabalhador encontrava-se na dependência do mercado, e de seus vínculos como parceleiros ou meeiros. Nesta situação, os pequenos produtores rurais não tinham acesso a outras opções de fonte de renda mais compatíveis com a conservação do Cerrado (MARTINS, 2006). Além disso, essas atividades geravam uma experiência de trabalho de caráter mais individual e menos participativo, desencadeando receios quanto a outras opções de atividades. “No momento em que se encontram com a possibilidade de autonomamente fazer escolhas no sentido de sua produção e do seu trabalho, sentem-se despreparados e inseguros quanto aos riscos do empreendimento”. (MARTINS, 2006, p. 2). Sobre a viabilidade de atividades elaboradas em

forma de associações, Martins (2006) destaca: “A opção pelo associativismo é pouco expressiva, principalmente pelo grande desconhecimento de suas bases e resultados e pelo receio das dificuldades inerentes a processos mais democráticos”. (MARTINS, 2006, p. 2).

Dentre cerca de mil quatrocentos e cinquenta trabalhadores rurais de São João d’Aliança, somente seiscentos e cinquenta estão associados ao Sindicato de Trabalhadores Rurais. Além disso, quase metade já está aposentado, o que gera uma pequena parcela de contribuição regular para o Sindicato (MARTINS, 2006).

Sobre os Projetos de Assentamento Rural no Município, Martins (2006) aponta: “Podemos verificar que esses se compunham de trabalhadores com experiência de trabalho de campo, mas desprovidos das condições técnicas e de formação ético-política para assumir os encargos inerentes à gestão de um empreendimento rural” (MARTINS, 2006, p. 2). Some-se a isso o fato de que,

A constatação da realidade local e das condições de vida dos trabalhadores rurais, sindicalizados ou não, bem assim a vivência de muitos projetos de assentamentos de Reforma Agrária têm indicado que o incentivo ao associativismo para a produção familiar baseado apenas no crédito não tem garantido a sustentabilidade dos empreendimentos agrícolas dos envolvidos. (MARTINS, 2006, P. 2)

Segundo Martins (2006,) na história de São João consta o incentivo à ocupação agrícola por aproximadamente trinta empresários da região sul, nos anos oitenta, por meio da cessão de terras. Desta feita, alguns impactos foram observados, incluindo degradação ambiental e intoxicação de alguns trabalhadores por uso indevido de agrotóxicos.

No último Projeto Mulheres das Águas enviado pela CAMARÁ ao PPP-ECOS (2005), constam alguns dados sobre o diagnóstico de dezesseis comunidades do Município, realizado com o apoio de alguns departamentos da Universidade de Brasília. Foram destacados os problemas relacionados à água, que inclui a destruição da Mata Ciliar em oito comunidades, a dificuldade de captação e a ausência de condições de armazenamento de água, em dez e onze comunidades, respectivamente. Quanto à vegetação, observou-se a mudança brusca, com a total modificação do Cerrado nas dezesseis comunidades pesquisadas, sendo que a maioria utilizava a extração de madeira, proveniente de espécies como sucupira, angico, jatobá, ipê, dentre outras. Sobre o solo foi detectado um grau elevado de erosão em dez comunidades, incluindo a presença de voçorocas, assoreamento e uso regular de defensivos agrícolas.

No que tange às produções agropecuárias, o Projeto ressaltou a quase ausente assistência técnica nas comunidades, com um baixo controle sanitário sobre a criação, estando restrito à época das campanhas de vacinação. Em relação à produção agrícola foram identificados os seguintes produtos: arroz, feijão, milho, mandioca, soja, cana, café, frutas, hortaliças e batata. Porém, de acordo com o diagnóstico, em dez comunidades a produção não conseguia manter a subsistência das famílias, e somente sete comunidades vendem seu excedente ou produtos manufaturados, como rapadura e farinha. O plantio comunitário foi identificado em apenas seis comunidades, e em quase todas a grande incidência de pragas e doenças (CAMARÁ, 2005).

Sobre a fonte de renda, o diagnóstico apontou para a venda da força de trabalho para os fazendeiros locais, e pela venda de excedentes de produção agropecuária, quando havia essa possibilidade. (CAMARÁ, 2005).

Inhambu da Agência de Desenvolvimento Capetinga – AD Capetinga, destacou durante as entrevistas um histórico de conflitos de terras, em que muitos agricultores familiares fugiram e abandonaram suas terras que eram queimadas por grandes fazendeiros. No texto de Faria (2003), elaborado durante o trabalho de inventário cultural da Escola Bioma Cerrado, há um trecho sobre essa situação na comunidade Pedra de Amolar:

Os grandes proprietários
De terra da região
Movidos pela avareza
Logo entraram em ação
Para subtraírem as terras
Dos seus autênticos herdeiros
Queimavam as suas casas
E matavam os fazendeiros
(FARIA, 2003, P. 18)

Faria também chama a atenção sobre os impactos da monocultura na região:

Antes da monocultura
Com seu império arruinante
As roças eram de toco
O equilíbrio constante
Cansativo era o cultivo
O fruto era abundante
Não se perdiam em depósitos
De um mercado oscilante
(FARIA, 2003, P. 33)

É nesse contexto socioeconômico e cultural que o grupo do Projeto Mulheres das Águas propõe a desenvolver, junto às comunidades, atividades mais coerentes com a conservação do

Cerrado, como o ecoturismo, e ao mesmo tempo promover sua autonomia e sustentabilidade, num esforço contínuo de construção pautada pela participação.

Feita a caracterização do contexto histórico e econômico, vejamos agora como os grupos, (comunidades e grupo do Projeto) se representam, que imagens e idéias elaboram e destacam sobre seu ambiente natural e social, sobre seus próprios grupos de atuação. A essas representações optamos por chamá-las de auto-representações, devido a sua relevância em termos de referências essenciais no entendimento das demais representações dos sujeitos.

2.5 INVESTIGA-AÇÃO, RAZÃO E EMOÇÃO...

Embora a sociedade esteja conectada e faça parte do meio ambiente desde sempre, o conceito veio ocupar lugar de destaque nas discussões teóricas com o advento das preocupações ambientais. Entre natureza, ecologia e meio ambiente, vários autores abordaram concepções sob os mais diversos aspectos, tanto científico e político, quanto integrado às mais diversas questões humanas, inclusive espiritualista (TOWNSEND; BEGON, HARPER, 2005; LOUREIRO, 2003; UNGER, 1991). Da mesma forma, o conceito de meio ambiente se integrou ao cenário político mundial, sendo incorporado à legislação, a moda, a mídia, enfim tudo que afeta e interessa a sociedade.

Porém, segundo Reigota (1995), não há, nem mesmo na comunidade científica, consenso quanto ao conceito de meio ambiente. “Por seu caráter difuso e variado considera-se então, a noção de meio ambiente uma representação social” (REIGOTA, 1995, p. 14). Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa pareceu inoportuno, engendrar para uma discussão conceitual, em torno das representações vinculadas ao termo, ainda em desenvolvimento entre teóricos, educadores e a própria sociedade. Assim, a investigação está voltada para uma construção mais prática, direcionada às vivências, necessidades e encantamentos. Dessa proposição, poder-se-ia então identificar representações pela objetividade-subjetividade da vida vivida, quando possível. O que se pretende é contextualizar o meio ambiente socialmente representado pelos sujeitos e não identificar conceitos, levemente, evitando-se a crítica pela crítica.

De outro modo, o Cerrado, foi focalizado de maneira mais estrita, já que é a “natureza” do ambiente natural, mais próximo, objetivo real do Projeto Mulheres das Águas, apresentando-se como uma palavra corriqueira, tanto para o grupo diretamente envolvido, quanto para as comunidades. O que é o Cerrado, para que serve, qual a sua importância, de

que forma é pensado e, a partir de quais histórias, irão compor a representação social do ambiente natural. Pensar o Cerrado de outra forma, pareceria abstrato e inócuo, para valorizar ou elaborar outras possibilidades de relações com os recursos naturais como pode pretender o Projeto.

O mesmo decorre das representações envolvendo o ambiente social, a comunidade, o grupo a que os sujeitos estão vinculados, para que as representações se tornassem um espaço de expressão do meio social, e novamente, não estivéssemos enveredando para a crítica inconcebível, a crítica do universo pensado e construído da linguagem e do significado, a crítica da própria cultura, e ao final, do próprio ambiente, a investigação procurou revelar as representações do ambiente socialmente pensado, socialmente vivido. Considerando-se ainda que o estudo está direcionado para o diálogo e enquanto diálogo deve promover um constante re-pensar do ambiente como um espaço de construção e um espaço cultural. Assim, a comunidade é considerada a partir dos indivíduos que dela fazem parte, que a representam e são por ela representados; a comunidade fala dela por ela mesma. Decorre ainda o fato de que o diálogo requer uma compreensão da linguagem, e tanto a linguagem como o seu significado, são frutos da coletividade vivida, daí surgem limites e restrições do próprio processo investigativo.

Sobre pensamento, linguagem e diálogo, Theodoro (2005, p. 278) reflete sobre de que maneira o significado (“compreendido como a explicação dos objetos do pensamento”), baseado em critérios subjetivos, faz com que “as regras sintático-semânticas da linguagem convencional” só consigam “ser compreendidas a partir de sua utilização efetiva na sociedade [...]”, ou seja, “os critérios do significado só podem ser encontrados nas circunstâncias particulares nas quais de fato o significado é socialmente empregado”.

Gonçalves (2001, p. 23), adverte:

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura.

Os grupos que participaram da pesquisa se relacionam dentro de um universo diverso culturalmente, as diferentes perspectivas se chocam, se encontram, se modificam, criando um mosaico mutante de representações sociais. Vamos tratar do tema, com um exemplo inicial e claro, sobre o que seriam essas diferenças culturais implicadas na linguagem e nos

significados por meio de uma situação específica, vivenciada por um dos sujeitos envolvidos com o Projeto. Tauató, da AGEMA, fala em como “o pessoal de São João não percebe que o Município faz parte da Chapada dos Veadeiros”, com suas riquezas naturais e culturais:

O Chapéu do Sol, [...] ela que que enche o trem dela. Se vai pedir, eu queria que ela dissesse que está na Chapada dos Veadeiros, Reserva da biosfera. Quando ela divulgasse o nome do estabelecimento dela, ela divulgasse o Chapada dos Veadeiros. Ela que que enche o trem dela lá, se vai pedir para ela divulgar, ela pede para você trazer um...As pessoas não entende nada disso. A gente tem um monte de nome que tá na mídia aí internacional e as pessoas não é capaz de usar, parece que tem medo, num sei dizer. O dono da rádio num consegue dizer que São João d’Aliança é Chapada dos Veadeiros, fala que ta no nordeste goiano! A pessoa ainda associa com a seca que ta no nordeste do Brasil, aproveita esse veículo que já tá na televisão. Diz que é o nordeste goiano, já associa que tá na seca no Brasil, não fala chapada dos veadeiros. Eles acham uma bobagem. O Atos colocou uma fotografia assim, o cara fez um folder quando eu entrei, assim o cara colocou uma tarja preta em cima da Chapada dos Veadeiros. Esse negócio de viado, isso num dá certo não. Pera aí, você num sabe que isso num tem nada a ver com o cara rodando bolsinha não, tem haver com a cultura de um povo, a fauna e a flora. Por fim ele tirou a tarja.

Gonçalves depõe sobre os aspectos que considera negativo na associação de nomes de animais que a sociedade tem se utilizado para fazer referência a significados sociais:

Sem que nos apercebamos, usamos em nosso dia-a-dia uma série de expressões que trazem em seu bojo a concepção de natureza que predomina em nossa sociedade. Chama-se de burro ao aluno ou a pessoa que não entende o que se fala ou ensina; de cachorro ao mau-caráter; de cavalo ao indivíduo mal-educado; de vaca, piranha e veado àquele ou àquela que não fez a opção sexual que se considera correta, etc... Juntemos os termos: burro, cachorro, cavalo, vaca, piranha e veado são todos nomes de animais, de seres da natureza tomados – em todos os casos – em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados, e bons. [...] (GONÇALVES, 2001, p. 25).

Esses significantes e significados diversos para animais, domésticos ou não, são constituintes das representações sociais de nossa sociedade, da mesma forma, que gato está associado a beleza e, tigre a esperteza. Assim, por meio da linguagem, fazemos uma associação de imagens em relação a nomes de lugares, palavras significantes, os quais estão ancoradas, não exclusivamente aos animais, mas sim a idéia que está relacionada ao nome, ou seja, a imagem consolidada em nossa sociedade, que enquanto significado pode se distanciar cada vez mais da idéia original, principalmente se ela não faz parte do universo de significados de seu pensamento social ou se não está no contexto do discurso onde é utilizada. Explicando melhor, quando alguém é chamado de cachorro, não é necessariamente e imediatamente associado ao animal, mas provavelmente a alguém, ou indivíduos com características comportamentais do significado social que a palavra cachorro tem naquela situação. Moscovici (2005) identifica essas associações como um dos aspectos que consolidam representações. Com o tempo a associação original deixa de estar presente e

dentro de determinado contexto, a palavra pode ser associada tanto a um, quanto a outro significado, gerando imagens totalmente diferentes, e ninguém mais se lembra ou sabe exatamente, qual a associação original.

O significado original da palavra veadeiros, segundo dicionário de língua portuguesa, diz respeito a “cachorro adestrado na caça de veados” (DICIONÁRIO ESCOLAR DE LINGUA PORTUGUESA, 1980), não à imagem dos veados correndo livres pela Chapada, à biodiversidade, mas o doméstico cão caçador a serviço dos seres humanos. Contudo, este não é um significado corriqueiro em nosso vocabulário, em nossas atividades. Nós, “ecologistas”, que somos, não saímos por aí caçando veados, quando pensamos em Chapada dos Veadeiros. Nossas imagens estão ancoradas em outras idéias, temos “outras coisas em mente”.

Parece oportuno superar a eterna crítica à construção de uma imagem de inferioridade da natureza a partir da cultura, ainda que ela ocorra também, há muito mais “conteúdo” em nossa linguagem cultural do que se possa classificar, restringindo significados e possibilidades de diálogo que efetivamente possam abrir espaço para novas representações ou novas relações com nomes, lugares e pessoas.

Estamos lidando com representações, representações sociais, idéias vinculadas a imagens, que fazem parte do pensamento social, eis aí duas representações, duas posições, duas visões que em nada têm a ver com a concepção original da palavra. As representações sociais estão estreitamente ligadas às questões culturais identificadas e abordadas no estudo da linguagem, e embora elas se utilizem de imagens e idéias vinculadas a natureza e reflitam sim a forma como nos relacionamos historicamente ao ambiente natural, elas compõem também processos de construções do pensamento social, elaborado em contextos socioeconômicos e memoriais diversos, que infelizmente, há que se admitir, perpetuam por vezes, outros aspectos negativos, como os preconceitos instituídos na sociedade, vinculados a padrões também culturais.

Vamos utilizar os conflitos e as contradições que surgem dessas “criações culturais”, abordando as representações e o próprio pensamento como ambiente sociocultural, conforme propõe Moscovici (2005). Assim é que as representações sociais, apresentadas aqui, conforme o “grupo” em que os sujeitos se encontram, devem ser entendidas a partir de seu contexto, de sua experiência social, e da existência das representações anteriores que a formaram. As conexões, as ancoragens dessas representações ficam restritas e condicionadas à metodologia

e à disponibilidade dos sujeitos, mas ainda assim, parecem úteis para identificarmos como os envolvidos têm elaborado as mesmas, em torno do ambiente natural e social, e que imagens lhes são relevantes. Mesmo que as representações sejam apresentadas com uma separação estanque, com o claro objetivo de facilitar a gradual construção e entendimento dos aspectos envolvidos em sua origem e em paralelo com a atual situação (papel) social dos sujeitos e seus objetivos, os vínculos e a dinâmica das representações poderão ser percebidas, ao longo do desenvolvimento da dissertação, como numa dança de pensamentos, encontros e desencontros entre pessoas, idéias e sentimentos.

A perspectiva do autor está distribuída pelo texto, na descrição dos ambientes e das situações que vivenciou. É mais uma dentre as várias representações que são expostas e passíveis discussão, de diálogo, de reflexão.

2.5.1 “O Forte aqui, num tem muito o que fala dele, fala o que né” (Anhuma)

Para chegar ao Forte, a comunidade do Forte, optamos pela descida da Serra (Foto 1). O grupo era grande e cada um ficaria responsável de carregar o que considerava “extremamente” necessário. Afinal tínhamos uma bela e difícil caminhada pela frente. E, além disso, estávamos indo para uma comunidade “simples”, muito “simples”. Assim, fomos informados. A sessenta quilômetros de São João, um pequeno trecho de terra e chegamos ao quintal da Tiriba. Parada segura para os carros, e a última abastecida para as garrafas de água. Uns passos de perna, às vértebras procurando o alívio para o desconforto do peso do “necessário” e aquela “tensão” pujante do contato inicial. Pausa, o mirante e a vista exuberante, que o poeta, melhor definiu:

Vale...
 Vale que te quero meu.
 Vale do sonho e do encanto
 vale do amor tenro e de pranto
 vale do negro fugido
 vale de gado e mungido
 vale que vale uma vida
 vida... que tuales?
 vales, uma unica vez,
 do mirante mirar...
 belo Vale! (FARIA, 2006)

Ipecuá, amiga e pesquisadora da comunidade do Forte, estava levando uns amigos: uma família (pai, mãe, menino e menina) e um casal. Eu estava com minha amiga “de campo”, Tauató e a família, e mais uma pesquisadora da UnB. Eis aí, o grupo da descida.



Foto 1 – Vista durante a descida da Serra Geral do Paranã, rumo à comunidade do Forte.
Foto de Andrea Bernardes

São cerca de seissentos metros de diferença de altitude entre o mirante e o pé da Serra, láaa... em baixo. Após uma hora e meia, os joelhos começam a “bater os queixos”, as canelas, os músculos e os ossos não obedecem ao inusitado percurso e denunciam a falta de preparo físico geral. São várias paradas, água, comida, conversas,... As crianças vão à frente, impondo o ritmo e, depois de um total de três horas e meia, sentamos exaustos, na sombra derradeira. Mas, nem o cansaço e nem o consolo da chegada, impedem um grito solitário: “Ipecuá, eu sou muito seu amigo, mas não desço essa Serra de novo, de jeito nenhum!”.

Continuamos, por mais um pequeno trecho e chegamos. A cabeça esfria mesmo é com a ducha da bica. Logo em seguida, o acampamento é o quintal da Araçari e do Araponga. Araponga, pergunta: “Onde é que é pra limpar o quintal?”. O quintal completa aquela imagem de “paraíso”: muitas árvores, grandes, sombra fresca e um córrego, duas pontezinhas, uma quedinha de água, aquele “barulhinho bom”. Depois dessa beleza inicial, a coluna aprumada novamente, o corpo e a mente já procuram o habitual: “Onde é o banheiro?” Alguém pergunta. Temos três opções: o mato, o meio banheiro que o Araponga preparou para nos receber (um quartinho, com um vaso, sem porta e sem qualquer possibilidade de descarga, porque a mesma não existia) ou o banheiro público. Após dois dias, esse se transformou

ironicamente, num dos maiores dilemas para alguns, um limite e um desafio, até mesmo uma condição para um novo passeio.

Acauã, Inhambu e seus dois filhos se unem ao grupo. Tudo montado, vamos à comunidade! A casa da frente chama a atenção do Tauató, e ele gostaria de reformá-la. Depois de um longo bate-papo ele pergunta: “Eu queria saber, por que as pessoas não querem mexer com isso, com o ecoturismo, por que a gente continua insistindo e parece que não adianta?” Eu também quero entender o que acontece, respondo. Algumas casas ainda conservam a estrutura, a arquitetura original. São casas de adobe, com telhas feitas nas coxas, portas e janelas de madeira. Outras estão se modificando aos poucos, começam pelas portas e janelas de ferro, ou pelas telhas de amianto (Foto 2). Já as casas mais recentes são todas de alvenaria, inclusive a igreja, reconstruída três vezes.



Foto 2 – Casa típica da comunidade do Forte, porém com portas e janelas modificadas.
Foto de Andrea Bernardes

A noite requer nova adaptação, as folhas de bananeira secas, que pretendíamos transformar num confortável colchão, não adiantaram muito. Aqueles pêndulos nada tinham de macio e incomodaram um corpo de memória urbana. De manhã, o grupo ainda está se entrosando, o cheiro de café me acorda. Caras amassadas, cabelos em pé e a conversa animada. Era festa, fomos para conhecer a Festa da Caçada Rainha. Fui também para me

aproximar da comunidade, para colaborar com o subprojeto de valorização cultural do Forte. Conheci alguns de seus moradores: Seu Cancã, Seu Japuaçu, Seu Jacupemba,...

Somente eu, Ipecuá e Inhambu falamos sob a história, a escravidão, a identificação do Forte como uma comunidade remanescente de quilombo (DOS ANJOS, 2005). Ipecuá fala de Dona Raimunda, ela foi à única que tocou no assunto, sob o muro de pedra, ela afirma: “Ninguém faria isso, se num fosse debaixo de chicote!” Parece lógico, mas ainda fazemos muros de pedras, talvez sob outros chicotes.

No dia da Festa, sábado, abrimos a exposição, os mais velhos foram trazidos pelas mãos. Mas, fiquei me perguntando se a exposição não competiria com a própria Festa. Pode até ser, mas o fato é que os “visitantes” gostaram da exposição dos “estranhos”, sob seu próprio lugar, sua gente. A amostra era de fotos das pessoas e das riquezas naturais, as crianças desenharam sob o que viram e depois, suas pinturas foram expostas junto com as fotos.

A vila cresceu de repente, gente, muita gente, barracas com roupas, pequenos objetos da China, o mercado da rua na comunidade do Forte. E carros, muitos carros, de todos os tipos. A imagem poderia até ser simples, mas era diversificada e, à noite as pessoas estavam prontas para a festa: as roupas, os cabelos, maquiagem tudo que uma festa pede. No grupo acampado, Irerê, amigo da Ipecuá, mostra o acessório, considerado por todos, no mínimo desnecessário: um pote de um kilo de gel, gel fixador forte para os cabelos, daria para fixar os cabelos de toda a comunidade. Ipecuá que havia recomendado o estritamente necessário, aparece de vestido, suave maquiagem, nada daquela simplicidade de quem vai a uma festa com desdém. Assim, acabei adquirindo também um traje mais adequado, ali, na feirinha, da rua.

Mas esta terceira noite também guardava uma tensão. Ipecuá, Inhambu, Acauã e Arapaçu haviam feito uma reunião e combinaram com Arapaçu, então secretário de turismo, que haveria um espaço, no caminhão de som, para a apresentação de Urututu e seus amigos, pessoas do Forte, para que pudessem tocar a música local, com sanfona, pandeiro e triângulo. Valorizar a música local também estava incluído no subprojeto, mas depois de muito esperar, muitos cantores “mais modernos”, utilizando teclado e guitarra, embora a música também fosse sertaneja, tudo o que conseguiram foi que o Urututu e seus amigos tocassem três músicas e um encerramento com um muito obrigado. A situação gerou um problema. A idéia inicial era o Urututu no caminhão das nove da noite em diante, eles estavam preparados para

isso. Depois do obrigado, desceram do caminhão e a festa continuou, mas não para o grupo do subprojeto. Então, optaram por chamar novamente os músicos do Urututu, só que desta vez, para tocar na barraca da escola, mais afastada. Lá, uma festa paralela se prolongou e atraiu pessoas até as duas da manhã, apesar do som “eletrônico” do caminhão.

Foi a preocupação com a expectativa do Urututu que fez, principalmente, Inhambu e Ipecuá se movimentarem e criarem uma festa paralela, para que a música e os músicos locais tivessem espaço, e se sentissem valorizados. O que pensa a comunidade sobre suas músicas? Quem é a comunidade do Forte? Como este grupo se insere nesta proposta de valorização cultural do grupo do Projeto Mulheres das Águas?

Na história desta comunidade consta uma mudança significativa. A Vila do Forte foi criada em 1862, pela Lei Provincial nº 343 e após várias transferências de nomeação entre o que seria Vila do Forte e Vila de Flores. Em 1930, o intendente da Vila do Forte, Major Décio de Souza Barreto, decreta a transferência da sede para a Vila de São João da Capetinga, futura São João d’Aliança (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS *apud* BARBOSA; GRANDO, 2006). Alguns moradores se referem aos impactos dessa transferência, como um momento marcante para a comunidade. No filme *Um Lugar Chamado Forte* (2006), Sr. Japuaçu lembra: “[...] aqui já teve cartório, já teve juiz, já teve correio, já teve tudo. Agora, depois que a sede foi pra São João, num teve mais nada. O Forte acabou”.

O censo de 2000 registrou cinquenta e sete homens e quarenta e uma mulheres, um total de noventa e oito pessoas. Já a população rural contava com oitocentos e vinte e nove pessoas. Bem próximo à comunidade do Forte encontra-se o Projeto de Assentamento Rural Brejo da Onça, e neste, inclusive, estão alguns antigos moradores do Distrito. Existem ainda nas proximidades, os Assentamentos Nova Visão e Santa Maria.

A maior parte da população é de pessoas mais velhas e crianças. Os jovens têm se deslocado para cidades como Goiânia, Anápolis e Brasília, em busca de oportunidade de emprego, principalmente as mulheres, porque os homens ainda encontram trabalho em fazendas próximas. Além disso, muitos saem depois da quarta série para estudar fora, apesar de a escola oferecer até à oitava série. A escola não tem condições de manter turmas específicas. Assim, a partir da quarta série crianças e adultos estudam juntos, o que alguns identificam como uma das dificuldades para a continuidade dos estudos:

Lá tem moça de dezoito, vinte, rapaz então e os adulto, tudo junto. Eu acho que isso atrapalha. (ANHUMA)
 Precisaria mesmo é a escola, melhorava. Se fosse mais melhor, até melhorava.
 Quando chega na quarta o pessoal vai embora. (DONA JACUTINGA)

Muitos são aposentados, e vão a São João d'Aliança em um caminhão da prefeitura, uma vez por mês, para receber a aposentadoria. Alguns utilizam pequenas terras onde plantam e criam alguns animais somente para consumo próprio, e outros trabalham em fazendas próximas. Há um sentimento de estagnação da Vila. Para a maior parte dos entrevistados, de “um lugar parado”, “que não desenvolve”:

O forte é muito bom para quem tá no fim da vida, igual eu. Mas pra gente novo, num tem como crescer. Chega aqui, o clima bom do Forte, é realmente é um paraíso, mas pra viver num tem jeito. [...] Se a pessoa fica aqui e num estuda, num adianta. As oportunidades que minha filha tem em Brasília, aqui ela num vai ter. (SR. JAPUAÇU)

O lugar num cresce, num desenvolve. O pessoal mais velho parece que num quer. Vem alguém fala que vai montar um mercado aqui, o pessoal mesmo fala que aqui é muito ruim para investir em alguma coisa. Eu tenho muito amigo, eles que trazem de fora, eu mando dinheiro, as coisa que eu preciso, e nisso a gente vai vivendo. Se chega gente e num tive carne, eu mato as galinha, chega a hora de comer, tem que comer, eu penso assim, se não depois pode até morrer doente. (ANHUMA)

Apesar disso, percebem uma melhoria nas condições da comunidade com a chegada da luz e da água há cerca de três anos. A água é comparada com outras regiões bem próximas, onde é considerada salobra, e responsável por casos de diarreia em crianças. Assim, a água local é destacada como uma qualidade do local, e é associada à boa saúde da comunidade. Dona Jacutinga, agente de saúde do Forte, ressalta a importância da água: “A água aqui é boa, é mineral minha filha, tem um cloro com poder de Deus, e ninguém colocou cloro lá. A nascente fica dentro de uma pedra, nasce de dentro de uma pedra”. Senhor Japuaçu destaca também a água do córrego do Pipiri, comparando-o com outros córregos próximos, “daqui no macaco cê passa oito córregos, e tudo seca...Aqui é o único lugar que não seca os córrego”. O córrego do Pipiri passa no quintal de várias casas, onde é muito comum encontrar árvores de fruta pão, bananeiras e pequenas hortas.

O ambiente natural foi descrito a partir de sua utilização, de sua necessidade e as duas mulheres entrevistadas, justificaram espontaneamente a descrição de sua relação com o Cerrado, devido à sua condição feminina e de trabalho. Dona Jacutinga, como agente de saúde, tem um vasto conhecimento de plantas medicinais, que aprimorou em um curso para agentes de saúde, realizado em São João d'Aliança. Dona Jacutinga fez uma extensa descrição de remédios, plantas e histórias de tratamentos. A comunidade não tem acesso fácil a

medicamentos alopáticos, e o posto de saúde tem poucos recursos, além de estar freqüentemente fechado. Assim, Dona Jacutinga é bastante procurada: “Tem fruta pão, a gente come a fruta e faz o remédio da polpa. O pessoal procura muito, uns vem vindo e aprende, outros vem tão mal que só pega o remédio. [...] Eu toda vida fui tratada com esses remédios. [...] É como se diz num paga nada, e ainda cura”. Ela fala também da alimentação, do valor que dá para os alimentos da região e do preparo de suas refeições no fogão a lenha.

Anhuma, dona do restaurante Cantinho do Céu, onde também há lugar para seis pessoas dormirem, fala do Cerrado, no seu trabalho, no preparo das refeições que serve. Mas, logo no início da entrevista, explica que como mulher, se dedicava mais aos serviços domésticos e por isso não tinha muito contato com o Cerrado: “A gente fazia o serviço de casa né, como sempre”. Ela oferece chás naturais para as pessoas que se hospedam em sua residência, quando “tão passando mal”. Sobre os alimentos do cerrado, cita:

Têm o pequi, a guariroba, o caju, que é do cerrado, meu marido traz do mato, faço suco, faço doce, é muito bom, aqui tem muita opção. Tem o tingui que é para o sabão, tem a lenha, que é para queima, tem a catulé, que é tipo de guariroba. A fruta-pão eu como desde criança, é gostoso demais, tem a época para dá, num sei se é duas ou três vezes no ano. Cê pode fazer o bolo, o pão, ao molho ou frito. Eu peço pros vizinho, ninguém compra aquilo, quem quise pode pegar, mas é alto. Eu plantei um pé, mas demora uns quatro anos, então quem quisé tem retirar porque se cai no chão quebra tudo.

Sobre sua atividade, ela define: “Eu sô só dona de casa, faço comida”. Tanto Anhuma quanto Dona Jacutinga tem suas atividades estreitamente ligadas ao Cerrado. Urututu, fala do Cerrado, como o mato, a sombra, onde tem água: “Água tem a vontade, água mineral fria e boa”. Ele possuía uma fazenda, onde trabalhava com cana-de-açúcar, e produção de rapadura, atualmente trabalha na terra da mãe, criando gado e mexendo com o plantio de mandioca e banana.

Quanto à comunidade, os entrevistados revelam durante a entrevista um sentimento de abandono, mas ao mesmo tempo, a presença de uma identidade local, ainda que vinculada, principalmente, à imagem das pessoas idosas. Essa identidade os diferencia, dos freqüentadores do Distrito que vêm dos Assentamentos. Anhuma fala da comunidade:

O Forte aqui, num tem muito o que falar dele, falar o que né. Nós aqui somos tudo pessoas carente, que precisa desenvolver. Se todo mundo fosse solidário com todo mundo, mas num é. Aí ficava uma comunidade ficava mais unida. Aqui todo mundo fala muito política, isso é muito ruim. É um individualismo, mas... Eu acho bom aqui, porque aqui é muito sossegado, as pessoas de idade são muito solidária, eu tenho muito respeito por todo mundo.

Muitos são parentes, se conhecem há muitos anos, alguns há pelo menos três gerações envolvidas, e esse também é um dos aspectos importantes para a representação do grupo. O Sr. Anacã fala da comunidade, da saída dos jovens, e lembra das dificuldades anteriores:

Eu to vendo a comunidade ficando pouca, só vai ficando os velho. Pra estudar, e num volta não, por causa do trabalho e do estudo. Se tivesse trabalho o pessoal ficava, mas num tem jeito. É um lugar muito bom, tem uma comunidade pequena, é pouca, mas até unida. É um lugar muito bom, sadio, água boa. Tranqüilidade pra gente morar. De primeiro era ruim que num tinha recurso, agora tem carro, tem estrada, com três horas a gente chega no recurso. Melhorou muito.

Sobre a drástica mudança que ocorre na comunidade durante as festas, saindo da costumeira tranqüilidade e calma para o som em alto volume e a presença de muitos desconhecidos, todos os entrevistados demonstraram uma excessiva tolerância, coerente com a vontade que também revelaram de que “algo novo” aconteça, e com o sentimento de “lugar abandonado”, esquecido que têm sobre a comunidade:

O pessoal que vem aqui é muito bom. É bom traz novidade pra nós, nós fica aqui esquecidinho. Tem som alto, mas passa, num é muitos dias. Tem que pensar no outro, né? Mas eu durmo que é uma beleza. (DONA JACUTINGA)
Quando tem as festas, todo mundo se conhece, quando tem os forró o povo gosta, e volta. Essa galera bagunçando, é só julho e janeiro. tá bom. (ANHUMA)

Para Urututu, o período de festas é também uma oportunidade de poder tocar a sanfona com seu grupo, são, ao todo, quatro músicos. Ele destaca como são os “de fora” que gostam mais da sua sanfona:

A festa de São Sebastião é em janeiro e de Nossa Senhora é em julho. O movimento é muito, mas é só duas vezes no ano, é bom demais, tem forró. Quando me chama, eu sei que gosta da música de eu. Eu acho bom, mas noto mais os de fora. Eu noto mais do de fora, eu acho que eles gosta mais.

A chegada da energia é muito valorizada, ela possibilitou um contato maior com o mundo exterior à comunidade, por meio, principalmente, da televisão. O que mais se destaca, é o lazer proporcionado pela televisão, para assistir futebol e novelas. Com a chegada da televisão as pessoas diminuíram as conversas na frente das casas, principalmente nos horários em que preferem assistir programas específicos. Segundo Urututu, “é preferível cada um ter a sua televisão”, porque nesses horários não devem ser feitas visitas, “achei melhor [com a televisão], quando ia na cidade a gente via novela, agora, num dava para acompanhar. Nós ia ver as mulher bunita. Fazer visita, ou assistir televisão na casa dos outros é ruim, porque não é hora pra fazer sala, é hora pra vê televisão”. Sr. Japuaçu fala da dificuldade que era assistir televisão quando a energia era por motor:

Tá vendo uma geladeira aí ligada, uma televisão aí ligada a hora que eu quiser. Tá tudo apagado, quando eu levanto é só... Isso é uma verdade, só quem viveu no Forte sem energia...que era uma energia a motor, até pra assistir um jogo da seleção, tinha que ser a seleção... e até que ligava o motor já tinha meia hora que tava jogando... aquela esmola...aquela esmola...[...] Então o Forte tá bão!

Os entrevistados identificaram a melhoria das condições da estrada, principalmente das pontes, como a maior prioridade para a comunidade do Forte. A maioria relembrou a época em que necessitavam subir a Serra para obter assistência médica em São João d’Aliança, ou mesmo na estrada para Flores, em precárias condições, demandando atravessar córregos com pessoas doentes:

O povo foi atrás de nós 4 h da manhã... ô rapaz tem que levar [?], porque [?] tá morrendo lá, tá gritando, o Tião preto... nós chegemos juntos um bocado de homem... ai, ai, ai, na rede... depois que nós subiu a serra, treze quilômetros, veio o que era prefeito com o carro. O cara gritava sem parar, a úlcera tinha supurado nele... depois viveu mais vinte anos, morreu de velho... mais depois disso nós levou mais de oito pessoas, dez pessoas . Cê não pode parar com o doente meu amigo, é caminhando, sem descansar. Cê já subiu uma serra? Hoje não... cê sai daqui agora seis hora, vamos lá em Formosa? duas da tarde cê tá aqui. Tá bom demais pra mim. Essa é a verdade! (Sr. Japuaçu).

São duas estradas de terra, para Flores e Formosa, elas são o único acesso da comunidade a recursos de saúde e a alguns produtos básicos, como gás de cozinha. A precariedade da estrada compromete também a possibilidade de saída da maioria, que não possui veículo próprio e depende de um ônibus para se locomover. Segundo Dona Jacutinga, como as pontes estão constantemente quebradas, o ônibus tende a não vir mais ao Forte. Para Anhuma, a estrada representa uma possibilidade e, também, uma ameaça ao bom desempenho de sua atividade, já que “sem estrada num vem ninguém”.

Guaracavuçu, que já esteve no Forte como turista, no grupo de ciclistas Rebas do Cerrado, fala da estrada como o aspecto mais importante que gostaria de ver melhorado para que voltasse à comunidade:

A nossa dificuldade maior foi o carro de apoio que tava com a gente, e antes de Forte tinha caído uma ponte e o carro não teve como passar. Aí eles tiveram que pegar uma outra estrada, e foi uma aventura para poder chegar ao Forte. Então, mais a questão do acesso. Eles chegaram muito tarde, quase num chegaram e a gente ficou sem apoio, porque como ciclista não dá pra carregar mochila.

Outros destaques foram à educação e à saúde, todos falaram da importância de melhorar a escola, até para que os jovens possam ficar mais tempo na comunidade. A educação, a escola, representam uma oportunidade de “melhorar de vida”. Franco (2004), chama a atenção para as representações das escolas públicas, que mesmo sendo consideradas de menor qualidade se comparadas às escolas particulares, não deixam de ser, na maioria das vezes, a

única oportunidade de jovens, das camadas menos favorecidas da população, adquirirem mais chances de ingressarem no mercado de trabalho ou de conseguir empregos “mais qualificados”. Paralelamente, a escola pública também está associada, frequentemente, a uma representação de descaso público, como “deixando muito a desejar”, revelando a concreta situação das dificuldades e falta de condições por que passam as unidades de ensino da rede pública, mas ao mesmo tempo, significando a consolidação de uma inércia e uma falta de motivação, por parte dos envolvidos, em prol do ambiente escolar e da própria educação.

Para Anhumá, mais que isso, a educação é uma possibilidade de entrar em contato com outras pessoas, estar mais preparado para se relacionar com outras pessoas, pessoas que “vem de fora”, turistas:

Quando a gente se acomoda numa coisa, a gente num vai muito longe não, a pessoa tem que estudá, se num estudá num é ninguém. [...]O pessoal novo vai estudar fora, porque vai chegando uma idade tem que estudar fora se não num cresce. O pessoal fala que a escola é um pouco atrasada, senão num desenvolve. Falta um, o outro num pode cobrir, aí vira bagunça, interfere no desenvolvimento dos alunos. Eu num tenho nada a ver com isso, porque meu filho num tá estudando, eu tenho que esperá pra ver. Tem que vir mais professores, para incentivar a ter disciplina, para eles vê o mundo diferente. Tem que conversar com as pessoas, num fala oi, bom dia, boa tarde, parece bicho do mato, tem gente que num sabe conversar. Se falar que a gente precisa ajuda, ninguém vai ajudar, ninguém tem obrigação, mas com isso aí já ajudaria muito né.

Anhumá saiu do Forte aos quatorze anos e foi para Brasília, onde trabalhou como empregada doméstica. Já faz dez anos que ela se casou e retornou para o Distrito do Forte, ela se considera diferente das pessoas da comunidade. “A gente vai desenvolvendo, a mente vai ficando diferente, a gente vai querendo ganhar mais dinheiro” (Anhumá). A essa experiência em Brasília ela atribui sua opção em trabalhar com comércio, em entrar em contato com outras pessoas, o que a diferencia, em sua visão, da comunidade.

Sr. Japuaçu acredita que sair do Forte é essencial para que os jovens possam “crescer” e estar mais de acordo com o seu tempo:

Há 40 anos atrás os filhos de meu vô Japuaçu, os irmão de meu pai, ficaram tudo aqui em Flores... no Paranã, na fazenda... ficaram tudo bobo... se fosse pra Brasília não... Ce tá me entendendo né? Um salário é bom, se eu ganhar um salário tá bão demais para mim... pra mim! Mas pra minha filha não, ela é nova, ela vai querer comprar um carro, uma televisão diferente, um computador... ela tem que correr pra ganhar mais. Essa é a verdade! Porque minha vida era aquela época mesmo... eu trabalhava na fazenda aqui eu gastava duas horas a cavalo... agora eu pego um carro aqui e eu vou lá em quinze minutos. Será que eu quero andar duas horas a cavalo lá? Eu vou lá na sua casa jantar... antes de você lavar o arroz eu já tô lá. A cavalo não. Não adianta incentivar. Aqui é bão, mas a vida deles...

A saúde também foi apontada pelos entrevistados como uma das prioridades para a comunidade do Forte. Atualmente há um espaço para o posto de saúde, mas não está em condições de funcionar. Uma vez por mês recebem a visita de um médico de São João d'Aliança. Dona Jacutinga também se referiu ao telefone público: “Só tem esse telefone, ele estraga, mas a gente avisa e eles vem arrumar. Quando toca aí lá eles chamam. Quase todo mundo é parente. Aqui é um parente do outro”.

A comunidade produz basicamente alimentos para a sua subsistência, alguns excedentes são vendidos ou trocados entre eles mesmos, como o milho, a mandioca, banana, ovos, galinhas caipiras. Nos quintais visitados são comuns hortas, e frutas como fruta-pão e laranja da terra. Existem dois mercados, em um dos quais funciona também um bar e em ambos podem ser encontrados basicamente os mesmos produtos, entre eles: óleo, biscoitos, macarrão, doces, sabonete, dentifrícios, etc.

A representação mais forte que fica do grupo é a de retração e do sentimento de perdas da comunidade, principalmente em relação às instituições e aos jovens, que saem para estudar e trabalhar. Paralelamente experimentam a convivência com outras pessoas, com outras referências, como os moradores dos Assentamentos vizinhos, que freqüentam o local nos finais de semana e que também impõem outros valores, outras formas de viver e se relacionar. Os entrevistados não vêem muita perspectiva para a comunidade, assim como creditam grande valor ao movimento de pessoas diferentes durante o período das Festas religiosas, pequenos momentos, onde “tudo” pode ser tolerado. Parecem não se sentir em condições de revelar qualquer desconforto durante esses períodos. As características das Festas estão se modificando ao longo dos anos, fato comentado por todos os entrevistados. Dessa forma, as representações sociais da comunidade revelam um estágio de desvalorização do grupo, que se percebe “isolado” pela dificuldade de acesso, “esquecido” pelo universo social, “desaparecendo” com a saída dos jovens.

Quanto ao ambiente natural, como não poderia deixar de ser, revela-se como mais um, dentre os diversos componentes da intrigada rede que se forma com a história socioeconômica do grupo. Atividades como o feitiço de telhas e vasos de barro, a produção de rapadura, já não são realizadas, e parece não haver muito interesse em resgatá-las. Com algumas exceções, as casas vão ganhando outros materiais, modificando a paisagem construída. Os trabalhos com a terra estão restritos aos quintais ou em pequenas chácaras, onde o que é produzido está voltado basicamente para a subsistência. Contudo, as representações do ambiente natural

estão ancoradas ao passado, a história de vida e às próprias necessidades atuais, como alimentos úteis ao restaurante da Anhuma, ou plantas com poder medicinal para os que procuram auxílio da Dona Jacutinga.

A presença do grupo envolvido com o Projeto Mulheres das Águas, assim como de pesquisadores da UnB, parece despertar grande curiosidade nos entrevistados, que não entendem porque tanto interesse pela comunidade. Chama ainda a sua atenção, a utilização da Serra como um meio de chegar à comunidade. Para os entrevistados, a Serra traz a lembrança das dificuldades de acesso, principalmente em casos de problemas de saúde e o grande esforço físico necessário à sua utilização, o que colabora para despertar maior estranheza e interesse, em relação àqueles que a utilizam atualmente.

O subprojeto para resgate cultural na comunidade do Forte foi baseado principalmente nas fotografias do representante da UnB, Acauã, sobre a comunidade, suas festas e o ambiente natural próximo. Há relatos, durante a exposição, da emoção dos mais velhos, de admiração pelo trabalho, demonstrando estarem surpresos com a sua própria participação. A exposição, colocando os moradores como protagonistas, pretendeu valorizar as características locais rurais. Todavia, mesmo que, apenas momentaneamente, acabou desencadeando benefícios à auto-estima dos que a visitaram, notadamente surpresos e satisfeitos com as fotos que observavam. Acauã cita a fala de Seu Cancã: “Isso revigora a gente”.

Dos Anjos (2005) incluiu a comunidade do Forte, como uma possível “comunidade remanescente de quilombo” (BARBOSA; GRANDO, 2006), considerando suas diversas características históricas e de distribuição espacial. Ainda não há estudos antropológicos sobre a origem e as características culturais da comunidade do Forte, contudo, no trabalho de Barbosa e Grando (2006), são discutidos os pormenores do conceito, ainda obscuro em termos legais, que deve considerar um conjunto de características, em diversas possibilidades, uma concepção que não está centrada à costumeira associação com o Quilombo dos Palmares. Assim, é que um quilombo ou seu remanescente, não pode ser identificado somente como um local originário de fuga e, situado em área isolada. Esta é apenas uma modalidade, “entre tantos outros, como: heranças; doações; recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado; compra de terras; permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das propriedades”. (BARBOSA; GRANDO, 2006, p. 6). Da mesma forma, as trocas econômicas também estavam presentes nos quilombos, ao contrário da antiga visão, restrita, de um local de isolamento. O termo “remanescente das comunidades de quilombos”, presente

no artigo 68 na Constituição Federal de 1988, trata da definição dos grupos, assim identificados, que teriam direito à titulação das terras que historicamente ocupam. Para tal é necessário que as comunidades estejam organizadas em associações. A titulação é concedida a esta organização coletiva.

Os entrevistados não fizeram qualquer referência ao tema, que também não foi focalizado, por não ser o objeto deste estudo. Não há uma associação ou outro tipo de organização comunitária. No entanto, chamam a atenção as necessidades reveladas pela comunidade, assim como o sentimento de abandono e desvalorização do local. Barbosa e Grandó (2006), apontam para a importância de outras organizações, principalmente as diretamente vinculadas ao movimento negro, em iniciativas bem sucedidas de titulação e reconhecimento de direitos em “comunidades remanescentes de quilombos”. Porém, muitas outras questões são ainda anteriores a este processo, pois o reconhecimento está associado primeiramente a “auto-atribuição”, “com presunção de ancestralidade negra” (Decreto nº 4887 de 2003 *apud* BARBOSA; GRANDÓ, 2006, p. 7). Essas questões requerem um estudo e um trabalho específico junto à comunidade, mas que parecem afinadas e com potencial de colaborar para o resgate de aspectos importantes para a valorização deste organismo social e sua efetiva participação nas propostas de desenvolvimento ecoturístico elaboradas pelo grupo do Projeto Mulheres das Águas. Parece favorável, neste sentido, o estímulo à articulação junto a outros grupos ou movimentos negros, como mais um caminho para potencializar as propostas de valorização cultural da comunidade do Forte, conforme o Projeto Mulheres das Águas.

2.5.2 Natureza: “é a deversão do povo” (Juriti)

Para a comunidade da Pontezinha, Cauré foi o nosso guia. Ele conhece bem as pessoas da comunidade e eles o conhecem, seus pais, avós, toda a família. Chegamos as nove, e o que chama a atenção logo às vistas, são as casas “duplas”, uma de barro, a outra de alvenaria, uma do lado da outra. As de alvenaria são todas iguais. Estão pintadas, são novas, mas parecem abandonadas. Os de barro têm as janelas abertas, gente entrando, gente saindo...

Eles já estavam nos aguardando. Estacionamos e lá estavam Juriti, Saurá, e cinco crianças, todos descascando mandioca para produção de farinha e polvilho. Cauré conduziu o “estágio de vivência”, uma proposta de turismo do Projeto, quando turistas, no caso pesquisadores, são levados a participar efetivamente das atividades da comunidade visitada.

Assim, sentamos no chão e nos pomos a aprender, literalmente, a descascar mandioca, uma “montanha” delas. Facas rústicas, bem amoladas e nosso desconforto. Falta de jeito, gerando aquelas mandiocas mal descascadas, no meio das outras brancas, limpas e rapidamente modificadas. O “estágio de vivência” transformou o contato inicial em muitas brincadeiras, principalmente de Juriti. Ela é a mãe de todos, numa família de sete filhos, dois de criação. Todos casados, cada um em sua casa, mas todos próximos, formando um grande grupo familiar dentro da comunidade da Pontezinha.

Juriti, pra lá de seus setenta anos, vai contando histórias da família, de suas “aventuras” como parteira, do medo e da coragem, da força para manter a família unida até hoje. O grupo familiar da comunidade da Pontezinha trabalha com produção de rapadura e mandioca, mas também faz tapetes e colchas artesanais, processo que vai do algodão fiado e tingido à escolha do desenho, e à combinação de tons (Fotos 3 e 4).

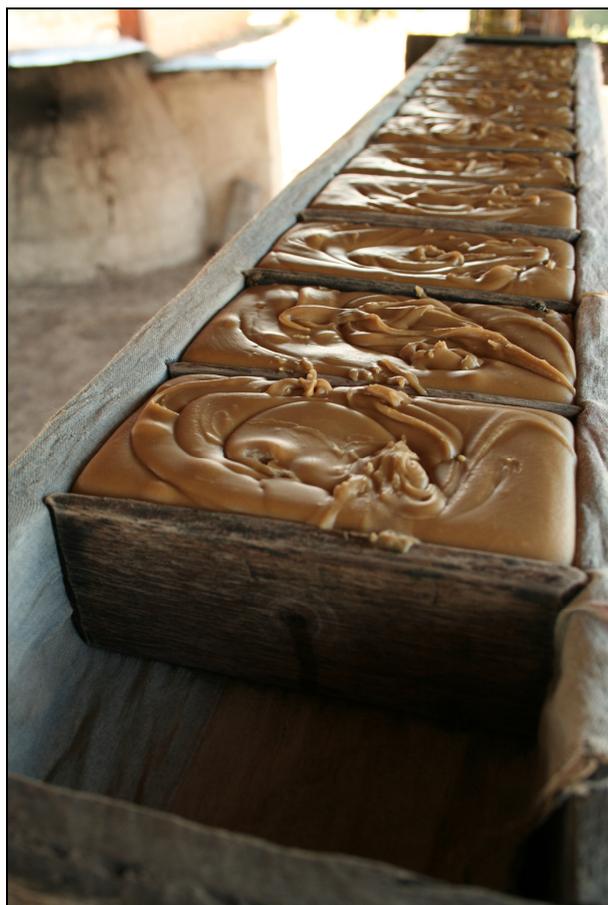


Foto 3 – Produção artesanal de rapadura na comunidade da Pontezinha.
Foto de Guilherme Alves Barbosa



Foto 4 – Tear para confecção de colchas e tapetes na comunidade da Pontezinha.
Foto de Guilherme Alves Barbosa

Arapapá, um dos filhos de Juriti está terminando de instalar a energia, na sua casa de adobe, ele diz: “Até ontem, era luz de lamparina e de velas”. Sobre as casas de alvenaria, eles explicam que foi o resultado de um programa do governo, da Fundação Nacional de Saúde, por causa das “doença dos barbeiro”. Só que ninguém mora nas casas, todas estão vazias. Por quê? As mulheres nos falam da “frieza” das casas, de não serem da maneira que precisam, que gostariam, não tem lugar para o fogão a lenha, e, além disso, algumas estão inacabadas, e eles não têm recursos nem para terminar, nem para reformar.

Por todos os quintais tem-se o córrego da Pontezinha, escondido por um fino véu de mata ciliar. Os quintais estão impecavelmente limpos. São completamente organizados. Chegamos até a pensar que tal visão se devesse a nossa visita já esperada, mas a visão foi sempre essa, em todas as cinco, não programáveis, visitas subseqüentes. Chamam a atenção banheiros externos e pequenos paióis feitos com chapas de antigas latas de óleo, uma idéia de reaproveitamento, criada por Juriti. Todos fazem questão de mostrar a horta, “sem química”, as frutas “sadias” e a água “limpa”.

Na casa de Arapapá e Saurá, eles iniciam a conversa, perguntando se também levantávamos informações sobre a história de Szervinsk, da formação da comunidade. Eles contam que participaram do levantamento feito por Anacã e Cauré, e que gostariam de ver um filme sobre a história levantada. Parece que não houve um retorno para a comunidade sobre

esse trabalho. Mais tarde fomos informadas que o filme só foi apresentado em São João, porque não havia “recursos financeiros” para apresentá-lo na comunidade.

Explicamos o motivo da pesquisa, e Arapapá sorri, “então é isso mesmo, pra conhecer a gente, que que a gente pensa, tem que saber da nossa vida, desde pequeno”. Arapapá fala um pouco sobre a vida no lugar, as lembranças de infância, da vida na roça:

Nós somo nascido e criado aqui. O meu tempo de criança, a minha infância era brincar com carrinho que a gente fazia, com rodinha de lobeira. Os boi era os sabugo, a gente brincava. Meu pai viveu pouco tempo perto da gente. Que Deus o chamou logo. A vida era alegre, brincando, os irmão junto. E plantado roça. Graças a Deus todo mundo perto de mãe. Estudemos pouco, mas tá bom. Estamos aí na mesma luta, que o pai deixou pra gente essa profissão. Trabiando, comprando pouco, que graças a Deus nós plantamos, num colhe muito não, mas dá pra viver. Meu pai, minha mãe nasceram aqui, e constituíram família tudo aqui.

Sobre a vida de hoje:

O dia amanheceu é pé na estrada e tá na luta de novo, mexe com lavoura, plantação. Mexer rapadura, fazer a roça de cana. Aqui a gente concentra mais na rapadura. Agora num tá na época do plantio. A água é carregada do balde lá do rio. A gente cria galinha, e o cavalo é o que puxa o engenho. A renda é só com a rapadura. A gente colhe praticamente de tudo, mas tem que comprar alguma coisa no mercado. Planta arroz, mas num tem adubo, num tem calcário, mas a renda, a produção pouco. A gente tem arroz, feijão, milho. (ARAPAPÁ).

A comunidade se mantém basicamente a partir do que planta, mas percebe que ao longo dos anos a terra já não produz como antes. Juriti, a matriarca do grupo e Savacu, seu filho mais velho, explicam a situação:

Hoje a terra não dá conta, tem pouca terra pra muito gente roçá, tem que por o calcário, tem que por o adubo. A terra tá fraca, ela num dá conta. A distância antes era grande de um pro outro (JURITI).

Quando eu casei era tudo mato, esse pedaço nosso aqui, hoje tá tudo desmatado, a terra acaba num guenta não. Hoje todo mundo acaba com o capim que era nativo na terra, o que o pessoal faz é deixar três, quatro anos parado, aqui num dá porque a terra é pequena, mas aí nós planta outra coisa, senão num dá. Mas, às vezes, não dá pra deixar a terra descansar. (Sr. SAVACU).

Todos os entrevistados se referiram ao Cerrado, citando uma ampla lista de usos, desde frutas, como pequi, goiaba, mangaba, cajuzinho, araticum, cagaita, caju d’água, etc à utilização de lenha para cozinhar e para fazer rapadura, além do uso medicinal, sendo esse um dos temas mais destacados pela comunidade. Além de se preocuparem muito com o consumo de alimentos “limpos”, sem agrotóxicos, também dão preferência ao uso de plantas medicinais e tratamento homeopático em vez de alopático. Arapapá explica:

Aqui o pessoal trata mais é remédio caseiro, natural. Remédio natural e pouco. É que eu mais um irmão fomo pra Goiânia e num ficamos bom. A maioria do pessoal conhece, mas a mais mestre no preparo é mãe. [...] Só mesmo se num tive jeito que a gente vai para São João. Mas se precisa a gente prefere o tratamento homeopático, de um médico lá de Goiânia, que ficou muito amigo da gente. A gente acha mais natural. Quando comunica com ele, às vezes ele vem e atende a comunidade toda. Nós conhecemos ele pela rádio. Ele é médico e fazia um programa do radio e nasceu uma menina com problema de coração. A gente foi pra Formosa, Sobradinho e num adiantava nada. Aí nos pegamos o endereço dele e levamos ela lá. Deus tirou ela, porque era ordem dele. Mas ela recuperou muito, andou, falou, brincou. Chegou a hora de partir, ela foi embora. Aí nos gostamos demais do tratamento dele, ele cobra só o remédio, ele vem consulta todo mundo, e depois ele manda o remédio. Ele anda pra tudo quanto é lado. Nós também tira remédio da natureza para tratar os animais, nós usa pouco esses remédios de loja.

Juriti ensina e prepara para o grupo muitos remédios com plantas do cerrado, ela aprendeu com os pais e ensina para os filhos. Sururina, esposa de Savacu se refere a um outro uso para as plantas do Cerrado, é a extração de corantes para tingir o algodão fiado na roda:

Apreendi com a mãe, tingir também com a mãe, o melhor corante é da casca, mais da muito trabalho. Caraíba, angelim, bate a casca e coloca na água e não desbota. Aqui ninguém mexe mais com isso, dá muito trabalho, no mercado é mais fácil, mas a cor não é igual. Era mais forte, ele rendia mais. Tinge com quaresmeira, e a angelim, tem que deixar curtir, mas não sai não.

Saurá, esposa de Arapapá também trabalha com algodão fiado na roda, ela e a filha nos mostram os tapetes coloridos que fizeram para a Festa da Folia de Reis. Sururina gostaria de montar uma cooperativa para as mulheres trabalharem juntas com tear e costura:

Faço crochê, bordo, marco com a mão, fio, teço e costuro, além de fazer os serviços da casa e também ajudo o Savacu na farinha e na rapadura. Um sempre ajuda o outro. Se fosse pra expor eu num conseguiria, é só com encomenda. Uma vaguinha que sobra, elas ajudam. Eu tentei arrumar os negócios da máquina, se a gente conseguisse aquilo, era mais fácil, manerava no serviço de casa. Duas queriam, mas outras duas estavam com medo. Ia ser lá na Associação, já tem CNPJ. A idéia era vender lá em Brasília, a Tereza ia vender lá na Ceasa. Aqui quase num vende, o povo não dá valor a esse trabalho artesanal. O pessoal lá compra e vende na bucha. Nem sempre nós conseguimos a renda necessária para o dia a dia, por isso eu pensei na cooperativa de costura, de tear. Uma pessoa iria vender em Brasília, as pessoas daqui não valorizam o trabalho.

O Cerrado é fonte de alimentos, de remédios, de água, mas também de “graças”, as “graça dos bichos” são citadas em uma das conversas:

Juriti: Tem que preservar a natureza. Tem tanta coisas assim de comer, tem muita planta que dá fruto. Tem os bicho que comem essas frutas. O mato nós precisa dele, nós precisa fazer roça fora da margem do rio pra proteger. E o mato é a refresca do bichinho e eles também tem que viver.

Batuíra: Aqui bicho, tá comendo minhas galinha tudo, raposa, lontra, gambá. Come as galinha, come tudo, na época da manga, junta muito, eles come e deixa só a casca. Eles tem que comer também. (Risadas).

Juriti: A natureza, a deversão do povo, vê aqui...

O grupo familiar fala de um certo distanciamento dentro da Comunidade da Pontezinha, o grupo de “lá”, como alguns se referem “parece que num se integra”. A maioria prefere falar da comunidade com uma referência ao seu próprio grupo familiar, e parece haver um conflito relacionado à questão religiosa:

Cada um praticamente, cada um pensa no seu. Aqui esse lado, é mais de família, igual à mãe e os irmãos. Do outro lado, fica cada um pra lá. Eu num tenho nem como explicar. Nós somos católicos, forma um grupo de oração. Mas geralmente, o que falta nessa comunidade é união. Se duas ou três famílias, que os outros num que. Esse pessoal que tá na frente, já tem muito tempo que num tem uma melhora. Aqui já acostumou assim, cada um no seu mundo pequeno. Meio difícil de encarar a realidade, e tentar unir, mesmo que seja ouvindo crítica, e umas coisas dura também, prefere ficar cada um no seu canto, em vez de criar conflito. Só que eu acho que num é por esse lado não, acho que a gente tem que tentar unir, mas a gente é fraco. (ARAPAPÁ)

Na terceira visita Sururina fala da opção de seu grupo:

Nós somos carismáticos. Ele é diferente, a gente tem que trabalha, fazer as orações íntimas, para abastecimento. O diferente era o carismático, nós somos carismáticos e as pessoas das outras famílias não são. No sítio Bom Jesus, onde a gente se reúne, lá são aproximadamente 300 pessoas todo final de semana, vem gente de todo lugar, tem a caminhada da oração no terceiro final de semana do mês, é na estrada. Eu saio daqui sete horas da manhã e vou chegar lá um hora, num é só renovação carismática, vem outras pessoas também. Todas as pessoas podem participar mais eles tem o grupo deles de oração. Lá tem um grupo de oração, de cura, que o povo num aceita bem, [...]. A dona do Sítio ela é assim, minha mãe espiritual. Cada um leva uma coisa, funciona tipo multirão. Tem uma trilha de oração, muita bonita.

O grupo familiar trabalha junto quando há uma grande quantidade de mandioca para fazer farinha, como meeiros. Eles se reúnem e dividem o serviço. Na hora do plantio também ajudam um ao outro, mas “é uma combinação na hora”, em geral a “roça é pequena, cada um trabalha no seu” (ARAPAPÁ). Na hora de vender cada um fica responsável pela sua parte.

O conflito religioso do grupo familiar com as outras famílias da comunidade não impede que todos se reúnam na época das Festas. “A época das Folia do Divino, é que envolve mais pessoas, vai passando várias comunidades. A gente fica mais mesmo por conta da festa, a gente nem quer saber desses assuntos” (ARAPAPÁ). O distanciamento também está relacionado à chegada de pessoas novas, segundo Sururina:

Os mais velhos morreram e os jovens resolveram ir embora, trabalhar em outro lugar, aí as pessoas vêm só para visitar. Tem muita gente lá que a gente nem conhece. Tem muita gente nova, porque quando os mais velhos morreram, os mais novos acharam melhor vender. Na capela quase só tem gente estranha, o mais idoso tem dificuldade de chegar lá, e o entendimento é difícil.

Mas para todos os entrevistados, a maior dificuldade da comunidade é com a qualidade da produção e as condições da terra, que garante a sobrevivência do grupo. Acreditam que o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER poderia ser útil.

Uma assistência técnica mais condizente com a sustentabilidade da agricultura familiar vem sendo discutida em vários encontros e seminários, assim como vem sendo aplicada em diversos lugares do País, e inclui ações da EMATER e da EMBRAPA. A agroecologia ou agricultura ecológica é também uma ferramenta para a conservação da biodiversidade de plantas cultivadas, pela valorização de variedades conhecidas como crioulas. Segundo Machado, da Embrapa Cerrados, “a agricultura uniforme praticada atualmente provoca a extinção de diferentes espécies de plantas e sementes, ocasionando o que chama de erosão genética” (*apud* BRIXIUS, 2002, p. 13) Além disso, a agroecologia é baseada e enriquecida com saberes populares, práticas tradicionais de cultivo, combate de pragas e tratamento de animais. Ela aponta para a importância de saberes locais, favorecendo uma troca entre conhecimentos científicos e culturais. (BURGOA *apud* BRIXIUS, 2002).

A utilização do solo para agricultura inicia-se geralmente com a retirada das árvores de maior valor e, logo após, a queima da mata nativa. Entre as principais causas de degradação estão “a erosão, a diminuição de matéria orgânica do solo, a exportação de nutrientes com a colheita e, a lixiviação e por último a compactação do solo”. Isso faz com que as áreas utilizadas sejam abandonadas e novas áreas sejam desmatadas. O modelo de utilização do solo, que não permite uma recomposição do potencial produtivo é, ao longo do tempo, o que caracteriza a insustentabilidade da exploração agrícola, e também, pecuária. Para recuperação dessas áreas, sugere-se, por exemplo, a utilização de sistemas agroflorestais (MACEDO, 1992). Segundo Primavesi (*apud* BRIXIUS, 2002, p. 13), a degradação do solo impacta negativamente a saúde do homem que vive dele. Dessa forma, “se o solo está ruim e, a planta está doente, o homem que se alimenta dessa planta não pode ter boa saúde”. Contudo, as mudanças nas técnicas de uso da terra requerem não só o aprendizado e o contato com esses antigos-novos modelos de exploração e cultivo, mas também é necessário que os agricultores tenham condições favoráveis a uma adaptação, principalmente quando estas atividades são a base de sua subsistência:

Portanto, para a recuperação do potencial produtivo dos ecossistemas agrosilvopastoris é necessário por um lado, oferecer condições para que os produtores rurais possam assimilar e adotar tecnologias simples, de baixo custo e apropriadas ao uso e conservação do solo, e por outro lado, garantir um nível de renda compatível com o investimento requerido para a recuperação de terras

degradadas e assim aumentar a produção e a produtividade (MACEDO, 1992, p. 37).

Fornari (2002) destaca a crescente relevância que a sociedade vem dando à agricultura orgânica, em função, principalmente, da contaminação da água, do solo e das plantas, resultante da utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos. Os produtos orgânicos passam a ocupar cada vez mais espaço nos supermercados, embora sejam em geral, devido aos preços mais elevados, consumidos por pessoas de maior poder aquisitivo. Assim é que a utilização da agroecologia e dos sistemas agroflorestais na agricultura familiar favorece a saúde dos agricultores e traz benefícios para a conservação do meio ambiente.

Caporal (*apud* BRIXIUS, 2002), técnico da EMATER do Rio Grande do Sul, chama a atenção para a necessidade de uma extensão rural agroecológica para pequenos agricultores, e fazendo uma comparação com a extensão tradicional conduz a uma reflexão sobre os aspectos relevantes quando se busca a construção de contextos favoráveis a sustentabilidade e a autonomia das pessoas. Dessa forma, as ações da extensão rural devem estar orientadas para as dimensões éticas, culturais, políticas e econômicas. Só então, teremos uma melhoria das condições da agricultura familiar.

Outra questão levantada, pela comunidade da Pontezinha, é a dificuldade de conseguir uma ambulância para casos de emergência. Preocupam-se muito com os riscos na estrada quando vão à feira, aos domingos, para vender os produtos. Embora a comunidade esteja mais próxima de São João, está oficialmente vinculada à Água Fria, o que parece dificultar o acesso a alguns recursos:

A saúde também precisa muito, porque não tem nem uma ambulância que possa vim buscar. Tem que ir pra São João, mas até chegar lá, tem que arrumar um carro pra levar. Tem uma pessoa de Montes Claros que quase morreu, o medico falou que se tivesse demorado ele tinha morrido.

Quanto à escola, as crianças estudam ou em São João ou no Libório, que fica no Assentamento Terra Conquistada. Somente Batuíra, filha de Juriti, se referiu à educação como uma questão importante para o grupo, “praticamente, um colégio que quase não tem ambiente, é praticamente no meio do capim”.

Merecem destaque as crianças do grupo familiar da Pontezinha, que participaram ativamente em todas as visitas, fazendo perguntas, oferecendo frutas, sementes, pedindo para tirar fotografias, mostrando animais, árvores, produtos de seu trabalho e sorriam muito,

sempre. Ouviram, praticamente todas as entrevistas, mesmo as mais longas que chegaram à quase quatro horas.

Deve ser lembrada também a importância que a comunidade dá aos animais. Para a viagem ao Múquem, local onde há uma grande Festa religiosa, o marido de Batuira levou o cavalo do filho mais velho, e o cavalo faleceu no terceiro dia da trilha. Todos da comunidade comentavam o assunto, porque o menino havia se referido à possível morte do cavalo antes do pai partir. Havia grande comoção. Os animais recebem considerável atenção da comunidade. No primeiro dia de pesquisa fui solicitada a tratar de um dos cães e em todos os retornos, constatamos a preocupação com sua melhora e a dedicação para com o tratamento.

As representações da comunidade de seu ambiente, natural e social, revelam uma situação quase que oposta à comunidade do Forte. O grupo familiar da Pontezinha valoriza os mais diversos aspectos de seu modo de vida, desde a casa de adobe, onde nasceram, fizeram seu fogão à lenha, os alimentos que produzem e consomem, sem a utilização de agrotóxicos, os tratamentos homeopáticos que buscam para cuidar da saúde, as características religiosas que unem a família e que influenciam suas relações com a vida e com a sociedade, além dos trabalhos manuais que exercem tradicionalmente ao longo de gerações. No entanto, se vêem em uma condição de ameaça a seu meio de vida com o desgaste da terra, já tão dividida e sem descanso. A comunidade percebe que a degradação da terra pode comprometer seu sustento a médio prazo e, acredita que com uma assistência técnica adequada poderá reverter esta situação.

As representações encontradas na comunidade parecem compatíveis com as propostas do projeto no que diz respeito à utilização do ambiente natural. Os entrevistados estão totalmente familiarizados com idéias como organização, conservação, efeitos negativos do uso de agrotóxicos para a terra e para a saúde, o que potencializa o encontro com novas idéias, familiares ao grupo embora com técnicas diferentes. Técnicas e cursos de agrofloresta, já realizados pelo Projeto Mulheres das Águas em outros períodos podem ser úteis para colaborar com a conservação do tradicional patrimônio cultural deste grupo. Todavia, faz-se necessário todo cuidado com as proposições e valores a serem associados a esta nova imagem, de configuração bastante diferente da familiar disposição e organização dos quintais. As idéias devem ser discutidas amplamente ressaltando, principalmente, os aspectos familiares ao grupo, que já relacionam a saúde das pessoas à saúde da terra.

2.5.3 “Aquele caldo do barro com a chuva, taí o nome do mingau” (Arirambinha)

O Projeto de Assentamento do Mingau – PA Mingau foi o resultado de um movimento promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, junto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município, para ocupação de uma fazenda, que estava em dívida com o Banco do Brasil. Metade dos moradores atuais participaram do período de acampamento. Esse é um dos tipos de assentamentos que ocorrem no país, segundo Rua e Abramovay (2000), casos em que solidariedade e cooperação estão relacionados à tensão gerada pelo processo de desapropriação envolvido, pelo menos, até a concreta regularização do assentamento. O fato de serem, originariamente, o resultado de uma política pública, demandando, em geral, pouca mobilização e organização social, caracterizando-se por uma antecipação de uma provável “ação reivindicatória”, acaba, ao final, não contribuindo para a formação de vínculos mais fortes, que estão relacionados à formação de uma identidade coletiva. “Dessa forma, as organizações não se consolidam, as lideranças são desarticuladas, e são descartadas tanto a necessidade, quanto a oportunidade de participação dos interessados” (RUA; ABRAMOVAY, 2000, p. 51).

Mesmo que a ocupação seja uma proposta, e o resultado de um programa de reforma agrária do governo, os entrevistados consideram o período de acampamento, que durou três anos, um momento importante para a “união” do grupo, embora também seja percebido como um momento passado, que se desfaz junto com o próprio acampamento e traz conseqüências até mesmo para a discussão de questões ambientais:

No acampamento, é impressionante, quando se tá ali na lona, até comida, todo mundo ajuda um o outro. Depois cada um com a sua parcela, cada um tinha seu plano (URUTAU).

Quando a gente tá na lona lá, todo mundo quase que pensa a mesma coisa, a gente se reunia e falava sobre isso, mas depois quando que o pessoal pega seus hectare, começa a fazer sua casa, cada quem se individualiza. Num tem mais aquela coisa de dizer assim, eu vou lá na casa dele falar com ele pra num desmatar até o ponto de causar degradação, eles fala assim: “Ah, mas isso aqui é meu!”. Vira o individualismo, cada quem cuida de si. Mas eu sempre tenho falado, a gente tem cuidá, senão vai indo, vai acabando, vai ficar terrível para se viver (ARIRAMBINHA).

De fato, pessoas que não acamparam, que não estiveram debaixo “da lona” são, por vezes, percebidas como se não fossem tão “merecedoras” de suas parcelas em comparação com os que permaneceram no local, na época em que não havia qualquer estrutura. São setenta e nove parcelas, famílias, das quais trinta e uma estão em situação irregular, o que compromete e impede que sejam demarcados os treze hectares restantes para cada unidade.

Segundo Arirambinha, presidente da Associação dos moradores do PA Mingau, quando as pessoas ocuparam suas parcelas foram assistidas pelo Projeto Lumiar, voltado para assistência técnica, e fizeram também um empréstimo de nove mil reais. Porém, a maioria não conseguiu e ainda não consegue uma “renda” a partir de atividades dentro de sua própria parcela e estão inadimplentes com o pagamento da dívida no banco. Assim, muitos venderam suas terras, e os que compraram ficaram em situação irregular, pois essa operação não é prevista nos Projetos de Assentamento. Ainda sim, das trinta e sete parcelas vendidas, seis conseguiram ser regularizadas, devido às características dos moradores. Todavia, há grande preocupação na comunidade, grande desconforto com a situação dos que estão em situação irregular. O quadro se agravou ainda mais, porque os moradores receberam documentos determinando um prazo para retirada legal da parcela, e conforme Arirambinha explica: “São 31 parcelas em situação irregular, eles num podem pagar e depois perder tudo, eles entraram na justiça, eles têm que sair agora, mas eles não vão sair porque eles não têm pra onde ir”.

Arirambinha e Anambé, outro morador do Mingau, originário do Paraná, citaram a interferência do Projeto Lumiar na utilização das parcelas. O Projeto Lumiar orientou os moradores para o desenvolvimento de atividades ligadas à criação de vacas leiteiras e, com o apoio da Universidade de Brasília, construíram um estabelecimento para beneficiamento de leite e derivados, mas ele nunca funcionou:

Eles deviam, na época que tava orientando a gente, dizer a melhor forma de viver aqui. Diziam que dava para criar dez cabeças, até doze em cinco hectares, mas num sei como. [...] Um ano depois que a gente tava na lona, eles vieram, fizeram um projeto para leite, quem quisesse, até conseguiram uma fábrica, pela UnB, mas nunca funcionou, porque num deu certo do jeito que eles pensou. Aqui como é cerrado, o pasto é muito fraco, na época da seca, o pasto quase que morre. O pessoal queria plantar nos outros hectares, numa área chamada Chapadão, mas como ninguém sabe qual vai ser sua parcela, aí prefere num mexer, porque vira aquela confusão. Aí a indústria tá parada desde o começo, já tem uns dez anos. O predinho tá no nome da Associação, mas o pessoal acha, que só pode [utilizar] se for para mexer com leite, e num tem, quem é que tem condições para investir numa vaca leiteira boa, que custa uns mil reais e depois ela morrer de fome, o pasto é pouco. (ARIRAMBINHA).

Todos os entrevistados se referiram a várias atividades que já tentaram desenvolver juntos, como a produção de conserva de pepinos, de abóbora, de roupas íntimas e as geléias. Essas últimas, elaboradas com frutos do Cerrado, foram o resultado de uma iniciativa da Organização Mulheres das Águas, em conjunto com o Projeto Mulheres das Águas. Essas tentativas empreendedoras, que não alcançaram os objetivos esperados, parecem gerar um certo desânimo e descrédito quanto ao potencial dos principais envolvidos em articular

antigas ou novas atividades. As dificuldades de sobrevivência como pequeno produtor são um grande desafio:

No caso da geléia foi a estrutura mesmo. Já tá tão desestimulado, aí vai contaminando, o cara tá tão desanimado. [...] Eu passei uma semana fazendo um curso de agrofloresta, mas eu num tô tendo tempo para fazer a manutenção na área. A dona Arirambinha também. A gente tem é muito curso. Eu prefiro comprar, porque sai mais barato pra mim, eu num tenho como cuidar. Quando eu cheguei aqui, eu achei um absurdo o cara num ter um quintal, uma mandioca, aí depois eu vi como era difícil, você investir sem ter como cuidar. (ANAMBÉ)

Na impossibilidade de seguir com essas iniciativas, que atividades desenvolvem atualmente os entrevistados do PA Mingau, como essas atividades estão relacionadas com o Cerrado? Urutau e seu vizinho, Curicaca são os únicos que exploram a atividade turística. Ainda que tenham pouco retorno financeiro, ou seja, somente quando alguns visitantes consomem alguma bebida ou alimento, Urutau a considera como seu principal objetivo de trabalho. Além disso, Urutau produz muda de árvores nativas e eucaliptos, e faz uso de plantas medicinais:

Uso planta medicinal, inclusive é o que a gente mais usa. Eu já tô ganhando nome de raizeiro, foi um aluno que estava estagiando com a gente da UnB, ele tava vindo no ônibus e aprendeu com um índio um remédio pra gastrite, aí ele passou para mim, eu fiz e ele ficou bom, depois já fiz para um monte de gente. Dentro da minha parcela já tem tudo [plantas medicinais]. Minha mãe e meu pai usava muito, até pra animais mesmo.

Ele fala de seus estudos como uma referência para se preparar melhor no desenvolvimento dessas atividades, “[...] eu tô fazendo um curso, é de agropecuária e meio ambiente, para esses assentamentos, é lá em Unaí. Fico lá quinze dias e os outros aqui. O curso é muito bom, só professores bons lá da UnB”. Sobre o Cerrado, destaca sua experiência junto a outros professores, também da UnB, com manejo florestal, na época em que morava próximo dos irmãos, na comunidade do Jatobazinho. Para Urutau, o cerrado é fonte de saúde, de alimentos, de conservação e sua principal possibilidade de renda:

Eu falaria, que o Cerrado é uma coisa nativa. A direita de lá tem uma lavoura muito grande. Aquilo lá deu uma erosão muito grande, se não fosse esse Cerrado tinha acabado tudo lá. O Cerrado é muito bom. O Cerrado que permanece a nossa fauna. Tem as madeira que a gente usa pra nossas lenha. E nisso aí eu já tô é passando pras pessoas isso aqui, madeira preta tudo a gente tira. Eu já tenho o viveiro, na hora que eu tiro, eu já planto outra. A gente tem o araticum, o cajuzinho, o limãozinho do campo, muita gente aqui do Assentamento não conhece.

Fazem parte da comunidade do PA Mingau pessoas de várias origens, como nordestinos, gaúchos, nativos e inclusive um “estrangeiro”. Essa diversidade, segundo Urutau e Arirambinha não diferencia os moradores quanto a sua atual situação, de dificuldades

financeiras e no desenvolvimento de atividades dentro da própria parcela. Contudo, ambos fazem uma distinção com relação à aptidão de cada um, de acordo com suas origens, ou suas diferenças culturais de uso da terra:

É bem diferenciado, num é todo mundo daqui mesmo. Dificulta um pouco, porque um tem uma característica diferente da outra. Por exemplo, o manancial daqui é preservar. Tem gaúcho que o manancial dele é trabalhar com soja, e aí é difícil trabalhar. (URUTAU).

Aqui tem gente daqui mesmo, antigo daqui, tem os gaúcho, que sempre eles tem o jeito dele de trabalhar. Acho que tá todo mundo utilizando do mesmo jeito, quase todos tem um gadinho, aí planta um pouquinho, num tem muita diferença. Tem uns que planta irrigado. Utiliza água do rio. Geralmente tens uma lavoura de tomate, pimentão, esse ano acho que tá plantando até pouco. (ARIRAMBINHA).

Apesar disso, Arirambinha comparando sua comunidade a outras, que teve oportunidade de conhecer participando do Projeto Mulheres das Águas, não vê essas diferenças como um problema, existem outras comunidades que apresentam questões mais complicadas:

Assim, eu num sei como te explicar, o pessoal aqui, apesar de todas essas divergências, o pessoal é muito amigo, num tem briga, igual lá em Santa Maria. Eu vejo isso, como uma coisa boa, às vezes fica meio enfezado com os outro, começa até ter um bate boca, mas a gente sempre consegue amenizar a situação.

Porém para Urutau, uma saída para essas dificuldades seria trabalhar em pequenos grupos, assim ele está formando junto com outros moradores um “grupo de trabalho de onze pessoas”. Segundo Anambé é mais uma questão de descobrir as aptidões individuais, ele se refere às diferenças e à necessidade de encontrar uma atividade mais apropriada a cada um:

Mas também o pessoal com aquela idéia de monocultura. Acho que falta cada um descobrir o que que cada um tem o potencial pra fazer. Já tem dois anos que eu solicitei [consultoria do Sebrae], mas eles nunca vieram. Eu acho que a gente tem uma riqueza muito grande, mas a gente num tá sabendo explorar isso.

Arirambinha também faz parte da Organização Mulheres das Águas, ela fala sobre o Cerrado e a comunidade:

Aqui a gente, no assentamento, eu falo assim, que se a gente nunca tinha despertado para algumas questões, aqui a gente teve que despertar. Porque na fazenda era o dono que dizia tudo que a gente ia fazer, a gente ficava esperando ele dá as ordens. Aqui eu falei, gente vamo dá um jeito da gente zela pela nossa água. E de tudo que tem aqui, por que aqui é nosso, se a gente começa a destruir tudo, senão daqui uns dias vai ficar só a terra e nós aqui vegetando, sem nada. (Arirambinha)

Todos os entrevistados destacaram a questão da água, Arirambinha se refere à existência de um matadouro que despejava restos de carcaça no rio, e que foi preciso uma forte articulação para que o mesmo não poluisse mais as águas. Urutau e Arirambinha destacam a água da mina, que fica na área destinada à Reserva Legal do Assentamento. A

mina está cercada. Porém, os dois divergem quanto à relação entre o uso e à quantidade de água disponível. Para Arirambinha, o volume de água tem diminuído em função da utilização “sem controle”, do “desmatamento” e o aumento do número de poços artesianos. Segundo Urutau, o volume tem aumentado, porque há um impedimento do acesso a mina, e o local antes era, freqüentemente, explorado por moradores de São João, que retiravam palha e madeira para serem utilizados nas barraquinhas, na época das Festas.

Eles também divergem em outros aspectos, Arirambinha não concorda com o viveiro de Eucalipto que Urutau está montando, ela acha que só deveriam ser plantadas mudas de árvores nativas, já que estas seriam “permanentes”, o “eucalipto num é espécie de recuperar solo”, e além do mais, “porque o cerrado o pessoal tira pra fazer lenha”. Mas, para Urutau, o investimento em eucaliptos se justifica, porque parece haver mais interesse da comunidade por esse tipo de plantio. Quando se refere a esta atividade, ele mesmo se justifica, sem que tenhamos feito qualquer questionamento: “Já tinha nativa e eu plantei mais, eu cheguei aqui e tive que desmata para sobrevivência. Eu tenho muitas mudas de nativa também, mas eu tenho que sobreviver”.

O Cerrado também é um dos motivos de divergência entre Arirambinha e o marido, ela diz que precisou discutir muito para manter uma cagaita de pé. O marido de Arirambinha veio do Piauí e que o que “ele gosta mesmo é de criar gado”. Conforme já citado anteriormente, ela não acha que essa seja a atividade ideal, para quem tem uma pequena área disponível, então, revela o que realmente a incomoda com a criação de gado. Seria em sua visão, preferível o plantio de grãos, fazendo uma comparação:

Uma hectare dá, do feijão, com adubo e chuva, dá umas quarenta sacas. Aí, você pensa se eu tenho condições de plantar, eu vou plantar é duas. Mas eu também num gosto de criação de gado, a gente sofre muito. Na lida, porque tudo que anda, assim, cê põe o gado aqui, no outro dia ele já ta lá na outra fazenda. Ele num queta no lugar, a gente fica preocupado, tem erva, que é só comer e morrer, tem cobra. A gente vivia atrás de vaca.

Arirambinha relembra então a sua experiência no Projeto Mulheres das Águas e a dificuldade de praticar o que aprendeu, desde a forma como utiliza os recursos naturais, se contrapondo ao que pretende seu marido, às atividades em grupo:

Eu aprendi muita coisa, embora eu num possa aplicar muita coisa. Eu aprendi para a educação dos meus filhos, a gente aprende sobre as dificuldades de outros, que é mais difícil que a gente. [...] Quando eu vivia na fazenda, meu modo de ver era diferente, hoje eu vejo que a gente precisa trabalhar em grupo, ta mais unido, facilita pra vender e pra comprar. E antes eu nem pensava nisso. Aqui essa necessidade é mais forte, mas aqui prevalece demais o individualismo.

Arirambinha consumia frutas do Cerrado quando criança, na zona rural de Goiânia, mas segundo ela o cerrado não tinha importância, só as terras perto do rio, porque dava para plantar sem precisar de adubo, ela fala sobre a importância do Cerrado:

Cresci sem dá muita importância pro Cerrado, assim do jeito que tem que ser. Mas agora, eu já vejo, assim, que se a cultura, se é a terra boa que num precisa de adubo, o Cerrado merece muito mais. Mas naquela época, a gente só valorizava a terra que num precisava de adubo, para plantar, era a terra de mata. Assim, eu comecei a prestar atenção. Assim, eu comecei a ver a lavoura de soja, tão verde, meu deus do céu, dá para plantar. Então ele é produtivo tanto quanto, só precisa a gente ter o dinheiro pra plantar. E assim, tem as frutas, a sariema e o veado, ele fica mais é no Cerrado, do que na mata. E a devastação foi tanto que a gente num vê mais os bichos. Sariema, o veado, a gente via muito mais, aqui mesmo, até anta, quando do outro lado do asfalto não era desmatado, a gente via. Tem mais vida no cerrado do que na mata, eles só usam a mata pra beber. O nosso gado pasta no Cerrado.

O valor do Cerrado está na sua diversidade, mas economicamente a imagem do cerrado está ancorada na sua transformação em soja, em outros plantios, aí sim, ele se torna lucrativo, produtivo. Mesmo o pasto, não é associado à imagem produtiva do Cerrado, pois ele não mantém o gado durante todo o ano, e seu marido precisa “alugar pasto de outras parcelas”.

Escuder *et al* (*apud* FILGUEIRAS & WECHSLER,1996) fizeram uma comparação entre a produtividade e a capacidade de suporte entre as pastagens nativas e as pastagens cultivadas, encontrando a seguinte diferença: 0,2 UA/ha, (sendo UA= um bovino com 450 kg) para o pasto natural comparadas à 1-1,5 UA/ha para o pasto cultivado. Essa diferença torna bastante atraente a substituição da primeira pela segunda, principalmente para as atividades pecuárias de gado de corte. Porém, outros custos estão relacionados à substituição de pastagens nativas por cultivadas, como o uso de insumos, a formação e a manutenção das pastagens, além da perda de biodiversidade. Contudo, o pequeno produtor com poucas chances de substituição de pastagem, não inclui a biodiversidade nos custos com a exploração pecuária. Ao contrário, o retorno financeiro é que é, em geral, o fator preponderante da atividade. Os animais pastam no capim nativo, e outra consequência advém da superlotação, que “pode arruinar em pouco tempo uma pastagem nativa onde antes havia alta diversidade de espécies vegetais, e um grande potencial para uso sustentado ao longo dos anos”. (FILGUEIRAS & WECHSLER, 1996). Assim, é que pequenos produtores se vêem em uma situação insustentável quando se trata de exploração pecuária em pequenas parcelas no cerrado. A tendência é que a produtividade seja baixa, e o custo de manutenção do gado elevado.

Arirambinha, por outro lado, também percebe os impactos das atividades agrícolas de monocultura:

O maior problema aqui são os grandes fazendeiros, com agrotóxico, plantador de soja, que nem do outro lado da pista. Esse rio vem passando por várias propriedades, eu acho que esse água num é muito boa, apesar que a gente nunca fez análise, mas tem muita gente que lava roupa no rio.

A questão da água também se transformou num conflito de uso entre vizinhos. Arirambinha e seu marido têm oitos cabeças de gado, que antes bebiam água do rio na parcela do Urutau e do Curicaca, pois no seu terreno o “barranco é alto e nós não tem acesso fácil ao rio”. Quando os vizinhos resolveram explorar a atividade turística, o acesso ao rio foi cercado e o gado de Arirambinha não pode mais beber água nas parcelas de Urutau e Curicaca:

Na nossa parcela num tem acesso direto, porque a gente num quis corta o mato alto, exatamente porque não tem onde botar essa terra. Porque eu pensei assim, a terra vai para dentro do rio. Até hoje, eu falo assim que a gente tinha que ter acesso ao rio, os animais aqui bebe tudo no balde, principalmente depois que cerco, o Urutau ali era onde o gado bebia, o seu Curicaca também.

Porém, a água não é vista como um problema quando se trata da comunidade. Em geral, a água que recebem da mina é considerada muito boa, “mineral”. As maiores preocupações e prioridades da comunidade atualmente, de acordo com os entrevistados, estão relacionadas à sua condição de fixação na terra, seja pela regularização ou pela situação financeira:

Eu vejo também a questão de plantar, aqui ta sendo igual uma cidade de Brasília, todo mundo trabalha fora, só vem em casa pra dormir. Mesmo os gaúcho, trabalha todo mundo nessas fazenda e depois volta pra casa. A gente tem que arrumar um jeito de tirar dinheiro dá própria terra. (ARIRAMBINHA)

O que as pessoas mais querem aqui é tentar ter um sustento, ter uma renda. [...] A maioria tá inadimplente no banco, devendo, e o dinheirinho que pegou, então a maioria tá parado, num tem uma linha de credito, uns dez por cento foi embora. Então, tudo que eu tenho tá aqui dentro e eu tô inadimplente também. O pessoal querendo fazer alguma coisa e num consegue. A maioria trabalha fora, planta só pouquinho coisa, só no quintal. Mesmo que eles quisessem, eles num tem condição, e os grandes plantadores de soja, eles engolem a gente. (URUTAU).

A questão da divisão do restante das terras, os treze hectares que ainda faltam, complicou-se ainda mais pelo fato de a comunidade ter solicitado anteriormente ao INCRA, a responsabilidade pelo parcelamento. A idéia era adiantar o processo de parcelamento do restante, mas a comunidade não conseguiu seguir com as ações necessárias, como a contratação de um topógrafo. Atualmente, estão tentando repassar para o INCRA essa ação, agravada com a situação irregular de alguns moradores,

Nós tiramos do INCRA essa responsabilidade pra gente, nós achamos que ia ser mais rápido. Os que venderam e compraram tava todo mundo interessado, mas aí com a vistoria ocupacional identificou uns que não enquadram no INCRA, e aí esses que vão sair, já tão com umas carta de despejo, e eles num vão pagar pra dividir, porque eles num vão investir.

Arirambinha também se refere ao fechamento da escola como uma perda para a comunidade. A escola era na antiga sede da fazenda. Atualmente as crianças estão indo de vã da prefeitura para outra escola que fica na comunidade Pedra de Amolar. Para Arirambinha foi “uma perda de patrimônio” para a comunidade.

Urutau, Arirambinha e Anambé experimentam as mais diversas referências, se por um lado apresentam uma história de vida com imagens e idéias com uma proposta de exploração da terra e meio de vida baseado na mudança de paisagem do cerrado, por outro, vivenciaram o contato com novas possibilidades de relação com seu ambiente natural. Urutau, se ocupando, primeiramente, com o manejo florestal e atualmente com a atividade turística, além do curso que está fazendo em Unai. Arirambinha, participando, principalmente do Projeto Mulheres das Águas, como membro da Organização Mulheres das Águas e Anambé fazendo parte da AD Capetinga.

Embora tenham essas experiências compondo suas representações de meio ambiente, se encontram atualmente numa situação ainda mais conflituosa, com tudo que vivenciaram. Ao final, que atividades serão possíveis levar a cabo? A imagem inevitável é de uma encruzilhada. Os desafios de colocar em prática, atividades mais coerentes com a conservação do Cerrado e, ainda envolvendo um grupo de pessoas, trabalhando coletivamente, parecem por em cheque a imagem e a possibilidade de uma vida a partir do uso e compartilhar do ambiente natural e social. Se a resistência a uma idéia de uso do Cerrado, possível e produtivo ainda é um aspecto presente na representação, ela parece estar mais relacionada às condições externas, às dificuldades dentro do próprio contexto socioeconômico. E às condições internas, associadas à inabilidade de desenvolver atividades coletivamente, do que ao pensamento, à representação, enquanto proposta. Os entrevistados estão entre as suas mutantes representações e a sua instável condição de vida. As imagens de degradação, a objetivação dos aspectos reais de um ambiente saudável ou não, fazem parte de suas representações, do seu dia-a-dia. O tema é corrente, mas a concretização da idéia parece carecer da concretização da ação, e dos resultados de uma mudança de atitude em relação ao meio. A ação caminha como uma condição, um desafio para consolidar uma representação de trabalho e meio de vida compatível com a conservação do Cerrado.

A diversidade do grupo do PA Mingau, quanto às suas origens e ao tipo de trabalho que pretendem desenvolver na terra não é a grande questão atual, mas essa composição da comunidade pode estar interferindo no processo de construção coletiva de objetivos em comum. Assim, ao que tudo indica, a proposta do Urutau em trabalhar com grupos menores parece ser mais interessante na consolidação de novas atividades e merece atenção do grupo envolvido no Projeto Mulheres das Águas.

2.5.4 Ambiente: trabalho, ciência, projeto de vida e espiritualidade

O grupo diretamente envolvido com o Projeto Mulheres das Águas entrevistado, para efeito deste trabalho, é composto por representantes da AGEMA, AD Capetinga, Mulheres das Águas, Mulheres do Cerrado, CAMARÁ, UnB e Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Embora haja muitas informações interessantes, sobre representações sociais, associadas ao tema tratado neste capítulo, destacamos somente algumas, principalmente as que mais enriquecem a diversidade de representações, enriquecendo o conjunto do estudo. Ou seja, aquelas que de alguma forma, parecem ser de maior relevância para o desenvolvimento do Projeto, e para a compreensão de como os sujeitos se percebem inseridos na questão socioambiental.

Mantemos, como anteriormente, uma distinção entre os grupos, a fim de facilitar a identificação de diferenças e semelhanças entre os mesmos, quanto às suas representações e suas origens, suas imagens e pensamentos familiares, ou seja, seus aspectos de ancoragem.

Começamos com dois representantes da AGEMA, Cauré e Tauató. Cauré vem de uma família residente em São João d'Aliança. Eles descendem do polonês Szervinsk. Cauré foi criado no meio rural, atualmente trabalha numa fazenda, e esporadicamente guia turistas:

Eu tomo conta da fazenda, no caso chacareiro, e como condutor de visitante, mas num é uma profissão. Eu queria que fosse mais, mas aqui em São João infelizmente, a gente ainda num conseguiu isso, o turista mesmo. Eu gosto dos dois, também gosto de trabalho de roça, num tem nada a reclamar não, num é falar porque preciso, porque é obrigado não, eu faço porque eu gosto.

Ao final da entrevista ele fez uma reflexão sobre as duas atividades, revelou-se constrangido e surpreendido com a própria colocação, se sente numa situação conflituosa trabalhando com pecuária, apesar de serem essas as suas referências e de trabalhar com uma atividade que também gosta de realizar. Como Cauré pensa em conciliar as duas idéias, atividades?

Hoje, eu ainda faço algumas coisas erradas. O pessoal fala que o gado vive de Cerrado, mas hoje em dia se você for trabalhar desse jeito, você num consegue uma pecuária desenvolvida, você tem que ter pasto. Eu tento num queima madeira. Capim, se você coloca fogo, você tá prejudicando a camada de ozônio e empobrecendo o solo que você trabalha. Alguns eu uso para lenha, ou deixo no pé de planta para servir de adubo. Eu tento não deixar lixo no quintal. Faço um buraco e vou depositando ali até encher, depois eu tampo. Lixo orgânico vai todo para os animais. Eu enterro, o plástico e o vidro eu enterro, eu sei que tá errado, porque demora para decompor, mas num tem outro jeito. [...] Lá eu tento evitar o máximo roçar na beira do rio, pra aumentar a área de mata na beira do rio. Também num deixar lixo ir pro rio. Do Cerrado, eu fiz a roçada lá esses dias, eu deixei a maioria das plantas que são comestíveis, araticum, o pequi, cajá, aracá. Eu num tirei não para deixar crescer, para dar frutas, eu rocei para deixar o pasto. Tem alguns pau que eu tiro para fazer cerca, mas eu tento mexer menos para não prejudicar o meio ambiente. Quando eu cheguei o mato tava muito alto, ai eu tive que usar um herbicida. O gado eu já to acostumado a lidar desde criança, e é uma atividade que eu gosto. [...] Jacu, tem uns três ou quatro que come lá com as galinhas. O mutum, já vi vestígio de veado. Minha mulher tem um papagaio, eu num gosto de criar muito não, mas ela já tinha.

Ele se aproximou da questão ambiental em 1991, em uma reunião do Sebrae, e em 1999 fez o primeiro curso de guia que durou duas semanas, oferecido pela organização Nativa. Segundo Cauré, a partir de então, começou a se preocupar com o lixo, com o meio ambiente, mudando sua “visão das coisas”. Depois disso, formou junto com outras pessoas que fizeram o curso e com o Tauató, a associação AGEMA e, tentou colocar em prática os novos conhecimentos, principalmente na família. Seu pai tem uma chácara, e já recebe visitantes há quinze anos, porém Cauré explica que o maior atrativo não tem sido a cachoeira, mas o bar, e a sinuca:

Até, eu consegui mudar minha mãe, para num jogar o lixo no quintal, coloca dentro de saco, e aí a gente faz um buraco e incinera, num é o ideal, mas é melhor do que você começa a jogar tudo no fundo do seu quintal. Agora tô tentando muda meu pai, em relação à cachoeira, pra num roça, pra mata voltar ao normal, meu pai roçou pro pessoal poder chegar mais perto dela. Mas é difícil.

Para Cauré, as reações do meio ambiente à degradação mostram até que ponto os impactos da ação humana poderão ser uma ameaça à nossa própria sobrevivência. Assim, ele justifica sua preocupação com a conservação. Ela fala de sua concepção do ambiente natural:

É o lugar onde a gente vive, acho que você preocupa em relação ao mundo todo. Tem lugar onde chovia muito e hoje num chove mais, lugar que num tinha furacão agora tá tendo. Você preocupa no lugar que cê tá vivendo e no dos outros. Você preocupa só com o seu, e não preocupa com o dos outros, que que vai adiantar você começa a preservar? Porque não passar pro seu vizinho, que ele tem que preservar? Eu tenho essa área isolada e outros vivente pode joga lixo, assorear os rios, desmata. Que que vai adiantar? Como é importante você zelar. O planeta tá reagindo ao contrário do que a gente imaginava. Preservar porque nossos filhos num vai ter água, num vai ter o que vive, Eu vi uma reportagem esses dias, que o homem vai acaba sendo um animal em extinção, que tá acabando com água, com solo, com o meio de sobrevivência. No futuro pode não haver ser humano. Você tem que ser preocupar, qual vai ser o seu meio de sobrevivência futuramente.

Há grande popularização das questões ambientais pelos cientistas e pela imprensa, desde que a ciência e diversas instituições internacionais estão se dedicando a avaliar os impactos da ação humana sobre os sistemas, fazendo, em geral, às devidas correlações com muitos dos desastres ambientais que temos observado (SANSOLO, 2002). A representação de Cauré focaliza esse contato com informações científicas divulgadas sobre o tema, que também parece colaborar para sua percepção sobre a necessidade de ações mais globais para que mudanças locais surtam efeitos.

Cauré se considera “aquém do grupo” AGEMA, em função das duas atividades que exerce. Além disso, para ele, “[...] por não ter turismo do jeito que a gente queria, muita gente saí fora e num participa, o grupo tá meio enfraquecido”. Ele acredita que os representantes da AGEMA são mais de “botar a mão na massa, de fazer, de agir. Num é de tá muito no planejamento, acho que a diferença é essa”, revelando que não se identifica com o processo de planejamento.

Tauató também percebe esse enfraquecimento do grupo, ele gostaria que outras pessoas representassem a AGEMA no Projeto Mulheres das Águas, mas as pessoas estão trabalhando em outras atividades. Dos “32 que fizeram o curso, mas só 3 continuam na AGEMA, porque São João é muito pobre. O cara voltou no Marcinho, gestor do Sebrae, procurando emprego. As pessoas achavam que fazendo o curso, o emprego já estava garantido” (TAUATÓ). Todos os quinze alunos da Escola Bioma Cerrado, também são sócios da AGEMA, mas exercem outras atividades. Contudo, ele tenta manter o pessoal atualizado sobre o que está acontecendo no Projeto Mulheres das Águas, conversando informalmente “no meio da rua”. Tauató acha que falta iniciativa, ele se refere a uma fala em uma reunião com uma representante do Centro de Excelência de Turismo da UnB, que acredita estar associada a esta falta de interesse: “Tem que saber o que que você que pro seu filho. Que ele seja empreendedor ou empregado? Parece que o brasileiro é acostumado a ser empregado, ele num é acostumado a empreender, de esperar”.

Contudo, a questão ambiental não é para Tauató algo restrito ao trabalho, e nem uma completa novidade, embora ele não estivesse familiarizado com alguns termos e em sua história de vida tenha vivenciado relações de descaso com o meio ambiente:

Quando eu era caminhoneiro, eu num gostava de puxar aroeira, eu num gostava de puxar madeira, eu num gostava de entrar no mato para derrubar as árvores. Fiz um trabalho pro WWF... No que eles me contrataram pra levar... Eu andei mais de quilômetro de ré para num manobrar o caminhão no meio das árvores. ‘Pode ficar

tranquilo que eu num quebro não da natureza sua aqui não'. Ele falava em RPPN e eu nem sabia que que ele tava falando. Queria ver eu ficar bravo era ter uma carga de aroeira para puxar. Meus irmão eram um dos maiores derrubadores de mata no Paraná. Acho que de vê um lugar ainda muito preservado, que eu já percebia que se eles tava preservado... Se a cidade de duzentos anos estava preservada era porque não precisava derrubar. Eu só vivi no meio do desastre ecológico, quando eu era menino.

Tauató fala do Cerrado, da cultura:

A parte ambiental dos seres humanos são as tradições, a cultura, que a gente tá também falando sobre isso, que é um pecado né, essa degradação do meio ambiente. Interfere lá na frente com a tradição, na cultura de um povo que se formou exatamente equilibrando com o meio ambiente. Depois vem uma outra pessoa que não tem nada a ver com isso. Ele começa a infia alguma coisa diferente no meio, introduzi uma cultura que num tem nada a ver com aquele espaço, aí atrapalha tudo. Eu faço a minha parte né, tão pequeninha, pra mim, tem muita importância, quando eu entro no meio do Cerrado lá na minha chácara, eu me sinto parte daquele pedacinho ali, eu me vejo como uma outra coisa qualquer. Se tirasse uma fotografia eu taria integrado naquilo ali, sonhando até nos meus sonhos, nos meus pesadelos, as minhas decepções, as minhas alegrias. Eu fico muito aborrecido quando eu vejo um saquinho de plástico, uma garrafa pet. Eu me sinto agredido assim né? Poxa porque que a pessoa num cuida, num deu outro destino para aquilo ali né? Eu vendo o rio enchendo de areia, eu fico imaginando o tamanho do desmatamento.

Porque ele se preocupa com o meio ambiente?

Porque é a vida, ela é a vida, é a essência das coisas, a base de tudo. É onde eu piso na terra, eu me equilibro em cima dela, eu me limpo com essa água, me refresco com a água. Se ela num for importante para mim, num tem nenhum outro pensamento pra mim, como vida mesmo. Meio ambiente no meu ver eu gostaria que ele fosse preservado, mas a gente tem que comer também. Eu gostaria que o meio ambiente tivesse um pouco mais de respeito. [...] Tem lugar para plantar e tem lugar que num é para plantar. Que respeitasse os pássaros, na minha cabeça tem que respeitar pelo menos a lei, embora ela é fraca, pequena, restrita, mas nem isso se respeita. Se desmata a beira do rio, polui, passa agrotóxico nas lavoura, arrebenta com tudo.

Tauató trabalhava como caminhoneiro. Quando foi para a região de São João d'Aliança, se interessou pelo lugar e começou a transportar grãos. Depois, se associou a um conhecido e foram trabalhar com soja, plantio, colheita e transporte. Mas a experiência não foi bem sucedida, eles não conseguiram a produção que esperavam. Para se fixar na cidade, Tauató passou a trabalhar na construção e conheceu Surucuã durante a obra de sua casa. A partir deste contato, ele fez dois cursos de guia, como Cauré, um pela Nativa e outro na Escola Bioma Cerrado. Ele fala desse período de transição, quando começou a guiar turistas:

A gente fez um levantamento de cachoeiras. O Surucuã achou que devia montar uma operadora. Os produtos eram as cachoeiras, as trilhas, mas não tinha estrutura. Continuei na construção, [...] o Surucuã bolou de fazer a pousada, Aldeia da Serra. Eu continuei na construção, mas quando aparecia guiamto a gente deixava e ia. Aparecia turismo sempre final de semana, o Surucuã divulgava lá em Brasília, mas de boca. Era umas pessoas, vários proprietários de chácara. O cara fazia propaganda dizendo que tinha muitas cachoeiras. Eu guiei muita gente que era proprietário de

chácara. Teve gente que construiu, mas teve gente que desapareceu. Se tivesse guiamento eu parava a construção [da casa do Surucuã] e ia guia, aí concentrava em mim e no Cauré. A alimentação era improvisada. Comia umas bolachas, e umas paçocas de sal e de doce, porque num tinha onde comprar. Foi sempre na base de improviso.

Atualmente, Tauató está se dedicando à finalização de sua própria casa, que é toda de adobe e com o aproveitamento de diversos materiais reciclados. No local há apenas banheiro seco e a comida é feita em fogão à lenha. Ultimamente tem recebido alguns visitantes, em geral amigos de pessoas envolvidas no Projeto ou pesquisadores, que utilizam o espaço para camping. Além disso, alguns solicitam também seus serviços como guia para conhecer cachoeiras. Logo no início da pesquisa se referiu a esse trabalho como um projeto de vida e uma possibilidade de renda a partir do turismo:

Eu tô esperando que vai ter, por exemplo, eu vou estruturar a minha chácara para receber turista que vai lá acampar, que vai conhecer o banheiro seco, esse espaço meu. O dia que eu puder fazer ele de modelo, eu vou fazer um guiamento, então vai gerar renda, vou vender comida, vende paçoca, eu tenho que fazer isso gerar renda, senão também vai ser em vão todo esse processo meu. Eu já faço duas coisas. Eu faço o levantamento turístico e eu vou aproveitando para conhecer os caminhos, aprimorar os caminhos pra eu passar com meu turista.

Para Tauató o maior interesse de seu grupo é o desenvolvimento turístico da região, quando todos possam ganhar com isso, com a formação e a atuação de mais guias, e em consequência a conservação do cerrado e a valorização do meio de vida das populações rurais de São João. Cauré aponta para a geração de renda como o objetivo comum de todos os envolvidos no Projeto Mulheres das Águas, sendo essa a maior prioridade, ao seu ver, não apenas para seu grupo. Cauré e Tauató ressaltam, em suas representações, idéias e imagens diferentes quanto às questões ambientais e às relacionadas ao grupo. Enquanto Cauré credita o pouco envolvimento do grupo com a atual fase do Projeto, voltado para ecoturismo, à questão da inexistência ou da pequena possibilidade de geração de renda com esta atividade; Tauató, além disso, destaca também uma certa falta de interesse e até apatia das pessoas para se movimentarem neste sentido. Tauató relaciona sua representação do ambiente a um meio de vida, a uma opção acertada, coerente com o que acredita e aprendeu. Para Cauré é uma necessidade de sobrevivência que está em jogo, tanto em conservar o meio, como em garantir uma renda mínima para se manter. Nesse caso percebe-se claramente como as representações sociais mencionadas pelos dois refletem em suas expectativas quanto ao turismo e nas relações com os demais envolvidos.

A AD Capetinga é uma agência voltada para o desenvolvimento das comunidades de São João d'Aliança, que atua em parcerias e por meio de projetos socioambientais. Ela surgiu da necessidade de um grupo de pessoas preocupadas com os problemas locais:

Eu [Inhambu], Renilze e Arapaçu começamos a fazer coisas pra provar que as pessoas eram capazes. Foi na mesma época que surgiu Mulheres das Águas. Aí começou uns trabalhos com o WWF. Aí eu consegui com o IBAMA, porque São João d'Aliança é Chapada dos Veadeiros, eles vieram fazer uma capacitação com a comunidade. Era sobre as propriedades, orientação com a preservação. A participação era muito boa, e hoje tem professor que é multiplicador mesmo. Começamos a trazer tanta capacitação, e hoje tá todo mundo cheio de capacitação. E também o Sebrae, querendo ou não eles são muito comerciais, aí o Sebrae começou a querer empurrar um monte de curso que num tinha nada a ver com São João. Aí começamos a buscar cursos que tivessem mais a ver com o perfil de São João. (INHAMBU).

Inhambu é um dos membros da AD Capetinga, e no momento é a pessoa que mais atua na representação do grupo nas atividades do Projeto Mulheres das Águas. Segundo Inhambu, a AD Capetinga funciona como um fórum, assim qualquer Associação, qualquer Organização pode participar. Ela começou a se dedicar a AD Capetinga quando discordou da política da prefeitura, deixando o cargo que ocupava, em um trabalho voltado para as questões sociais. Inhambu explica que sua ligação com as pessoas de São João está relacionada a seu pai, prefeito em 1979, mas sempre envolvido com o mundo político. Ele já trabalhou como escrivão e delegado: “e eu toda vida mais comunicativa, aonde meu pai ia, eu tava junto, por isso que eu tenho esse vínculo muito grande com o pessoal da roça”. Inhambu foi criada na cidade, mas sempre frequentou o meio rural. Seu interesse pelas questões sociais e ambientais em São João começou quando ela trabalhava no Sindicato de Trabalhadores Rurais do Município:

Aí eu fui para Goiânia, fazer umas capacitações no SENAR, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, é o órgão da Federação de Agricultura, só que eu achava tão absurdo aquelas idéias bem capitalistas, bem do sul de Goiás, num era de acordo com a realidade de São João d'Aliança. Era um choque muito grande, porque mesmo que já tinha chegado a monocultura, a lavoura mecanizada, num era a realidade do sul de Goiás. Aqui tinha dois perfis bem diferenciados: o perfil dá lavoura, a lavoura de monocultura, e o outro que nunca ia desenvolver desse tipo jamais e que eram pequenos produtos. A maioria de São João. E tava acontecendo de grandes produtores estarem arrendando terras de pequenos produtores, e também pessoas que acabaram vendendo, nunca tinham visto tanto dinheiro. O achismo de acha que mora na cidade tá dentro da civilização e que é bom, e hoje, infelizmente, essas pessoas moram na vila e dependem da bolsa família, estão no cadastro da assistência social.

Ela fala das mudanças ambientais que observou quando visitava as grandes propriedades: “Eu via locais que antes tinham mina, que num tinha mais. O local que eu pegava caju, num tinha mais, era só soja” (Inhambu). O Cerrado é para ela um ambiente de

muitas riquezas e muitos potenciais, destacando as frutas, as sementes, a água, a fauna e as plantas medicinais. Inhambu se dedica integralmente ao trabalho na AD Capetinga, mas só adquire alguma remuneração por fora, se alguém a contratar como consultora, já que “como membro da AD você não pode ter uma remuneração”. Resumindo seu trabalho atual, ela enumera sua participação em projetos do Fundo Mundial da Natureza – WWF, com a organização Ecodata e apoio da Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA, ensina técnicas de reciclagem de papel nas escolas, aproveitamento de sementes para confecções de biojóias, sempre com um fundo educativo abordando também o plantio de sementes.

Sobre seu grupo, AD Capetinga, faz uma caracterização do aspecto que considera fundamental e marcante, e que está, de alguma forma, ancorado à sua identificação espiritual:

Acho que é a presença e a proximidade do grupo. Os objetivos desde o início, acho que deve ter alguma dívida por tá todo mundo brigando por alguma coisa. Tem gente de tudo quanto é religião, tudo quanto é partido político. Acho que o ambiental é o mais forte. Tem muita gente que ainda é muito ligada ao lado material, não se desprende ainda. Quando tá tendo retorno, tá todo mundo presente. Já teve momento da gente fazer alguma coisa pra provar pra comunidade que a gente é capaz, fazer até uma vaquinha pra pagar alguma coisa.

Para Inhambu, a prioridade de seu grupo é “o desenvolvimento sustentável do Município” que ela acredita está ligado ao planejamento turístico e a renda gerada a partir do mesmo. Suas representações ambientais, sociais e espirituais estão conectadas, há um grande senso de justiça, e ao mesmo tempo uma certeza na interferência divina. As imagens que guarda sobre o que vivenciou, quanto à desestruturação de comunidades rurais antigas em São João, são fatos determinantes em suas representações. São questões centrais, que provavelmente agem de maneira imperativa na condução de suas escolhas, no contato com novas propostas, projetos e idéias. Como as duas experiências, espiritual e política são igualmente relevantes em sua vida, ela assim descreve sua representação do monocultor, do grande fazendeiro:

Não tem lógica, o cara poder sobreviver plantando direito, produzir de forma incorreta e não perceber que ele tá matando planta, animais, e no final um monte de gente. Cada um vive num tempo, de repente eu já tive o meu tempo e talvez por isso eu tenho essa responsabilidade. Vai chegar o tempinho dele.

A Organização Mulheres das Águas surgiu logo após o primeiro Projeto, em 2001, que estava direcionado para o estímulo à participação das mulheres nas questões socioambientais das comunidades e a recuperação do Rio das Brancas. O grupo se diz desarticulado, e algumas

mulheres estão buscando repensar seus objetivos e propostas de ação, mais viáveis para as mesmas. É um período de reflexão. Iraúna justifica:

Depois quando passou a fase do projeto, mas depois teve uns probleminhas aí e desarticulou. Aí nós tentamos pra vê se continuava com o reflorestamento, que é meu sonho. Tinha mulheres de vários lugares, de São de São João e também na Zona Rural. Eu acho que um dos problemas, que o povo não valorizou por causa de uma renda, porque pra gente toca sem uma condição financeira seria pouco, e que pra gente plantar muda pra vender num tinha como. A gente teria que ter alguma coisa pra dar manutenção pro grupo. E a gente tinha que ter alguém que se dedicasse por algum tempo e aí num tava produzindo muita muda. Mas a gente ficou um grupo, assim um pouco teimoso. Era pra planta, mas pra manter o viveiro a gente tinha que vender um pouco.

Estavam envolvidas nas atividades da Organização dezesseis mulheres, algumas continuam fazendo cursos de artesanato, como trabalhos utilizando palha de milho e folha de buriti. Iraúna e a irmã pensam em reunir o grupo interessado em desenvolver atividades artesanais e também incluir pessoas carentes nos trabalhos. Sobre as geléias, elas acreditam que a maior dificuldade foi à questão das exigências sanitárias, as quais não se acham em condições de atender e também porque dá pouco retorno financeiro:

Essa semana mesmo tá na época da gente fazer as geléias, porque a cagaita perde rápido. Na Feira de domingo a gente não vende, só vende nesses encontros. Só em época de feriado, se tem algum turista é que a gente vende. A gente num vai direto na feira porque quase num vende, aí dá um desanimozinho...

Iraúna está participando da atual fase do Projeto. Ela e a irmã, Pitiguari, trabalham com a produção de geléias e outros produtos artesanais, como tapetes, mas se auto identificam como trabalhadoras rurais. Iraúna também trabalha junto com a Inhambu, no Projeto do WWF, para ela, a questão ambiental está em todos os trabalhos que executa:

A gente, em todo trabalho, a gente sempre tenta essa conscientização, seja na escola, na igreja, em qualquer lugar. Sempre planto o que eu posso, e conservar o que eu já tenho. Eu só num planto mais por causa da condição, de saúde e a falta de dinheiro, a gente só cuida de banana, mandioca e café.

Iraúna nasceu e morou, até 2002, na comunidade do Jatobazinho. Ela e a irmã relataram com riqueza, detalhes de diversas atividades que realizavam quando moravam na fazenda, incluindo à organização social em torno do plantio e da colheita. Além do preparo de alimentos, como as conservas de carne com toucinho, que duravam cerca de três meses. Tudo era plantado, só o sal era comprado. Lembram dessa época com saudade e fazem continuamente uma comparação com o que acontece hoje:

A gente num conhecia nada de padaria, a gente fazia os biscoitos pra gente comer. Era um trabalho muito forçado, mas a gente tinha tudo. O serviço da roça é muito

braçal, mas era preferível do que comprar. Porque tudo se tinha pra comer durante o ano. Mas agora nós já num dá conta mais. (Pitiguari)

Mas também ponderam as dificuldades que enfrentavam:

A gente tingia também com casca de árvore. [...] Depois que veio a tinta, mãe falou assim, agora nós num vamos ficar com esse trabalho todo não. [...] O fósforo ficava guardado na cabeceira da pessoa mais velha. Tinha um fogo que a gente num deixava apagar, chamava dura, que a gente num tinha fósforo, e a iluminação era com azeite de mamona, mas até se chegar com essa mamona era um trabalhão. O sabonete a gente ficava de olho nas carniça. Quando o boi morria, depois que o urubu comia, ia direto pra fervura com soda pra virá sabão. (Iraúna)

Mas mesmo com todas as dificuldades, ainda era melhor:

Assim mesmo o povo vivia tão alegre, mais alegre que vive hoje. Acho que era saúde que a gente tinha, a gente num comia nada contaminado. Meu avô fazia festa pro menino Jesus, mas a festa começava no dia quinze. Um dava almoço, outro dava jantar. Se acabasse tocava a vaca, a que aqui chegasse matava, ninguém nem perguntava de quem era. O povo bebia mas ninguém brigava. (Pitiguari)

Elas utilizam basicamente remédios caseiros, e esse é um dos motivos de não deixarem os irmãos desmatarem uma área do quintal. Quando pergunto do cerrado, Iraúna se emociona e mal consegue se expressar:

Pra mim o Cerrado é tudo pra mim, quase tudo, do Cerrado você tira tudo pra sobreviver. Além dos remédios, dos alimentos, eu pra mim o Cerrado é uma vida como nós. Outro dia eu tava conversando com uma irmã minha e ela falou que quando ela ouve alguém derrubar uma árvore, parece que ela tá chorando porque parece que ela tá tirando uma vida. E tá mesmo. Além de tudo, quando você tira uma vida, você tá tirando outras vidas, num é só a árvore, o pau, ou o remédio, mas quantos animais sobrevive do Cerrado. Tem o jacu, o veado, a seriema e muitos outros animais, que onde não tem Cerrado, não tem animais, então você destruiu muitas vidas. E pra nós também, pra mim ele é considerado como o berço das águas, porque onde não tem Cerrado, as águas num vive, e onde não tem água, não tem vida.

Essa representação do Cerrado também está enraizada no passado, em referências familiares. Iraúna e Pitiguari falam da relação do pai com os animais:

Toda vida a gente teve isso. Meu pai trabalhava de lavoura, mas ele já tinha os cuidados, ele tinha pouco estudou, mas toda vida ele teve isso. Eles num desmatava pra fazer roça na beira do rio, eles tinha uma prática. Eles dizia que se tirasse as margens da água ia desbancando o rio e também era o lugar dos bicho fazer morada, entre a roça e o rio, principalmente paca e cutia. (PITIGUARI)
No lugar da roça limpa, eles num fazia morada. Meu pai falava que a gente num pode destruir a morada dos animais porque eles tem o mesmo direito que o nosso. Outros não, mas muitos tinha essa prática. Meu pai caçava, mas era assim, quando chegava no mês de outubro e fevereiro, num caçava porque sabia que era a época da mãe tá cuidando dos filhotes. Aquela época num caçava. Num matava porque ficava imaginando aquele tanto de filhote sem a mãe pra criar. E assim, ele já tinha a base de quando era época dos animais cria, eles conhecia, pelas caça que fazia. Eles conhecia pelas teta, que tava cheia. Eles ensinava, mas tinha gente que num ligava pra isso. (IRAÚNA)

Para essas duas mulheres das águas e da gente do Cerrado, a vida na roça, as interessantes e complexas relações que conhecem e estabelecem com o meio natural compõem representações de grande riqueza patrimonial. Há tanto significado e memória no meio natural e na vida social, com que se relacionaram e se relacionam, que estranho seria não encontrá-las nesse movimento de valorização cultural e ambiental do Município. Há, contudo, uma atualização de suas representações nas constantes comparações que estabelecem com os problemas atuais, reforçando o forte vínculo com o passado, com as relações socioambientais que observavam e vivenciavam no passado. As dificuldades atuais confirmam suas representações do valor de uma época que passou. Reforçam uma saudade, mas talvez possam também favorecer a construção de uma resistência à necessidade de se adaptarem às exigências atuais, potencializando as dificuldades e os desafios que precisam ser vencidos. Não que as dificuldades não existam. Elas são reais, assim como o são suas representações. Mas suas representações, não se pode negar, geram implicações enquanto pensamento, produtos de e produzindo movimentos.

Algumas reflexões parecem necessárias quanto à situação em que se encontram Iraúna e Pitiguari, a fim de que, no receio de ultrapassar a linha que separa colaboração de assistência, receio esse, vinculado à grande preocupação de estimular a autonomia dos grupos, não venha a colaborar para perpetuar essa representação da dificuldade do “mundo atual” e assim o “desanimozinho” e a esperança no passado. Qual o tamanho do apoio? Até que ponto ele deve ocorrer? Estes são os pontos para reflexão. Muitas vezes a colaboração precisa ser ampliada, porque são várias as dificuldades, e elas estão nos detalhes, os detalhes tornam-se a diferença e, as dificuldades, os detalhes, se tornam tudo, eles incluem a entrada no mercado, as condições sanitárias para elaboração do produto e até mesmo a sua apresentação. Essa já é uma preocupação dos envolvidos com o Projeto Mulheres das Águas, e do ISPN, que vem direcionando novas ações no sentido de, efetivamente, viabilizar a entrada dos produtos, que apóia, no mercado.

Iraúna, que participa do Projeto Mulheres das Águas desde a sua fase inicial, fala da também da importância do mesmo, quanto aos conhecimentos que adquiriu sobre o meio ambiente, e inclusive colaborando e ampliando às suas relações sociais: “E também a convivência, a gente deu pra ter relação com outros grupos que a gente num tinha relação antes. Antes era mais a família, os vizinhos. É muito bom você convive com diversas pessoas”.

A Aliança Mulheres do Cerrado é o resultado da união de mulheres, que já fizeram parte da Organização Mulheres das Águas, mas que, ao que indicam, não se identificavam tanto com a proposta de trabalho e com o ritmo da mesma. Dessa forma, se juntaram para, a princípio, trabalhar com a confecção de colchas, no estilo *patchwork*, a partir de seu aprendizado em um curso oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR. Fazem parte do grupo três mulheres, entre elas Iratauí e Sovi, esposa de Tauató da AGEMA. Sovi e o marido estão passando por uma fase “complicada” financeiramente, porque “nenhum dos dois está conseguindo retorno”. A Aliança Mulheres do Cerrado vem colocando seus produtos no mercado em um grande esforço do grupo:

Porque eu sei que essas que ficaram elas lutam com muita coragem, como eu, porque nós não temos como cobrir esse trabalho dela. Então elas esperam, eu acho muita coragem. Sempre nós vendemos em três pagamentos, por isso que o primeiro que entra é delas. Seria importante a divulgação porque a gente num tem como fazer. Às vezes tem uma feira, a gente num pode ir, porque tem que pagar hotel, tem que pagar passagem e a gente num pode ir. Só quando tem essas feiras aqui é que a gente vai, geralmente o que sai é pra gente que vem de fora. (Iratauí).

Iratauí veio para São João d’Aliança para trabalhar numa creche, a pedido do prefeito e neste período começou a aprender artesanato para ensinar crianças e idosos. Em 2004, entrou para o grupo da Organização Mulheres das Águas, quando frequentou diversos cursos, tanto os do Projeto Mulheres das Águas como os oferecidos pelo SENAR. Embora o trabalho com as colchas não seja associado ao Cerrado, ela explica que o nome da Organização se justifica pela vontade que o grupo tem de ampliar as atividades para produtos artesanais ligados ao ambiente natural, assim é que, a maioria dos cursos tem ocorrido na sua própria casa. Sobre o Cerrado, expõe:

No meu tempo, assim, atrás, eu tenho oitenta anos, como eu já vivi bastante, eu posso dizer tempo atrás. No meu tempo quando a pessoa ia comprar uma terra, e era Cerrado, num prestava porque era Cerrado. E hoje o Cerrado é a vida. Porque do Cerrado se a pessoa quiser fazer doce, que dá pra viver de fazer doce, ela vive, se ele quiser mexe com semente dá. Eu acho que o cerrado é assim, o nosso aliado pra vida.

Segundo Iratauí, a maior prioridade da Aliança Mulheres do Cerrado atualmente é a sua “legalização”, para facilitar a venda dos produtos em lojas, e garantir uma maior “confiança” em relação ao grupo.

Sovi nasceu no Paraná, morou em outras cidades da sua região de origem e em Campinas, São Paulo. Veio para São João após Tauató ter se interessado pelo local, quando trabalhava com transporte de grãos. Toda a sua família reside naquela região, mas ela revela grande identificação com a paisagem do Cerrado, e com o Município. Sempre morou em

cidade, “nunca fui de roça”, porém revela suas lembranças da vida no interior junto ao pai e a mãe:

Apesar da nossa cidade ser maior, mas tinha aquela tranquilidade de você brincar na rua. Meu pai era maestro da banda no local. E minha mãe, na sede onde eles ensaiava, ela limpava lá, ela ganhava pela prefeitura. Igual meu pai também. Parece que continua a banda, mas parece que não é tão ativo, igual era antes. Era muito legal, a gente levantava de manhã, quando eu levantava eles já tinham ido fazer a serenata na rua. Era o meu aniversário, sete de setembro. Os músicos andavam na rua, eles andavam na rua tocando aquelas serestas. Daí eles me chamavam e tocavam parabéns. Era também o dia da cidade. Eles andavam na rua, quando eles chegavam, a mamãe arrumava o lanche e aí eles me chamavam e tocavam. [lágrimas] Aqui tinha um trabalho, em São João, de uma banda. Daí quando eu vi, a primeira vez que eu vi, eles começaram a tocar parabéns pra cidade, eu comecei a chorar no meio da rua.

Sovi fala do Cerrado com muita emoção:

Eu acho que ele é tudo. Ele é parte de você, se você olha, como diz o Tauató, se você ouvi o canto do passarinho, cê sabe que ele tá pedindo. Meio ambiente é a consciência da gente. É a consciência de um todo. Pausa...De vida mesmo sabe, você num precisa ser tão radical na coisa sabe... Mas você tem que ter consciência que você precisa disso, das plantas, dos bichos, da água. Você tem que ter consciência que você tem que preservar o máximo que você puder. Ah, eu num sei te dizer muita coisa. Você sai pra andar no mato, é tão bom, é uma renovação, é você renascer, é você nascer todo dia, né?

Sobre a Aliança Mulheres do Cerrado, ela se mostra preocupada com as perspectivas, não tem tanta confiança que a situação irá melhorar. Mesmo que a organização consiga se legalizar, o produto que elaboram tem um valor de mercado “muito alto para as pessoas da cidade”, que tem um baixo poder aquisitivo. Sovi gostaria de explorar outras atividades na chácara, quando Tauató terminar de estruturá-la. Com a vinda dos turistas ela pensa em trabalhar com outros produtos. Contudo, ressalta a importância do grupo, enquanto espaço de união e força entre as mulheres.

Enquanto para Iratauí o cerrado está representado principalmente como uma possibilidade de sobrevivência e de geração de renda, Sovi destaca seus aspectos mais relacionais, numa visão mais integrada, que inclui a consciência de uma relação mais complexa e mais próxima com o todo. Porém ambas acreditam que essa conexão e valorização do ambiente natural que revelam, está ancorada nos últimos anos, quando entraram em contato com pessoas e fizeram cursos voltados para o tema. Sovi ainda destaca a influência que o marido tem na sua forma de perceber e querer se relacionar com o ambiente natural.

Sovi e Iratauí reconhecem em seu grupo um grande valor, principalmente pelo empenho e esforço coletivo na elaboração e venda de seus produtos. Apesar das dificuldades, demonstram e revelam um sentimento de apropriação e autonomia sob suas atividades e este sentimento está de alguma forma vinculado às propostas de participação das mulheres, no contexto das idéias discutidas pelo Projeto Mulheres das Águas. Iratauí faz um ressalva sobre a importância desse período: “Mudou, sabe por que? Porque me encorajou muito. Isso que eu tô fazendo aqui, é que deu essa vontade de crescer, de fazer e de deixar alguma coisa. Me estimulou muito”.

A Organização CAMARÁ foi criada, originalmente, como um espaço de trabalho para jovens estudantes ou recém-formados, em busca de uma oportunidade de trabalho, por meio de projetos voltados para as questões socioambientais. Ela surgiu no âmbito da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Querioz” - ESALQ e, posteriormente, passou a se localizar em Brasília, quando profissionais de diversas áreas, alguns trabalhando, em um primeiro momento, no Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA, passaram a fazer parte da Organização. A CAMARÁ é a responsável direta pelo apoio do PPP-ECOS, e pela administração dos devidos recursos advindos do apoio. Chincão e Uiraçu são os representantes da CAMARÁ que participam do desenvolvimento desta fase do Projeto Mulheres das Águas.

Chincão estudou agronomia na UnB, fez muitos estágios na Embrapa, relacionados a questão de conservação e uso de sementes. Atribui sua maior ligação à questão socioambiental ao trabalho, que exerceu durante oito anos no FNMA. Durante este período, percebeu que havia a necessidade de capacitar os interessados para a elaboração e o planejamento dos projetos. Assim, passou a realizar cursos de capacitação em elaboração de projetos em várias cidades do País. A entrada na CAMARÁ representou uma possibilidade de participar mais em projetos voltados para o meio ambiente e para a sociedade. A aproximação com São João d’Aliança ocorreu pela atuação da mãe, Caburé, no Projeto Mulheres das Águas. Ela também revela a importância da mãe, colaborando para sua preocupação com a sociedade e o meio ambiente.

Hoje Chincão trabalha no Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, segue a carreira de especialista em políticas públicas, conhecida como gestor público, num programa de apoio ao pequeno agricultor ou agricultor familiar. Por este programa, promove-se à

compra, sem processo de licitação, de até 3.500 reais por ano por agricultor, de alimentos a serem utilizados em programas de governo, incluindo doações a escolas e creches.

Chincoã fala do que a motivou a entrar para a CAMARÁ: “Vi na Camará a possibilidade de participar mais efetivamente de um projeto”. Seria então uma possibilidade de não ficar só na análise dos projetos, mas desenvolver as atividades que acreditava, com “processos mais participativos, envolvendo a construção de uma proposta coletiva de desenvolvimento”.

Uiraçu trabalhou no Ministério do Meio Ambiente - MMA, onde colaborou com a proposta de Lei de Gestão de Florestas Públicas. Posteriormente, assumiu um cargo público como perito na polícia federal. Atualmente, foi cedido ao MMA para a consolidação do Serviço Florestal Brasileiro, destinado à política de gestão de florestas públicas. Uiraçu associa suas referências e dedicação para com as questões socioambientais à sua infância “na roça”, ao período na faculdade de arquitetura, quando começou a “fazer uma crítica do espaço urbano”, e percebeu que seu “negócio” era o “meio rural”. Sobre o tempo em que cursou engenharia florestal, ele expõe:

Quando você sai de casa, você começa a ter mais autonomia. Quando você se descola da família, você começa a se descobrir melhor, descobrir valores que são mais seus. [...]. A universidade abre um pouco a discussão, sobre a questão ambiental. Acho que uma referência importantíssima foi à educação ambiental, uma disciplina pra toda a turma. E o Marcos Sorrentino acho que foi um catalizador pra isso. Aí começou a por a mão na massa, e a criar esses processos. Quando entrei no curso de engenharia florestal era plantar eucalipto, cuidar do eucalipto, processar o eucalipto, quando muito trabalhar com madeira. Num tinha meio ambiente, era ecologia, era outra coisa... Acho que a gente, bom, foi muito bom, uma questão de romper com tudo isso, né. Quem diria que a gente ia romper com tudo isso.

Uiraçu destaca, também, sua experiência em projetos de recuperação de áreas de preservação permanente, o tempo em que morou em uma chácara, produzindo *shitake*, e posteriormente seu trabalho com educação ambiental, relacionado ao desenvolvimento do ecoturismo, em Pirinópolis. Pirinópolis foi a primeira cidade que morou em Goiás, antes de se mudar para Brasília. Durante este período, vivenciou as diversas relações entre “ONGs, e as articulações que envolvem o poder local”, entre outras questões, que ocorrem em uma “cidade pequena”. Outra vivência que menciona, foi a participação em um projeto junto aos povos Terena, no Mato Grosso do Sul, quando as dificuldades, relacionadas a diversos aspectos, como às características culturais, se tornaram mais evidentes. Sobre o que vivenciou faz algumas reflexões:

Nesse meio tempo, entre Piracicaba e São Lourenço da Serra, eu trabalhei com Terena. Terena é muito disciplinado. Valoriza a educação. E aí, eles num têm onde trabalhar. Vão trabalha como bóia fria. A gente fez, mas é difícil. A gente tava buscando desenvolver projetos de atividades econômicas pra eles. Era pra valorizar a cultura, recuperar algumas áreas. A gente fez o mapeamento da área indígena, fez viveiro. A gente esperava que eles fizessem projetos para viabilizar essas atividades. Os projetos chegam, eles num participam. Daí as pessoas vão embora e as ações se encerram. Bom, por que? Porque primeiro, eu tô aqui quieto, você vem me oferecer algo, aí eu quero. Mas é outra cultura também né? Dizer que eles precisam disso, eu num sei, que num é muito diferente, pode fazer toda a diferença ter ou não ter uma iniciativa de mudança. Mas precisa mudar? O desafio é como mudar, sem mudar. Esse é o grande desafio. A primeira semana que eu passei na aldeia, eu fiquei desesperado, por causa do ritmo. Eu fui pra trabalhar. [...] Mas num virou o que era a idéia, num aconteceu. Mas eles acabam tendo uma visão melhor do que eles podem e querem ser. E também essa coisa do determinismo é fogo. Você tá numa comunidade indígena, no Mato Grosso do Sul, é uma sociedade indígena, que num é indígena. Todo mundo é índio. Só que a sociedade num é, é difícil pra eles.

Sobre sua atual participação no Projeto Mulheres das Águas, em contraposição a essa interferência, a essa proposta de mudança, ressalta: “Essa experiência é fundamental, de ter o contato. Eles têm todos os problemas que a gente tem, mas acho que a gente tem que tá lá pra pensar sobre isso”.

A Universidade de Brasília participa do Projeto Mulheres das Águas desde o seu início em 2001, quando atuaram estudantes de diversas áreas, como antropologia, geografia e educação. A professora e decana Caburé foi e é a sua principal mentora, coordenando alunos e facilitando a participação dos grupos no Projeto. Hoje, a UnB está representada principalmente pelo trabalho de Acauã. Acauã se formou em turismo, trabalhou como estagiário na Embratur, e depois por um curto período no *Blue Tree*. Ele fez um levantamento inicial do potencial turístico de São João antes da elaboração da proposta para concorrer ao apoio do PPP-ECOS. Esse período durou cerca de um ano, e incluiu diversas visitas as comunidades com muitos registros fotográficos.

Durante o período da graduação, Acauã começou a praticar escalada esportiva, um esporte que ele considera integrado com a questão ambiental, tanto que seu trabalho de conclusão de curso foi sobre um local muito procurado por escaladores nas proximidades do Município de Água Fria, cerca de oitenta quilômetros antes de São João d’Aliança, conhecido por Belchior (o nome do proprietário do lugar). O trabalho propõe uma reflexão em torno das práticas do turismo de aventura, sobretudo a escalada esportiva, a partir de uma avaliação da situação e do contexto das atividades na região de Belchior. Algumas questões, abordadas no trabalho, parecem relevantes para um maior entendimento das representações sociais

reveladas por Acauã quanto ao ambiente natural e social, mesmo que o trabalho não tenha sido elaborado só por ele.

Sobre a prática da escalada, eles destacam a “consciência ambiental” como um componente importante para os “reais praticantes dos esportes de ação ou os mais antigos”, e a definem utilizando uma citação de Croso, editor chefe da revista Head Wall:

A escalada é um esporte que está sempre apontando para o desconhecido. Quanto mais próximo se está da fronteira e mais se permanece, mais intensa se torna a escalada. Nesses momentos, que podem durar de alguns movimentos a vários dias, a consciência adquire uma nova configuração, assimilando e se adaptando à mudança; um estado que permanece por um tempo mesmo depois da escalada, até a consciência retornar à sua configuração antiga, porém não exatamente como era antes. Nesse sentido a escalada é uma experiência muito pessoal, pois cada pessoa tem a sua fronteira e sempre que ela é superada, a experiência se torna uma realização pessoal significativa. Mas algumas escaladas têm um efeito também sobre a comunidade. Além de fronteiras pessoais, existem aquelas que marcam de certa forma a dimensão do esporte como um todo. Uma escalada que transpõe esses limites é ao mesmo tempo um enriquecimento pessoal e conjunto. O novo não é absorvido somente pelas pessoas que o descobrem, mas é refletido através dela para toda comunidade. E o esporte avança. (CROSO *apud* BONTEMPO, BARBOSA e NERY, 2004, p. 7)

A consciência ambiental a que os autores do trabalho se referem inclui a questão das relações com as pessoas próximas ou residentes no lugar utilizado pelo esporte, não apenas em relação aos recursos naturais. Quanto ao proprietário da área de estudo, o Sr Belchior, na época passando por dificuldades financeiras, há uma descrição de suas características hospitaleiras:

O Sr. Belchior, proprietário da chácara, senhor de terceira idade, simples e de vida difícil, completa as atrações deste complexo. É um senhor que nunca estudou turismo em sua vida, porém sabe como poucos como receber hóspedes em sua localidade e o faz pelo simples prazer de receber os esportistas em sua casa. A vontade é tanta que muitas vezes oferece a própria casa como abrigo para os escaladores. (BONTEMPO, BARBOSA e NERY, 2004, p. 12)

E das condições, ao mesmo tempo, precárias: “É um senhor humilde que não tem pretensões econômicas e que passa por dificuldades, mas que eventualmente é ajudado pelos escaladores, recebendo cestas básicas e mantimentos”. Não há estrutura para os turistas, a hospedagem ocorre por meio de “uma camping ‘improvisado’ no quintal da casa. Não existem chuveiros disponíveis aos turistas, as refeições são preparadas na cozinha da propriedade, em um fogão a lenha” (BONTEMPO, BARBOSA e NERY, 2004, p. 10). Dessa forma, os autores concluem pelo sucesso da relação dos esportistas com o proprietário, que apesar das precárias condições recebe a colaboração dos visitantes, mais interessados no potencial ambiental para a prática da escalada que preocupados com a infra-estrutura. Não

deixam, no entanto, de ressaltar como um planejamento turístico adequado, ambientalmente, poderia ser útil para gerar renda ao Sr Belchior e favorecer a conservação do ambiente.

Em entrevista, Acauã fala sobre escalada e turismo:

A minha relação com meio ambiente se aprofundou muito quando eu comecei a fazer escalada esportiva. Já tinha freqüentado alguns ambientes naturais, pedalando, fazendo montanbike. Porque na escalada você procura a pedra, que geralmente estão em lugares remotos e você fica alguns dias no mato, só você, com outras pessoas que tão com você. Já tem cinco anos que eu comecei, com o meu primo que me levou num lugar em São Paulo, Analândia, uma caverna de 60 metros de altura, eu gostei muito, até por conta dessa coisa de acampar, de tá no meio do mato e tal. É da filosofia da escalada, se preocupar muito com o ambiente natural, com a preservação, técnicas para diminuir o impacto, aí eu fui aprendendo e minha relação foi se estreitando cada vez mais. E eu estudando turismo, eu comecei a querer aplica a minha formação em relação a isso, eu comecei a perceber que as pessoas viajavam para praticar a escalada.

Acauã faz questão de representar o ambiente como um todo, integrado: ambiente natural, construído, gente e cultura, “eu vejo tudo integrado”. Essa integração só pode ocorrer se houver “trocas”, “trocas conscientes”, que “valorizem a cultura”, “as características das comunidades” e isso, argumenta, pode ser proporcionado pelo “turismo, pelo ecoturismo”.

O que dizer sobre a Universidade, a qual está vinculado e o trabalho que realiza:

Na verdade tem muitos interesses. A minha visão é tá trabalhando com turismo ecológico, com comunidades tradicionais. Eu vejo esse trabalho como uma experiência de vida, eu acho tudo muito bom. Trabalho numa coisa que eu gosto, sem tá dentro do escritório. Esse projeto vai vingar, se a gente num conseguiu tudo. Mas experiência profissional mesmo a gente tem. A minha expectativa é tá com um projeto de mestrado escrito. A UnB é o nome dela que tá em jogo. É um projeto de extensão universitária, que tem vários projetos, tem o pessoal do direito. A universidade de Brasília também tá interessada nessa questão do desenvolvimento sustentável, o ISPN, o PNUD. Pra mim é pessoal também, de tá vinculado a esse projeto. Dentro da minha cabeça tá indo demais, faz dois meses que quase todo final de semana tem gente em São João d’Aliança. Num tem ido mais, de repente por uma falta de CAT [Centro de Atendimento ao Turista], ou pelo falta deles mesmo, de não tá capacitado para receber os turistas.

O trabalho de Acauã está direcionado para o planejamento turístico da região, com a participação comunitária. A primeira etapa, de levantamento do potencial dos atrativos naturais e culturais gerou a segunda, de divulgação. Foram, ao todo, quatro exposições de fotos, a última incluindo as poesias de Anacã. As fotos são um intrigante e complexo testemunho de suas representações do “ambiente integrado”, dos lugares, das pessoas, das festas, do dia-a-dia, da vida simples da roça. As imagens facilmente se associam às idéias que expressa, aos movimentos que busca por meio deste trabalho de valorização das comunidades da São João, do modo que viver e se relacionar com o ambiente natural, chamado Cerrado.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais participou desde o início do Projeto Mulheres das Águas. Ele vem sendo representado, nesta fase, por Acurana que trabalha no Sindicato. É morador do PA Mingau, fez Escola Bioma Cerrado e já desenvolveu algumas atividades como guia turístico e na área de educação ambiental. Além disso, Acurana faz apresentações, junto com um grupo de jovens, para divulgação da Festa da Caçada da Rainha, resultado de uma proposta de resgate cultural desenvolvido durante a Escola Bioma Cerrado.

A família veio do Paraná para o Município de São Gabriel, embora o trabalho, voltado para o plantio de grãos, fosse realizado, inicialmente, em uma fazenda em São João d'Aliança. Depois de perderem suas terras, os pais foram trabalhar no comércio, passaram, também, um tempo trabalhando em Brasília e depois ficaram três anos no acampamento até a ocupação definitiva de uma parcela no PA Mingau.

Acurana fala das dificuldades de passar as coisas que aprendeu, principalmente na Escola Bioma Cerrado, para a família. Ele relata sua preocupação com a fossa, porque sabe que “a fossa contamina o lençol freático e o rio”. Refere-se à necessidade de conservação do Rio das Brancas, que passa no fundo de sua casa e utiliza com frequência para lazer: “É muito bom, eu sempre converso com meu pai, que a gente precisa conservar o leito do rio”. O irmão também colabora com a tentativa de mudar algumas práticas habituais na família em relação ao meio ambiente. Ele, o irmão, fez um curso de técnico agrícola em Unai, mas a conclusão de Acurana é que muitas coisas não são conseguidas por questões financeiras, ou mesmo porque: “Santo de casa não faz milagre”. Essa mesma expressão é utilizada para falar do pouco interesse local pelos produtos artesanais que as organizações Mulheres do Cerrado e Mulheres das Águas elaboram. Sobre o ambiente natural, ele trata das condições que observa no assentamento,

O problema da reforma agrária é que você não pode escolher. Quando chegamos no assentamento não tinha mais nada, só uma lobeira perto de casa. A única coisa que nós fizemos foi cerca a mata do rio para recuperação, ela está se recuperando. O INCRA foi inteligente deixou 30 metros do leito do rio, mas nem todas as pessoas respeitam o pique deixado pelo INGRA. Tem lugares onde a mata já foi destruída e o pessoal num tem essa preocupação porque num acredita que precisa.

Sobre o Sindicato, sente que deveriam estar colaborando mais com os agricultores, que acabam só ajudando durante os programas de reforma agrária. Mas o principal, que seriam as pessoas conseguirem “sobreviver de sua terra”, ele acha que não conseguem colaborar muito:

Eu vejo um centro e as outras associações em volta. Agora com o Sindicato não tem ações em conjunto. Parece que antes as pessoas participavam mais das ações do

Sindicato. Quando você está no acampamento você quer conseguir suas terras. Aí as pessoas ficam mais próximas do Sindicato. Depois eles ficam trabalhando em suas terras, ai se afastam do Sindicato. Ai é até por culpa do Sindicato que eles se afastam. Porque ele não tem um caminho para dar para as pessoas, ele não sabe como ajudar as pessoas. O Sindicato se sente pouco capacitado para lidar com o desenvolvimento dos trabalhadores, apesar de estar mais próximo e mais envolvido.

Acurana também vive, como outros entrevistados, a contradição de ter obtido diversas informações sobre meio ambiente e muitas vezes não conseguir colocar em prática, e isso só o conduz a uma conclusão, a da necessidade de valor econômico do cerrado, “o valor real”, aquele que faz diferença na vida das pessoas.

2.5.5 Reflexões sobre as Representações Sociais do Ambiente

As representações sociais reveladas, nos diversos grupos que fazem parte, de alguma forma, das propostas do Projeto Mulheres das Águas, sobre o ambiente natural e social, estão ancoradas nas idéias e imagens experimentadas pelos entrevistados, em suas histórias de vida, em suas vivências passadas e presentes. Elas se movimentam no complexo de suas relações sociais e conduzem suas perspectivas futuras, não determinam, mas conduzem, indicam alguns pontos para reflexão.

As comunidades estudadas, Comunidade do Forte, Comunidade da Pontezinha e Comunidade do PA Mingau, como era esperado, baseando-se nas informações que as diferenciam, apresentam distinções em seus contextos históricos e socioeconômicos, que compõem suas representações sociais. Diferenciam-se também, as oportunidades de contato com outras perspectivas, como as vivências de alguns sujeitos junto ao Projeto Mulheres das Águas ou a experiência em cursos, como o da Escola Bioma Cerrado, ou ainda, a experiência e o contato com tratamento homeopático, dentre outras. Essas experiências de relações, associadas ou não a determinadas questões que os dizem respeito, contribuem para definir suas respectivas prioridades. Ao entrar em contato, com essas representações, com os seus diferentes contextos, compreendemos que alguns dos limites do Projeto, em sua proposta de conservação ambiental e participação comunitária, estão relacionados também a algumas questões que fogem à sua intervenção mais direta, como as questões familiares, as questões econômicas mais urgentes e as questões históricas, enquanto determinantes de alguns referenciais importantes para a formação das representações.

O grupo diretamente envolvido no Projeto também revela como suas representações sociais do ambiente natural e social interferem em suas motivações e objetivos no âmbito de uma perspectiva de interferência na sociedade e no ambiente. Eles definem seu modo de ver o

mundo e de querer modificá-lo, direcionando-os para os caminhos, que acreditam ser possíveis, e conduzindo os diversos deslocamentos em direção aos objetivos centrais do Projeto.

Não é nosso objetivo, como se refere Moscovi (2005), afirmar a influência do meio no ser humano, do ser humano no meio, e ao final concluir “que o pensamento, caminha para o pensamento”. Queremos tentar tornar o estudo das representações úteis à sociedade, no caso às propostas do Projeto Mulheres das Águas e colaborar para o desenvolvimento de suas atividades, dentro dos nossos próprios limites. Qual a correlação que fazemos entre as propostas do Projeto, de desenvolvimento, autonomia e sustentabilidade e as representações sociais identificadas? Dialogar com os sujeitos, promover a participação das comunidades nas propostas do Projeto Mulheres das Águas, eis aí uma desafiadora tarefa. Ela ultrapassa o método, as técnicas, ela vincula-se aos pensamentos, aos sentimentos e às necessidades preponderantes de sobrevivência, de fixação na terra, de por em prática, questões ambientais relevantes num mundo instituído e, contudo, em constante transformação.

A oportunidade do grupo do Projeto Mulheres das Águas de incluir, em suas atividades, um outro apoio, como o da Alternativas a Soja no Cerrado – ALSO, poderá colaborar, mais estritamente, para viabilizar alguns gargalos no desenvolvimento e sustentabilidade agrícola das comunidades do Mingau, e da Pontezinha. Ainda assim, aspectos importantes para as comunidades, como a estrada e a educação na comunidade do Forte, a regularização da situação fundiária na comunidade do Mingau e a questão religiosa na comunidade da Pontezinha devem ser observados com atenção pelo grupo. Algumas questões podem, inclusive, se beneficiar com apoio institucional e político, como a melhoria da estrada e a educação e, neste último, quem sabe, gerar outros projetos; já outras questões determinam limites de atuação, de colaboração, limites da alteridade e da liberdade das diversas comunidades.

Apoiar os grupos, em suas prioridades parece ser uma boa oportunidade de reconhecimento da legitimidade do complexo universo, pensado e construído no “organismo social”. Se por um lado, algumas propostas de intervenção e colaboração podem ser aparentemente adiadas, por outro é uma possibilidade de fortalecimento da aproximação entre o Projeto e as Comunidades e também o alimento para as bases sustentáveis. Além disso, consolida-se o diálogo, como um acontecimento, lapidado em “geração” conjunta. As iniciativas anteriores do Projeto revelaram-se nas falas dos sujeitos como propulsoras de

mudanças, mudanças nas representações do meio, do próprio potencial de desenvolvimento dos grupos, agindo favoravelmente à conservação do Cerrado e a valorização do patrimônio cultural. Agora requerem uma outra fase, coerente com as construções anteriores, demandando o fluxo contínuo das águas sob seus obstáculos, o reconhecimento dos diversos obstáculos, talvez exigindo ainda mais força e coesão da corrente em movimento.

No interior do grupo do Projeto Mulheres das Águas encontramos ainda diversas referências e interesses. O que, aparentemente, se destaca é a influência da ancoragem, da origem das representações quanto à questão socioambiental, o que deve interferir nos movimentos e nas expectativas com o desenvolvimento do Projeto. Enquanto os representantes da CAMARÁ e mesmo, o representante da UnB demonstram ter uma visão muito ampla dessas questões, demandando a articulação de diversos aspectos, ao contrário, para a maioria dos outros grupos, o sucesso da proposta do Projeto Mulheres da Águas está muito mais relacionado à uma necessidade de, não só por em prática concepções ambientais de conservação, como garantir a sobrevivência, baseando-se nas suas, também diversas, concepções.

Cabe uma reflexão sobre as representações sociais que os sujeitos foram desejosos de apresentar e das intervenções que as mesmas podem gerar nas suas relações. As representações nos falam de nossas concepções e, também, de nossas querências. São quase visíveis, porque assim se parecem, mas podem ser mutantes, e podem ser modificadas, em diálogos e convivências. Moscovici (2005), propõe um movimento em direção às próprias representações:

Podemos, através de um esforço, tornar-nos conscientes do aspecto convencional da realidade e então escapar de algumas exigências que ela impõe em nossas percepções e pensamentos. Mas não podemos imaginar que podemos libertar-nos sempre de todas as convenções, ou que possamos eliminar todos os preconceitos. Melhor que tentar evitar todas as convenções, uma estratégia melhor seria descobrir e explicitar uma representação. Então, em vez de negar as convenções e preconceitos, esta estratégia nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade. Procuraremos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente. Entre elas estão as cidades em que habitamos, os badulaques que usamos, os transeuntes nas ruas e mesmo a natureza pura, sem poluição, que buscamos no campo, ou em nossos jardins (MOSCOVICI, 2005, p. 36).

Essa tomada de consciência das representações que compomos nos conduz, não ao seu desaparecimento, à sua desintegração, mas à percepção de sua fluidez, de sua condição muitas vezes, transeunte, e de seu potencial de permeabilidade e flexibilidade. E essa imagem não

diminui em nada sua força em forma de idéias: novas idéias, novas imagens e novas escolhas, Ela conduz, sim, a uma real possibilidade de trocas, trocas mais conscientes e coerentes com uma proposta de transformação para melhor do ambiente e de valorização das relações humanas. É como diz Iratauí: “É através disso que a gente conserta as coisas. Cada um que fala, vai montando uma colcha”. Ou ainda, conforme Moscovici: “Nossas chances de progresso e renovação dependem de nossa habilidade de permanecermos abertos aos problemas de nossa realidade coletiva” (2005, p. 127). Ainda que essa realidade seja representada das mais diversas formas.

3 O PROJETO MULHERES DAS ÁGUAS E AS PERSPECTIVAS EM TORNO DO TURISMO

3.1 PROJETO MULHERES DAS ÁGUAS: CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

O Projeto Mulheres das Águas nasceu com a necessidade e a vontade de recuperar as margens do Ribeirão das Brancas e valorizar as mulheres, por meio de sua participação nas comunidades e o envolvimento com questões ambientais. A partir de algumas reuniões com trabalhadores rurais, associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João d'Aliança, com os alunos do Programa de Educação Tutorial - PET da Educação da UnB e sua tutora, foram apontados diversos impactos percebidos como de grande relevância para as comunidades em relação a condição de degradação do Ribeirão das Brancas. Segundo Martins (2002, p. 3):

O quadro de filiados do Sindicato, pouco acostumado, com essa prática, teve muita dificuldade para falar da sua situação de produção no campo, mas foi enfático ao indicar que a revitalização do Ribeirão das Brancas era de maior prioridade. Pessoas nascidas e criadas na região, os trabalhadores demonstravam sua tristeza ao ver que o rio, onde outrora brincavam e fora motivo de muitas histórias locais, por conta de suas cheias, hoje, estava reduzido a um volume muito menor de água e ainda mostrava que suas águas não eram tão puras como foram no passado. Muitas doenças de pele, diarreias frequentes e febres levavam a que se suspeitasse de que a água do rio poderia ser a causadora desses males que afetavam principalmente as crianças.

Ao mesmo tempo, a participação das mulheres nas reuniões estava à mercê da presença dos homens, o que levou o grupo a pensar junto com os envolvidos que as atividades ligadas ao meio ambiente também seriam uma oportunidade de aumentar os espaços de inserção feminina nas comunidades (MARTINS, 2002).

Assim, o projeto foi iniciado em 2001, contando com o apoio do Programa de Pequenos Projetos (PPP – GEF – PNUD) e abrangia tanto a área rural como urbana de São João d'Aliança e Água Fria de Goiás, incluindo as comunidades rurais: Projetos de Assentamento – PA Santo Antônio das Brancas e Ribeiro, em Água Fria, e Jatobazinho, Jatobá, Pedra de Amolar e PA Mingau, em São João d'Aliança. O Projeto foi encaminhado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João d'Aliança com a orientação técnica do grupo PET e sua tutora. Entre as ações desenvolvidas estavam a recuperação das matas ciliares do Rio das Brancas nas seis comunidades mencionadas por meio da articulação das mulheres filiadas ao Sindicato, a capacitação técnica, a promoção do envolvimento comunitário com as questões ambientais, educação ambiental nas escolas rurais e do Município sobre o Rio das Brancas e pesquisa sobre o imaginário local relacionado ao mesmo Rio das Brancas.

As mulheres e os alunos do grupo PET fizeram um levantamento para conhecimento dos principais problemas ambientais relacionados ao Rio das Brancas e os pequenos proprietários rurais foram mobilizados para uma primeira reunião. Foram discutidos os aspectos que levavam a degradação do Rio, como a presença de lixo tóxico, o assoreamento e a ausência de peixes. Foram identificados o desmatamento, a barragem do rio para uso em irrigação e o “aterro de olhos d’água”, como os principais fatores dessa degradação. “De uma maneira geral, os participantes tinham clareza sobre os problemas relacionados ao rio e conheciam as soluções” (MARTINS, 2002, p. 4). Os grupos de cada comunidade participaram ativamente das atividades de recuperação, que foram desenvolvidas de acordo com a especificidade de cada lugar, e incluíram o plantio de cerca de dez mil mudas, o lance de sementes e o desvio de água da chuva, que estava provocando erosão. O conhecimento das pessoas mais velhas foi importante para identificar a ausência de algumas espécies antes presentes naquela região.

Pensando na continuidade do Projeto, foram implantados doze viveiros, para produção e plantio de mudas, principalmente as mais ameaçadas, visando a conservação e a recuperação do ambiente natural. Os viveiros também poderiam ser utilizados para estimular e promover a conservação de espécies não disponíveis no comércio, como as variedades de laranjas encontradas nos quintais, leguminosas e hortaliças tradicionais, além das ervas medicinais (MARTINS, 2002).

As campanhas educativas envolveram as crianças nas atividades de plantio de mudas, de valorização da cultura e da natureza do Cerrado. E os professores foram capacitados pelos professores da Universidade de Brasília - UnB, com o curso “A água como matriz pedagógica” (Martins, 2002, p. 5). Porém, não houve continuidade do trabalho nas escolas, devido a não permissão da Secretaria de Educação local. Dessa forma, as novas atividades, relacionadas ao estímulo artístico e cultural, passaram a ser desenvolvidas na praça. Essas atividades resultaram na valorização do talento artístico de alguns jovens e na produção de cartões postais da cidade, de um calendário de festas tradicionais e, ainda, um livro sobre as histórias reunidas pelas crianças a partir de pesquisas com os mais velhos, “De conto em conto...Histórias da vida no Cerrado – da oralidade à escrita”. O livro foi lançado em 2005 e distribuído nas escolas locais.

Após essa primeira fase do Projeto, as mulheres, interessadas em continuar e preocupadas com a possibilidade de uma possível desarticulação, decidiram pela criação da

Organização das Mulheres das Águas. Uma das principais motivações foi a falta de apoio institucional a que as mulheres se encontravam, constatada durante a situação de agressão física sofrida por uma mulher que, não encontrando qualquer apoio acabou retornando a conviver com seu agressor. O grupo resolveu, assim, ampliar suas ações para além das questões ambientais, incluindo em seus objetivos: “gerar emprego e renda para os envolvidos; alfabetizar jovens e adultos, valorizar a cultura do Cerrado e, por fim, construir relações de gênero mais equitativas e honestas” (Martins, 2002, p. 6).

Então, o Projeto, ampliando seus objetivos, concorreu novamente ao Programa de Pequenos Projetos do GEF/PNUD, desta vez por meio do apoio e participação da CAMARÁ. Um dos maiores desafios estava direcionado para a implantação de sistemas agroflorestais, o que demandou muita dedicação do grupo, no sentido, de divulgar e discutir a relevância desse sistema junto às comunidades. Embora a técnica promova um diálogo prático com os saberes tradicionais, o qual, na verdade, se baseia, propondo uma agricultura voltada para o cultivo de diversas espécies em conjunto, as comunidades formadas por pequenos produtores rurais estavam habituadas a utilização de práticas agrícolas convencionais, como a queima e a capina no preparo da terra. Dessa forma: “Era preciso convencer alguns deles de que o sistema, além de aumentar a produção e a renda do agricultor, recupera o solo, já tão desgastado pelo cultivo convencional” (MARTINS, 2002, p. 6).

Para fazer o curso de capacitação e serem posteriormente multiplicadores, foram selecionados cinco trabalhadores rurais, sendo dois agricultores e três mulheres, representantes da organização Mulheres das Águas, dos Assentamentos Terra Conquistada, Santo Antônio das Brancas, Águas Claras e Mingau e da Comunidade Jatobazinho. Após o curso, realizado em Alto Paraíso, foram implantadas as agroflorestas em sistema de mutirão, de modo que todos pudessem colaborar e trocar informações.

O Projeto promoveu uma série de cursos de capacitação para a produção de alimentos a partir de espécies nativas do Cerrado, incluindo: geléias, doces, paçocas, biscoitos, pães e bolos. Antes do curso, uma pesquisa revelou como era pequena a percentagem de alimentos nativos compondo a dieta das pessoas locais. As mulheres se organizaram para elaboração desses produtos, sendo doze do PA Mingau, oito integrantes da Pastoral da Criança, duas do Jatobazinho e quatro do PA Terra Conquistada.

Um outro curso foi destinado à produção de orquídeas exóticas. Ao longo de oito meses, os quarenta e três participantes aprenderam sobre as técnicas de produção de orquídeas e vivenciaram momentos importantes quanto à conservação de espécies nativas.

O contato com as pessoas dessas comunidades revelou ainda que muitos produtos tradicionais ou originários do Cerrado foram abandonados, pois eram incapazes de concorrer com o mercado, e pelo fato dessa produção ser considerada “atrasada, muito laboriosa e sem valor” (MARTINS, 2002, p. 8). Martins cita trechos de alguns depoimentos, estes compõem um tanto de saudade, de reconhecimento de um bem e um tanto da “dureza”, que representava aquele fazer-viver:

[...] Socava arroz no pilão pra vender pra levar arroz socado no pilão, porque era mais caro que vender arroz em casca. Aí, botava a coitada da menina pra socar arroz, não tinha muito tempo de brincar não. Os meninos não tinha muita folga não tinha que ajudar bastante os pais. Aí socava esse arroz pra passar semana pra levar pra essas roças pra comer, lá no mês de serviço e aí ele ia no garimpo, coitado, pra vender essas coisas: rapadura, arroz, Botava essas carguinha no animal e aí se mandava pro garimpo. Outra hora o animal caia no rio cheio com a carga, molhava tudo, a farinha, o dinheirinho pouco que ele ia levando molhava também. Aquela bagunça que passava, né. Aí não tinha jeito de comprar as coisas. Ele vinha comprar o sabonete pra tomar banho, dinheiro não dava né? Aí tinha que tomar banho com o sabão que a gente fazia assim mesmo dessa cinza tirada lá do mato”(D. RITA *apud* MARTINS, 2002, p. 8).

O trabalho era muito difícil, a gente suava tudo mesmo e as mulheres recebia, como é que chamava de cevadeira, tinha o bolinete, né? Passava mandioca, já saía a massa do outro lado. Uma ia cevando e a outra, quando tinha mais de uma pegava, pra adiantar ia fazendo a goma, colocava no sol pra secar. Não tinha nada de forno, não tinha nada de.... Mas era uma coisa muito mais bem aperfeiçoada do que hoje. Hoje você vai.... Até a farinha de hoje não presta, tudo feito de máquina. Naquele tempo era tudo separado, a poeira da massa. A massa tinha aqueles beiju que fazia. E você também aproveitava o embargo. Tinha a época de moer a cana e ralar a mandioca. Provavelmente era de junho, julho, agosto, setembro já não prestava. E você já preparava para passar as águas. Porque inverno era muito, as vezes chovia. Naquele tempo era exatamente 6 meses de seca e 6 meses de chuva. Aí você também deixava suas coisas de comer lá. Tinha dia que você não fazia nada, nada”(Sr. DUÍLDES *apud* MARTINS, 2002, p. 8)

Segundo Martins (2002, p. 8), para o grupo envolvido com o Projeto, há que se “conquistar segmentos de mercado interessados em produtos naturais, com maior qualidade e vinculado a uma tradição”. É crescente o interesse por produtos orgânicos, elaborados de maneira tradicional, principalmente no mercado internacional. Mas, por outro lado, entrar no mercado exige o atendimento a uma série de normas sanitárias e habilidades comerciais que, muitas vezes, o produtor artesanal não está preparado, podendo ao final, inviabilizar o objetivo do Projeto em relação à geração de renda, o que tende a desmotivar as pessoas interessadas.

Martins (2002) chama a atenção para o exercício de atualização do passado elaborado pela memória. Neste processo, as experiências de vida associam as práticas tradicionais a uma melhor qualidade de vida, abrangendo a terra, os alimentos e a saúde. Logo, o resgate de alguns produtos tradicionais passou a ser pensado também como um caminho para o reconhecimento da identidade cultural, para favorecer uma alimentação de maior qualidade, diminuindo a dependência por produtos do mercado. Além disso, para utilizar e valorizar as espécies nativas do cerrado, existe a possibilidade de geração de renda complementar com a venda desses produtos. Essas técnicas passaram também a ser pensadas como uma forma de inclusão dessas comunidades no potencial turístico da região, rota para Alto Paraíso e São Jorge, destacando “a moagem da cana, a feitura da rapadura, a casa de farinha, o tear, a produção de utensílios em couro, barro e palha” (MARTINS, 2002, p. 9). Contudo, Martins esclareceu que: “[...] o projeto não tem a pretensão de negar a importância das modernas tecnologias ou as grandes facilidades advindas do desenvolvimento tecnológico para a vida. Menos ainda, tem-se a intenção de manter populações tradicionais segregadas do mundo atual. Ao contrário, o que se pretende é estimular a coexistência do tradicional e do moderno, em um esforço de manter viva e valorizada a memória coletiva das muitas culturas existentes no cerrado” (MARTINS, 2002, p. 9).

Um outro resultado do projeto foi a alfabetização de jovens e adultos, que ocorreu com a capacitação de alfabetizadores, seguindo a metodologia de Paulo Freire, por meio da colaboração e do esforço conjunto de estudantes de São João d’Aliança, a participação do grupo PET Educação, e educadores populares de Brasília. Assim, em 2004, formaram-se dezessete turmas de alfabetização e os “jovens alfabetizadores” tiveram também a oportunidade do primeiro emprego. (MARTINS, 2002).

Ao buscar a origem dos nomes dos lugares, o Projeto entrou em contato com interessantes histórias. A origem do nome do Rio das Brancas faz referência à presença de visitantes e de um lugar para “pouso”:

[...] quando o pessoal daqui levava tudo pra Formosa, de carro-de-boi e de cavalo, tinha ponto de pousada. Mas não era bem um hotel não, era assim uma casinha que o pessoal, eles morava na beira das Brancas e eles tinha três filhas que era umas moça branca e ninguém falava de outra cor. Era branco ou era branco. Então eles dizia assim: - Nós hoje vamos posar lá nas moça branca. E aí continuando, ia daqui pra Formosa, vamos posar nas moças brancas, vamos posar na pequizeiro que é outro lugar, depois posar no Libório e aí ia indo. Depois posava no cigano e de volta de novo o último pouso é nas moça branca e as moça branca mudaram, os pais morreram e aí dizia, vamos posar nas Brancas e assim o rio ficou com o nome de Branca, devido ao pessoal que morava lá. Isso é uma pousada do pessoal que vinha

daqui pra Formosa e que ia daqui pra lá. E ficou até hoje: Rio das Brancas. [...] (Dona APARECIDA *apud* MARTINS, 2002, p. 10)

Essa fase do Projeto acabou despertando os envolvidos também para “a riqueza do imaginário social da região, aguçado pela vivência do seu mundo simbólico” (MARTINS, 2002, p. 10), manifestando-se nas festas de cunho religioso e as diversas expressões culturais relacionadas a dança, como a Catira, o Lundu e a Curraleira. O grupos de Catira foram incentivados com a organização de disputas de Catira, inspirados na primeira motivação do Projeto, ou seja, a recuperação da mata ciliar do Rio das Brancas. Na Catira, dois músicos apresentam versos relacionados aos mais variados temas e os catireiros dançam, sapateando e batendo palmas. O Lundu está relacionado ao batuque dos escravos bantos e também utiliza a viola, acompanhada com uma dança de roda e palmas. Porém, em sua versão africana, a dança é realizada por homens e mulheres, caracterizando “um jogo de sedução”. Enquanto, na versão apresentada no cerrado, “em que pese à sensualidade dos movimentos, a mulher nunca entra na roda com um homem. A mulher só dança se for com outra mulher. E a dança não é considerada diversão, mas parte ativa dos rituais religiosos. Dança-se por dever e por devoção” (MARTINS, 2002, p. 11).

Assim, e conforme a citação do Sr. Duildes (*apud* MARTINS, 2002), sobre as festas religiosas, a Catira é a diversão dos homens, e o Lundu, a diversão das mulheres. O contexto é de comemoração e devoção religiosa, em que deve haver um clima de respeito entre homens e mulheres. Ele cita a Folia, a Festa do Reinado, a de Nossa Senhora Aparecida e a Festa da Rainha, no Distrito do Forte como momentos em que as diversas danças se realizam.

Martins (2002), cita também o interesse do Projeto em resgatar a Curraleira, uma dança folclórica praticamente extinta na região. “Trata-se de um sapateado acompanhado da viola, da caixa e de pandeiros, onde os integrantes alternam seus lugares, como na catira, em um ritmo acelerado e muito empolgante” (MARTINS, 2002, p.12). São características ligadas aos homens e mulheres sertanejos:

As danças e folguedos do cerrado encerram uma memória corporal. São os registros do processo histórico e cultural da conformação do homem do cerrado. É no corpo e em seus movimentos que os traços marcantes de uma identidade cultural sobressaem. São movimentos e marcas corporais que traduzem uma forma de ser e de viver no cerrado, com sua história, com seus costumes. Uma linguagem registrada no corpo que se expressa refazendo, reconstruindo, repensando com idéias e imagens atuais as experiências passadas. Se os homens se afirmam culturalmente nas danças, as mulheres, por sua vez, definem-se como sertanejas nas tarefas de preparação para as festas: são elas que se encarregam de preparar a comida e de garantir a continuidade dos rituais religiosos. Assim consagram como seu o espaço

doméstico e sacramentam as virtudes indispensáveis à mulher do sertão. [...] (MARTINS, 2002, p. 13).

Para Martins (2002), a estreita relação que há entre a valorização da identidade cultural e o exercício consciente da cidadania colaboram para os grupos expressarem um saber viver próprio dos povos do cerrado. Nesse percurso, a educação ambiental visa promover a participação e a organização dos diversos grupos envolvidos, acreditando que o desenvolvimento deve ser pensado não somente em relação aos recursos, mas também e sobretudo considerando a “cultura, a história e os sistemas sociais presentes no cerrado”. Salientando que:

Somente assim, a educação ambiental pode se configurar, essencialmente, como um processo educativo para o desenvolvimento de potencialidades e para resolução de problemas ambientais, cuja base filosófica é a complexidade e a sustentabilidade, e seu objetivo é desenvolver a compreensão, construir o conhecimento e permitir o engajamento (MARTINS, 2002, p. 14).

Martins (2002) destaca como uma das questões que precisam ser reavaliadas, após os últimos quatro anos do projeto, a necessidade de que as organizações envolvidas consigam consolidar suas instituições, a fim de garantir sua autonomia e sua sustentabilidade. Porém, ressalta:

Tudo o que se fez até então, no entanto, confirma que essas organizações lutam por garantir liberdades públicas e pessoais, lutam pela construção do bem comum. Se organizadas como uma rede de colaboração solidária, essas organizações poderão viabilizar a sua sustentabilidade (MARTINS, 2002, p. 14).

Martins chama a atenção para o compromisso educativo do Projeto, baseado na construção coletiva do conhecimento, unindo a ciência, o conhecimento tradicional e a tecnologia e promovendo a necessária conexão entre “conservação, superação das condições de pobreza, uso sustentável dos recursos naturais e valorização das culturas existentes no cerrado” (MARTINS, 2002, p. 25).

A terceira fase do Projeto está voltada para o estímulo ao desenvolvimento turístico de São João d’Aliança, por meio de atividades construídas em conjunto com representantes de diversas organizações. Antes de detalhar o desenvolvimento da terceira fase, vamos apresentar a fala de Dona Arirambinha, sobre questões que interferiram numa das ações propostas pelo projeto anteriormente, a produção de geléias. O objetivo é de ampliar o entendimento sobre de que maneira algumas condições para a continuação de determinadas atividades, interferem no prosseguimento, nas ações que necessitam de uma organização coletiva:

As geléias eu fiz, quem deu o curso foi a irmã da Iraúna. Eu gostei que eu aprendi a fazer direitinho. Num teve o efeito que muita gente queria que tivesse, mas a gente aprendeu a fazer, né, porque a expectativa era gera renda, porque aqui, como todo lugar do mundo, a gente tem que ter um dinheiro. O pessoal queria fazer a geléia e já vender, mas aquele negócio: sabe faze, produz, mas num procurou quem vai comprar. Pro tanto que consome em São João produz-se muito, aí num dá pra vendê sempre. Tem casas que passa muito tempo com a geléia. E também precisava padronizar, pra comercialização, não era cada vidro de um tamanho. Acho que era mais o jeito do consumidor, a gente tentou vender lá no Atos Hotel, mas depois quando ele procurou já num tinha mais, aí ele comprou lá de Brasília e num procurou mais. Desmotivava, né? Vende um vidro aqui, outro ali. A Caburé deu o curso de empreendedorismo, pra ver o que precisava fazer, mas o pessoal parece que não acredita. Acho, num sei parecia que fazendo daquele jeito, ia acontecer, mas parece que o pessoal num acredita, o curso ficou só lá na escola. Será que eu vô investir, e se num der certo? Eu acho que o forte, é o investimento, aqui tinha a casinha, mas alguém falava que era longe, outros tinha que cuida dos filhos. Mas eu acho que a maior pega foi a falta de interesse, se pegar com vontade saí. O pessoal colocava tanta dificuldade. Eu até pensei em montar uma creche, pra tomar conta dessa meninada toda, mas isso é um fato. Se eu quero que de certo eu tenho que fazer minha contribuição. Agora as crianças já tão até maiorzinhas. Agora cada um já tem suas atividades, acho que agora morreu. O pessoal reclama que o mulheres das águas num tá funcionando, mas tem gente que tem até viveiro de orquídea funcionando.

O grupo do Projeto Mulheres das Águas enfrenta diversos desafios e neste momento tem de lidar com as dores e belezas dessa história, a abertura de um espaço participativo e as dificuldades e inabilidades dos grupos em solucionar os problemas que surgiram, e ainda surgem, e que acabam colocando o Projeto na pauta das “conversas”, do pensamento social, das representações. Inhambu fala dessa presença, e de um questionamento:

Inclusive o próprio nome, num existe mais esse grupo, num existe ninguém trabalhando diretamente com o grupo. Quem é Mulheres das Águas? O grupo que era o Mulheres das Águas, eu num sei, eles tão deixando escapa alguma coisa. E as pessoas perguntam por que continuar Mulheres das Águas, com esse nome? Eu tenho recebido críticas de porque Mulheres das Águas, se não existem enquanto matéria. Elas não participam mais porque teve problema de verba. As pessoas não estavam capacitadas, as pessoas não sabiam lidar com dinheiro, aí o grupo dissolveu. As pessoas não estavam preparadas.

Tauató se refere ao imaginário em torno da ação dos participantes do Projeto: “Tem gente que enxerga a gente como um funcionário do IBAMA. Eles ficam pensando, que se têm uns cinqüenta mil pra investir, se tem gente investindo é porque vai acontece. Mas eles fica esperando, fica pensando, e a coisa ainda num tá acontecendo. E ai fica aquela cobrança”.

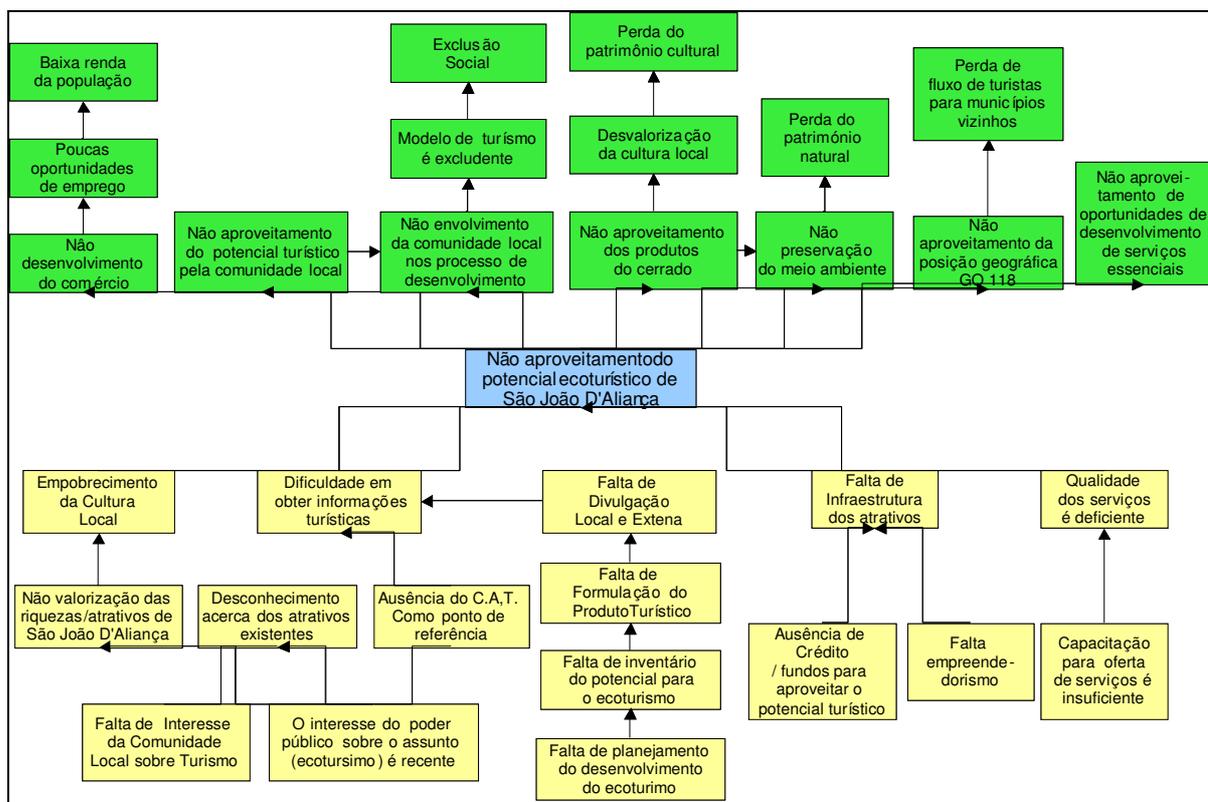
O objetivo do Projeto Mulheres das Águas, atualmente, é “estruturar e implantar de forma integrada e participativa o plano de desenvolvimento do ecoturismo no Município de São João d’Aliança”. (CAMARÁ, 2005). Dessa forma, construir-se-ia ainda uma possibilidade de escoamento de alguns produtos artesanais, relacionados às fases anteriores do projeto e àqueles produzidos tradicionalmente pelas diversas comunidades, além de fazer do

turismo uma outra fonte de renda para a população local e de recursos para os poderes municipais. Os objetivos específicos são a elaboração de um inventário do potencial turístico, a capacitação de proprietários de terras com atrativos naturais, a capacitação de jovens em atividades afins, a produção de catálogos de divulgação sobre a região, a instalação de serviços que favoreçam o desenvolvimento do turismo (rural, ecológico, histórico e de aventura) e a criação de um sistema de micro-crédito que possa viabilizar “pequenos empreendimentos voltados para o turismo, como reforma de instalações para hospedagens, no estilo cama e café da manhã; instalação de casa de farinha, de tear, de quiosques, reforma de jardins, abertura de trilhas; instalação de coletores de lixo, etc” (CAMARÁ, 2005). No projeto, apresentado ao PPP-ECOS, consta a importância da proposta:

O projeto Mulheres das Águas se insere no compromisso de desencadear um processo de educação e de gestão ambiental que tenha como propósito a construção coletiva de um novo conhecimento, que resulte da síntese da ciência, da tecnologia e do saber popular tradicional e que ressalte as conexões entre conservação, superação das condições de pobreza, uso sustentável dos recursos naturais e valorização das culturas existentes no cerrado. (CAMARÁ, 2005, p. 2).

Espera-se com o desenvolvimento deste Projeto valorizar o Cerrado presente nas terras de pequenos agricultores “pressionados hoje pela expansão da soja”, melhorar a distribuição de renda, reduzir o desmatamento pelo interesse no Cerrado preservado, criar novos empregos associados ao turismo para os jovens, fortalecer as organizações envolvidas e aumentar a arrecadação do Município, associada a “atividades não poluentes e não degradantes do meio ambiente” (CAMARÁ, 2005, p. 3).

O Projeto pretende desde a apresentação da proposta ao PPP-ECOS, promover a participação dos envolvidos, inclusive quanto ao destino dos recursos. Dessa forma, a partir de sua aprovação os sujeitos, representantes das diversas organizações interessadas, incluindo representantes da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores de São João d’Aliança, se reuniram para juntos, com a orientação dos representantes da CAMARÁ, desenvolverem uma atividade esclarecedora sobre as ações prioritárias, por meio da construção de um árvore de problemas, conforme o fluxograma abaixo.



Fluxograma 01 – Árvore de Problemas elaborada pelo grupo diretamente envolvido com o Projeto Mulheres das Águas.

Fonte: <http://ecoturismocerrado.zip.net/>

A parte inferior se refere à origem dos problemas e a parte superior apresenta as conseqüências destes problemas. Em ambos os casos busca-se à questão basilar para o entendimento da fonte dos problemas e da construção das soluções. Construída a árvore, os participantes realizaram um curso, desenvolvido pela representante da CAMARÁ, Chincoã, voltado para a capacitação em elaboração de subprojetos. A intenção era estimular a autonomia dos grupos para que se sentissem em condições de criar e sugerir metodologias de intervenção, e ação, e ainda proporcionar experiência nesta atividade. Os grupos então, poderiam apresentar os subprojetos para o conselho gestor, formado por todos os envolvidos diretamente, que passando por uma avaliação e, após consenso de aprovação, seriam encaminhados às devidas ações, com o devido recebimento do recurso previsto.

O Projeto previa alguns riscos, como às dificuldades para a construção de subprojetos, mesmo a partir da capacitação. Os riscos incluíam a ocorrência de atitudes não condizentes com o “turismo ecológico e sustentável” associado aos interesses econômicos, a frustração com o baixo fluxo de turistas e o impacto da expansão do “turismo das regiões vizinhas,

pouco condizente com a conservação do Cerrado e com o respeito às tradições locais” (CAMARÁ, 2005, p. 7). Alguns desses riscos são discutidos ao longo da dissertação, distribuídos neste e nos capítulos posteriores, aparecendo no âmbito das representações relacionadas à participação, ao turismo e às questões econômicas.

O primeiro subprojeto, “Você Conhece São João D’Aliança?”, promoveu uma feira cultural, com o objetivo de divulgar para a comunidade o seu patrimônio natural e cultural. Além disso, o objetivo era despertar um sentimento de apropriação desses bens, motivando os moradores locais para o interesse em atividades baseadas no potencial turístico do Município. A Feira também foi o momento da divulgação da atual fase do Projeto para a comunidade e das ações que vêm sendo desenvolvidas nesse sentido. Nas justificativas para o subprojeto consta uma referência ao pouco conhecimento dos habitantes sobre as belezas naturais de seu Município: “É bastante comum ouvir dos habitantes que a Chapada dos Veadeiros é em Alto Paraíso, ou ao ver imagens de paisagens naturais exuberantes de São João d’Aliança, atribuí-las a outros municípios” (<http://ecoturismocerrado.zip.net/>, 2006).

O segundo subprojeto destinou-se a elaboração de dois inventários, um voltado para os recursos naturais e outro para os atrativos culturais. Para o inventário dos atrativos naturais foi realizada uma travessia pela Serra Geral do Paranã, com a duração de oito dias, saindo de São João até a região do macaquinho e a comunidade do Forte. Participaram da travessia dois guias locais, um fotógrafo e representantes, um de cada, das áreas de engenharia florestal, biologia, geografia, turismo e antropologia. (<http://ecoturismocerrado.zip.net/>, 2006).

O inventário dos atrativos culturais buscou identificar quem são os artesãos do Município, o que produzem e como produzem, as festas e comidas típicas e se há métodos tradicionais de produção, dentre outros. Foram visitadas dezoito comunidades, incluindo as comunidades do Forte e da Pontezinha. As Festas, as pessoas em suas atividades e modos de vida foram registradas em fotografias pelo representante da UnB. Foram ainda identificadas as condições de apoio e infraestrutura úteis para o desenvolvimento do ecoturismo. Com o levantamento de todas essas informações o grupo irá elaborar um catálogo para divulgação do potencial turístico de São João d’Aliança. (<http://ecoturismocerrado.zip.net/>, 2006).

O terceiro subprojeto aconteceu na comunidade do Forte. O objetivo foi valorizar a história do lugar e suas características culturais, como a festa da Caçada da Rainha, divulgando-as em uma exposição que também incluiu a projeção de imagens registradas

durante a travessia para o inventário natural. O subprojeto traz, em sua justificativa, a necessidade de resgatar o interesse dos jovens pelas características originais da festa, que tem se modificado com o tempo:

Os jovens animam-se com a agitação que a festa proporciona, mas desconhecem sua história e seu sentido para a cultura local. Assim, enquanto adquire importância em número de participantes e visitantes, a festa parece perder qualidade como manifestação cultural ancorada na história da Vila do Forte. (<http://ecoturismocerrado.zip.net/>, 2006).

No entanto, como a escola estava em recesso e os alunos de férias, não foi possível envolvê-los como se pretendia. Todavia, a exposição recebeu inúmeros visitantes, crianças, jovens e idosos, que assistiram à projeção de imagens e observaram a exposição de fotos. Muitas crianças desenharam sobre o que viram e os adultos trocaram idéias com os representantes do Projeto quanto às imagens observadas.

Posteriormente, o grupo elaborou uma outra exposição, em que às fotos foram acrescentadas poesias. O poeta do Município, Anacã, elaborou as poesias de acordo com as respectivas fotografias. Assim, além da imagem, uma idéia era associada à mesma. Talvez um caminho mais rápido para colaborar com a formação dessas novas representações do Município: idéia e imagem, juntas numa só exposição. Essa exposição foi apresentada durante o V Encontro dos Povos da Chapada dos Veadeiros, que ocorreu de 20 a 22 de outubro de 2006, em Teresina de Goiás. A exposição ocorreu na praça, com as imagens e poesias penduradas em varais, facilitando em muito a aproximação e o interesse dos visitantes.

Houve, até então, grande investimento do grupo em capacitação dos envolvidos, para participarem do planejamento, levantamento e divulgação das belezas naturais e culturais da região. O grupo pretende desenvolver um turismo mais condizente com o contexto socioambiental das comunidades, valorizando a cultura do cerrado, os produtos e as festas tradicionais e a simplicidade do modo de vida no interior. Esse tipo de turismo é chamado, pela maioria dos envolvidos, no Projeto, por ecoturismo. Contudo, dentro da categoria turismo, existem diversas modalidades, como o turismo cultural, o turismo religioso, o turismo de aventura, entre outros. Que implicações advêm desta grande variedade de conceitos, ou representações atreladas a elas, em torno da atividade turística para o grupo do Projeto Mulheres das Águas?

Há uma necessidade de pensar o turismo de maneira planejada e integrada com as comunidades e a cultura local, no entanto, o conceito de ecoturismo ainda está sob debate e

em construção, evidenciando-se enquanto proposta de atividade e desenvolvimento ainda pouca consolidada. Além disso, parece que “esse ‘rótulo’ tem sido utilizado no País de maneira equivocada, para qualquer tipo de turismo, no qual o bem natural é o atrativo, mas os compromissos de sustentabilidade não parecem claros” (IRVING, 2002, p. 53). Por outro lado, o ecoturista é tido como aquele que “não quer apenas observar, mas também conhecer o bem natural; e para isso busca os meios de acesso à sua vivência integral da natureza” (IRVING, 2002, p. 59). Segundo Irving (2002), há poucos profissionais para atender essa demanda, o profissional precisa ser mais que “guia”, ele precisa ser um “decodificador” de informações. Em São João d’Aliança, o histórico de dois cursos de formação para guias turísticos, e a criação de uma associação de guias, a AGEMA, não garantem que os interessados possam atuar na área, o que contribui para a perda de interesse pela atividade e diminui as chances de consolidar os conhecimentos adquiridos.

Quanto aos impactos do desenvolvimento turístico no Brasil, principalmente nas comunidades locais, Irving (2002) aponta para a freqüente ausência de um planejamento prévio, gerando exclusão e colaborando para a perda de importantes valores:

A indústria turística tem se implantado em velocidade e magnitude crescentes, principalmente em regiões menos favorecidas sob a ótica socioeconômica, mas extremamente privilegiadas com relação ao patrimônio cultural e ambiental. O avanço turístico, no entanto, nem sempre ocorre a favor das populações locais e, freqüentemente, é responsável por fenômenos significativos de exclusão social, descaracterização cultural e degradação ambiental (IRVING, 2002, p. 19).

O grupo do Projeto Mulheres das Águas pretende desenvolver suas atividades baseadas em um planejamento que evite esses impactos, do “turismo de massa”, como alguns do grupo identificam, um planejamento que está conceitualmente associado ao ecoturismo, um tipo de turismo, que para o grupo, representa incluir e valorizar a cultura e a participação dos diversos atores sociais envolvidos.

Segundo Moscovici (2005), um aspecto fundamental durante a criação e utilização de representações sociais é a função de nomear, um mecanismo útil à materialização e disseminação de uma idéia. O nome comporta certas características, tendências, e diferenças. Além disso, pela nomeação cria-se uma convenção, quando a idéia é compartilhada com outras pessoas de uma determinada comunidade. Assim nomear: “É uma operação relacionada com uma atitude social” (MOSCOVICI, 2005, p. 68). A definição do tipo de turismo que se deseja ou que não se deseja, é um dos pontos importantes para entendermos de que forma as representações de turismo irão influenciar o decorrer de seu desenvolvimento, e

mesmo, durante o planejamento, assim como e principalmente em relação às expectativas com a atividade turística. O objetivo primeiro do grupo ao identificar e discutir o turismo, as modalidades de turismo, é esclarecer e definir o que se pretende, evitando-se que o desenvolvimento turístico venha a ser mais um motivo de descaso com o meio ambiente e malefícios às comunidades.

Assim, o planejamento turístico precisa ser pensado de maneira sustentável, o que requer uma discussão ética, que deve pautar-se pela percepção da “irreversibilidade do processo de transformação induzido pelo turismo” (IRVING, 2002, p. 25). Neste sentido,

[...] a reflexão dirige-se à responsabilidade de todos os atores envolvidos no desencadeamento e/ou fortalecimento de um destino turístico, frente à percepção de que o desenvolvimento da atividade pode, ou não, induzir melhoria de qualidade de vida das populações locais; e, freqüentemente, vem-se tornando até em agente de deterioração dos padrões locais (IRVING, 2002, p. 25).

Porém, Irving (2002) destaca como os processos participativos estão, em geral, acompanhados de grandes desafios, gerando dúvidas e questionamentos quanto à efetividade dos mesmos, tendo em vista os limites de cada grupo envolvido e os diversos mecanismos sociais de acesso a determinados recursos. O poder associado ao saber promove também uma relação desigual entre os envolvidos e interfere nas possibilidades de participação. A participação é, contudo, uma das ferramentas mais importantes quando se trata de inclusão de comunidades no desenvolvimento turístico. A participação está relacionada, efetivamente, a um outro tipo de poder, o poder de decisão. A vantagem de projetos baseados em processos participativos reside, sobretudo, na identificação conjunta de problemas e necessidades que devem ser abordados desde o início, além de garantirem a legitimidade do que está sendo desenvolvido, já que “tendem a refletir as expectativas e demandas locais” (IRVING, 2002, p. 44).

Segundo Sansolo (2002) é preciso estar atento para o fato de que co-participação é uma forma de conjunção entre diversos objetivos, desde a conservação ambiental a melhoria das condições de vida das populações. Quanto às dificuldades inerentes a essa participação, ele destaca: “[...] na maioria dos lugares, o que se encontra são comunidades despolitizadas, desarticuladas, com baixíssimo nível educacional, o que muitas vezes inviabiliza um processo real de participação em um processo de gestão compartilhada” (SANSOLO, 2002, p. 80)

Dessa forma, os projetos voltados para a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento regional, baseados na inclusão das populações locais, devem considerar em

seu planejamento uma abordagem o mais realista possível, ou seja, o mais afinado possível com o contexto das comunidades, o que facilitará o envolvimento, por exemplo, de líderes comunitários. Também é necessário estar atento para as diferentes capacidades e interesses, “seja no que diz respeito à facilidade para planejar e/ou articular projetos, seja na habilidade de fomentar a adesão de um número cada vez maior de moradores ao processo de desenvolvimento dos projetos locais” (IRVING *et al.*, 2002, p. 98).

No âmbito do Projeto Mulheres das Águas, percebe-se como as atividades de divulgação estão sendo realizadas voltadas principalmente e, sobretudo, para o conhecimento dos próprios habitantes da região. Nesses encontros, em exposições, levantamentos e feiras trocam-se idéias e desperta-se para o interesse no potencial turístico do Município de São João d’Aliança, divulgando-se uma proposta atrelada ao conceito de um desenvolvimento turístico voltado para o ecoturismo, para a participação e a valorização da cultura local e do Cerrado.

O grupo do Projeto Mulheres das Águas, em sua terceira fase, revela grande preocupação com o risco do desenvolvimento de um turismo que não valorize essas imagens e idéias que estão sendo divulgadas, sobre o modo de vida e a diversidade do cerrado. Podemos dizer que o turismo ainda ocorre de maneira incipiente no Município, a não ser, talvez, no período restrito de algumas festas e feiras. Assim, aparentemente esta é uma categoria em formação, mesmo afirmando que ela será elaborada baseada na ancoragem que os sujeitos entrevistados realizam, vinculados as mais diversas experiências. Segundo Moscovici (2005), ao formamos uma nova representação, uma nova categoria, nos fixamos em um caso teste, por vezes um protótipo. Esse protótipo guia as expectativas para com outros prováveis participantes desta categoria:

A ascendência do caso teste deve-se, penso eu, a sua concretude, a uma espécie de vitalidade que deixa uma marca tão profunda em nossa memória, que somos capazes de usá-lo após isso como um referencial contra o qual nós medimos casos individuais e qualquer imagem que se pareça com ele, mesmo de longe (MOSCOVICI, 2005, p. 73).

As representações sociais sobre o turismo podem indicar que características são associadas previamente aos turistas, e quais as que não são. Contudo, essa categoria, pode, dependendo do grupo, estar subdividida, conforme já descrito, em outras categorias, como por exemplo, “ecoturistas”, “turistas religiosos”, “turistas de aventura” e “turistas comuns”.

Neste capítulo, gostaríamos de enfatizar os aspectos que podem ampliar o entendimento do quanto às representações sociais sobre o turista e o turismo, incluindo as suas diversas modalidades, podem interferir no desenvolvimento do Projeto e nas expectativas com a própria chegada do turista. Diante dessas representações, podemos ainda provocar algumas questões inerentes ao processo participativo ao longo do desenvolvimento do Projeto, buscando relaciona-las às imagens e idéias que estão ancoradas e, posteriormente, apontando para alguns desafios e limites.

Seguindo o formato do capítulo anterior, as representações são apresentadas por grupos, a fim de promover a identificação de semelhanças e diferenças entre os mesmos quanto ao tema turismo e turistas. As representações estão estreitamente correlacionadas às questões que os grupos abordaram no capítulo sobre o ambiente natural e social, fazem uma conexão direta e devem ser observadas em continuidade com o mesmo.

3.2 EM BUSCA DO ECOTURISTA

O grupo diretamente envolvido com o Projeto Mulheres das Águas é formado por representantes da AGEMA, AD Capetinga, Mulheres das Águas, Mulheres do Cerrado, CAMARÁ, UnB e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, dentre outros. O grupo busca, em seu planejamento, desenvolver ações que colaborem para uma atividade turística adequada à conservação dos recursos naturais e à valorização da cultura sertaneja do Cerrado. Apresentamos, então, algumas das suas concepções e expectativas para com o desenvolvimento e a consolidação desse tipo de turismo em São João d'Aliança.

O representante da AGEMA, Tauató, aponta para um turista engajado com a questão socioambiental, interessado em conhecer outros modos de vida. É esse o turista que ele espera, o ecoturista:

Só faz sentido para mim se eu atingir o público alvo: o turista que vem usufruir a natureza. Só se eu trazer o ecoturista. Se for um turista que sabe usufruir, se eu consegui trazer um ecoturista. Ele vem para descansa, pra conhecer as coisas simples. Aquele sério que vem para descansa a cabeça, que num deixa poluição, esse é o objetivo do projeto e meu também, se for diferente disso vai ser decepcionante, eu tô fora.

Ele focaliza o compartilhar dos resultados desse turismo com os moradores de São João:

A questão social é atingir que outras pessoas ganha dinheiro, não só o Tauató, não só o dono da pousada. Eu queria que envolvesse toda a sociedade, na produção cultural, para leva a farinha de mandioca. São João tem um artesanato muito bom, mas tá tudo esparramado, num dá tempo pro turista. A parte social tem que juntar esses

elementos, assim todo mundo ganhava, a parte social fica muito mais equilibrada, até o borracheiro quando fura o pneu. Todo mundo usufrui deste dinheiro.

Para Cauré, outro integrante da AGEMA, a questão não está tanto centrada no comportamento esperado do turista, mas na capacidade de esse promover a melhoria de renda na vida das pessoas de São João, principalmente proporcionando a concretização da profissão de guia turístico na comunidade. Ele conta como se envolveu com a questão do turismo:

O SEBRAE tava fazendo umas reuniões, e lá a gente fez um quadro de problemas para ver o que a gente queria para cidade. Eu trabalhava em São João, no comércio, era o Sebrae e a prefeitura. A gente levantou cento e trinta problemas, e um dos que a gente queria para São João era o turismo. Desses, entre os dez o primeiro que a gente pediu foi turismo.

Porém, ele não conhecia os atrativos naturais de São João, o que o motivou foi à atividade que seu pai desenvolvia na chácara, voltada, principalmente, para o lazer com o bar, a refeição e a sinuca: “Eu pensava por causa do meu pai, por causa da cachoeira, eu achava que tinha outras coisas, mas eu não sabia que tinha outras cachoeiras”.

A motivação de Tauató também está associada à possibilidade de geração de renda, porém ele destaca ainda o ambiente natural, a forma como relaciona o turismo com esse ambiente:

Eu vejo um bando de turista atrás de mim, eu andando e eles atrás de mim, enquanto eu puder. Já pensou se agente começa a armar o caminho do Muquém, fica um caminho de Santiago de Compostela, por exemplo. Alguém pensou isso há muito anos e depois começou a acontecer. Eu posso pensar isso hoje e depois de 100 anos começar a acontecer, num interessa se é o Tauató que vai ganhar dinheiro, aqui passou um doido chamado Tauató, depois Acauã e ... Eu tenho essa preocupação de passar isso para outras pessoas. Eu tenho 51 anos daqui a pouco eu num vou dar conta mais. Não interessa se eu vou ganhar ou lá na frente, outros vão ganhar.... Pode ser para mim, mas pode num ser.

Para Cauré, o turismo já está acontecendo, ainda que ele esteja associado a atividades de pesquisa de campo, como a própria pesquisa que desenvolve: “A única idéia nossa é que no final desse projeto, já tá acontecendo, se num fosse esse projeto vocês num estariam aqui. Foi por causa desse projeto que vocês estão aqui. Então já ta começando a acontecer, tá vindo gente para conhecer as cachoeiras e fazer pesquisa”.

Tauató faz uma reflexão sobre o grupo diretamente envolvido com o Projeto, para ele não há uma efetiva participação porque algumas organizações não têm ou não entendem como participar:

Quem é da AGEMA, o objetivo da AGEMA é ecoturismo, meio ambiente, e produção cultural. Qual é o objetivo do Sindicato: aproveita as leis de aposentadoria,

dele. As Mulheres da Águas é mais ou menos o objetivo nosso. A AD Capetinga tem o objetivo mais ou menos nosso. Já as outras associações não têm muito a ver com esse Projeto. Esse Projeto muitas vezes não bate com a ideologia do Sindicato. Tem que criar subprojeto, mas o Fernandinho não entende o que é que eles tem que fazer. Os outros num faz parte, eles num consegue entender o que que é pra fazer. Eu num posso pedir um gps para mim, é para a AGEMA. Eu num tô vendo ajuda profissional por parte dessas pessoas. Eu num consigo nem ajudar, tô achando muito difícil pro lado deles. As mulheres da AMC [Aliança Mulheres do Cerrado] também não sabem o que fazer. Se eu preciso de uma máquina pra que? Pra fazer coisas pra vender pro turismo, dá uma volta. Os outros eu não consigo nem ajudar.

As expectativas de Tauató e Cauré, em relação ao turismo, estão vinculadas às outras representações. A do Tauató parece se associar, principalmente a sua representação do ambiente natural e social, enquanto a de Cauré faz uma conexão direta com os problemas que a AGEMA e algumas pessoas que já se envolveram com a atividade de guia enfrentam. Principalmente a falta de oportunidade de trabalho que, para ele, foi o principal motivo do desinteresse de algumas pessoas.

Para Inhambu, da AD Capetinga, o Município tem um grande potencial para o turismo. Ela se refere ao SEBRAE como uma importante referência na identificação desse potencial. Contudo, o turismo, como uma atividade importante, não está simplesmente vinculado à presença de cachoeiras e outras belezas naturais, ou à geração de renda, mas à capacidade de mudar as relações entre os proprietários de terra e o ambiente natural, entre o pequeno agricultor e a forma como ele representa seu ambiente, ainda que tudo isso esteja, originalmente, vinculado à questão financeira:

São João é turismo. Monocultura, produção de soja, as multinacionais que mandam, o dinheiro vai todo embora, pouca gente é contratada. Até o próprio fazendeiro tem a produção ligada à multinacional. É obrigado a entregar toda a produção. O cara quando começar a ganhar dinheiro com a cachoeira dele, o mato dele, e a água, ele vai querer o mato, ter água, ele vai querer tudo limpinho e organizado. Ele vai passar a se preocupar. Porque aquilo tá dando dinheiro pra ele. Meu pai mesmo fala, porque que ele tem uma mineradora, porque é a mineradora que tá pagando as contas dele, num é o turista. Porque que ele vai deixar uma cachoeira linda, maravilhosa se é a mineração que dá dinheiro pra ele.

Mas o que a motivou a participar foi, não só o seu interesse pela proposta do Projeto, como o vínculo com a Professora Caburé, decana, do decanato de extensão da Universidade de Brasília: “Sempre tive uma ligação muito forte com a Caburé , sempre conversei bastante com ela”.

Para Inhambu, o turista é alguém disposto a conhecer e aprender. Mesmo que ele esteja interessado exclusivamente em passear e descansar, ele sempre aprende, porque “ninguém faz turismo sem aprender alguma coisa, de uma forma ou de outra aprende alguma coisa”. O

turista é um “curioso”, “que viaja para conhecer algo diferente, qualquer aluno, dona de casa, porque tá sempre em busca de alguma coisa. O ser humano que tem visão de crescimento sempre busca coisas novas”. Porém, ela descreve dois tipos de turista ao se referir ao turismo que deseja para São João d’Aliança:

O turista consciente, que valoriza mesmo as tradições culturais, a cultura do fogão de lenha, a comidinha da roça, não aquele que traz a comida de supermercado, que num conhece as comidas daqui. O turista saudável. Em São Jorge tem um perfil de turista que num é saudável. O pessoal chama de turista farofeiro: que não tem grana, leva um saco de dormir amarrado na cintura, dorme nas casas do vilarejo, gasta pouquíssimo, não tem grana pra gastar, e vai lá pra se drogar. Num é saudável, nem pro próprio turista. Que viesse pra soma, tanto pra ele quanto pro Município.

A possibilidade da presença do turista “não saudável”, segundo Inhambu, acaba se tornando um dos desafios do desenvolvimento do projeto no Município, porque gera um receio nas pessoas da comunidade e, inclusive já provocou alguns conflitos: “Teve também uma briga muito violenta com o prefeito, disse que eram os farofeiros, drogados, os cabeludos, esse tipo de gente que a gente queria trazer para São João”. E outros desafios se somam a este:

No posto tem também um interesse comercial. Mas eu acho que é por falta de conhecimento. Eu num sei porque o pessoal não quer participar de nenhuma reunião. E também um jeito individualista, fica cada um preocupado com seu mundinho. Eles num percebem que o dinheiro vai circular mais. E a maioria tem medo que São João venha a se transformar em São Jorge e Alto Paraíso, uma cidade sem cultura, que vai ser um monte de drogado na cidade, que o pessoal de fora vai tomar conta, um monte de forasteiro. (INHAMBU).

A proposta do Projeto Mulheres das Águas é exatamente o oposto disso. Pretende incluir as comunidades no desenvolvimento turístico da região, valorizando a cultura local. A idéia do grupo significa para Inhambu “mais valorização de gente, que vai receber gente, e não gente que vai receber dinheiro”. Mas, ainda assim, pode ser que este turista “indesejado” apareça. Inhambu expõe de que maneira elabora essa possibilidade:

Um turista farofeiro não vai num lugar desse. Ele vai e não volta mais. Não tem afinidade, nem espiritual. Ele pode voltar, mas não porque tem afinidade, por outros motivos. Ele pode vir e a comunidade precisa estar educada para isso. Ele vai vir e não vai voltar. A estratégia é que a comunidade fique fortalecida. Qualquer lugar que você entra aqui você vai ouvir música sertaneja, lá no Alto Paraíso num tem isso. O fato de lá tá associado a esse tipo de pessoa, favorece a isso. A cultura aqui é religiosa, o turismo tá vinculado a catira, a folia, a rainha. Então vai vir quem vai querer uma cultura diferenciada. [...] Então, quando o guia estiver guiando ele vai mesmo mostrar o comportamento adequado do turista, a pessoa vai ver você catando o lixo, e cuidando do lugar e vai modificando.

Inhambu sentia que naquele momento o grupo estava “devagar”. Para ela, a impossibilidade de construir o Centro de Atendimento ao Turista – CAT desanimou o grupo.

O CAT seria um estímulo à participação e um centro também de “apoio” aos interessados em participar desta proposta: “O que pegou mais foi o sonho de termos o CAT, tem artesão que está desistindo porque não tem onde vender. Aqui não tem onde obter informações”.

Mas Inhambu percebe também, no grupo envolvido com o Projeto, a necessidade de uma maior participação. Esta ausência, para ela, semelhante ao que foi descrito por Tauató, da AGEMA, está relacionada a certo desconhecimento do “papel de cada um” e de qual seria essa colaboração:

Falta sintonia no grupo, tem gente que nem sabe o que tá fazendo nas reuniões, o próprio pessoal do Sindicato. [...] Eu procuro o pessoal, perguntando se eles num vão fazer nada de subprojeto, ai parece que é só eu e o Acauã que fazemos alguma coisa. Foi criada uma página no grupos, mas só quem lê é o Aracuã.

No grupo Mulheres das Águas, Iraúna fala da importância do turismo como uma alavanca e um estímulo para a venda dos produtos que ela e irmã elaboram. Todavia, destaca as “exigências” do turista, e os desafios para atender as expectativas do mesmo:

Eu acho que o turismo é bom, um turismo bem desenvolvido. O povo tem que tá bem preparado para receber o turista. E o turista que vier sendo acompanhado das pessoas do local, procura conservar o meio ambiente né? As pessoas que vão receber tem que tá preparada para receber, porque se um turista for num local e encontra as coisas desagradável, eles não voltam mais. Porque o turista, assim. Ele quer chegar, ele quer ver as coisas que lê e num conhece, mas eles querem as coisas que agradam eles, organizado. É comida, higiene, é tudo né.

Iraúna também gostaria de participar da atividade turística de outra forma:

Eu tenho vontade, mas é um sonho, que eu não sei se vou realizar. Eu tenho vontade, de dar uma reformada, lá na minha casinha, lá na roça, pra algum turista ir visitar. Tem uma casinha velha, tem um engenho, tem uma mandioca, que eu adoro. Eu tenho vontade de receber. A roda que fazia farinha manual, o engenho que ta meio velho. Sonha a gente sonha. Às vezes a gente sonha de mais e num realiza.

Pitiguari, irmã de Iraúna, explica as dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região:

Eu acho que aqui já vem algum turista, porque de acordo com os pontos turísticos que tem aqui era até pra ter mais movimento turístico que Alto Paraíso. Eu acho que falta um certo conforto pro turista, hospedagem apropriada, porque eu acho pouco. Aqui só tem o hotel do Atos e lá o hotel fazenda do filho dele. O local ainda num é apropriado, num tem pessoas, uma certa separação do local, um local que é difícil de chegar. A estrada é horrível até chegar lá. Tem o Forte, o Assentamento. Quando chove muito só desce lá caminhonete e com corrente. A estrada é uma coisa que impede muito de eles ir. Tem a estrada que vem de Formosa, mas que não passa aqui em São João.

As duas irmãs focalizam as características e as condições que devem ser atendidas como um importante pré-requisito para que esse turismo, de fato, aconteça. Elas acreditam que só assim o turismo será possível. Nessa fase atual do Projeto, apesar de identificarem uma estreita correlação entre seus objetivos de reflorestamento e proteção das margens dos rios com o desenvolvimento do ecoturismo, não entendem bem como podem colaborar, já que “eles trabalham mais com guias, e nós não temos nenhum guia. A gente tem como objetivo mesmo trabalhar com produtos que vem do Cerrado”.

Esse é a mesma concepção de Iratauí, da Aliança Mulheres do Cerrado, ela não vê como o grupo poderia participar. No entanto, acredita que seria muito bom para o Município, principalmente como uma oportunidade de renda para muitas pessoas. Iratauí fala do turista: “Ele quer conhecer aquele lugar, então eu acho que é uma pessoa inteligente e esforçada. Eu conheço uma amiga de muitos anos que tem um hotel em Alto Paraíso, que ela fala que tem um movimento muito bom. Ela sempre me coloca coisas boas, só me fala bem”.

No entanto, pessoas que não apresentam essas características, destacadas por Iratauí, não são turistas, são “baderneiros”, e esses são responsabilidade das autoridades locais. “Eles não sabem o que é turismo”. Iratauí diz que o turismo está associado ao meio ambiente, porque é uma proposta do Projeto Mulheres das Águas, o qual ela já conhece “muito bem”. É por fazer essa associação que ela vê positivamente o Projeto. Quando conversamos sobre os desafios, Iratauí receia que essa visão positiva não seja compartilhada por alguns membros da comunidade e revela porque:

Eu acho que muita luta, muita peleja, num é fácil. Por causa de dificuldade das pessoas do lugar. Eu acho que aqui eles num põem muita fé no trabalho do lugar. Falta de conhecimento. Isso aqui melhorou muito depois que outras pessoas vieram, igual o pessoal do Projeto. Falta de conhecimento daqui acho que é quase em tudo. É como se diz, “santo de casa num faz milagre”. Às vezes, as pessoas ta se esforçando e eles acham que é outra coisa. Os Mulheres das Águas é muito conhecido aqui. As Mulheres das Águas só falta é mais assistência, num tem muito assistência, essas coisas tem que ta em cima. Então assim, marca uma reunião, todo mundo ta junto, às vezes avisa na noite anterior que num vai. Então o pessoal já ficava cobrando; Ah, mas a senhora falou que tinha, e num tem. Eu acho essa coisa falha. Mas eu acho que a perseverança faz com que...

Se o Projeto e o Município não conseguirem oferecer a estrutura que o turista procura, na concepção revelada por Iratauí, ele não virá, ao contrário, haverá uma tendência negativa em relação ao tipo de visitante. Dessa forma: “Se num tiver estrutura num vale a pena, porque ninguém vai sair pra passear onde num se sente bem”.

Para Chincôã e Uiraçu, da CAMARÁ, o Projeto está compondo com os grupos envolvidos, as estratégias adequadas, que são o inventário, a divulgação e a elaboração de “produtos turísticos”, os quais estão dentro desta concepção de conservação do cerrado e valorização cultural, porque estimularam um tipo de turismo diferente, interessado neste ambiente. Uiraçu identifica, no grupo, o desafio de se perceber inserido nesta proposta e, assim desenvolver as atividades no tempo necessário:

Acho que de ordem interna do grupo de organizações, acho que o desafio é encontrar o ritmo, que cada organização dentro do processo, participe mais ativamente. Encontrar o ritmo de trabalho, que faça com que o projeto de fato chegue na frente de outras iniciativas e ... que não estejam de acordo com esse ideário construído do que venha a ser o desenvolvimento e o turismo na região. Que outro projeto num chegue antes que se tenha sensibilizado as pessoas para a beleza, para a cultura, a capacitação das pessoas para trabalhar com os que vêm de fora.

Uiraçu identifica outros desafios inerentes ao tipo de ocupação do solo, atividades econômicas, que devido as características de exploração e uso dos recursos naturais, se opõem ao ecoturismo, como a mineração e a soja. Ele fala sobre a soja:

É porque ocupa espaço no ambiente, então num tem jeito. Bom, é possível conciliar? É, é possível conciliar. Até porque você tem o relevo de São João, que favorece muito isso, se todo o pessoal preservar as veredas e a mata ciliar, etc e tal. A gente viu uma cachoeira que tá a jusante da soja, na seca vai dá pra usar essa cachoeira, mas nas águas num vai dá, porque você tem uma carga de contaminantes químicos aí, que num vai ter jeito. Até tem uma coisa que favorece, porque a estrada da soja é melhor que a estrada da roça, do cerrado rupestre, questão de acesso, do pessoal da fazenda é melhor, se tem uma pressão na prefeitura para isso, que é melhor. . Então você pode ter um aliado.

Uiraçu faz ainda, uma outra reflexão, relacionada à monocultura, à sensibilização e ao interesse dos grandes proprietários de terra para com o desenvolvimento turístico, de acordo com a proposta do Projeto.

Mas se contrapõe pela questão que nem sempre o grande agricultor, ele reside, nem sempre ele tá de fato preocupado com a conservação daquele ambiente. Se ele tivesse valores ancestrais naquele terra, mas ele num tem. Ele é o primeiro proprietário, um segundo proprietário de uma coisa que é um negócio. Ele num mora lá, é um negócio, às vezes nem tem dono, é uma AS. É difícil você fala em valores culturais, ambientais num cenário desse.

Uiraçu fala então, da convivência entre as duas atividades, monocultura e turismo, no âmbito do contexto que estamos tratando:

Então, o mínimo que você quer é conviver com essa atividade, se conseguir conviver com a agricultura mecanizada da soja, e tal. Eu acho já um avanço, se consegui preservar as belezas, as matas, as reservas legais, as áreas de preservação permanente. Bom, eu só vi em na soja, mais de uma vez, a em tava lá. Será que vai continuar a ter em na soja? Espero que sim, é melhor você ter em na soja, que em lugar nenhum.

Um outro desafio está direcionado para essas atividades iniciais, de divulgação das belezas naturais e da riqueza cultural para as comunidades, os habitantes do próprio Município:

O desafio da educação da população mesmo, da participação da população, de participar do processo, esse é o desafio gigante, as pessoas enxergarem essa possibilidade. Ser um grande sojicultor num tá no cenário de ninguém. Ser um grande comerciante, talvez seja um cenário de um ou outro. Então, que esse negócio que ele monte, tenha uma orientação para o turismo. [...] É a valorização cultural mesmo, esse é o desafio, enxergar que isso é uma riqueza, que é de todo mundo. Pelo menos na nossa visão, é o interesse do turista pelo lugar. Ele num ir pra São João porque Pirenópolis tava cheio, mas pelas características do lugar.

Que tipo de turista, Uiraçu vislumbra para São João d'Aliança e em que circunstâncias:

Eu acho que as pessoas precisam descobrir isso. É que Brasília num é um pólo turístico muito grande. O brasileiro que visitar pra ver praia, que voltar pro hotel pra ter piscina, é o turismo de massa brasileiro. É que a cidade num comporta o turismo de massa, graças a deus! Acho que tem um outro apelo, que a gente num discutiu ainda, que é o esporte de aventura, tipo o turismo de aventura. Cara, fazer o trekking da Serra Geral, de onze dias, pode ter o ano inteiro. É o mesmo da Chapada Diamantina. A gente num discutiu isso. Agora, que é muito legal você fazer um roteiro de viagem, fazer um corredor. Tem produtos que as pessoas vão ter que bolar. Mas, a medida que o turista chegue, ele precisa ter uma estrutura. Que eu acho que num dá é assim, “para tudo”, que agora você vai só atender turista. A vida continua com as pequenas coisas complementares, mas ao mesmo tempo, o turismo pode engrenar com o turista de final de semana. Assim, num dá pra definir. O que não pode ser, a gente tem que discutir desde o começo. Assim, não pode ser é azular a cachoeira e fazer butiquim. É bom que tenha lugares assim, porque também populariza. Beleza, é simples também, até gostoso. O que eu acho que é desafio, é assim chega antes. Se o cara quiser azuleja a cachoeira dele, é uma opção dele. Se acha a informação, isso é o mais fantástico, se acha informação. Se chega com aquele carro, quatro por quatro, quinze de bicicleta, num importa, a estranheza sempre vai existir, mas amenizar a estranheza, dá naturalidade pra ela. Mas, que as pessoas percebam que ele tem valor. Esse é o trabalho que a gente tem que fazer com o pessoal que vem de fora. Venha pra São João e ver o que tem aqui. Acho que isso faz parte do plano de divulgação. Pra que ela continue sendo o que ela é, pra que as pessoas sejam valorizadas pelo que elas são. Pra num ter uma relação assimétrica. Tudo que eu queria ser era aquele outro. Pera aí, eu sou eu, o outro é o outro, vamos conviver bem.

Chincoã acredita que a participação das comunidades durante os subprojetos, dos inventários culturais e naturais, já é um processo importante para a divulgação da proposta do Projeto. Segundo Chincoã, o momento da capacitação será uma etapa para preparar as pessoas nesse contato com o turista, independente das características desse turista. Pois, embora o Projeto esteja voltado para o desenvolvimento do ecoturismo na região, tem-se a percepção de que todos os tipos de turistas, com os mais diversos interesses e características podem visitar o Município, principalmente quando os atrativos passarem a ser mais divulgados.

Chincoã chama a atenção para o fato do grupo ainda não desenvolver com maior autonomia os subprojetos, e por ainda “depender da presença da CAMARÁ”, embora ela também revele que gostaria de poder mesmo participar mais. Já para Uiraçu,

[...] o processo é esse mesmo, eu vejo com bons olhos todo o processo. Acho que eles já ultrapassaram uma etapa importante, principalmente porque já começaram a fazer outros projetos sem a presença da CAMARÁ. Mesmo que a presença do Acauã [representante da UnB] seja crucial neste etapa, de estímulo e de planejamento, é isso mesmo.

Para Chincoã, um dos grandes desafios é que os diversos representantes dos grupos, ou associações consigam fazer as coisas juntos, do planejamento à execução e que se envolvam com as várias etapas do planejamento. Uma outra questão abordada por Chincoã e Uiraçu diz respeito ao apoio específico aos pequenos produtores, uma etapa fundamental para consolidar ações anteriores e melhorar as condições de trabalho na terra e as possibilidades de melhoria de renda:

Eu acho que vai ter que ter um esforço grande de organização dessas comunidades, especialmente das comunidades rurais. A gente pretende viabilizar as associações rurais. A gente tem essa perspectiva de iniciar esse processo com o co-financiamento que é da ALSO. De organização de entidades de agricultores, pra poder participar de uma forma mais presente, microcrédito, melhorando a estratégia de comercialização, o acesso a crédito. Tem um montante de recurso para aplicar em algumas atividades que já estão sendo desenvolvidas. Facilitar a organização, vê o que eles produzem, que acesso a políticas que eles tem. (CHINCOÃ)

Chincoã fica “abismada” pelo desconhecimento dos pequenos produtores de São João, quanto às políticas públicas que poderiam estar acessando em seu benefício, e que ela está sempre em contato, devido ao trabalho que desenvolve no Ministério de Desenvolvimento Agrário. Daí a idéia de divulgá-las, no âmbito do Projeto, colaborando para facilitar esse acesso e também para viabilizar as condições de comercialização dos produtos artesanais da região.

Sobre o CAT, sobre o adiamento na possibilidade da construção de um Centro de Atendimento ao Turista por meio de recurso do Projeto, Uiraçu argumenta:

Acho que é importante pro turista, pra quem trabalha com o turismo é importante ter o CAT. O projeto num previu o CAT, o projeto previu participar, discutir, informar. Mas, acho que se todo mundo decidi que é melhor investir grande parcela do projeto nisso, acaba saindo, agora eu acho que o projeto perde. O investimento em edifício é assim, até você ter ele, todos os problemas é porque você num tem o prédio. Quando você tem o prédio, ele vira um problema, tem que pagar luz, você num toma conta, só eu que tomo conta, você num vai usar... Aí todos os problemas passam a ser o CAT de novo, primeiro era num ter, agora é o próprio edifício que é o problema. Eu acho que a maior solução, é ser um espaço público, feito pela prefeitura. [...] O CAT era a Casa da Capetinga e deixou de existir. Eu acho que a solução é ser um espaço

público e não um espaço privado. Porque senão, eu que consertei, eu que fiz, então agora é meu...

Uiraçu pensa na informação sobre o turismo, sobre as características socioambientais de São João d'Aliança em termos mais amplos, numa estratégia de maior participação e envolvimento das pessoas do lugar:

Eu acho que o mais interessante é que a valorização do local esteja em qualquer lugar. Porque se o cara parar lá no Chico Dez, desde a pamonharia, tem que ter uma estrutura, mapa, tem que saber informar, o cara tem que ser um agente do desenvolvimento, tem que ter na vendinha. Tem que ter um treinamento. As pessoas têm que sair com informação. Eu acho que se o cara num tá procurando o CAT, tem que ter o CAT em todas as pessoas. Até brinquei: a comunidade tem que atender o turista.

O representante da UnB, Acauã, fala sobre seu trabalho em São João, do que se trata? “Consciência ambiental, em relação ao mundo, em relação às pessoas”. Segundo Acauã, o turismo em São João deve ser desenvolvido de acordo com o conceito de ecoturismo, viabilizando as comunidades, as pessoas da cidade que têm potencial e que querem participar. Por meio do ecoturismo se estabelece uma forma mais apropriada de turismo, de interação com o meio ambiente, a conservação do Cerrado e a valorização e divulgação da cultura dos povos do Cerrado. Como isso ocorre?

O ecoturismo pela própria forma de trabalho dele, ele está voltado para isso, ele tem uma forma de trabalho. Tipo o Tauató e o Cauré, eles sabem muito sobre o local e eles podem tá conscientizando as pessoas e tá passando isso. A preservação da cultura, como a Pontezinha, que tem aquele meio de vida ali, daquela maneira. A gente num que, de repente, construir uma pousada, a gente que que as pessoas se hospedem junto com eles. Por exemplo, o que que é o turismo de massa? A gente que levar a nossa “casa”, vou dormi numa cama tão confortável como a minha. O Ecoturismo que que a gente saia um pouco disso. Esse é que é o grande lance. Ecoturismo é para indicar que as pessoas não vão só para cachoeira, no turismo não existe uma vivência, você paga e vai embora. Ninguém sabe como é o sustento, como ele vive, é um turismo muito mais educacional, muito mais, esse é um ecoturismo. [...]. Ir à cachoeira e escutar os animais, entender porque algumas árvores só dão em determinadas altitudes. O pessoal tenta fazer isso, porque esse meio vida que a gente tem aqui na cidade, num tem nada de preservação.

Sobre a sua participação no período da entrevista:

Tem me incomodado muito esse negócio de falar que o Projeto tá parado. Na verdade, a gente tá pensando.[...]. Três pessoas para movimentar o Município inteiro é difícil, historias, e historias de pessoas que já tentaram e num conseguiram. Eu tô fazendo tudo de coração. Num sei, se podia ser melhor.

Acauã percebe que o adiamento na construção do CAT foi um “balde de água fria” no grupo, porque:

Parecia que era uma oportunidade assim, ia ser muito legal, era um espaço, para apresentações. As pessoas vão para São João e num tem nenhum lugar pro turista se

informar. Ai tipo assim, num sei também, é muito bom esse negócio do CAT, mas num vai poder e aí, vai sentar e chorar?

Assim, é que o grupo estava num momento de reorganizar as idéias, e o planejamento para desenvolver o Projeto. Acauã destacou muitas ações importantes que estão acontecendo, sobretudo as relacionadas à divulgação, concentradas, primeiramente nas próprias comunidades e realizadas a partir do registro fotográfico durante a travessia para o inventário dos atrativos naturais, e durante as visitas nas comunidades. O ecoturismo que o grupo se propõe a desenvolver no Município está intrinsecamente apresentado e relacionado com as imagens presentes nas exposições. Acauã fala sobre os desafios e as estratégias do grupo:

Valorização cultural e ambiental, porque eles mesmos têm uma coisa muito assim em relação à vida deles, porque eles acham que eles são atrasados. A valorização tem muito disso, a gente valoriza o que é nosso a partir do momento que alguém de fora vem e valoriza. Na feira, por exemplo, que todo mundo vendeu e percebeu isso, e a valorização ambiental vem muito das minhas fotos também. Muitas pessoas vem me perguntar se essas fotos são de São João mesmo. A gente tem imaginado fazer umas rodas assim, a primeira seria sobre um conhecimento básico sobre preservação ambiental e cultural. [...] Muitas coisas vão chegar para comunidade assim por conversa, de conscientizar as pessoas o que elas tem na mão. Por exemplo, o Urutau, ele até ta investindo, mas tem gente que nem sabe que aquela cachoeira no quintal tem um valor. Eles num conseguem perceber que o pessoal em Brasília ta interessado em ir lá. [...] É um Município que ta na Chapada dos Veadeiros, tem aquela GO, mas a própria comunidade num acredita nisso. Pastor, Urutau, Tauató pensa em turismo, mas a grande maioria não, porque São João nunca foi um local de turismo, sempre foi um Município de plantação de soja, agropecuária.

Para Acauã, o turismo em São João d'Aliança só vale a pena se:

O turismo só faz sentido para mim se ele valorizar as culturas que São João tem, que seja uma coisa muito mais educacional, pelo Cerrado. De você conhecer e vivenciar aquela área. Visitação: visita – ação. Não essa coisa para inglês viver, restaurantes italianos. Chapada Diamantina, ela achou o máximo de dizer que comeu lá comida italiana. As pessoas que exploram são todas de fora, coisas assim que num tem nada haver.

Acurana, do Sindicato de trabalhadores rurais, diferencia seu grupo dos outros porque percebe no Sindicato, um maior envolvimento com os trabalhadores e a partir disso então, se daria a sua contribuição: “Eu acho que é assim, o projeto é mais voltado para o ecoturismo, o sindicato é mais voltado para os pequenos produtores, essa é a função do sindicato e, os pequenos produtores podem ter atrativos dentro de suas propriedades”.

Porém para Acurana, eles realmente não sabem como podem contribuir no projeto, “estão perdidos no sentido de como podem ajudar”. Segundo ele, muitos trabalhadores rurais que já participaram de outras iniciativas, associadas ou não ao Projeto Mulheres das Águas estão interessados, “[...] no geral as pessoas gostam de participar de Projetos, mas querem ver

o resultado. Eles estão desacreditados, por causa de outros projetos que já aconteceram, mas eles estão interessados, querem saber o que pode ser feito”.

Acurana fala sobre os desafios para o bom andamento do Projeto:

O primeiro seria mostrar para o proprietário e o produtor rural que ele pode participar. Outro problema seria capacitar o pessoal. Às vezes o problema é valorizar as coisas simples que eles fazem. O grande problema mesmo é trazer o turista. Um dos pontos pode ser a divulgação. Foi pouco divulgado. Tem que ter uma forte divulgação. Tem que atacar o pessoal que passa aqui para ir para Alto Paraíso. A própria comunidade não sabe informar e às vezes nem conhece. O pessoal do comércio não informa porque não tem conhecimento e não vêem que eles podem ganhar com o turista.

Acurana já testemunhou pessoas da cidade indicando Alto Paraíso para turistas, por isso acredita que os comerciantes não percebem que podem ganhar com o turismo. Acurana conclui: “As pessoas locais às vezes não conhecem, ou conhecem e não dão valor”. Acurana gostaria de participar mais dessa fase do Projeto, muito pelo seu interesse em trabalhar como guia turístico. Ele fala sobre o ecoturismo em contraposição com uma turma de alunos local que guiou até uma cachoeira:

O ecoturista é um amante da natureza. Os alunos dessa turma queriam o lazer. Essa visão de ecoturista é a visão da Escola Bioma, o ecoturista seria uma pessoa mais preparada em relação ao lixo e trilha. O Ecoturista já vem com uma preocupação com o meio ambiente. O turista só vem para o lazer.

Hoje Acurana diz que não teria como trabalhar porque não conhece bem os atrativos de São João d’Aliança. Segundo ele, as pessoas que fizeram o curso sabem sobre o Cerrado e como guiar, mas também não conhecem os atrativos do Município.

As diferentes representações em torno do turismo estão relacionadas diretamente com as diversas expectativas em torno do desenvolvimento turístico da região. A imagem que se destaca diz respeito a uma questão clássica: “O que vem primeiro o ovo ou a galinha?” Para os que percebem na atividade uma possibilidade de solucionar questões mais urgentes de alternativas econômicas, e descrédito para com proposições mais antigas, relacionadas à conservação do ambiente natural, o “ovo” deve vir primeiro. Ou seja, somente com a chegada do turismo seria possível promover um maior interesse e aumento da participação das comunidades, dos moradores de São João d’Aliança com as propostas do Projeto Mulheres das Águas. Já para os que enxergam no turismo um caminho e não um fim, para promover a participação e a autonomia das pessoas, é preciso primeiro que haja a “galinha”, ou seja, informação, envolvimento, discussão e preparação para ter clareza do que se trata e do que envolve a atividade, antes que o “ovo”, digo o turista chegue. Assim é que percebemos, que a

questão do tempo e da expectativa em torno do turismo está diretamente relacionada com as necessidades e os objetivos, apontando então para alguns desafios no contexto de representações do grupo.

Os desafios focalizam a dificuldade em lidar com essas expectativas e ansiedades, a necessidade de aprofundar com os interessados, como muitos destacaram, principalmente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de que maneira os pequenos proprietários, efetivamente poderiam participar das diversas fases do Projeto. Um outro ponto que talvez, deva ser considerado, como mais uma reflexão, diz respeito às expectativas e às frustrações decorrentes do adiamento da construção do CAT. No conjunto do grupo diretamente envolvido com o Projeto, pode ser que essa reflexão seja benéfica no reconhecimento e na identificação das estratégias necessárias para lidar com as dificuldades inerentes aos processos coletivos, e quem sabe possa se pensar em uma alternativa de espaço físico, adequada para iniciar um movimento, no sentido de viabilizar a exposição e a oferta de produtos e o estímulo à entrada de turistas no Município, ainda que sejam àqueles que estão de passagem, em direção a Alto Paraíso ou São Jorge.

Além disso, um outro desafio para estar associado à própria representação do turismo, como um “ecoturista”. Parece necessário pensar o turismo, não como um turismo restrito, viável somente em uma concepção focalizada na busca pelo “ecoturista”, mas na perspectiva de um processo relacional, em que diferentes concepções estarão em contato, em que diferentes representações estarão presentes nessa proposta de encontro dos diferentes. É nessa proposta pensada em termos relacionais que reside um outro grande desafio, aquele que diz respeito às reais possibilidades de trocas e de transformação das relações e de construção, de re-apresentações em torno da relação do ser humano com o meio.

3.3 FORTE - O TURISTA CICLISTA E O TURISTA PESQUISADOR

Para os entrevistados da comunidade do Forte, o turismo, a presença do turista é mais que uma oportunidade de renda. Revela algo sobre a comunidade, um interesse que eles pouco entendem. O turista está associado ao diferente, não tanto aos freqüentadores vindos dos Assentamentos e nem às pessoas dos municípios vizinhos e de São João, os quais freqüentam o lugar durante as Festas culturais. O turista é o diferente, em todos os aspectos, “ele não se veste como nós, ele não fala como nós e ele que faz outras coisas” (Dona Jacutinga).

A imagem de turista é associada principalmente aos grupos de ciclistas que começaram a incluir a comunidade num circuito pelas estradas e trilhas da região há cerca de oito anos. O circuito parte, em geral, de Formosa e vai até Alto Paraíso. Os ciclistas ficam pouco tempo na comunidade. Chegam cansados da intensa atividade física, se hospedam segundo as condições criadas por Anhuma, que também lhes prepara as refeições, jantar e café da manhã no dia seguinte, antes de prosseguirem com o percurso. Alguns ainda frequentam o bar e vão ao forró. Contudo, essas visitas são esporádicas e cada grupo só aparece uma vez ao ano, ou a cada dois anos. Ultimamente, essa imagem também foi associada aos participantes do Projeto Mulheres das Águas e aos pesquisadores da UnB, na época da pesquisa haviam quatro só na comunidade do Forte. Urututu fala sobre o turista:

“Chama vocês de turista, vocês trata todo mundo bem, o pessoal acha bom, acha bom demais, vocês são tudo educado”.

Para Dona Jacutinga, o turista pode ser muito bom para a comunidade se, outras pessoas também puderem participar. Ela e o marido, Senhor Anacã Bastos reformaram uma casa e pensam em alugar para possíveis turistas: “Eu to até arrumando essa casa para os turistas. Eu até que já pensei menina, eu queria participar, eu queria era arrumar cama pros turistas”.

Conversamos sobre o motivo dos turistas virem ao Forte, todos afirmam que é para descansar, “para fugir do barulho da cidade, que aqui num acontece nada” (Anhuma). Assim, como não acreditam que haja qualquer interesse pela comunidade ou pelo ambiente natural. Anhuma explica:

Eu num sei se isso tem a ver com natureza. Eu nunca conversei muito com eles. Eles gosta de conhecer, de viajar, esses que vem sempre é de bicicleta, mas também tem de carro. Eles me deram umas fotos, eu vou te mostrar. Mas, eu num sei, acho que num tem nada a ve não, que eles vem é pra descansa. Eles dorme e noutra dia já vai embora.

Anhuma mostra as fotografias. São vários álbuns pequenos, de vários grupos. Os títulos estão associados às dificuldades vivenciadas nas estradas, como o “Desafio das Pontes 1” e “Desafio das Pontes 2”. Anhuma esclarece: “Esses nome é porque passa nas pontes e arrebeta tudo”. Segundo Anhuma não há uma aproximação entre as pessoas da comunidade e os turistas ciclistas, mesmo aqueles que passam pelo barzinho e pelo forró.

Guaracavuçu já esteve na comunidade, ela fez o circuito de Formosa até Alto Paraíso, ela fala dessa experiência, do contato com a comunidade e com o ambiente natural:

A minha impressão foi ótima, um lugar muito bonito, com pessoal comunicativo. O pessoal dormiu na escola, e eu e a outra menina ficamos dormindo na casa da Anhuma. Achei lindo o vale do Paranã. Depois que a gente saiu, a gente subiu por uma estrada de terra, o vale e depois a gente foi pra Alto Paraíso. A vista é sempre bonita, e tava chovendo muito, foi até bom porque refresca. Eu conversei com a Anhuma e o dono do mercado. E o Seu Pedro. Mas é rápido. Depois do jantar a gente vai pro boteco e depois a gente acaba dormindo, pelo cansaço e, no outro dia, a gente sai bem cedo. Me falaram que Forte era um lugar muito pequeno, uma vila. Realmente achei uma vila muito pequena, assim tão perto de Brasília, de certa forma isolado. Então, eles avisaram antes que eles não estavam acostumados em receber a gente. Aí eu fiquei curiosa.

Guaracavuçu fala sobre as condições de hospedagem:

Lá num tem onde ficar, foi arrumado lá pra gente, mas eu me senti bem tranqüila pelas condições que tavam lá. Eu acho que não deveria mudar muito, porque eu num tava querendo mesmo um hotel, uma pousada. Eu gostei de ter ficado lá na casa da Dona Anhuma e, de conversar com aquelas pessoas, mesmo que foi rápido.

Guaracavuçu faz uma reflexão dessa visita como uma experiência que a faz rever seus próprios valores:

Eu gosto de muitos lugares mais variados, quanto mais diferente do lugar que eu vivo mais eu me interessar. Gosto de conversar, de saber como que elas vivem. Eu gosto de falar outras línguas, acho que fala muito sobre as pessoas. Eu achei muito interessante, porque vivem ali e não conhecem lá, Brasília, a capital do país. Vivem tão longe e tão perto ao mesmo tempo, e eles são tranqüilos. Já a Anhuma é diferente, tem as idéias dela lá. Já ta querendo montar uma pousada. Eu num sei porque eu tenho esse interesse. Pode até ser, porque Brasília é uma cidade muito diferente, eu sempre tive contato com pessoas de cidade diferente. Minha mãe é pernambucana, e meu pai é goiano. Eu gosto de ir a lugares diferentes, porque eu me sinto diferente, na verdade, eu me vejo diferente. Eu me senti muito bem, em conversar com outras pessoas, acho que me traz um sentimento de alegria. Mesmo com aquelas pessoas que não gostam de conversa, eu acho interessante. [...] Quando você tem um contato com pessoas diferentes, você se vê diferente. Assim, do jeito que você ta aqui, no seu mundo fechado, você não tem certas percepções que você tem quando você ta lá fora. Você tem que ir lá e vê e viver o que o pessoal ta fazendo. [...].

Guaracavuçu tem procurado, em suas viagens, se aproximar mais das pessoas locais, embora quando está com a família, essa “vontade” não seja compartilhada. Guaracavuçu explica sua visão do turismo e do turista:

Turista tem vários. Tem aquele que chega no lugar, e só vai naqueles lugares indicados pra ele. E tem aqueles que querem conhecer como as pessoas vivem. Eu num gosto de chegar num lugar e você entra num ônibus, te leva pro restaurante depois pra uma casa de show, eu num gosto muito disso. É o convencional. Eu acho que num é muito legal, porque você num ta conhecendo bem a região, só aquilo que querem te mostrar. [...]. Sempre com tudo programado. Eu acho ruim, mas eu já fui no mesmo lugar duas vezes e de maneiras diferente, eu num gosto, mais pela minha mãe eu acabei fazendo esses programas para turista, mais convencional.

Guaracavuçu gostaria de voltar à comunidade do Forte, mas não sabe como, não tem o contato da Anhuma, não sabe como se organizar para levar alguns amigos, independente do grupo de ciclismo.

Os representantes da comunidade do Forte associam à rápida passagem do turista ciclista com a representação que tem da própria comunidade, “um lugar que num tem nada”, “só pode ser pra descansar”. Assim, essa passagem dos “ciclistas” confirma isso, fortalece a representação do ambiente natural e social. Essas representações também geram a “estranheza” em relação ao motivo dos interesses do Projeto e dos pesquisadores para com a comunidade. As representações históricas e vivenciais da comunidade se apresentam, aparentemente como desafios, em torno do interesse para a atividade, mas por outro lado, a ausência de outras oportunidades e as necessidades, relacionadas ao acesso e à saída dos jovens, podem agir favoravelmente quanto ao interesse do grupo pelas propostas do Projeto Mulheres das Águas.

3.4 PONTEZINHA – O TURISTA PESQUISADOR E O TURISMO INDESEJADO

A comunidade da Pontezinha também vivencia duas experiências que compõem sua representação do turista. Mas, ao contrário da comunidade do Forte, são experiências que se contradizem. A maioria dos entrevistados se referiu a “estudantes”, “gente que estuda pedra”, “professores”, “gente curiosa”, que nunca viu fogão a lenha, nem sabe como que faz rapadura, “essas coisa tudo que a gente faz”. Essas pessoas são descritas como “gente educada”, que aparecem pedindo água, ou alguma informação. São também, diferentes em tudo:

Eu conheço muito pouco do turista. Normalmente, quando eles chega, eles num conhece quase nada da natureza. Ele chega procurando conhecer uma coisa que pra gente é natural e pra eles num é. Eu conheço muito pouco, ele vai chegando e logo, ele procura. Eles que sabe a origem daquilo. Só pelo jeito de fala, você já sabe, pelo jeito de vestir (SURURINA)

Ao contrário, do turista pesquisador, alguns entrevistados também se referiram a um outro tipo de turista, que é indesejado. Esse turista é o que visita a cachoeira próxima a comunidade. A cachoeira fica à montante. Assim, qualquer contaminação ou lixo chega aos quintais por meio do córrego da Pontezinha, interferindo no uso da água para atendimento às necessidades das famílias. A grande maioria destaca a presença de pessoas na cachoeira como um transtorno. Quem são esses turistas, usuários da cachoeira? São amigos, parentes de alguns moradores próximos que vêm na época do Natal e do carnaval. “Incomoda porque as

“pessoas sujam o rio” (Sururina). “Nós dependemo muito do rio, das nacente pra viver” (Savacu). Sururina levanta ainda um outro tipo de preocupação associada a esse turista:

Tem também umas coisa que cê tem que toma cuidado. É difícil de falar, mas cê sabe, a gente que tem esses minino aí...Lá no Sitio Bom Jesus a gente vê muita essas pessoas que fica até doente, gente que fica internada lá. Sabe o que que é né? Essa tal de droga, que as pessoa fica viciado e depois tem que interna lá pra se trata. É muito triste.

Muitos participam de um encontro que ocorre no Sitio Bom Jesus, no terceiro domingo do mês. O Sítio Bom Jesus abriga e dá assistência a dependentes de álcool e drogas, além de receber outras pessoas precisando de apoio emocional. O Sítio é mantido por um casal, originário de Brasília e, com o apoio de outras pessoas. A maior parte dos entrevistados revelou ter admiração e respeito pelo trabalho espiritual e caridoso desenvolvido lá, sobretudo pela Senhora responsável por essas atividades. Para irem ao Sítio, os entrevistados e suas famílias saem da comunidade bem cedo, e seguem pela estrada de terra e um trecho de trilha. Essa caminhada, que dura cerca de seis horas, ocorre em meio a orações e cantos religiosos. Cada família leva sempre algum alimento a fim de colaborar com o preparo coletivo das refeições, que são feitas no próprio Sítio. É um período de doações, de trocas, de oração.

O grupo do Projeto Mulheres das Águas pensa na possibilidade de elaborar um produto turístico, relacionado a esta caminhada religiosa, uma trilha voltada para a questão espiritual. Assim, procuramos investigar de que forma a comunidade interage com outras pessoas durante este período, Sururina esclarece: “Nessas caminhada a gente ajuda um o outro, nós num vende nada, que é momento de oração e de doação. Nós sempre leva alguma coisa, essas coisa que nós faz, é farinha, é rapadura, é feijão, pra ajudar os outros”. Muitos visitantes vêm de outros lugares, incluindo Brasília, mas não participam da caminhada, vão de carro. Além dos alimentos, as pessoas também oferecem roupas, utensílios e brinquedos que são vendidos em um bazar.

Como o grupo do Projeto pretende incluir neste produto turístico a visita à comunidade da Pontezinha, desenvolvendo atividades em período independente do que a própria comunidade está em caminhada, parece ser uma opção bem interessante. Assim, se promoverá um encontro de pessoas afinadas e voltadas para as questões espirituais e ao mesmo tempo, poderá ser favorável à venda de produtos locais, exatamente como a comunidade expressa querer participar do turismo. Todos se referem à dificuldade de locomoção para vender seus produtos na Feira de São João. Em geral, são os homens que vão em cavalos ou bicicletas. As mulheres falam do perigo na estrada, GO 118, e de casos de atropelamento. Além disso,

acreditam que com o turista poderiam vender mais, porque acham que as pessoas locais também não valorizam muito seus produtos. Mas não é só isso, também querem participar porque percebem nesse contato uma oportunidade de aprendizado e porque gostariam de mostrar aos turistas como preparam e desenvolvem suas atividades:

Gostaria de conhecer para saber escolher, o que fazer. Eu também gostaria de apreender, e desenvolver alguma coisa. Com o turismo eu acredito que a gente pode apreender com os turistas. As pessoas poderiam ver como funciona: moer a cana no engenho de madeira, descaroçar o algodão, fazer comida no fogão de lenha, cachoeira, gruta, ... tem um lugar que parece que chove de baixo para cima. Seria bom também ter uma saída pra o artesanato. (Savacu).

Sururina e Saurá gostariam de desenvolver seus produtos artesanais, tapetes e colchas de tear, junto com seu grupo familiar, no espaço da cooperativa, mas não sabem como poderiam conseguir apoio para comprar o material necessário. Um outro ponto destacado pelo grupo foi a necessidade de melhorar a apresentação dos produtos, principalmente a rapadura. Arapapá acredita que só seria vantajoso se fosse com um grupo, porque a produção é muito pequena e não se sente em condições para investir sozinho, assim como, não se identifica com o espaço da Associação. Ele e Saurá falam sobre participação:

Não participamos da Associação. Eu comecei, mas desisti logo. Eu achei que era melhor ficar por conta, do que espera benefício da Associação. Eu sou uma pessoa assim, eu num do conta de debater com as pessoas pra pedir um benefício. Tudo tem que ter a participação de todo mundo, debater e trocar uma idéia. E eu nesse ponto, eu já sou fraco. Igual pai fala, chega aqueles que gosta de fala mais... Fala mais e fala pra ele mesmo. As liderança tinham que fala mais em nome dos fraco. Eu fiquei mais de dez anos na Associação, eu já vi cada coisa feia lá. A gente vê umas coisa errada, aí já começa a virar conflito. Quando eu vejo umas coisa errada, eu num tenho coragem de debater, eu prefiro sair. Num especialista se presta atenção, às vezes. Às vezes uma pessoa tem uma pergunta mais importante pra fazer, e deixar de fazer porque num teve oportunidade (ARAPAPÁ).

A gente vai conversando, vai se soltando mais, se entendendo, aprende umas coisa e explica outra. A gente tendo participação aqui, a gente aprende mais. (SAURÁ)

Savacu, irmão de Arapapá, participa da Associação, mas tem receio de propor a criação de um rótulo comum, de fazer contratos de fornecimento, porque teme que o grupo não consiga se organizar no atendimento a quantidade exigida por possíveis compradores.

Apesar de identificarem os pesquisadores como turistas, assim como na comunidade do Forte, não fazem uma relação direta entre turista e ambiente natural ou atrativos culturais. A maioria dos entrevistados vê no turismo uma grande possibilidade não só para escoamento de seus produtos artesanais, mais uma oportunidade de conhecer novas pessoas: “Se tivesse como participar seria bom, assim um almoço, a gente poderia vender e arrecadar alguma

coisa, né? Conhecer coisas novas, conhecer pessoas diferente. É bom porque incentiva muito, né? E uma forma da gente tá evoluindo, criando uma amizade assim maior” (Saurá).

A comunidade da Pontezinha tende a se beneficiar mais facilmente com a presença de turistas, mas, por outro lado, também pode criar, com a mesma facilidade, resistência à presença de turistas “indesejados”, conforme já experimentaram. Expressam claramente valores e preocupações em relação a esses turistas e as possíveis conseqüências para a qualidade de vida da comunidade. As expectativas estão relacionadas, principalmente, a vontade de favorecer a venda de seus produtos tradicionais, farinha e rapadura e artesanatos.

3.5 MINGAU - CONFLITO EM TORNO DO TURISMO E DO AMBIENTE

Os entrevistados da comunidade do Mingau vivem um conflito em torno do uso do ambiente, conforme já tratado no capítulo anterior. O conflito está relacionado ao acesso do gado de Arirambinha à água, impossibilitado quando Urutau e Curicaca resolveram explorar a atividade turística, por meio das atividades de lazer no rio. O conflito envolve, então, a própria atividade turística. Para Arirambinha, o turismo realizado na comunidade do Mingau, por Urutau e Curicaca não é adequado, a atividade a incomoda e, além disso, não gera retorno:

Eu num sei nem comentar porque isso tem me dado é dor de cabeça. O Urutau e o seu Curicaca resolveu deixar o pessoal entrar pro rio. O Urutau vê o negócio do lixo, e tudo. [...] Eu preferia assim, que o pessoal passasse só lá pelo Urutau, e isso tem dado dor de cabeça, porque vem pro rio e deixa o colchete aberto até no asfalto, e aí eu tenho que sair correndo pra ir buscar a vaca, e é perigoso se bater num carro, a gente é que tem que pagar. Nós botamos placa e até cadeado, e eles quebraram o cadeado. E eu briguei com o homem, e ele falou um monte de coisa pra mim. Eu num tenho precisão de disso, eu num ganho nada que o turista traz, mas eles num cobram, isso é que me chateia. Eles tão levando prejuízo, porque é degradação, vem com bebida, vem com mulher, já teve até denúncia de prostituição com umas menina. E tem gente, a maioria, traz bebida em isopor que vem lá de São João e aí ele num ganha nada. Aí seu Curicaca, falou o seguinte: eu faço a cerca aí. O gado ta pra cá, o nosso só bebia lá quando era tudo aberto, quando começou a explorar aí acabou.

Para Arirambinha o uso de bebida e o som alto demonstram o descuido dos turistas com o meio ambiente:

Do jeito que é praticado aqui eu acho que num tem nada a ver. As pessoas que vem pra cá acho que num tá preocupado com o meio ambiente. Põe o som na última altura, assim lata de cerveja você vê, toco de cigarro. Mas os moradores é que catam. Primeiro tem que falar com o pessoal lá, que desse jeito que eles tá fazendo ta errado. Eu vejo que da trabalho pra eles ficar catando esse lixo, eles acham bom porque deve dá algum dinheiro com a venda de cervejas. Primeiro tem que muda a mentalidade das pessoas.

Arirambinha acredita que a atividade não traz benefícios para a comunidade, só para os proprietários e, mesmo assim, acha que não compensa o trabalho que eles têm para manter o local limpo em troca de pouco retorno financeiro. Ela fala sobre o turista e o turismo, enquanto possibilidade de atividade econômica:

Eu num quero me envolver com isso, assim do jeito que é eu num quero. Eu preciso tirar isso da minha cabeça primeiro, eu num sei o que que o pessoal acha, mas já denunciaram aí. É por isso que eu num sou a favor do jeito que eles fazem aqui eu num sei. Eu num tenho conhecimento se eles vem explorar ou passear. Mas o que eles fazem aqui, pra mim num é turismo. Pra mim eles são um monte de desocupado, desse jeito eu num gosto. O pessoal lá de São João fala pra gente fazer uma comida, vender uma bebida, mas isso eu num quero de jeito nenhum, num quero isso de tá preocupado com isso todo final de semana. O pessoal bebe, eu já tive problema de alcoolismo na minha família, se o turismo é essa farra de final de semana, eu num quero isso pra mim de jeito nenhum.

Na visão de Arirambinha, se Urutau e Curicaca fizessem um controle, cobrando para entrar, a situação ficaria melhor porque os turistas seriam selecionados logo na entrada, porém explica: “Eu já conversei com o Urutau pra ele fazer um controle, tem que cobrar, mas ele num consegue fazer isso, ele fala, porque é meu amigo, ele num tem coragem de cobrar” (ARIRAMBINHA).

Já para Urutau, o turismo é uma boa oportunidade de alternativa econômica para a comunidade, que pode ser envolvida de outras formas, como, por exemplo, aproveitando o local para venda de produtos e artesanatos. Urutau não cobra para entrar na sua parcela e utilizar o lazer proporcionado pelo balanço e o rio (Foto 5). Ele pretende cobrar, mas só quando tiver uma melhor infra-estrutura: “O que me falta agora é recurso para eu trabalhar uma coisa legal. Que seja de visita de pessoas, com freezer, com uma variedade de atrativo, eu sonho em conseguir uma tirolesa. A gente já pratica aqui o bóia – cross”. Segundo Urutau, a atividade está totalmente vinculada à questão ambiental: “[...] com esse negócio de Mulheres das Águas, eu via a quantidade de lixo, aí nos descemos com a canoa para ir limpando, eu vi as corredeira, ai eu falei vamos criar um negócio assim”. Esse negócio é também uma forma de trabalhar com educação ambiental, de envolver um maior número de pessoas: “As pessoas vão vendo o jeito da gente trabalha e vai aprendendo”.

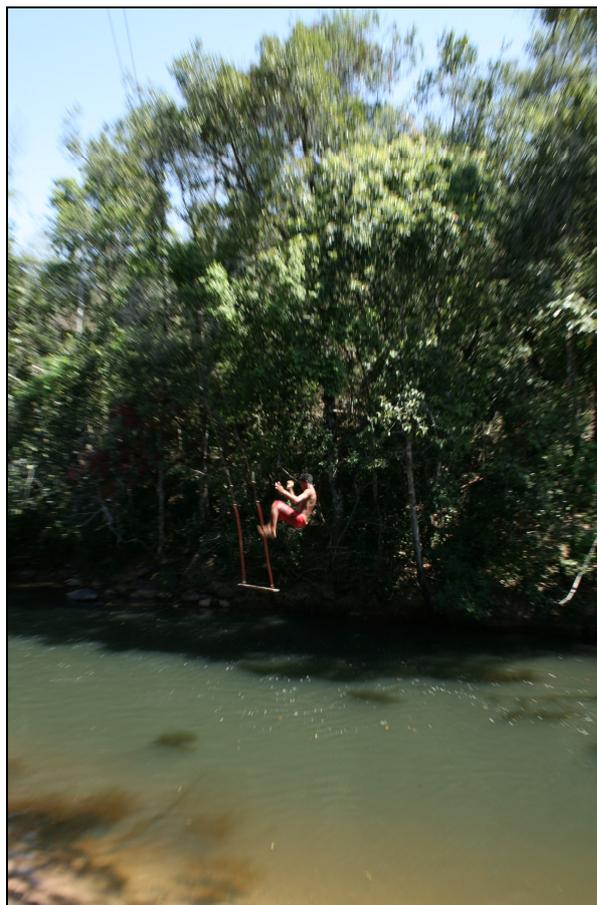


Foto 5 – Balanço do Mingau, atrativo turístico.
Foto de Guilherme Alves Barbosa

Urutau fala sobre os desafios de envolver a comunidade:

Eu acho que o processo mais é esse aí. Eu acredito, que, no geral pode ser bom para comunidade, porque é uma atividade muito procurada. Acho que muita gente num tem essa visão, e também num ta envolvido. Eu viajo muito e vejo as coisas, lá na Chapada, em Alto Paraíso. Meus meninos eu já coloquei pra fazer curso de guia e de primeiros socorros. Eu quero fazer umas trilhas aqui pra envolver toda a comunidade, lá tem uma mina, o pessoal antigo fala que lá era uma serralheria. A idéia é ir até lá e depois para nas comunidades, saber da vida deles. Eu quero fazer um trabalho de envolver as pessoas, mas têm aqueles que num quer, mas desde que quem num quer, que faça suas atividades sem prejudicar os outros.

Ele acredita que algumas pessoas não se interessam porque falta informação sobre o potencial econômico da atividade. Anambé, que também faz parte da comunidade do Mingau, acha que Urutau já deveria estar cobrando entrada. Ele também acredita que outras pessoas da comunidade poderiam ser envolvidas, mas de acordo com a “aptidão de cada um”, pois, assim como ele, muitos podem não se identificar com este tipo de trabalho: “Na verdade, tem muitas pessoas que num tem vontade de trabalhar com outras pessoas. Tem uns que quer ficar mais no seu canto. Eu gosto de conversar, trocar idéia, mas receber não”.

O conflito pelo acesso à água do rio foi agravado pelas divergências quanto ao tipo de turismo que vem sendo desenvolvido e, pela passagem dos turistas na parcela de Arirambinha. O conflito está relacionado também às diferentes concepções entre ambiente social e natural, assim, identificar a origem dessas divergências, das diferentes representações não parece ser suficiente já que os interesses continuam sendo diversos. Segundo Moscovici as diferentes concepções de realidade, gerando conflitos entre grupos e indivíduos não podem ser, em geral, tão simplesmente resolvidas pela identificação da natureza destas divergências. “[...] Descobre-se, então, que os adversários não partilham de um referencial comum e não se referem aos mesmos aspectos dos problemas e que sua avaliação de perdas e ganhos não é, de modo algum, idêntica. [...]” (MOSCOVICI, 2005, p. 124). Dessa forma, mais do que propor a substituição da competição por cooperação é necessário que, ao identificar representações sociais, não nos esqueçamos que elas estão atreladas a desejos e necessidades, os adversários, em geral, estão bem familiarizados com seus oponentes. A cooperação é apenas uma, entre várias outras opções de movimento, que pode incluir desde de “definição de limites”, ou mesmo, o exercício de influências. (MOSCOVICI, 2005).

Alguns pontos de conflito entre Urutau e Arirambinha podem ser melhorados como, por exemplo, com a colocação de placas indicando às pessoas a entrada correta, a utilização de bom-senso do proprietário, demandando sua interferência na altura do som, dentre outros. Esses aspectos podem ser tratados com o apoio do grupo envolvido no Projeto Mulheres das Águas, desde que os mesmos percebam também como esses conflitos podem ser prejudiciais ao desenvolvimento do Projeto naquele local, respeitando, evidentemente os devidos interesses dos proprietários e do Projeto. Aqui também existem limites, os limites das próprias concepções de cada um. Contudo, é necessário considerar que se trata de uma comunidade, em que as parcelas estão bem próximas, com demarcações bem definidas, e em uma condição de poucos recursos financeiros e muitas necessidades básicas e urgentes.

3.6 REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO TURISMO

Para as comunidades, as representações do turismo e do turista, estão ancoradas em suas experiências mais recentes, experiências de contatos mais recentes. Já para o grupo diretamente envolvido com o Projeto Mulheres das Águas, as representações, embora também relacionadas com as experiências que tiveram em relação ao tema, estão direcionadas para uma imagem do que desejam para São João d’Aliança em termos de turismo, ancorados a outras imagens do que acreditam ser mais coerente para a conservação do Cerrado e a

valorização da cultura local, beneficiando os pequenos agricultores, os produtos artesanais e regionais.

A expectativa da comunidade do Forte é que o turismo possa colaborar, principalmente, para melhoria de renda, mas também para que “aconteça” algo de novo no lugar. Urututu aponta para a possibilidade de ver sua música valorizada, com a possibilidade de aumentar a presença de pessoas “de fora”.

Na comunidade da Pontezinha, a expectativa está ancorada à possibilidade de facilitar a venda de seus produtos e valorizar as características tradicionais desta produção. Embora essa experiência de contato e valorização local esteja fortemente vinculada à presença e às idéias do grupo do Projeto e também com alguns pesquisadores, ela já compõe o universo de possibilidades relacionadas ao tema e às representações do turismo.

Na comunidade do Mingau, as perspectivas de Urutau, e mesmo de Arirambinha, que a princípio, revela muitas restrições, associadas ao turismo que experimenta, são também de uma possibilidade de renda. Embora, os dois também revelem diferentes ancoragens, diferentes imagens associadas à atividade, para Urutau, o turismo é mais que renda, ao que tudo indica, é um espaço para estabelecer relações com outras pessoas e para valorizar o lugar onde mora. Já para Arirambinha é uma atividade que está atrelada à prováveis desgastes e incômodos.

Em contato com essas representações, o grupo diretamente envolvido com o Projeto, tem a oportunidade de repensar às suas próprias expectativas, tanto para as comunidades que participaram da pesquisa quanto para os reais e correntes encontros com o turista. Assim como, torna-se necessário avaliar a possibilidade de pensar o turista não só como alguém que deve ser, mas como alguém que procura por algo, possuidor de algumas necessidades que também lhe são próprias, e que, independente de ser identificado ou não como um “ecoturista”, traz referências, representações que talvez devam ser consideradas e evidenciadas nas representações do grupo relacionadas à proposta de desenvolvimento do turismo no Município.

Admite-se que o grupo pensa nesta etapa, de preparação dos interessados para entrar em contato com diferentes pessoas, turistas, durante o processo de capacitação, contudo, pode ser interessante já começar a discutir essas questões, já que todo o processo tende a ser uma construção, uma busca contínua, não uma conjunção de “tempos” específicos. O desafio do

grupo é ter de lidar com o “ecoturista” potencial e não o “ecoturista” enquanto grupo específico, já constituído. Dessa forma, abrir espaço para essa discussão no âmbito das comunidades, durante a capacitação, irá colaborar para envolvê-los no processo não como receptores de potenciais “ecoturistas”, mas como agentes transformadores. Não para estarem preparados para lidar com a diferença, mas para estimular uma percepção dessas diferenças no âmbito de suas próprias questões, de seus próprios desafios.

4 SOBRE A DÁDIVA: RUPTURAS E ALIANÇAS

O trabalho de levantamento e divulgação das belezas naturais e dos atrativos culturais presentes no Município de São João d'Aliança não é voltado exclusivamente para um público externo, para a atração de turistas. Ao contrário, a divulgação tem essencialmente o objetivo de promover um reconhecimento e valorização local das características sertanejas das comunidades e de seus belos atrativos naturais, procurando fortalecer o sentimento de estima por esse ambiente natural e social. O material utilizado é basicamente composto por fotos, apresentadas em filme fotográfico ou em data-show, por vezes acompanhado de músicas da região. O representante da UnB, Acauã, é o responsável pelas fotografias, ele fala sobre seu trabalho e o contato com as pessoas das comunidades:

É muito legal você captá o espírito das pessoas nas fotos, tem fotos que você num se vê. As pessoas se vêem nas fotos, é muito legal, porque eu procuro fotografá elas no dia a dia mesmo. Essa semana, eu escutei uma história do Sebastião Salgado que num dá um retorno pras pessoas, num tem essa coisa da vivência, num volta lá e num dá foto pra ninguém, nem nada. [...] Sei lá porque eu quero tanto da essa resposta pra eles. Das quatro exposições que eu fiz, três foram aqui em São João, são exposições grandes. Poxa, Seu Cancã de muleta, setenta anos, ficou quase uma hora lá olhando. Ele disse: Isso revigora a gente. Eu me emocionei. Teve uma hora que tavam os mais velhos, de cara, vieram me abraçar, me agradecer. Pô, “Muito obrigado!” digo eu, por vocês serem tão bonitos, e as minhas fotos estarem tão bonitas. O pessoal sempre me agradece muito. Eu vejo que eu valorizo eles nas fotos e o ambiente deles também. Mas o retorno deles é muito maior.

As fotos não são somente observadas nas exposições, fotos com pessoas das comunidades são entregues aos que participaram, independente de suas fotos estarem ou não expostas. Há uma troca, uma necessidade e uma vontade de retribuir, para além do trabalho de divulgação. Nessas trocas as pessoas se aproximam, revivem suas memórias, servem café, estreitam laços e criam espaços de reconhecimento e vínculos.

Ao trabalhar com representações sociais, as questões relevantes para o tema, meio ambiente, sociedade e desafios para a sustentabilidade foram se mostrando conforme as situações inerentes à vivência e, à vontade de pactuar com a presença e a forma como o universo do outro pode ser pensado, o que desencadeou algumas outras revelações e reflexões, que aqui se cristalizam. Essas reflexões focalizam a forma como os sujeitos lidam com valores voltados para suas relações sociais, com as necessidades de criar ou dissolver vínculos, no âmbito de seus grupos de convivência, uma preocupação preponderante, marcando as representações sociais relacionadas ao ambiente, ao turismo e as demais expectativas. Identificamos esses aspectos como representações da dádiva, em referência ao trabalho de Marcell Mauss (1974) e dos temores em relação ao dinheiro e o capitalismo,

componentes de nossa sociedade moderna. A discussão cronológica se confunde com a sobreposição de representações, mas justifica-se para expor o caminho percorrido, afinando-o com o amadurecimento teórico e a busca pelo entendimento das questões sociais envolvidas..

4.1 ESPINHOS E CALOS: PESSOAL OU SOCIAL

No Forte, há uma casa bem na entrada da comunidade, para quem chega descendo a Serra, “velha”, “original”, “tradicional”, “quem construiu?”, “que histórias de vida já aconteceram aqui?”, “As portas, as trancas...”, “os tijolos de adobe”, “as telhas entalhadas nas coxas”. Mal chegamos, e a casa, na frente do camping improvisado nos prende por cerca de uma hora. Na verdade, quem nos prende é o representante da AGEMA, nosso guia. A casa, um antigo e inesperado encontro. Ela desperta um longo diálogo, o guia revela sua vontade de restaurá-la, já que está “caindo aos pedaços”, “abandonada ao tempo”. De que maneira a restauração por um “estranho” poderia influenciar a comunidade, que tem modificado suas casas, sobretudo trocando portas e janelas centenárias de madeira por ferro, telhas antigas por telha de amianto ou mesmo, realizando uma substituição mais radical, em uma casa inteiramente nova e diferente, no “concreto da alvenaria”. Seria um olhar do outro, um impacto positivo ou seria mais uma forma de exclusão, de invasão?

O que começa a suscitar a ênfase do diálogo é o interesse pessoal e a vontade, tomada como uma possibilidade distante, do guia, em reformá-la e quem sabe transformar o lugar em um pouso para turistas. Essa vontade, contagiante, foi revirando o imaginário, e em minutos a casa “velha” é uma charmosa e “cheia de bossa” hospedagem, onde se come comida caseira, se dança ao som do sanfoneiro local, se compra produtos artesanais, come-se o doce de laranja da terra, feito por algumas moradoras, faz-se de tudo num lugar cheio de vida e cultura...

Um silêncio³ e uma lembrança: “Como esta casa poderia abrigar o social, a comunidade, como a casa colaboraria para o lugar?”, o guia voltou a estar dentro do Projeto. Então se instala uma aparente contradição: Para o guia é difícil compatibilizar o social com o pessoal, onde entra o pessoal acaba não havendo espaço para o social. Sua experiência

³ O silêncio, pontuando a presença do outro, a comunidade, o social, e a sua alteridade, a alteridade que há no silêncio, que promove uma reflexão e um reposicionamento da representação, interferindo na palavra, na revelação, do Eu, que está “presente” para o Tu (BUBER, 2004). “Não se trata do silêncio da mudez, da incapacidade para a palavra, ou o silêncio da violência que se impõe quando o poder é o único que fala; mas do silêncio da interrupção – este que se produz quando já não posso dizer o que sempre digo, ou quando já não posso pensar o que sempre penso” (BORBES, 2005).

anterior já se ancora a esta outra situação, como o *deja vu*, descrito por Moscovici sob como o novo é representado e pensando a partir de experiências anteriores.

O guia já está trabalhando para o desenvolvimento turístico da região há oito anos. Naquele período, o grupo, diferente da conformação atual, estava vinculado à Escola Bioma Cerrado, na Casa da Capetinga. Segundo ele, esse grupo se desestruturou, quando o responsável direto pelos projetos que desenvolviam, Surucuã, precisou se ausentar e optou por deixa-lo responsável pela administração de seus bens pessoais e iniciativas socioambientais. A partir daí, diversos conflitos, decorrentes de seu provável “enriquecimento” a revelia dos outros participantes, segundo Tauató, acabaram desarticulando toda a organização e gerando desavenças que perduram até hoje. “Então vamos pensar no social: quem seria o responsável?” “Aqui não há Associação, ou há?” “Poderia ser um espaço para a comunidade então, em vez de para turistas, ou para a própria comunidade explorar esta atividade?”.

Uma presença e uma certeza: “Aqui ninguém precisa de hotel para turista. Não é isso que o projeto quer, aqui temos uma pessoa que recebe e muitas outras, que também poderiam receber”. Para o representante da UnB, não há essa possibilidade dentro do Projeto, dentro do grupo, pensando dessa forma, o Projeto seria excludente e baseado em interesses pessoais.

Outro silêncio e uma reflexão: “Naquele instante, ao meu ver, para o guia a tristeza de não poder sonhar com a transformação “pessoal” que faria na casa, se confundiu com a admiração pelo outro, o amigo de trabalho, de idéias, de sonhos. Pensei: “Há um processo de invisibilidade atuando neste pensar o ‘social’? Que representações se destacam?” “O que os objetivos do Projeto representam, eles estão vinculados a que representações?” “Ou, o que há no social, na preocupação com o social, que transforma sonhos pessoais em conflitos, em temores, em inadequados, o que há nesta proteção, o que realmente se quer proteger?”

Silêncio, receio, mal estar e desconforto: O assunto pareceu indigesto, inoportuno, inadequado. Mas ainda perguntei: “E se ninguém se interessar pela casa, e ela estiver desmoronando junto com seu valor histórico, e se as pessoas não quiserem receber os turistas em suas casas, ou se não houver tantos locais para recebê-los? Ainda assim, é prejudicial, é inadequado pensar em reformá-la, mesmo que a comunidade dela não participe diretamente, mas possa de alguma forma se beneficiar? Com essa atitude estaríamos sendo excludentes?” Tantas perguntas, tantos questionamentos, não houveram respostas e a única saída, naquele momento, foi abandonar a casa e tudo que ela pudesse representar.

Mas depois ela voltou à pauta, e mais para frente descobrimos que o antigo proprietário havia vendido a mesma por quatrocentos reais, e que estaria para ser derrubada, o que causou grande preocupação aos interessados no tema. Numa outra visita, a casa mereceu uma nova investigação, mais apurada, e então foi sugerido que, se fosse vendida, seu valor estaria em torno de oito mil reais, contudo, sua atual proprietária disse estar mais interessada em deixá-la como está por gostar de “coisas velhas”: “Eu queria era arrumar ela”.

Um novo silêncio. Estar entre eu e o outro, e ao mesmo tempo fazer parte de um todo, identificado aqui como o “social”, que conflitos podem gerar? Afinal, a casa ao que parece, seria mantida em pé, e quem sabe pudesse até ser restaurada. O assunto foi até cogitado, mas a proprietária, moradora do Forte, de poucos recursos financeiros, diz não ter condições para tal. Seu interesse? “Gostaria de vender artesanato lá”. “Social, comunitário?” Ela parece não entender a pergunta, ou o motivo da mesma e ficamos sem resposta.

O Consolo: “Pelo menos ela quer preservar, quer manter em pé, ela gosta de coisas velhas”. Entre o individual e o social algumas contradições vão sendo forjadas, entre os meus e os seus interesses, existem nossos interesses, mas nós conseguimos realmente alcançar um interesse coletivo, agir para a coletividade, sem deixar de lado nossa singularidade? Nós conseguimos perceber qual o papel que exercemos na sociedade, para além de nossa individualidade? Qual a origem desses conflitos?

Segundo Campbell (1990), nós pensamos em termos de opostos, porque “essa é a natureza da realidade em nosso tempo”. Assim: “Tudo o que conhecemos é limitado pela terminologia dos conceitos de ser e não-ser, plural e singular, verdadeiro e falso. Sempre pensamos em termos de opostos. [...]” (CAMPBELL, 1990, p. 51). A origem mitológica da divisão é contada em várias culturas e diz respeito à origem inicial, quando “tudo era um, e então houve a separação – céu e terra, macho e fêmea, e assim por diante. [...]” (CAMPBELL, 1990, p. 56). Desde então, parece que os mitos, os ritos de passagem buscam re-estabelecer uma conexão com esse Todo original.

Matsushima (1992) aborda a educação ambiental a partir dessa tendência humana à cisão, à unilateralidade, ou “mais especificamente, à polarização” e ao mesmo tempo da dificuldade que possuímos de “integrar as partes à unidade”. Há uma dificuldade de se entender, como na filosofia oriental do yin e yang, a complementaridade que se estabelece entre os opostos, e em como estes constituem o “Todo”.

Em seu trabalho, considerando a constatação da cisão como um aspecto “natural” da sociedade, Matsushima (2002) aponta para o distanciamento entre o discurso e a prática. Ou seja, fala-se em uma sociedade mais justa, mas vivencia-se o descuido com o outro, mais próximo. Defendem-se conceitos de qualidade de vida, mas ao mesmo tempo, trabalha-se em um ambiente escolar tratado com desdém. Matsushima (1992) considera diversos aspectos relacionados a essa tendência à cisão, entre eles, a dificuldade e a ausência do reconhecimento da singularidade do indivíduo, como uma etapa importante para valorizar as capacidades e ao mesmo tempo potencializar o coletivo em prol do Todo. Assim a singularidade, não o egoísmo da individualidade, tão comumente abordado e, talvez, pode-se dizer, estimulado, em nossa sociedade, acaba gerando uma contradição vivencial, como se o individual (não individualismo), estivesse se opondo à coletividade. A afirmação da singularidade em algumas culturas, como nas indígenas, ocorrem em ritos de passagem e transformação de uma etapa para outra da vida. Em nossa sociedade, a perda desses ritos e de contatos com mitos e símbolos acaba aniquilando o sentido da integração e o fazer parte de um “Todo” (MATSUSHIMA, 1992).

O fato de a sociedade e a cultura da qual participamos estarem destituídas dessa orientação significa que nos encontramos despojados de apoio para a realização da necessária transformação. Isto implica redobrado esforço de cada indivíduo, na tarefa que, em si, já não é nada fácil. O processo de individuação, de conhecer-se a si próprio, nessa sociedade, constitui, portanto, um verdadeiro feito heróico. Significa a coragem e a vontade de iniciar a jornada rumo a nossa essência indivisível, durante a qual nos defrontamos com todos os ‘demônios’ e ‘anjos’ que existem nesse caminho. No entanto, é somente com a vivência dele que podemos nos tornar Um, função útil no Todo, onde o ato de dar e receber constituem unidades de uma só função (MATSUSHIMA, 1992, p. 43).

Para Matsushima (1992, p. 44), “[...] o processo que propicia a integração das partes cindidas à unidade é constituído de fenômenos arquetípicos⁴ e, como tal, acessível somente através de linguagens, processos e ritmos a eles pertinentes”. No processo elaborado por Matsushima, é essencial a “valorização da unidade essencial de cada indivíduo” a fim de afirmar a sua “singularidade” (1992, p. 50).

Para Buber (2004), reconhecemos e vivenciamos nossa condição humana, quando em relações do tipo Eu-Tu, abrimos espaço para nossa singularidade, nossas diferenças, e ao mesmo tempo, percebemos o outro, em toda a sua alteridade e liberdade, um outro Tu, um

⁴ Jung, potencialidades inatas virtuais presentes em forma de imagens (estruturas) primordiais que nos foram legadas desde os tempos primitivos na forma de “imagens mnemônicas e que só aparecem na matéria formada como princípios reguladores de sua formação; quer dizer, somente por conclusão, após o término da obra de arte, consegue-se reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial” (1992, p. 31).

outro “sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte [...]” (BUBER, 2004, p. 57). Estabelecer, ou procurar estabelecer relações do tipo Eu-Tu não significa, renunciar a um modo de ser específico, mas entender que vivenciar, e estar com o outro, assume “uma forma necessária e significativa de ser” (BUBER, 2004, p. 93). Essa forma, contudo, está inserida em outras relações. A duplicidade do ser humano, Eu-Tu/ Eu-Isso, gera, numa sociedade que estabelece, cada vez mais, relações do mundo do Isso, questionamentos, contradições e conflitos pessoais.

No desenvolvimento desses conflitos, entre os interesses do indivíduo e os interesses do grupo, da comunidade, da sociedade, percebemos a presença de algumas representações em movimento. Há também, o desafio de se situar no objetivo “social”, sobretudo quando há uma proposta de crítica das relações, do modelo de desenvolvimento presente na sociedade, baseada principalmente no acúmulo de capital. Essa crítica vem muitas vezes acompanhada de uma necessidade de auto-exclusão, uma dificuldade de se inserir nesse Todo (que faço representar) muitas vezes negado, ou na procura por um outro Todo (que também compõe minha representação) o qual quero objetivar, tornar real e me familiarizar. Mais ainda, pela procura por uma forma de se relacionar com o Todo de maneira mais “harmônica”, mais “humana” e que, muitas vezes, parece ser incompatível com os desejos e as necessidades presentes na singularidade de cada um, atualmente vinculado à imagem do individualismo.

Esse Todo, assumindo a polaridade das representações e a cisão social, acaba sendo um Todo dividido em opostos: de um lado, a comunidade das trocas, da presença de valores materiais que estão associados ao uso, e também das relações pessoais, dos vínculos, da simplicidade, de poucos recursos, onde acredita-se existam espaços para respeito e diálogo. De outro lado, a sociedade excludente, gananciosa, degradadora, que experimenta e utiliza o mundo, traduzindo-o exclusivamente em valores materiais, onde o que vale, vale pelo seu poder de troca, pelo seu potencial de troca. Faz parte dessa cisão querer participar de um ou de outro, e ao mesmo tempo, se excluir de um ou de outro. Como os interesses pessoais de valorização de importantes aspectos culturais de uma comunidade, ainda que inicialmente expressos, como se estivessem vinculados exclusivamente a um pensamento individual, se transformam instantaneamente em exclusividade ameaçadora e provocam assim extremo desconforto? Como sonhos pessoais se opõem a sonhos que espera-se que sejam sonhados coletivamente? Como fazer parte desse Todo, se por um lado, enquanto sujeito, sou singular, mas estou inserido em uma sociedade, no qual estabeleço as mais diversas relações, que se misturam às necessidades humanas e econômicas e, que incluem às limitadas ao valor de uso

e às destinadas ao valor de troca, além, daquelas em que ambas estão presentes? O ser humano, duplo, o qual Buber (2004) se refere, vivencia e experimenta o mundo, estabelecendo suas relações neste universo social complexo.

Segundo Gonçalves, “[...] as diferentes visões da economia e do movimento ecológico tem sua origem, sobretudo nos diversos interesses que podem ser traduzidos em valor de uso e valor de troca. O valor de uso diz respeito à qualidade de um produto, às necessidades que ele pode satisfazer, seja a fome, seja a fantasia. Toda mercadoria tem uma utilidade determinada culturalmente. Já o valor de troca diz respeito à quantidade, remete diretamente ao dinheiro, essa mercadoria que faz com que inevitavelmente em nossa sociedade o maior seja o melhor, pois quanto maior a quantidade de dinheiro disponível, maiores são as chances de usufruir dos bens e serviços de que temos necessidade. [...]” (GONÇALVES, 2001, p. 115). Essa relação de valor de troca é em geral associada ao interesse utilitário. Vivenciando essas relações cindidas, duplas, uma representação se constitui, aquela que diz: nas relações baseadas em valor de uso, existem relações harmônicas, a coletividade está segura; nas relações onde o valor de troca se instala, onde o uso é definido pelo dinheiro e a relação econômica se destaca, o individualismo impera, e a questão “social” e comunitária, os vínculos necessários, primordiais ficam ameaçados.

Refletindo sobre a situação da casa e os interesses que ela desperta, percebemos que este “conflito”, na verdade, não existe. Há uma dificuldade, sim, de reconhecer, de afirmar as potencialidades dentro da singularidade dos interesses, afinando-os com as propostas de coletividade, e no caso, também com as do Projeto Mulheres das Águas. Desta aparente “contradição”, “cisão” entre o individual e o social, bem poderia vir a ser elaborado um subprojeto, voltado para a restauração da casa, um espaço de encontro entre o individual e o social. Mas este só faria sentido a partir dessas potencialidades, principalmente do reconhecimento da importância e da legitimidade dessas potencialidades, aliadas a seus interesses, a fim de não se tornar mais uma casa “vazia”, sustentada em instáveis alicerces de nebulosas teorias e das reais contradições vivenciadas pelos sujeitos.

Estar na sociedade, fazer parte dela é estar no Todo. O Todo formado tanto pelas trocas, quanto pelos valores econômicos, embora este fato, possa muitas vezes se tornar um fardo difícil de suportar, levando a formação de calos, aspectos de resistência, em nossas representações sociais, interferindo em nossas escolhas e em nossas possibilidades de relações. A resistência protege e esconde, ao mesmo tempo, mas é preciso refletir sobre em

quais momentos essa resistência pode vir a se tornar mais um fator de exclusão, que acaba contradizendo o pensar-viver relações pautadas pelo respeito às diferenças, as diferentes representações compondo o pensar social em torno da realidade construída. Matsushima (1992), utiliza em seu trabalho, a filosofia oriental das práticas budistas, para guiar um método, em teoria e prática, voltado para a unidade, trilhando um percurso baseado no “caminho do meio” da prática budista.

Para Campbell,

A única mitologia válida, hoje, é a do planeta – e nós não temos essa mitologia. Aquilo que mais se aproxima de uma mitologia planetária, pelo que sei, é o budismo, que vê todas as coisas como tendo a natureza do Buda. O único problema é como chegar ao reconhecimento disso. (CAMPBELL, 1990, p. 23)

Há grande dificuldade em atingir uma percepção planetária, ou seja, que trate não só da dificuldade de inserção do indivíduo em seu círculo de convivência, mas da necessidade de se perceber inserido numa coletividade ainda maior e diversa. Esse aspecto é evidenciado pelos problemas ambientais, que perpassam os próprios mitos, ao tratarem de questões e potencialidades da própria natureza humana ou de uma sociedade particular. Assim, “Os mitos de participação e amor dizem respeito apenas aos do grupo, os de fora são totalmente outros. Esse é o sentido da palavra “gentio” – a pessoa que não é da mesma espécie” (Campbell, p. 23). O mundo é visto então, em parcelas de possibilidades, onde há vários possíveis consensos, consensos em parcelas. Somente em parcelas, como se fosse possível vislumbrar essa unificação com o Todo, como se o Todo fosse uma coisa só, e não a multiplicidade e não a relação de singularidades.

Os mitos estão, em termos de “função sociológica”, desatualizados, eles não dão conta de nossa atual “concepção de universo” ou da necessidade dessa concepção. A ciência se aproximou deste mito quando começou a tratar o planeta como um todo, a Terra Gaia, mas nem sempre considerou que as singularidades devem ser evidenciadas, não pela sua utilidade, pela sua função na manutenção do planeta, mas pela sua legitimidade. Campbell (1990) defende e acredita na possibilidade do surgimento de um mito assim:

E o único mito que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. Esta é a minha idéia fundamental do mito que está por vir. E ele lidará exatamente com aquilo que os mitos têm lidado – o amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e depois à morte; e então com a questão de como se relacionar com esta sociedade e com o mundo da natureza e o cosmos. [...]. (CAMPBELL, 1990, p. 33)

Mesmo dentro dessas parcelas planetárias, sequer em pequenas comunidades, no qual estabelecemos relações, parecem ser difíceis de vivenciar singularidades. Dessa primeira situação de conflito entre o sujeito e sua inserção na sociedade, entre pensar o pessoal e ao mesmo tempo trabalhar para o “social”, envolvendo a comunidade, muitos outros momentos se seguiram, orientando a busca dos aspectos e origens relacionados a esta representação, a seu estreito vínculo com os aspectos do dinheiro e sua interferência nas relações entre os sujeitos.

Ainda na Comunidade do Forte, em entrevista, Anhuma, dona do único local que hospeda e serve refeições na comunidade, ao se referir às dificuldades que enfrenta para exercer essa atividade, expressa sua versão para esta representação, em torno da dádiva, do compartilhar a dádiva e, ao mesmo tempo, ter de lidar com a sua singularidade, compondo o seu universo social:

Quando veio os Rebas era 36 pessoas. Eu fiz assim, ageitei os quartos daqui, lá no colégio, ou então ajeitei aqui e na casa do meu pai. Aí arranjei uns colchão emprestado. Aí eu falei para eles: num vem de novo não, que eu num vô inventa não. Tem que pedir colchão emprestado. Eles disse que tava bom, paciência, que eu tenho vergonha de pedir as coisas emprestada, a primeira, a segunda, a terceira a gente num tem mais coragem. Mas o pessoal pensa: a Anhuma é que ganha em cima de mim, empresta colchão e nós é que tem que dormi apertado. Eu queria investi, mas como que eu invisto, num tem movimento, num tem retorno. Se eu tivesse, eu fazia, mas três quarto ou cinco. Mas para pedir dinheiro emprestado fica difícil, como que eu vou pagar.

Para Anhuma, o conflito se instala quando ela quer explorar a atividade turística e as outras pessoas da comunidade não, ou tem menos condições para isso. Mas, se ela ganha com a hospedagem e precisa da ajuda de outras pessoas da comunidade, e eles não ganham, aí ela se coloca em oposição à comunidade, e assim, não consegue “ir pra frente”. Além disso, ao pedir os colchões emprestados ela estabelece um vínculo de retribuição, o qual não se sente em condições de retribuir da maneira como acha que deveria ser. O retorno financeiro, que ela considera pequeno, com todo esse “esforço” e desconforto de ter que pedir as coisas emprestadas, não compensa, porque marca uma situação de oposição com os “colaboradores” da comunidade, o que não aconteceria, segundo ela, se o empréstimo ocorresse em função da presença de parentes em sua casa, onde não houvessem ganhos monetários.

Dona Jacutinga, outra moradora do Forte, fala sobre a atividade turística:

Aqui tem [turista], na época das festas, lá na Anhuma. Positivo, eu acho bom assim, porque disse que o turismo sempre tem dinheiro e ajuda a gente, como a Anhuma ali precisa, fica tudo com ela. Só o pessoal de venda, é que ganha também. Se sobrasse um pouquinho pra cada um era melhor.

Guaracavuçu, que já foi ao Forte duas vezes, a primeira junto com um grupo de ciclistas, demonstra uma preocupação quanto à entrada de dinheiro na comunidade e sobre um conflito entre os aspectos negativos e positivos do contato com o capitalismo:

Me chama a atenção eles estarem tão pertos, e estão meio a parte. Eles num tem muita noção do capitalismo talvez. Eu num sei se isso é bom ou ruim. Eu fiquei olhando ali, o comércio, por exemplo, a coisa do capitalismo, ali num tem. O computador que a gente usa tanto, que pra gente é tão necessário, eu acho estranho. Eu acho que no caso de Forte, que eles num tem todo esse preparo, estrutura. Eu acho que tira talvez um pouco de como eles são, de como eles vivem, eles são uma comunidade muito antiga. Agente chega lá, todo mundo colorido. Particularmente eu vejo como ruim, talvez por eles não terem contato com essas coisas, tênis, mochila, por eles, talvez uma negação deles mesmos. [...] Tenho um lado negativo, não sei se é de todo ruim, eu acho que tem que ser uma coisa planejada. Se só a Anhuma ganha, pode gerar alguma briga. Não que ela deva permanecer sem montar algo ou melhorar. Eu acho que o contato é bom, a troca sempre é boa, tanto a gente, quanto eles. Então, por exemplo, o turismo leva capital, pra poucas né, pra Dona Anhuma e pra venda. Faz diferença pra comunidade, mas eu também num sei se é bom ou ruim. Se a gente traz outras necessidades, de repente eles podem despertar pra isso e começar a querer outras coisas.

Para Guaracavuçu o problema do contato com o capitalismo, por meio do turismo, é que ele pode despertar sentimentos “ruins” na comunidade:

Eu fico preocupada com a inveja. Eu acho que num tem como impedi, eu acho que eles tem que ter algum contato. [...] Eu acho que tem menos (inveja), se a gente tem pouco pra viver, a gente tem que se virar para viver bem. Se de repente chega uma terceira pessoa e te da uma bicicleta, ou um tênis, eu acho que isso desperta inveja.

Galvan (2005), ao fazer uma revisão do tema trocas, ou dádivas, e moeda, cita Luxemburgo em seu estudo sobre o fim das relações sociais da comunidade em sociedades ditas “primitivas”:

[...] essa forma de sociedade [a comunidade], graças a sua elasticidade e capacidade de adaptação, mostra uma extraordinária resistência e durabilidade. [...] Há um só contato que ela não suporta, ao qual não sobrevive: é o contato com a civilização européia, ou seja com o capitalismo. O choque com este é mortal para a sociedade antiga por toda parte, sem exceção; ele realiza aquilo que por milênios os mais selvagens conquistadores orientais não conseguiram realizar: dissolver a inteira estrutura social em seu cerne, rasgar todos os vínculos tradicionais e transformar rapidissimamente a sociedade em um montão informe de ruínas. (Luxemburgo *apud* Galvan, 2005, p. 70)

Embora não possamos afirmar que seja esse exatamente o quadro de “primeiros contatos” que estejamos observando na comunidade do Forte, ali também, com certeza, não se tem tanta oportunidade de consumo, seja pela ausência de oferta de produtos, seja pela pouca capacidade de compra da comunidade. Daí a preocupação de Guaracavuçu. Por outro lado, os moradores da comunidade, que foram entrevistados, já demonstram o “saudosismo” pelos tempos passados, o tempo das trocas baseadas em valor de uso, e da fartura, criando vínculos,

ainda que o capitalismo, em sua versão mais arrasadora e competitiva, ainda não tenha chegado e que, relacionem está situação atual, ao individualismo:

De algum ponto é melhor, mas só que primeiro tinha mais amizade, em relação às pessoas novas. (Dona Jacutinga).

Se todo mundo fosse solidário com todo mundo, mas num é. Aí ficava uma comunidade, ficava mais unida. Aqui todo mundo fala muito em política, isso é muito ruim. É um individualismo. (Anhuma)

Aparentemente, a questão central, a origem das mudanças percebidas pelos entrevistados da comunidade do Forte, não estão tanto nos desejos que, a presença de turistas, com seus tênis e mochilas, conforme apontou Guaracavuçu ou, que a mídia consumidora da televisão provocam. Está em mudanças anteriores a isto, que nos direcionam para o tempo em que a moeda chega e modifica as relações. Essas “novidades” (televisão e turistas) embora possam colaborar ou reforçar, desejos relacionados ao capitalismo, não são apontadas como as responsáveis por uma situação que também não é vista como recente. São diferentes representações, diferentes experiências ancoradas ao dinheiro e à comunidade. No entanto, se ontem ou se hoje, há que se admitir, que com a presença da moeda, no papel principal das relações sociais:

[...] o homem deixa de percorrer aquele caminho que ele trilhava, ao realizar passo a passo suas relações recíprocas de doação, no redemoinho incessante do ciclo tradicional continuamente repetido – dar, receber, retribuir. No lugar desse ciclo, surge agora a simultaneidade da compra-venda. Mas já não aparecem mais aqueles vínculos que articulavam anteriormente a vida social e que giravam como que em torno do ‘dar, receber, retribuir’ (GALVAN, 2005, p. 71).

Voltando de nossa segunda visita ao Forte, subíamos a Serra. Um retorno muito mais difícil do que o primeiro. As ondas de calor, que exalavam do chão, em direção ao nosso corpo e, o coração em disparada, naquela íngreme e impossível escalada, retiravam de nós todo o esforço físico e emocional de que dispomos, quando os limites precisam ser vencidos. Iniciamos um intenso diálogo sobre a necessidade de receber, de cobrar sobre as atividades, os serviços que prestamos em nossa sociedade. O guia falava de sua situação financeira “apertada”, de sua mulher, de seus dois filhos, fato que já havia se referido durante a entrevista e que se colocava em contraposição ao trabalho que estava desenvolvendo, já que não gera a renda que desejava, além disso, falava também da necessidade de se trabalhar em grupo, da importância do grupo: “Eu queria que isso acontecesse, mas eu num gostaria de ficar sozinho, num é bom a gente ficar sozinho. Eu enrolo minha mulher, falta comida, falta dinheiro,...”. Nessa mesma entrevista, ele mencionou a sua percepção do valor das trocas, que se estabelecem com as pesquisas, para além dos interesses financeiros: “Num vê a Luciana

que pode gerar aprendizado, eu olho pra você e vejo um puta de um aprendizado pra mim e você vem e tira seu proveito do seu mestrado. Então nós se equilibra, num se equilibra? Eu vô ganha dinheiro? não, mas vô vivendo feliz. Eu aprendo demais da conta, é a convivência, e as pessoas num consegue percebe isso...”.

Meio dia e meio, e nós ainda subíamos a Serra. Suiriri falava da necessidade de todos perceberem a importância de cobrar pelos serviços, quer seja pelas necessidades mesmo, quer seja pela valorização de um trabalho. Eu me preocupei com o rumo do diálogo e lembrei que nem todas as relações precisam gerar renda, que nem tudo precisa ser resumido em serviço e pagamento, precisamos lidar com o bom senso. Mas parece que nossas representações sobre o dinheiro, o capitalismo e sobre a sociedade, interferem em nossa visão das relações, das diversas relações econômicas e afetivas.

O Projeto Mulheres da Águas propõe a participação das comunidades, dos moradores de São João, no processo de desenvolvimento do turismo. Estão incluídas nessa participação as construções compartilhadas dos elementos que compõem a estratégia para que esse desenvolvimento ocorra: a valorização e também o resgate da diversidade cultural da região, a promoção de um trabalho de divulgação e reconhecimento do rico patrimônio natural ali presente, voltado para a população local. Além disso, estão previstas as capacitações dos interessados neste processo de “receber” os turistas e permitir uma alternativa de renda a partir desta atividade e de outras pelas quais estão engendrados. Receber como alternativa de renda, incluir receber não só o turista, mas o pagamento por essa atividade. Pensando nisso e também nos objetivos do Projeto Mulheres das Águas, a pesquisa de campo acabou permitindo que, um vivenciar dessa relação, ainda que ela pudesse ser precipitada ante as etapas que vem sendo trabalhadas, já que a capacitação ainda não aconteceu, continuasse a revelar os aspectos dessa mesma representação, um sentimento, uma condição, uma preocupação colocando o dinheiro em oposição às representações de um ideal de relações sociais.

O guia Tauató e sua família são tão acolhedores que acabamos nos hospedando em sua residência durante a terceira ida a campo. Estando ele nesse processo, também interessado em receber turistas, procurei o pessoal do Programa Pesco, a fim de verificar a possibilidade de utilizar o recurso destinado à hospedagem nesse sentido, ou seja, conciliando o recurso com a proposta do Projeto. Porém, o que parecia ser apenas mais um corriqueiro procedimento,

acabou se transformando em mais uma expressão dos temores inerentes a representação que estamos tratando.

Quando chegamos em São João, eu falei ao Guia sobre a proposta de hospedagem concedida pelo Programa Pesco, o desconforto foi imediato. Ele perguntou sobre tudo o que eu exigiria por esse pagamento, sobre tudo o que ele não teria condições de oferecer. Preocupada com esse “clima” de tensão, procurei tranquilizar a ele e sua esposa, argumentando que nada mudaria, que o dinheiro não era meu, mas do Programa e não me sentia explorada. Afirmei que estava autorizada a utilizar os recursos com hospedagem para hospedagem. Mais tarde, quando do pagamento o guia relata que preferiria viver num mundo sem dinheiro, onde houvesse uma forma de adquirir tudo o que precisasse sem utilizar a moeda, tudo baseado em troca, como se o dinheiro contaminasse suas relações. De minha parte também havia uma preocupação, eu também não queria ficar me “hospedando” em sua casa, sem qualquer retribuição. Sentimos a necessidade de retribuir e, as “diárias” pareciam, ao meu ver, mais apropriadas com o contexto da própria pesquisa do que “presentes”, do meu “gosto”. Talvez também, me parecesse mais justo, mais equilibrado, realizar uma troca que permitisse ao Tauató, escolher qual o melhor uso para esta retribuição e talvez aí resida um aspecto interessante da moeda: a escolha. Contudo, passei a questionar a minha própria representação, porque eu não poderia me hospedar sem pagar? Retribuindo, ainda que financeiramente, nós fortalecemos ou encerramos nossos vínculos, nós nos sentimos mais desobrigados para com a pessoa que deu ou mais “livres” para novos contatos, novos retornos?

De qualquer forma, o que há no dinheiro que pode corroer nossas relações? Que força é essa que nos faz temer e negar essa face dos recursos? A aversão ao capitalismo e todo o consumo e exploração do qual se alimenta criou tais representações, ancoradas a que outras imagens?

4.2 “DINHEIRO TEM QUE SER SUADO” (URUTAU): TRABALHO, UMA CONDIÇÃO PARA O DINHEIRO, NÃO PARA A DÁDIVA

Na visita de campo seguinte fomos à comunidade do Mingau, para entrevistar alguns de seus moradores. O Balanço do Urutau é o local na comunidade, onde já existe uma atividade voltada para o turismo. Da estrada mal se vê a placa, não fosse pelo guia passaríamos direto. Saindo de São João são três pontes, e logo após a terceira tem-se às vistas a visão da polaridade: de um lado a mudança brusca de paisagem, ou a força de sua continuidade, um

extenso campo, estéril, local onde seria plantado soja, mas sem nada, a não ser a terra nua, e lá no alto, uma casa, no centro, um que de poder e de vazio. Do outro lado, a vegetação, a diversidade de gente, de casas, de cercas, da composição que se formou no Projeto de Assentamento Mingau. Chegamos e estacionamos no quintal da casa do Urutau. Uma pequena trilha com pedras e vegetação e lá está o Balanço, o rio, o trampolim do vizinho, por onde também se chega a esta passagem de águas.

Então, Urutau e seu vizinho pretendem conciliar o lazer proporcionado pelo atrativo natural como uma alternativa de renda, advinda da oferta de refeição e bebidas, e de atividades esportivas, como o balanço e o trampolim. Mas, por enquanto nada é cobrado, a não ser que alguém queira uma comida de roça, feita no fogão a lenha de sua cozinha. Era um domingo e por lá passaram cerca de oitenta pessoas, que traziam seus próprios comes e bebes, são jovens, crianças, casais, nativos e turistas. Tudo está limpo, não porque haja qualquer restrição de uso do lugar, ou recomendações em placas, ou cuidado de todos os turistas, são eles mesmos, os filhos, o pai, a mulher que fazem questão de manter o ambiente cuidado para receber os que chegam. Esse cuidado não é visto como um serviço, mas como uma “obrigação” do dono da casa, apesar de sua percepção da necessidade de passar isso para as pessoas, os seus visitantes. Ao mesmo tempo, para Urutau, a cobrança financeira, mesmo em um pequeno valor, ou voltada para a conservação com o local, implicaria a exclusão de pessoas de poucos recursos, das pessoas locais, um “preconceito”, uma discriminação:

Turista tem de vários jeitos, eu tô tentando fazer um trabalho de selecionar. O pessoal de Brasília são os melhores, alguns jogam até ponta de cigarro no lixo. O pessoal daqui já é um pessoal que tem que ser educado, eles jogam coisas no lixo, mas não no sentido de discriminar a pessoa. Eu tento fazer isso com a minha família, eu vejo assim que o pessoal ver fazendo as coisas certa, começa a fazer melhor. Às vezes eu já peço, assim vidro, bebida tem que tomar cuidado senão é perigoso. Mas nós cuidamos de tudo, é nossa parcela. A gente tem que manter limpa. Mas se eu cobrar, eu num sei, eu num quero discriminar o pessoal daqui.

A questão financeira não é tratada com desdém, ao contrário, ela está vinculada a um trabalho, um esforço, uma compensação que só pode existir a partir do suor e do valor que há na virtude do trabalho. O recurso natural não dá passagem para essa compensação, ele não é fruto desse suor, cobrar do cuidado com o recurso, a água e a terra, seria um despropósito, um erro, talvez quanto à dádiva da própria natureza:

Já tem uma mulher lá embaixo preparando uma área pra turismo. Todos têm esse contato com rio, inclusive tem a mata diferente da outra, tem umas minas que podem ser visitada. Só que eu explico que isso é demorado, tá começando. E eles tá com aquela ansiedade que quer ganhar dinheiro. Eu acho que o dinheiro vai fazer as pessoas mudarem muito rápido. Eu acho que ganha dinheiro muito rápido também

num é bom. Cada lugarzinho aqui tem uma dificuldade, tem um pouquinho de suor. Essa dificuldade da gente tem que passar pras pessoas pro pessoal entender. E é assim que a gente consegue alcançar mais. O dinheiro pra se bom tem que se ganho suado, senão o pessoal num dá valor.

A preocupação com o envolvimento da comunidade faz parte do diálogo, ele relata sua experiência anterior, e seu desafio:

Eu acho que tem que educar o vizinho. Eu num discrimino não. Tem que ajuda o pessoal entender que tem que recebe bem as pessoas. Eu já tive um problema aqui que o movimento era melhor, num sei se vocês acredita, esse negócio de inveja. Antes, tinha gente que acampava, às vezes até ganhava mais dinheirinho, era até mais rústico. Eu cheguei a cobrar três reais no acampamento. Aí o pessoal ficava assim, poxa a gente num tá ganhando nada e esse rapaz aí, até me denunciaram pra policia. Esse grupo de trabalho que nós tamo querendo é pra envolver todo a comunidade, nesse processo, porque aí eles envolvendo, pra todo mundo ganhar. Porque o problema de assentamento é que todo mundo tem que crescer junto. Eu vou incentivar que eles entram nessa linha do turismo.

É Suiriri quem traz a tona sua experiência de turista, pelas Chapadas do Brasil, principalmente na Chapada Diamantina. Ela pondera essa experiência à dedicação que a família do Urutau deposita nessa atividade: a mulher na beira do fogão, os filhos cuidando das condições de uso do balanço e aquele sorriso largo do Urutau, para todos os que chegam. Naquele momento, também participavam da conversa, Udu, proprietário de uma fazenda produtora de soja, e Anambé, morador do PA Mingau, que está trabalhando nas terras do Udu, porque Anambé também não está conseguindo ter uma renda a partir do trabalho em sua própria parcela:

Udu: Eu tava ali conversando com a sua mulher e falando. O turista cê tem que tomar um certo cuidado com ele. Eu vi os turistas descendo, quanto que eles paga? Paga nada, como que num paga nada, então fecha. Isso aqui dá um trabalho danado.

Anambé: Eu também já falei isso pra vocês.

Udu: Pra você se estruturar você tem que ter dinheiro.

Anambé: Tem lugar que num tem estrutura e é cobrado do mesmo jeito.

Suiriri: Lá na Chapada Diamantina a gente paga dez reais só pra subir o morro. Num tem estrutura nenhuma e todo mundo paga.

Udu: Só numa leva ali, entraram setenta pessoas. Se você cobrasse um real, já são setenta reais. Tem que cobrar, senão ele não vai pagar e quando você resolver cobrar, eles num vão querer pagar. Lixo e som dá até pra administrar.

Eu: Porque você acha que o pessoal vem até aqui?

Urutau: Num é pela estrutura, que eu num tenho. É pelo rio, pelo balanço, mas eu preciso ter uma estrutura, aí eu vou cobrar.

Algumas relações (aqui identificas como relações que criam vínculos, que reconhecem a importância dos vínculos) e valores (como os relacionados ao ambiente natural), realmente parecem “não ter preço”. Mas, o que dizer das necessidades de família do Urutau, das dores

nas costas de sua mulher, dos filhos? O que o turismo, o ecoturismo tem a ver com isso, enquanto proposta de inclusão social, e mecanismo de estímulo à conservação do Cerrado? É o próprio Urutau que justifica sua necessidade. Ele explica que dos dezoito hectares que deveriam estar utilizando, só foram demarcados cinco, e agora algumas irregularidades dentro do assentamento retardam mais ainda a demarcação dos treze hectares restantes. Assim, com a exploração do turismo, ele pensa em utilizar mesmo só os cinco hectares que dispõe:

Eu vendi o gado, deixei só cinco para não precisar desmatar mais. Eu planto milho, feijão só para consumo. Aí eu vou ver se consigo trabalhar nessa linha de turismo, que aí eu vou deixando. As galinha eu vou criar, mas afastado da casa. Eu num quero deixar misturado, porque eu trabalho nessa linha de turismo. A galinha pra refeição eu pego lá nos meus irmão. Eu trabalho junto com minha família, eu ajudo eles, eles me ajudam. Mas eu tenho que consegui viver do turismo, eu acho que eu vou conseguir, senão eu vou ter que fazer outra coisa, eu num sei, pra poder viver da minha parcela.

Será que roubamos alguma coisa, ou alguma coisa nos foi dada? Que força há no diálogo quando ele não quer convencer, mas espera ser convencido? Ser convencido de que? De que o Urutau conseguirá se estruturar, na maneira que ele considera adequada, sem estar cobrando por seus atuais serviços e, que quando isso acontecer, ele passará a cobrar. E este tempo será suficiente para que ele não desista e não procure outra atividade que o leve a desmatar os treze hectares restantes. Neste ponto, o diálogo encontra-se com o projeto, pelas suas possibilidades de viabilizar a estrutura que o Urutau necessita, por meio de microcrédito, mas também durante a capacitação, quando poderão ser discutidas as perspectivas de renda a partir desses serviços e outros possíveis. Porém, saímos com aquela imagem do Urutau, de braços abertos, recebendo suas “visitas”, cuidando de tudo, os olhos brilhando. O que as visitas representam para ele? O reconhecimento do valor, do valor de um lugar, sua parcela... Mas também uma perspectiva de renda, uma perspectiva... E o Projeto Mulheres das Águas encontra aí suas próprias perspectivas... Mas também seus limites. Os limites da alteridade, da dádiva. Ou talvez, ao contrário, aí esteja a faísca de um “tesouro”. Aquilo que o representante da CAMARÁ traduz como uma das preocupações de seu grupo: “Como mudar, sem mudar?”. Esse encontro de representações nos remete a um outro encontro, ou outros encontros, proporcionados por Marcel Mauss (1974), em seu “Ensaio sobre a dádiva”. Mauss (1974) pergunta: “Que força há na coisa dada que faz com que o donatário a retribua?” (MAUSS, 1974, p. 42). Será que troca é diferente de interesse pessoal, ou será que o interesse pessoal é que muda quando as relações passam a ser estritamente monetárias? Em que circunstâncias isso ocorre? O que faz com que percebamos os interesses pessoais de maneiras diferentes

quando se tratam de trocas “puras”, nas suas mais diversas expressões, ou quando se tratam de trocas econômicas?

Mauss (1974), por meio de diversos estudos em diferentes culturas, nas chamadas “sociedades arcaicas”, incluindo melanésicos, polinésicos, americanos, germânicos e chineses, identifica a força das relações a base de trocas, que geram diferentes compromissos, como a obrigação e o interesse em dar, receber e retribuir. Nessas relações estão em jogo os vínculos sociais e os interesses nas coisas dadas, ancoradas à algumas representações ou significados, como prestígio comunitário ou o “espírito, a alma do donatário”, desencadeando, por vezes, alguns temores, mas também, um sentimento de pertencimento social e condicionando os procedimentos em torno da coisa dada. É o que acontece nas comunidades Maori, onde

[...] vínculo de direito, vínculo pelas coisas, é vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Disso segue que presentear alguma coisa a alguém é presentear alguma coisa de si. Em seguida, podemos assim fazer uma idéia melhor da própria natureza da troca por dádivas, de tudo aquilo que chamamos de prestações totais [...] (MAUSS, 1974, p. 56).

Esses vínculos de almas, associados às coisas dadas, retribuídas, trocadas seguem em meio as mais diversas necessidades e interesses nessas sociedades. (MAUSS, 1974).

4.3 DINHEIRO NÃO É TUDO, MAS...: O ASPECTO TEMPORAL E AMBIENTAL DA DÁDIVA

As dádivas geram compromissos, que muitas vezes tomam a dimensão de rupturas e desavenças, se não são atendidas, compreendidas, correspondidas: “Recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 1974, p. 58).

O representante da UnB no Projeto, Acauã, relembra o conflito com um dos representantes da AGEMA, durante o levantamento dos atrativos naturais e culturais em São João d’Aliança. Esse trabalho, um dos primeiros subprojetos desenvolvidos, chamado de travessia pelo grupo, ocorreu durante onze dias, e previa uma remuneração para os dois guias envolvidos. Porém, não houve uma confirmação para Cauré até o início da atividade. A cobrança de Cauré, em relação a Acauã, gerou uma discussão e um grande desconforto. Para Acauã, esse trabalho vale muito mais do que a bolsa que recebe da UnB. Apesar de considerá-la alta, ele acredita que, pelo fato do levantamento produzir frutos para os próprios guias, para

a comunidade da região, Cauré não deveria condicionar a execução da travessia à sua remuneração, o retorno está além do financeiro:

Quando o Cauré casou, ele começou a trabalhar na fazenda, ele sumiu. Pra discutir de projeto, para isso, pra aquilo...Aí é aquele esquema, ele é meu empregado. Ele tem atitude como se ele fosse meu empregado. Antes da travessia da Serra Geral, que é uma coisa que a gente fez pro inventário de lá, pra dar as informações pra eles, ele ligou para mim e falou que não ia se não recebesse a bolsa. Eu falei pra ele, meu irmão a gente tá fazendo as coisas pra vocês. Desde que a primeira vez que eu falei com ele, que o sonho deles era refazer essa travessia, é ter as fotos e as informações... Essa grana pode ser importante, mas daí ele me ligar e falar que num vai se num tiver a grana...ele podia ter pedido para incluir umas diárias no projeto...

A dádiva é compartilhar os objetivos e as atividades do Projeto, em que a dedicação dos envolvidos é retribuída, de acordo com os benefícios que a perspectiva da ação pode gerar, ou seja, o desenvolvimento do turismo. Quando Cauré cobra e condiciona a sua participação a essa remuneração, para Acauã é uma desvalorização dos objetivos em comum, da dedicação que ele mesmo tem em relação ao Projeto e, uma preponderância das relações econômicas, que o incomodam. Mauss (1974) destaca como são estabelecidas diferenças entre trocas puramente econômicas, e trocas que vão além desses interesses, que se destinam a vínculos maiores que os econômicos, vínculos para a concretização de alianças em torno de sonhos, de perpetuação de dádivas. Para os habitantes das ilhas *Trobriand* quando se exercem trocas (dádivas) chama-se de *kula*, e quando se exercem trocas econômicas úteis chama-se *gimwali*. “Diz-se de um indivíduo que não conduz o *kula* com grandeza de alma necessária que o conduziu com um *gimwali*” (Mauss, 1974, p. 74). Ou seja, trocas exclusivamente econômicas adquirem um valor menor, são relações isentas de “grandeza de alma”.

Contudo, a percepção da dádiva, para Acauã acontece aqui e agora, a dádiva das trocas, do contato com as pessoas envolvidas a partir de sua participação no Projeto, não especificamente em relação ao aguardado “acontecimento” turístico: “Mudou tudo, me pareceu já tão distante, essa oportunidade, de tá vivenciando as comunidades tradicionais, é muito forte, é muito bom para mim”.

Sobre dinheiro e relações sociais, Acauã argumenta:

As coisas devem ser feitas independente do dinheiro. O dinheiro move o mundo, mas o mundo ta do jeito que ta é por causa do dinheiro. Atualmente, pro mundo melhorar acho que só acabando com o dinheiro, mas acho que é utópico isso, né? Mas assim, o problema do dinheiro não é o dinheiro, mas o que a gente faz com ele. O dinheiro é um papel, o valor do dinheiro é só a gente que entende. O dinheiro é muito bom, na verdade eu num sei, eu já vivi assim, desde quando eu nasci já é assim. Na minha mão o dinheiro sempre foi bom, as minhas paixões me movem muito mais do que o dinheiro. Nunca passei por cima de ninguém, meu objetivo

nunca foi o dinheiro, nunca foi tá ganhando mil e duzentos reais por mês e nem depois desse projeto ta ganhando dez mil reais. O meu objetivo em relação ao projeto é ter uma experiência profissional e fazer as coisas darem certo. O dinheiro dá acesso a muita coisa, é uma grande moeda de troca. Eu tenho duas máquinas fotográficas, tudo isso aqui é dinheiro (refere-se ao local da entrevista, o apartamento onde reside com a família). É dinheiro não, é pedra, é madeira, é cimento...O dinheiro é ruim nesse sentido, assim. Porque muitas vezes o que a gente tem em nossa sociedade, não é o problema do dinheiro, é o problema do acúmulo do dinheiro, porque as pessoas num se contentam, o cara tá ganhado cinco mil reais, ele quer ganha dez, ele quer comprar mais, e a nossa sociedade empurra a gente para isso. O dinheiro é tanto que ele num tem nem idéia, é abstrato, são só cifras... e tem gente passando fome, num tem um real para comprar um pão. O problema é o que as pessoas fazem com o dinheiro. Tem cara que pega verba da saúde para botar no bolso dele. Se o cara num tem dinheiro para ele ir onde ele quer ir... Aí vem a coisa do status, da ostentação. Eu nem sei que eu nem tenho muito contato com essas pessoas, procuro nem ter também, o pessoal aqui de casa até me chama de homem das cavernas, hoje mesmo me chamaram assim.

Os excessos, embora não sejam exatamente novos, em relação às práticas sociais das sociedades “arcaicas” ou “primitivas”, são tidos como um dos aspectos negativos quando nos referimos às relações vinculadas ao valor de troca na nossa sociedade. Tracemos um paralelo.

Segundo Mauss (1974, p. 174), há algo além de interesse individual, “procura individual do útil” nessas sociedades, mesmo quando, como acontece quando os chefes “*tsimshiam*, *tlingit e haida*”, atiram na água e destroem alimentos, cobres e tudo o mais que possuem, e que foi acumulado durante muito tempo ou nas cerimônias em que são ofertados todos os “bens”, conhecidas como “*potlatch*”. Não há nada de desinteresse nisso, gasto por gasto, perdas econômicas puras. Ao contrário, procura-se por prestígio, mas este só acontece quando criam-se novos vínculos de retribuição. Trata-se de uma “despesa nobre”: “Nesse caso, a riqueza, sob todos os pontos de vista é tanto um meio de prestígio como uma coisa de utilidade”. A diferença é que a utilidade acaba também por compartilhar-se, redistribuir-se entre os membros da comunidade, realimentando os vínculos.

A noção de valor funciona nessas sociedades; excedentes muito grandes, falando em termos absolutos, são acumulados; são gastos amiúde com puro desperdício, com um luxo relativamente enorme e que nada tem de mercantil; há signos de riqueza, espécies de moeda, que são trocados. Mas toda essa economia muito rica está ainda cheia de elementos religiosos: a moeda tem ainda poder mágico e continua ligada ao clã ou indivíduo; as diversas atividades econômicas, por exemplo o mercado, são impregnadas de ritos e de mitos; guardam um caráter cerimonial obrigatório, eficaz; estão repletas de ritos e direitos. [...] (Mauss, 1974, p. 171).

Bataille (*apud* Galvan, 2005, p. 77) ao formular sua teoria da “economia geral”, destaca: [...] “não é a escassez e a pobreza que constituem os problemas que a humanidade precisa resolver; é ao contrário o excesso, a despesa: não é a necessidade, mas seu contrário, o ‘luxo’, que coloca para a matéria viva e para o homem seus problemas fundamentais”. Essa idéia se

contrapõe à “filosofia da escassez” e à própria dinâmica que movimenta o mercado capitalista. Numa comparação de “luxos”, Galvam (2005, p. 77), argumenta: “Trata-se de uma ‘economia’ que já se desenvolveu inclusive naquele mundo que historicamente ainda não distinguia (muito menos separava) o aspecto econômico das outras características da vida humana: o mundo da ‘dádiva primitiva’”. Assim, hoje, quem enriquece paga, em geral, os devidos, se se pode caracterizar assim, salários, que não deixa se ser, em algum aspecto, redistribuição útil, pagamento a compra de força de trabalho. Mas, seu prestígio não advém daí, da redistribuição, do cumprimento de uma obrigação, mas muitas vezes, de seu carro, sua casa, barco, etc. Que seja, mas será só isso? Será que podemos generalizar e colocar toda a sociedade no mesmo “barco”? O que dizer da responsabilidade socioambiental? Da filantropia mesmo? Ela também pode gerar algum prestígio e será somente esse o interesse em filantropia?

Segundo Mauss (1974), a justiça (*Zedaga*, do hebraico) foi transformada em esmola. Em vez de retribuir aos deuses, a felicidade, retribui-se aos pobres e as crianças, melhor que sacrifícios inúteis. Assim, a esmola torna-se uma outra versão da dádiva. Por outro lado, a simples caridade, atribuída à esmola: “fere ainda aquele que a aceita, e todo esforço de nossa moral tende a suprimir a patronagem inconsciente e injuriosa do rico ‘caridoso’” (MAUSS, 1974. p. 163).

Segundo Mauss,

Nas morais antigas mas epicuristas, são o bem e o prazer que se procura, e não a utilidade material. Foi preciso a vitória do racionalismo e do mercantilismo para que fossem postas em vigor e elevadas à altura de princípios as noções de lucro e de indivíduo (MAUSS, 1974, p.176).

Talvez possamos estar identificando representações sociais em busca dessa noção familiar, de relações menos mercantilistas, associando as comunidades aos locais de trocas, que vão além da utilidade material. Contudo, a questão é que, em se tratando de nossa sociedade, a relações de mercado não podem desaparecer, como diz Acauã, isso seria utópico. Quanto à sua relação com as comunidades envolvidas no projeto, Acauã esclarece:

Eu também sempre fui muito atento para esse lado assim, socioambiental. Inclusive, acho que eu me identifico mais com o pessoal de baixa renda que de alta renda. Acho que eles são mais acessíveis, assim, são mais eles mesmo, mais sinceros. Num sei, se é por isso, num sei porque. Por exemplo, na Forte, e em outras comunidades que têm pouco recurso, e outras que eu conheço, acho bem interessante tanto o meio de vida, como a relação que eles têm com os outros, com a vida mesmo.

A preocupação com a integridade das comunidades, seus valores, e os impactos negativos que o acesso à televisão, internet e dinheiro trazem, são descritos por Acauã abaixo:

A própria comunidade tem que valorizar, por exemplo, a catira e outras manifestações pra que o pessoal de fora possa perceber isso. A cultura tá sendo muito negada aqui. Por causa da cultura de massa, eles têm acesso a internet, a televisão. E na internet, na televisão, nos livros a gente num escuta fala nisso. Sobre meios de vida diferente, a gente escuta sobre gente que tá ganhando dinheiro, uma casa, um apartamento. Hoje em dia, eles querem ir pra cidade, mesmo que seja pra ser empregado doméstico. É verdade que eles têm pouco acesso a dinheiro, mas eles têm fartura. O turismo vai fazer com que eles tenham acesso a dinheiro também, mas não só isso, outras trocas além de dinheiro... presentes, palavras. A gente começa a falar de dinheiro parece que é o todo, mas não é tudo.

Quando pergunto: “Se a comunidade, na sua concepção, pensa o dinheiro de uma forma, e a gente pensa de outro, e o turismo é a nossa sociedade levando esse dinheiro pra comunidade, como fica isso, então?”, desenvolvemos o diálogo a seguir:

Acauã: Eu penso em chamar, assim, até mesmo o nome. Muitas vezes quando a gente almoça, quando a gente vai numa cachoeira, a gente nunca diz que a gente tá pagando, a gente diz que a gente tá dando uma ajuda de custo.

Eu: Eu num sabia não, eu digo, eu penso que eu paguei. Será que vocês num falam isso porque num é uma coisa corrente, num é comum. O cara num tá cobrando, vocês é que tão deixando.

Acauã: Mas eu acho que pode continuar chamando de ajuda de custo. O cara num vai largar tudo pra ficar por conta do turismo, é só uma ajuda de custo, um acréscimo de renda.

Eu: Mas por que chamar de ajuda de custo? Que que tá implícito na palavra ajuda de custo?

Acauã: É tanto faz, acho que palavras são palavras. Mas eu acho que pagar, tipo eu tô pagando pela sua janta, pelo seu guia, pelo que eu dormir, e aí se eu for pegar uma fruta, eu vou ter que pagar mais. Eu acho que vai fazer diferença. E aí assim é uma ajuda de custo, eu tô te ajudando aí a pagar suas contas no fim do mês, pra comprar um remédio. Um ajuda pela sua hospedagem, por tudo.

Eu: Mas no caso quando é uma ajuda de custo, num é um valor estipulado, você num acha que a pessoa vai dar o tanto que quer, ou não? Mas aí a pessoa que tá recebendo talvez num vai ficar muito a mercê de quanto a outra pessoa vai dar? Que de repente ela pode sentir que o cara deu pouco.

Acauã: Na ajuda de custo o cara vai dizer que pra dormir e toma café da manhã aqui é tanto, na verdade isso ainda tá muito incipiente. A gente pergunta quanto que ficaria pra fazer uma comida, a gente chega lá e a pessoa num tem idéia de preço, a gente paga dez reais por pessoa, pra dormir e pra comer.

A preocupação de Acauã está vinculada também ao fato de que as condições, estruturas de que as pessoas dispõem são muito simples, o que por si só já limita as condições e as possibilidades de ganhos financeiros com a atividade, pelos menos por enquanto. Esse diálogo também revela, um outro aspecto, inerente à dádiva: as trocas, envolvem diferentes concepções de valor, elas criam uma assimetria. Se não há uma equivalência monetária, que conduza há um encerramento nas obrigações, ou se o valor que poderia conduzir a esse

encerramento, não é definido à priori, as trocas geram, pela sua assimetria de valor, uma continuidade dos vínculos de retribuição. (GODBOUT e CAILLÉ, 1999).

Mas da onde surgem as referências de Cauré?

Eu tomo conta da fazenda, no caso chacareiro, e como condutor de visitante, mas num é uma profissão. Eu queria que fosse mais, mas aqui em São João infelizmente, a gente ainda num conseguiu isso, o turista mesmo.[...] Eu tenho essas duas atividades, eu me sinto muito afastado, aquém ainda do grupo. Eu queria fazer o grupo fortalecer. No começo da AGEMA, a gente num cobrava, abria a trilha, mesmo para turista, o objetivo era divulgar...

A expectativa de Cauré com o projeto é de retorno financeiro. O tempo dessa espera, relacionado às doações, às expectativas em torno do turismo, está vinculado aos primeiros cursos que fez na Escola Bioma Cerrado, diferente do tempo de Acauã. Trabalhar sem cobrar, para divulgação, já faz parte da sua história, e mantém uma expectativa, uma espera, uma demora... Mauss (1974, p. 163) cita um provérbio Maori, traduzido em: “Dá tanto quanto recebes, tudo estará muito bem”. O problema se instala quando acredita-se estar retribuindo em quantidade e no tempo certo, e na verdade, do outro lado, o que espera, espera mais ou mais rápido, sua espera pela retribuição já não quer ficar perdida numa possibilidade, da qual não se tem certeza de retorno.

O tempo de viver as dádivas, o tempo das necessidades financeiras vai estabelecendo os conflitos, ancorado às representações sociais dos sujeitos. Para Cauré associados a outras referências, imagens de uma vida difícil, na roça, quando limpava os peixes que os vizinhos pescavam e ganhava “um troco”, e as responsabilidades que vivencia, trabalhando como “chacareiro” em uma fazenda, paralela àquelas que como recém-casado também estabelece outros compromissos. Para Acauã a oportunidade, de trabalhar em uma atividade que lhe proporciona experiência profissional e pessoal, a proximidade com pessoas com as quais se identifica, a proximidade com modos de vida repletos de significado, que acabam interferindo também nas suas próprias expectativas para com os participantes, quando, a seu modo, a questão financeira deveria ser percebida como uma parte menor, de muito menos valor.

A vontade de participar da dádiva, enquanto exclusivamente interesse e troca, é evitada por Cauré. Ela está ancorada não só às experiências anteriores, em que não houve a retribuição esperada, mas às suas necessidades financeiras atuais. O pagamento garante que não haja mais riscos quanto à incerteza da retribuição, fator inerente às relações de dádiva. Assim, diante desses riscos, melhor estabelecer relações baseadas nas trocas mercantilistas,

com o recurso do dinheiro, embora nesses casos, sua ação passe a ser interpretada como uma ação de “ruptura de alianças”, ou conforme Godbout e Caillé, (1999) como uma contradádiva. Ou seja, o presente, passa a ser visto como um, “presente de grego” e assim demanda uma ação de ruptura das relações de obrigatoriedade e vínculos, porque perde o interesse no aspecto da continuidade. Segundo Mauss (1974) e Godbout e Caillé (1999), a palavra *gift* pode tanto significar presente como veneno, e isso não é por acaso, revela os riscos inerentes às trocas nas relações humanas.

Mauss (1974) adverte quanto às implicações decorrentes de algumas trocas: “Procura-se em tudo isso mostrar liberalidade, liberdade e autonomia, ao mesmo tempo que grandeza. E, não obstante, no fundo, são mecanismos de obrigação, e mesmo de obrigação pelas coisas, que operam” (MAUSS, 1974, p. 75). O que Mauss destaca é que fazem parte das relações de trocas, da dádiva, os interesses, não como um aspecto positivo, ou negativo, mas como um componente da mesma. Ela não ocorre de maneira despropositada, despretensiosa, generosidade simplesmente, como muitas vezes se quer deixar transparecer ou se deseja que aconteça:

No fundo, da mesma forma como essas dádivas não são livres, elas não são realmente desinteressadas. São contra-prestações, em sua maioria, e feitas tendo mesmo em vista não somente o pagamento de serviços e coisas, mas também a manutenção de uma aliança proveitosa e que não pode sequer ser recusada, como por exemplo a aliança entre tribos de pescadores e tribos de agricultores ou ceramistas. (...) Vê-se, portanto, onde reside esta força, a um tempo mística e prática, que solda os clãs e ao mesmo tempo os divide, que divide seu trabalho e ao mesmo tempo os coage à troca. Mesmo nessas sociedades, o indivíduo e o grupo, ou antes o subgrupo, sentiram o direito soberano de recusar o contrato: é o que dá um aspecto de generosidade a esta circulação de bens; mas, por outro lado, não tinham nessa recusa, normalmente, nem direito nem interesse – e é isso que torna essas longíquas sociedades imediatamente parentes das nossas (MAUSS, 1974, p. 173)

Dessa forma, as dádivas enquanto fatos sociais se destinam aos vínculos. Vínculos de interesse é verdade, mas, que poderiam ser recusadas, e é isso, não há ausência de interesse, que a caracteriza. O interesse em dar, o interesse e a preocupação em retribuir (GODBOUT e CAILLÉ, 1999).

Um outro aspecto está relacionado à questão temporal vinculada à retribuição. Segundo Mauss (1974), as dádivas, nos estudos efetuados na Melanésia e na Polinésia, circulam “com a certeza de que serão retribuídas, tendo como ‘segurança’ a virtude da coisa dada, que contém em si própria tal ‘segurança’” (MAUSS, 1974, p. 97). Porém para o grupo, a dádiva que compartilham juntos, em torno de seus objetivos comuns ligados ao desenvolvimento do turismo na região, não garante que o turismo em si, a própria retribuição embutida na dádiva,

vai acontecer. Esta situação se potencializa quando já há um sentimento de frustração por parte dos que estão envolvidos nisso há mais tempo, sobretudo os componentes da AGEMA, pelo fato de não poderem se dedicar exclusivamente a esta atividade. Tauató fala sobre os participantes da AGEMA:

[A AGEMA] Ela faz Projeto, tem relação com várias instituições, mas ainda não conseguiu atingir o seu objetivo, como guia e isso desestimula. Então, os chamado guia capacitado para tal não executa essa função. Às vezes eu tento colocar alguém no meu lugar pra participar mais. Não deu muita chance, fica o presidente, eu gostaria que outras pessoas também participasse. Tem várias meninas que fez o curso da Bioma Cerrado, um curso de 1300 horas, muito bom, elas procuram emprego de varrer o chão, num procuro serviço de guia, o social, ambiental. O curso foi baseado em três pilares: ambiental, ecoturístico e produção cultural. E tem gente que é quase uma produtora cultural, mas tá limpando o chão.

Tauató destaca a cobrança “social” que sente, para que o turismo aconteça:

Nós já esperamos demais, eu num tenho muito tempo para esperar esse tempo chegar. Eu queria ver acontecer logo. A própria sociedade cobra a chegada do turista. Eles dizem: “Ele mexe com turista, aí cadê o turista?”. Quanto mais investe, mais cobra. Quem montou pousada foi em cima da nossa conversa, [...] depois do discurso, dessa nova conversa. O próprio Atos dobrou o número de leitos com essa nossa conversa, com esses curso, tem uma cobrança e grande, muito grande. Outros tão esperando para montar restaurante. Teve gente que montou restaurante com essas conversa nossa e o restaurante foi pro pau, porque ela num teve cliente. Antes e durante, porque as pessoas ficam ligada, fica sabendo que tem gente investindo, num sabe quem é, mas fica com uma expectativa, e aí cadê o turista, abri meu negócio, foi você que falou, a gente tem muita responsabilidade.

Há na coisa trocada, na coisa dada: os serviços, as horas e a dedicação, a “presença” das pessoas e suas expectativas de um retorno... Não que o retorno tenha que ocorrer imediatamente, mas mesmo o trabalho ou, a participação como “voluntário” gera expectativas, talvez até maiores. De acordo com Mauss (1974):

[...] em toda sociedade possível, a dádiva tem por natureza criar uma obrigação a prazo. Por definição mesmo uma refeição comum, uma distribuição de *kava*, ou um talismã não podem ser retribuídos imediatamente. O ‘tempo’ é necessário para executar toda contraprestação. A noção de prazo está, portanto, implicada logicamente quando se trata de retribuir visitas, de contratar casamentos, alianças, de estabelecer uma paz, de vir a jogos e combates regulados, de celebrar festas alternativas, de retribuir serviços rituais e de honra, de ‘manifestar respeitos’ recíprocos, todas as coisas que se trocam no mesmo tempo em que se trocam as coisas cada vez mais numerosas e preciosas, na medida em essas sociedades são mais ricas (MAUSS, 1974, p. 97)

No grupo do Projeto Mulheres das Águas, mudam as ancoragens de tempo e retorno, mudam as relações em torno da disponibilidade para ações voluntárias, para trocas, para dádivas. Por outro lado, Acauã também percebe que a questão financeira é um dos motivos de angústia do grupo, devido a esse tempo de dedicação e a demora para atingir o turismo esperado:

Todo mundo tem angustia em relação ao resultado do projeto, de fazer o turismo acontecer em São João da Aliança, mas isso é com o tempo. Poxa, eu vejo que coisas pequenas estão acontecendo, é tão forte, pô há um ano e meio que eu fui pra lá ninguém ia pra São João não. Eu acho que tem a ver com a questão da grana, mas e aí? Também tem que correr atrás.

Uiraçu, da CAMARÁ, esclarece de que forma o acesso a recursos financeiros foi pensado e foi discutido dentro do grupo envolvido diretamente com o Projeto. Ele fala do acordo mútuo, até uma questão imposta pelo grupo, que a participação no Projeto não serviria para viabilizar a situação de nenhum de seus integrantes. “O Projeto não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas um meio de atingir determinados objetivos, e aí sim, viabilizar as atividades que as pessoas querem”. Desta forma, a participação deve ocorrer, em geral, como voluntários, o que, segundo Chincão e Uiraçu, não impede que as pessoas recebam uma remuneração sobre trabalhos executados em atividades pontuais, desenvolvidas durante os subprojetos. Contudo, Uiraçu imagina como deve ser conflituoso para as pessoas esta situação, pela própria condição financeira em que a maioria se encontra.

Cauré fala sobre esse consenso no grupo do Projeto e explica:

Pelo Projeto Mulheres das Águas, eu recebi uma bolsa. O projeto exige que a comunidade esteja envolvida mais como voluntário, sem receber, reunião, essas coisas, a gente faz como voluntário. A bolsa foi mais uma ajuda de custo, um apoio, para fazer as atividades, então era uma forma de estar recebendo, um apoio para as atividades. O ISPN exige muito que a comunidade esteja envolvida, exige que a pessoa vá por ela própria, nas reuniões. Já pensou se todo mundo participasse e ganhasse. Realizar um trabalho você ganha, mas para se reunir e mobilizar as pessoas você tá como voluntário.

Iratauí vive uma outra situação se referindo ao tempo e às dádivas, ela, junto com oito mulheres, formaram uma outra organização, as Mulheres do Cerrado, que “nasceu” da “Mulheres das Águas”. Sobre essa mudança, expõe:

Quando a gente começou, a gente começou desmachando os nossos lençóis, e de amizade que ajudava a gente dando material. E depois a minha filha, quando ela veio, ela ajuda. Toda vez ela ajuda a gente. E nós tamos fazendo, nos já construímos quarenta e sete colchas, muitas foi encomenda, depois o povo num queria, e minha filha que vendia. Nós já vendemos um bucado dessas colchas. Eu num sei explicar, acho que é a força de vontade. Com força mesmo. Porque eu quero deixar isso. Por isso mais que eu num fiquei no mulheres das águas, porque é mais lento e eu tenho pressa. (Lágrimas). Porque com oitenta anos eu já to no fim. Eu tenho muita vontade, muita mesma de ser reconhecido o trabalho do grupo.

O tempo de retorno para Iratauí é o tempo de vida, para o retorno do grupo e para que elas continuem com essa atividade.

4.4 CARNE E CORAÇÃO: A DÁDIVA NO LIQUIDIFICADOR DA COMPLEXIDADE

Um outro aspecto da dádiva, tratado por Mauss (1974), consiste na mesclagem de sentimentos, fazeres e pessoas. Dessas conexões formam-se alianças em torno da dádiva e expectativas quanto a sua continuidade. Trocam-se ainda abraços, lágrimas, como presentes, misturam-se pessoas e sentimentos. “No fundo são misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas são misturadas, saem cada qual de sua esfera e se misturam o que é precisamente o contrato e a troca” que acontece nas relações de dádiva (Mauss, 1974. p. 71).

Os vínculos que estabelecemos com as pessoas são vínculos de dádivas, eles criam um compromisso, e é disso que o representante da UnB, Acauã se refere, quando menciona as preocupações com Tauató e Sovi: “Eu acho que eu me cobro muito, porque também eu tenho um envolvimento pessoal com essas pessoas, pô angustia de Tauató e Sovi, pô eles são meu segundo pai e mãe”. Uma cristalização fluida dos sentimentos, uma pausa:

Pô cara depende muito de mim, aí fala que num ta andando cara. Se num ta andando acabou com tudo que eu fiz. Eu vivo muito lá, vivo muito a vida deles. Às vezes esses momentos são importantes, essa coisa deles num se movimentarem sozinhos. Por mais que eu não goste dessa dependência, eu tento fazer a coisa girar.

São nessas misturas, entre necessidades, vínculos afetivos e interesses legítimos, que a dádiva adquire sua maior força, maior estímulo, mais também maior desafio, que toma ares de pressão, de angustia, de insatisfação com o próprio trabalho e com o trabalho do outro. A dádiva se torna, como diz Pitiguari: “A pior carne e a melhor carne”. Traz sentido e estímulo, mas os sentimentos engendram também uma esfera instável, “a felicidade [...] brilha, tranqüila depois de leve oscila e cai como uma lágrima de amor” (JOBIM E MORAES, 1999).

Não saberia falar do amor, discutir o amor parece tão inútil, quanto impróprio, uma indelicadeza. Não poderia, mas os poetas, que como todos nós perseguem o amor, podem:

Do Amor

[...] A virtude do amor é sua capacidade potencial de ser construído, inventado e modificado. O amor está em movimento eterno, em velocidade infinita. O amor é um móvel. Como fotografá-lo? Como percebê-lo? Como se deixar sê-lo? E como impedir que a imagem sedentária e cansada do amor não nos domine? Minha resposta? O amor não é conhecido. Mesmo depois de uma vida inteira de amores, o amor será desconhecido. A força luminosa que ao mesmo tempo cega e nos dá uma nova visão. A imagem que eu tenho do amor é a de um ser em mutação. O amor quer ser interferido, quer ser violado, quer ser transformado. [...] O amor grita seu silêncio e nos dá sua música. Nós dançamos sua felicidade em delírio porque somos o alimento preferido do amor, se estivermos também a devorá-lo. O amor, eu não conheço. E é exatamente por isso que o desejo e me jogo em seu abismo, me aventurando ao seu encontro. A vida só existe quando o amor a navega. Morrer de

amor é a substância de que a vida é feita, ou melhor, só se vive no amor. E a língua do amor é a língua que eu falo e escuto (MOSKA, 2001).

Então, é isso, somos o alimento e nos alimentamos do amor, vivemos sua dádiva e também sua dor, na esperança de conhece-lo...

Para Buber (2004), o amor é um acontecimento, ele está no entre do encontro, entre os seres humanos, ele não deveria sequer ser considerado um sentimento:

O amor não está ligado ao Eu de tal modo que o Tu fosse considerado um conteúdo, um objeto: ele se realiza entre o Eu e o Tu. [...] Amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu: nisto consiste a igualdade daqueles que amam, igualdade que não pode consistir de um sentimento qualquer, igualdade que vai do menor ao maior do mais feliz e seguro, daquele cuja vida está encerrada na vida de um ser amado [...] (BUBER, 2004, p. 61).

4.5 PLANEJAMENTO, CAPITAL E DESGASTE...: DESAFIOS PARA A DÁDIVA?

Mauss (1974), apontou para valores presentes em “sociedades arcaicas”, mas o que dizer de nossa sociedade, das comunidades do Projeto Mulheres das Águas? Hoje estamos diante de uma ironia, quem sabe, oportuna: se o individualismo impera, mesmo em comunidades de poucos recursos, ou com pouco acesso a recursos e capacitações, e as mesmas pretendem ser incluídas no mercado, quer para aumentar esse acesso, quer para manter suas condições de vida, em geral, o trabalho comunitário parece ser o melhor caminho, por vezes, até o único possível. E assim, o individualismo, “imprensado na parede”, observa a confusão entre os desejos e as necessidades do mercado e, de outro a imposição de um movimento que precisa ser coletivo. Que desafios estão em trabalhar em grupo, dividir os “louros” e os “desgostos”? Existem limites para que possamos consolidar idéias, projetos que se destinem ao compartilhar, o compartilhar trabalho e retorno?

Arirambinha, presidente da Associação de moradores do PA Mingau e Pitiguari, ambas participantes da Organização Mulheres das Águas, falam de como a questão financeira é percebida como um problema no desenvolvimento das atividades de produção coletiva, a exemplo da multimistura e da tentativa de trabalhar com horta comunitária:

A moça ensinou pra gente a fazer a multimistura. Essa multimistura dá dinheiro, então vamos fazer. Aí começamos a trabalhar, nas casas, duas casas, aí uma levava a semente, semente de abóbora, de girassol. Pegamos o farelo de arroz, um dos maridos trabalhava lá na fazenda e trouxe o farelo da soja. Ai os maridos foram vender e conseguiram três colocação. Mas, a gente tinha que ter uma nutricionista, mas a gente não conseguiu. O dinheiro da primeira venda era pra comprar mais material, mas assim, vendeu, todo mundo queria receber o seu dinheiro, aí tinha um monte de gente querendo comprar, mas ninguém quis mais fazer, até que dava lucro. Foi uma briga todo mundo queria seu dinheiro. O rapaz aqui fez um rótulo, ia usar um nome que num era Mulheres das Águas, porque tinha gente que num era da

ONG. Mas as mulheres começou a brigar. Quando num tem dinheiro tá tudo muito bom, mas quando entra o dinheiro estraga tudo (DONA ARIRAMBINHA).

Nós já tentamos e não conseguimos. Nós já tentamos nos assentamentos. Se duas famílias, uma cinco trabalhou e da outra trabalhou dois, mas um precisa mais que a outra, eles num querem dividir. A gente tentou roça comunitária, a gente tentou tirar um pouco pra plantar no outro ano, mas num teve jeito. E o pessoal só aparecia na hora da colheita, não na hora de cuidar. Eles querem tirar tudo na hora, e num consegue pensa pra frente, que pode armazenar, pra poder plantar novamente e ir usando aos poucos. Alguns foram criados como a gente. Com a transformação do mundo, eles se transformaram também (PITIGUARI).

Iraúna, também da Organização Mulheres das Águas, fala da necessidade de trabalhar em grupo e as dificuldades que vivenciaram, comparando-as ao tempo em que moravam na fazenda, quando as atividades comunitárias faziam parte da vida:

O pessoal ficou mais egoísta, acho que mais é o capitalismo, cada um que pra si. Ai parece que o pessoal que ver os outros mal, ninguém importa com os outros. Antigamente, ninguém ligava, era tudo aberto. O gado pastava livre. Hoje todo mundo cerca, se o gado entrar dá até confusão. Naquela época pai deixava as pessoas ficar na terra. No dia de hoje, se num pode nem fazer o bem mais, porque tem gente que já vai com aquela intenção de tomar o que que se tem. Eu gostaria, se pudesse, de voltar no tempo. No meu avô, cozinha só numa panela de cinco quilos, era almoço e jantar. Às vezes tinha uma família com menos dificuldade, todo mundo ajudava. Hoje, só se você pagar. Todo mundo ia ajudando, enquanto todo mundo num terminasse de plantar num parava. Todo mundo ajudava pra que não faltasse comida.

Pitiguari fala sobre dinheiro:

O dinheiro é uma coisa que motiva muito. Eu acho que o dinheiro é a principal fonte pra que a gente possa investir em alguma coisa. Pra fazer esse trabalho tem que ter agulha, agulha de costurar saco, cola...É bom. É ruim, faz igual a historia, é a melhor carne e a pior carne. O dinheiro sem ele a gente não vive, mas principal quando tem muito é ruim. Sem ele a gente não vive, mas tem hora que atrapalha.

Para Arirambinha, a relação com o dinheiro não é só uma questão de individualismo, mas uma questão de necessidade mesmo, além da falta planejamento. Ela e Anambé, outro morador do PA Mingau, refletem sobre como o trabalho coletivo fica comprometido pelas necessidades do hoje e agora e pelas poucas condições de acesso a recursos financeiros:

Eu já tentei, que nem esse projeto da Caburé , ela queria criar assim, uma escola rural. Teve capacitação aqui pra muita gente, pra fazer geléia, doces. Mas o pessoal num se uni para trabalhar. A maior dificuldade aqui é o pessoal se unir para trabalhar agrupado. Eu acho, às vezes eu fico horas e horas avaliando, que é mais porque ninguém tem o dinheiro, a falta do capital para movimentar. Eu acho que eles pensa assim: eu tenho uma quantidade, os outros num tem, aí o pessoal fica pensando assim, mas o que eu tenho, eu vou dividir, e se num tiver resultado, e se o fulano resolver passar a perna em mim. [...] É igual uma experiência que a gente teve aqui, pra fazer sabão: cada quem tinha que contribuir com um real. Era muita mulher, a gente ainda tava no acampamento, era trinta mulher, cada quem dava dois reais para comprar o material para fazer. Tinha umas quatro receitas, aí nos vimos a que rendia mais. Aí nos fomos pra São João pra comprar o material. Mas é tão engraçado, porque ninguém foi saber se lá em São João alguém precisava de sabão.

Aí fez aquele tanto de sabão, aí foi vender lá em São João e ninguém quis comprar o sabão. E eu num pude participar, porque eu tinha ido no dentista. Aí volta com tudo, e quem num tava fazendo, vai ganhar mais pouco, quem num mora, num vai ganhar, aí foi uma briga pra dividir esse sabão. Aí resolveram num fazer mais, primeiro tem que saber onde que vai vender, senão se faz um monte de coisa e num adianta. (ARIRAMBINHA)

E outra coisa, o pessoal quer dinheiro rápido, tá todo mundo endividado. O dinheiro é para pagar as contas hoje e agora, as dívidas de ontem. (ANAMBÉ)

Não só o acesso, mas muitas vezes são necessárias parcerias, há todo um aparato burocrático, documentos, contadores, fora as questões sanitárias, no caso de produtos alimentícios, que precisam ser atendidas. Iratauá, da Aliança Mulheres do Cerrado, se refere aos desafios financeiros e burocráticos, que seu grupo enfrenta para colocar o produto no mercado:

Nós queremos legalizar o grupo do Cerrado com associação. Se num puder nos vamos enfrentar a microempresa, porque nós queremos legalizado. Nós queremos crescer. Porque a comunidade é muito carente, ela num participa. Ela num tem condições de comprar essas coisas. Nós começamos em dois mil e cinco, até hoje eu nunca vendi nada aqui, porque é todo mundo carente. Eu vendo muito é pra Brasília e pra Goiânia. Eu vendia panos de prato, e a Caburé comprava assim, pra me ajudar, e outras também, eu tenho essa certeza. Porque se for uma associação legalizada, eles confiam mais. Porque ai, acho que nos vamos ter mais condições.

Um outro ponto abordado, que parece ser também um desafio para essas trocas, para a participação e a colaboração, está relacionado ao tempo de dedicação, se contrapondo aos compromissos profissionais anteriores. Chincõã, da CAMARÁ, faz uma reflexão sobre essa experiência de estar participando de um projeto voltado para a conservação “colocando a mão na massa”, mas também das angústias de não poder ser mais presente, junto ao Projeto, junto ao grupo envolvido. Chincõã trabalha, muitas vezes, mais que quarenta horas semanais e o próprio desgaste com seu trabalho acaba diminuindo a participação na forma como gostaria: “Hoje me cobro e me ressinto de não ter tanto tempo para me dedicar ao projeto, principalmente por não ter tempo, por trabalhar demais, e às vezes falta talvez, até um pouco de motivação”.

Essa pouca motivação, ela também associa ao andamento do Projeto, que gostaria que fosse mais efetivo, embora tenha consciência que a proposta da CAMARÁ, apoiando e estimulando a autonomia dos outros grupos, compreende uma perspectiva de resultados a médio, longo prazo. Há ainda um sentimento de “frustração”, que segundo Chincõã se deve a uma cobrança do grupo, “uma cobrança pessoal mesmo” para uma maior participação.

Essa dificuldade de conciliar o trabalho profissional com o apoio e o desenvolvimento do Projeto, segundo Chincõã também acontece com outros membros da CAMARÁ. São todos

profissionais ligados à área de meio ambiente, inclusive turismo, mas que não conseguem se dedicar a outras atividades como gostariam. Exercer essas atividades como voluntário, parece que acaba, ao final, comprometendo a disponibilidade do grupo. Para Chincão: “Acho que uma opção seria mesmo a profissionalização”.

4.6 “AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA”: SOBRE A DÁDIVA DA NATUREZA

A dádiva ultrapassa as relações entre seres humanos. Ela vincula-se também a relações com a natureza, com a questão espiritual, recriando ou se perpetuando, em antigas representações, relações que foram observadas por Mauss (1974, p. 61): “As trocas de presentes entre os homens, homônimos, ‘*name-sakes*’ de espíritos, incitam os espíritos dos mortos, os deuses, as coisas, os animais e a natureza a serem generosos para com eles”. A dádiva que conecta seres humanos, espiritualidade e natureza, identificada por Mauss, (1974, p. 60), diz respeito à concepção de um vínculo entre o ambiente natural, provedor de benefícios e garantindo a sobrevivência humana, e os deuses, os espíritos: “Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram que contratar e que por definição, ali estavam para contratar com eles foi, antes de tudo, o dos espíritos dos mortos e dos deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo” (MAUSS, 1974, p. 60).

E o que dizer da ausência de um reconhecimento dessas dádivas da natureza para com a humanidade, entre o ser humano e a espiritualidade relacionada à própria natureza? Se a dádiva compreende um compromisso e uma expectativa, a ausência dela, na verdade, o desdém para com a dádiva do ambiente natural, e do espírito de “Deus” aí compreendido, gera uma outra expectativa, de prejuízos físicos e espirituais, de rupturas.

Para Sovi, da Aliança Mulheres do Cerrado, o cerrado tem um significado espiritual, ela fala de um sentimento de reconhecimento do lugar ao chegar a Brasília, de como esse ambiente natural desperta suas emoções, e em como ela estabelece com o mesmo, vínculo afetivo e compromissos, diferentes da forma como se relacionava com outros lugares onde já esteve:

Deus nos empurrou pra cá. [...] É muito interessante, por isso que eu acho que a gente foi encaminhado, empurrado. Quando você pega Brasília, é outra paisagem. Parece que eu tô voltando para casa. Ele falou que era exatamente o que ele tava pensando. Sabe parece que era seu canto. Eu tô me sentindo, onde eu morava. Sabe quando você só agradece por ter ficado ali, porque seu tempo já foi. Sabe em relação a tudo, a vida, a paisagem, nada era nosso, nada nós fizemos, tudo tava pronto. Lá assim, foi uma poupança pra você mudar de vida, mas nós nunca fizemos nada ali.

Nós fizemos a casa já com intenção de vender. Nem eu nem o Tauató conhecíamos essa região. Era como se você ali, era provisório, acho que tudo é um tempo, mesmo na vida. Quando a gente tava chegando, assim é um sentimento muito engraçado. É uma emoção você tá voltando pro seu lar. No palácio do governo, gente é impressionante, eu nunca tinha visto, é como se eu tivesse visto ele [o lugar] antes, e tava vendo a modificação que ele estava naquele momento, como se eu conhecesse ele quando era o cerrado. É uma coisa muito engraçada. Como se eu já conhecesse aquele lugar antes. E eu nunca tinha ido ali. Eu falo assim que a gente tem um trabalho para fazer, é uma missão de você com o lugar, de repente.

Em sua história de vida, Sovi fala de todos os desafios que ela e o marido tiveram que vencer quando chegaram a São João d’Aliança, esses desafios acabaram confirmando que o projeto de vida dos dois deveria estar vinculado ao cerrado e não a outras atividades que negam a dádiva da natureza e de “Deus”:

O Tauató arrumou serviço que ia demora meses. Daí eu voltei para fazer a mudança. [...] Aí arrumaram um pouso para gente deixar a mudança e aí fomos para debaixo da lona, os sem terra. O Seu Ulisses viu a gente naquela situação e falou: “Tem uma casa lá em São João, é pequena, mas se você quiser eu arrumo a casa para você morar”. Aqui num tinha casa pra alugar. [...] Aqui pões os pau e as lona, e o banheiro é do lado de fora. [...] A gente ficou lá mais de ano. Aí o Tauató foi trabalhar com ele e ele chamou para trabalhar na lavoura, ele queria que o Tauató se associasse a ele. Aquela coisa de achar que ia dá um pulo maior, mas tudo foi travando, num dando certo. Mas a gente foi insistindo. Ele queria por o nosso caminhão para alienar ele no banco. Aí o Tauató foi buscar o veneno e o caminhão tombo. Tirou o tal dos veneno e deixou o caminhão lá. E tinha que plantar, nós fomos lá tirar o caminhão só depois de três dias. Aí foi aonde a gente se ligou! Trabalha com soja, com milho. Eu ia pra lá, às vezes acampava com Tauató, Tauató trabalhou... Aí na hora de colher, que era meio a meio, aí num deu, o dinheiro num deu certo. Mas num alienou o caminhão, porque a gente era cliente novo, foi a nossa sorte. [...] Aí no fim, o caminhão caiu, acho que já puxando a gente pra tomar consciência de que num era esse o caminho, porque as coisas num tava dando certo porque num era pra ser, a gente tem que aprende a olhar, o que que a gente tá fazendo...

Campbell (1990, p.41) lembra sobre como o mundo era lido na idade média, “como se ele contivesse mensagens para você”. A leitura de mensagens a partir do mundo, de experiências vinculadas a determinadas representações revela para Sovi “que num era esse o caminho”. A imagem do Cerrado é valorizada, sacralizada e a sacralização da paisagem com a qual nos identificamos representa uma necessidade e vontade de distinguir lugares. O lugar passa a ter um sentido maior, um significado para a vida. Conforme Campbell (1990, p. 99): “As pessoas reivindicam a terra criando sítios sagrados. [...]”. Qual o objetivo disso? “Transformar a terra em que eles vivem num lugar espiritual relevante”.

No mesmo sentido, Inhambu, da AD Capetinga, coloca a questão, só que de maneira mais generalizada. Ela fala da intervenção do homem no ambiente natural, degradando a natureza, e ao mesmo tempo, prejudicando a qualidade de vida de outras pessoas, associando isso ao interesse financeiro e pessoal:

Eu descobri que muita gente só ta inserido no processo, enquanto isso tá me dando benefício. Depois a gente descobriu que ele queria montar um viveiro e não deu certo. Aí ele comprou dois tratores, tirou licença. Ele tem licença pra dar licença ao desmatamento em São João. Essas pessoas não estão sensibilizadas ainda, é uma visão um pouco imatura. Ele acha que o ar não polui, ele acha que água não acaba, ele acha que a vida acaba com a morte dele, que não existem raízes. Que os filhos... mesmo que ele não acredite que ele nasça de novo.

E como essa atitude traz conseqüências à vida pessoal. Quando não se percebe que a relação com a natureza deveria ser outra, quando não há sensibilidade, uma compreensão para com a dádiva da natureza:

Vou te fazer uma pergunta: Você conhece quem trabalha com desmatamento, mineradora, com carvoaria, velho, no final da vida abonado? Que ganho muito dinheiro com esse tipo de coisa?

Eu conheço várias com a vida desgraçada, dependendo de aposentadoria do BPC. Deus dá, Deus tira. O que você planta, você colhe, de várias formas, em vários momentos de sua vida. É uma conseqüência. Meu irmão fabricava pinga, mas ele percebeu que num tava fabricando saúde, ele tava induzindo as pessoas ao vício. Aí ele percebeu que os amigos deles eram todos bêbados. Isso dava um transtorno muito grande para ele. Hoje ele vende mel, ele é apicultor.

Nessas representações, as conexões entre seres humanos, natureza e espiritualidade, destacam a dádiva do ambiente natural, e a obrigação de retribuir se transforma em uma missão diante das ações contrárias que são exercidas pela sociedade. Inhambu demonstra isso quando se refere ao respeito que tem pelo Cerrado:

O Cerrado pra mim é uma grande riqueza, tanta planta medicinal, conhecida já, como desconhecida. Nem só as plantas, mas água, fauna, planta de tudo quanto é região você encontra no Cerrado. É uma riqueza muito grande. Nasci aqui indo no mata, pra pegar remédio. Uai, foi mesmo com minha mãe, ela tem isso até hoje. Talvez afinidade tem a ver, mas talvez de conhecer e respeitar tem a ver com outras coisas, uma coisa minha, muito particular. Eu choro quando chego na fazenda e vejo que derrubaram um pedaço de mata. Talvez até missão, porque é uma coisa tão forte, que eu falo assim, vou largar tudo e vou embora, ter carteira assinada e tudo. Mas eu penso assim: eu num posso.

4.7 “MESMO POBRE, COMO EU SOU, MAS DA GRAÇA DE DEUS, EU NUM SOU NÃO” (JURITI): UMA REPRESENTAÇÃO COMUNITÁRIA SOBRE A DÁDIVA DE DEUS NA VIDA

Na quinta visita a comunidade da Pontezinha, as mulheres estavam todas reunidas. Elas preparavam as refeições para o dia seguinte, quando os homens da Folia de Reis passariam por lá. Elas limpavam e desossavam as galinhas caipiras, fritavam biscoitos, tomavam café, a conversa estava animada... Tudo acontecia na casa de Juriti, entre o quintal e o fogão. Ela comandava os preparativos.

Retornamos com o objetivo de investigar como essa comunidade, a única que ainda não havia tocado em questões relacionadas aos recursos financeiros e relações sociais elabora essa representação. Ali, nossas próprias representações começaram a nos incomodar. Como invocar o assunto? Seria este tema um assunto inapropriado para a comunidade, um tabu? Mas eles vendem seus produtos na feira, enfim eles também experimentam relações baseadas em valor de troca. A questão é como usam, como o dinheiro se posiciona nesta pequena comunidade familiar, com que vínculos?

Iniciamos o tema com a questão do preparo e venda dos produtos, pesquisando como alguns produtos são elaborados coletivamente e outros não. Em qualquer dos casos, farinha ou rapadura, os produtos são sempre vendidos separadamente. As condições que determinam à venda são explicadas:

Juriti: É porque é difícil. É mais fácil cada um leva o seu pra vender. Na hora de vender cada um vende a sua. Eu posso tá precisando do arroz, o outro o feijão. A Saurá pode tá querendo um macarrão e assim vai...

Batuíra: Também tem uma coisa, como que um leva tudo? Tem que pôr na bicicleta ou no cavalo, num dá pra leva pra todo mundo, fica complicado.

E com o dinheiro se faz o que, pra que ele serve?

Batuíra: Sem o dinheiro ninguém come, ninguém vende, o que planta, o que colhe, que que a gente faz.

Juriti: O preço da mercadoria, a gente põe por baixo, o que nós vamos fazer tem que acompanhar, por abaixo do mercado. Aqui nós vende é barato. A precisão da gente, às vezes pra comprar um remédio.

Batuíra: A maioria a gente nem vende, a gente vai lá no mercado e troca, pelo que eu preciso, aí o mercado vende a rapadura.

Como o dinheiro faz parte da vida?

Aí é que tá. É o meio de toca a vida da gente. Sem dinheiro ninguém num faz nada não. Num pode falta, mas num pode passa. Quando ele passa na vida da gente, ele vira avareza, mas quando falta a gente se lasca. Dentro do perito da igreja, vira ganância, num é muita vantagem. Geralmente é assim, quando tem o coração bom que entende não, mas geralmente, quanto mais você tem mais cê quer ter. Ele fica mais egoísta. Quando a gente vai aprofundar o estudo, ele nunca pode sobrar na vida da gente. Pode ver que na vida, ele fica ...(Sururina).

As mulheres conversam sobre o que há por traz do dinheiro:

Juriti: Quando a esmola é demais, todo Santo admira, porque Deus num que muita riqueza. Eu acho que Deus pensa assim: Ta comprando a mim, e num é por aí.

Sururina: A pessoa que apega muito no dinheiro ele apega nas outras coisas. Num adianta nada Deus me dá dinheiro mas eu num te amizade, família. Eu falo isso direto, dinheiro num é mais importante, mas nós num pode fica sem ele. É um meio de sobrevivência da gente. Eu sempre tive muito contato com isso desde criança.

Batuíra: Tudo que a gente tem na vida foi Deus que deu, mas quando a gente

Quando num tem dinheiro lembra de Deus. Foi pra repartir, o que Deus deu. Quando passa num tem sossego, toda hora tem medo de ladrão ta roubando.

Uirapuru: Pra falar a verdade se eu tivesse dinheiro eu já tinha reformado a minha casa.

Sururina fala espontaneamente sobre quando o dinheiro é fruto de um trabalho coletivo e precisa ser dividido, sobre sua vontade de montar uma cooperativa familiar de fabricação de colchas em tear:

Enquanto falta pra um sobra pra outro. Eu pensava assim, tipo cooperativa. Sabe como é que funciona, o que vende tira primeiro o gasto. Gente ó, fala a verdade que é meio difícil. Mas se for família, eu sei que dá, porque ali, eles convive, já sabe a natureza de cada um. Dá problema, quando um pensa que tá ganhando mais que o outro. Eu acho que familiar dá certo. Na família ocê sabe, entende que que os outros tá precisando. Quando tudo é diferente, aí um num sabe entender o outro.

Elas falam do turismo, de suas idéias sobre os turistas:

Juriti: O turista, eu não tenho terra pro turista acampa. Cobra pra acampamento, se eu tivesse assim um pedaço, que ele pudesse acampar, eu num cobrava era nada. O almoço, uai eu fazia, todo mundo almoçava e eu jamais cobrava. O mandamento da lei de Deus explica assim: daí a comer que tem sua fome, nós caminha por isso.

Batuíra: eles era tudo estudante, estudando pedra. Ele veio pergunta quanto era uma rapadura. A gente viu que, de repente, eles num tava com dinheiro. Quando eu consigo ajuda alguém, ele fica feliz, mas eu também sinto felicidade. A coisa melhor é a gente matar a fome de alguém. [lágrimas] Ele pode às vezes nem lembrar de agradecer a gente, mas Deus agradece.

Juriti: A venda de produto tudo bem, mas é o mesmo preço que a gente faz na venda. Num vai explorar não.

Ao retornar desta última visita, Cauré nos guia até Anacã. Anacã, atual presidente da AD Capetinga, durante um dos projetos culturais da Escola Bioma Cerrado, produziu um texto de quarenta páginas sobre a história oral em torno da origem de algumas comunidades de São João descendentes do Polonês Szervinsk, entre essas comunidades está incluída a comunidade da Pontezinha. De acordo com o texto, o povo “é o resultado da miscigenação entre poloneses e mineiros do século dezoito” (FARIA, 2003, p. 1). Esse texto foi construído a partir de uma extensa investigação com as pessoas mais antigas das comunidades. Entretanto, Faria (2003) esclarece, já na introdução:

Não quero aqui lavrar a história como o dono da verdade. O intuito dessa obra é centralizar e explicitar ao leitor, a beleza, o encanto, a mística, a poética, os medos, os sonhos, os credos, as crendices e lendas de um povo simples e humilde, com sua vida fantasiosa e sofrida.

O texto inclui, ao final, um conto comum das comunidades, reproduzido originalmente por Dona Graciana, na época com setenta e nove anos, intitulado “O conto do papagaio”. Esse

encontro proporcionou o contato com outras referências dos moradores da Pontezinha, referências que compõem seu campo simbólico. Segundo Campbell (1990, p. 62):

O campo simbólico se baseia nas experiências das pessoas de uma dada comunidade, num dado tempo e espaço. Os mitos estão tão intimamente ligados à cultura, a tempo e espaço, e que, a menos que os mitos e as metáforas se mantenham vivos, por uma constante recriação através das artes, a vida simplesmente os abandona.

Há algumas passagens, na história escrita sobre a vida de Szervink, de tudo que lhe ocorreu até chegar a São João, que esclarecem algo sobre algumas imagens e idéias que podem estar associadas às representações da comunidade da Pontezinha, e que aqui exemplificamos. Quando Szervink chegou no interior de Minas Gerais, ele foi acolhido por uma comunidade:

Chegou até Pinhuí
Um povoado mineiro
Lá conheceu uma moça
De um povo hospitaleiro
Que o acolheu alegre
Mesmo sendo estrangeiro
Deram-lhe cama e comida
E não aceitaram dinheiro.
Um povo muito devoto
Um povo muito cristão
Viviam a caridade
E o amor ao irmão (FARIA, 2003, p. 7).

Diz-se de Szervinsk que passou por várias situações difíceis até firmar “sua fé” em São João, nessas dificuldades foi salvo por ter a “Deus”, “embora aparente ausência, estava ali ao seu lado”. Quanto Szervink se casa:

Do casamento de Antonio
Só dois filhos vieram à vida
Crescendo muito saudáveis
Jamais fugiam da lida
Foram educados na fé
De seu pai crente fiel
Que nunca esqueceu do pacto
Que fez com Jesus no céu.
[...] Veio fugindo da morte
Aqui Deus o abençoou (FARIA, 2003, p. 8)

Sobre como os descendentes do Polonês criaram seus filhos:

Ensinavam à família
O catolicismo herdado
Pregavam um Cristo vivo
Que já haviam provado
Rezavam sempre em família
Faziam rezas e folias

Era sua devoção (FARIA, 2003, p. 10)

Há ainda referências sob o modo de vida, baseado na agricultura familiar:

Pertence a essa gente
 Que no século vinte e um
 Vivem como antigamente
 Plantam roça, criam gado
 Com muita simplicidade
 Vão a cidade vez ou outra
 Por pura necessidade (FARIA, 2003, p. 12)

E sobre a importância da história de Szervinsk para a região:

Vivendo em grande modéstia
 Esse povo se firmou
 Criaram profundas raízes
 Por isso não se acabou
 O povo da região
 De São João a Água Fria
 Também Alto Paraíso
 Descende dessa família
 O velho Rebendoleng
 Não podia imaginar
 O quanto seus descendentes
 Iam se missigenar
 Embora seu sobrenome
 Pouca gente tenha herdado
 Ele tem subsistido
 E está por todos os lados (FARIA, 2003, p. 15).

Esses pequenos fragmentos do texto de Anacã “falam” por si, eles demonstram em que valores essas comunidades estão ancoradas, que pilares provavelmente as sustentam, o imaginário e o campo simbólico que faz parte de seu pensamento social.

No mesmo sentido, “o conto do papagaio” reproduz, coerentemente, esses valores, mas neste há ainda um maior destaque para os malefícios da ganância, da avareza, da cobiça, e por outro lado, a importância da família e a presença de Deus, coordenando e equilibrando o agir dos homens, com justiça.

Jabão é o personagem que enriquece, o filho egoísta:

Jobão com esta riqueza
 Tornava-se mais avarento
 Esqueceu-se dos velhos pais
 Que deixou em sofrimento
 Não lembrava de quem não
 Lhe esquecia um só momento (FARIA, 2003, p. 21)

Quando o irmão pobre parte, pede ajuda, “esmola”, ao irmão rico, mas ele nega. Então é o rei, que vê no irmão mendigo, sua “nobreza”:

O rei notou em Alvino
 Força de moralidade
 No rosto dele notava-se
 Senhor de honestidade
 Esplendor de pureza
 E também de santidade
 [...]
 O rei entregou-lhe um quarto
 No trono onde vivia
 Ele então se lembrou
 Do que o pai lhe dizia
 Faltando a terra de Deus
 Chega a virgem Maria. (FARIA, 2003, p. 23)

O rei havia escondido sua filha num deserto, porque ao ler sua sorte, descobriu que deveria se casar com “família peregrina”, ele então, age “contra a ordem divina”. Mas ao final a “ordem divina” se concretiza, quando Alvino acaba se casando com a filha do rei. Nem mesmo as bruxarias e o dinheiro de seu irmão Jabão interferem na providência divina: “Deus só é que tem poder; No mais tudo é fraqueza” (FARIA, 2003, p.32)

Quem ajuda a princesa e Alvino a se livrarem de todas essas ameaças é um papagaio, que no final se revela:

Olha eu não sou papagaio
 Sou um anjo tutelar
 O anjo de sua guarda
 Que Deus mandou te livrar
 [...]
 Viram que o céu se abriu
 Quando ele entrou
 A princesa de saudade
 Muitas lágrimas derramou
 A saudade do papagaio
 Nunca mais se acabou (FARIA, 2003, p. 32)

Pensando em imagens e idéias, na visão mitológica dos pássaros, lembramos imediatamente, neste conto popular e comunitário, da primeira visita a Pontezinha, quando uma das crianças, a menor, trouxe uma pequena maritaca, que diz ter ganho do tio. Ficam algumas idéias e imagens, do Japacanim com sua maritaca, e a voz de Juriti: “A natureza, a deversão do povo, vê aqui...”.

4.8 REFLEXÕES SOBRE A DÁDIVA

O mito moderno da natureza intocada (DIEGUES, 1993) aparentemente não faz parte das representações dos envolvidos no Projeto, mas talvez, um outro mito esteja representado. Uma idéia que ao mesmo tempo acalenta e preocupa, que envolve a história, o modelo de desenvolvimento que o movimento socioambientalista questiona, nossas experiências de vida.

Uma representação de encontro familiar e acolhedor em comunidades mais simples, símbolos e aspectos do inconsciente, enfim, tudo o que poderia compor uma representação social: o mito e o medo do dinheiro, na mais crua expressão da palavra, o dinheiro que se cobra, o dinheiro que se pega, o dinheiro que pode eliminar as relações humanas que buscamos.

Morin (1996) faz uma correlação entre idéias e neomitos, idéias que encontram na experiência de vida, um sentido tão real e tão completo, que acabam produzindo os novos mitos:

Temos de compreender que o pensamento mitológico evoluiu, deslocou-se, transformou-se e produziu neomitos, que se fixam em idéias. O neomito reintroduz a explicação pelo vivo, o singular, o concreto onde reina a explicação pelo físico, o geral, o abstracto. Mas é o concreto vivido que, infiltrando-se na idéia abstracta ou geral, a torna viva. Não reintroduz os deuses e espíritos. Espiritualiza e diviniza a idéia a partir do interior. Não retira necessariamente o sentido racional da idéia parasitada. Inocula-lhe uma sobrecarga de sentido, que a transfigura (MORIN, 1996, 157).

Outra questão abordada diz respeito a uma representação das comunidades “simples”, “tradicionais” ancoradas a uma imagem, que precisa ser protegida e resguardada do império do dinheiro. O medo de lidar com outras representações forma um aspecto de resistência, uma proteção do familiar e está, em geral, associado a uma forte vinculo afetivo, sobretudo quando se tratam de novos valores, outras comunidades. O medo de encontrar concepções que desestruturam o que parecia ser a imagem familiar que se buscava, uma possibilidade de objetivação, tão real quanto poderia ser. A questão sobre esse medo do império do dinheiro sobre o ser humano não está tanto, apesar de também importante, no aspecto do individuo, ou daqueles com que se identifica, mas na visão do outro, de suas expectativas e principalmente, nas implicações que o dinheiro, ou a falta dele, assumem nas representações.

Contudo, essa conexão entre idéias racionais, no caso das questões abordadas pelo socioambientalismo, a valorização da diversidade cultural, e o surgimento de neomitos vinculados a essas mesmas idéias, parece colaborar para a coexistência de aspectos que, se por um lado confirmam e fortalecem essas idéias, de outro se opõe à própria racionalidade, razão de onde a mesma se origina. Segundo Morin (1996, p. 157),

[...] o neomito dá vida e calor à idéia racional, e contribui assim para a sua difusão. Entre os dois extremos podem operar-se espantosas simbioses entre o mito e o pensamento racional, ou seja, mito e antimito, que então trabalham um para o outro, trabalhando ao mesmo tempo um contra o outro.

Dessa oposição e conexão entre mito e razão decorre a perpetuação cega do neomito e do racional, no qual se origina. Segundo Morin (1996), o mito precisa encontrar sua própria

racionalidade e a razão deve permiti-se dialogar com tal subjetividade, tornando-se necessário o pensamento duplo, *mithos* e *logos*, de forma complementar e não excludente:

Uma razão aberta pode compreender ao mesmo tempo as carências e os excessos de ambos os pensamentos. Pode também compreender as suas virtudes contrárias. Assim, pode compreender que o símbolo, a simpatia, a projecção/ identificação, e até o antro-po-cosmo/morfismo possam ser necessários à comunicação e à compreensão. (MORIN, 1996, p. 164).

Racionalizando: ainda que o dinheiro não seja a salvação de tudo, “a cura para todos os males”, não é possível negar o acesso que ele proporciona às mais diversas criações da expressão humana. De músicas a filmes, de prazeres estéticos a experiências sensoriais e tecnológicas, ao horizonte que se abre com o acesso à educação, ainda mais em países, com tantas desigualdades, como o Brasil. Essa questão também poderia ser colocada da seguinte maneira: Que legitimidade há em negar o acesso a elementos importantes, que o dinheiro também pode proporcionar, elementos que estão além de televisão, roupas e outros objetos de consumo? Qual o valor de um isolamento programado, não seria como se, ao não conhecermos o mal pudéssemos nos manter puros, esta é uma opção legítima?

No filme “O mundo de Jack e Rose” (2006), de Rebecca Miller, a vontade de se distanciar de tudo o que está implícito nas relações capitalistas é levado ao extremo. Jack, o pai de Rose, formou no passado, junto com amigos, cientistas, intelectuais e artistas, uma “comuna”, “onde as pessoas não estão sujeitas aos bens herdados, mas têm a liberdade de se autoconstruírem, por elas mesmas”. O direito a propriedade não é hereditário e este é um dos aspectos da proposta dos participantes da “comuna” para garantir a liberdade dos indivíduos. Contudo, a comunidade já se desfez há alguns anos, Jack está no fim da vida e vê seu mundo pressionado pela presença de uma construtora de casas pré-fabricadas, disposta a consolidar um projeto de condomínio vizinho às suas terras. Ao mesmo tempo, Rose, que cresceu isolada da sociedade de consumo, da “educação de produção” e da “pressão da mídia” na televisão põe a prova os ideais do pai quando se vê sem alternativa, diante da eminência da morte de Jack, a não ser pensar e planejar a própria morte. O mundo dos dois só existe nesse viver diário, nessa autoconstrução da realidade, propiciado pelas suas relações.

O temor de Jack está concentrado no futuro da filha e, em um dos momentos do filme, ele lhe conta uma estória. Havia uma menina. Ela morava numa casa muito pequena. Então apareceu um boi. Ela que era muito educada, convida o boi para entrar e tomar um chá. Mas ele era grande e não consegue entrar, então ela o puxa e a casa se desfaz. A menina monta no boi e vai embora. Depois de um tempo eles se casam.

O boi é um animal doméstico, fonte de alimento. Ele representa produção e consumo para a nossa sociedade ocidental. Esse animal doméstico e grande, aparentemente não oferece ameaça, é o oposto do selvagem, do livre, é a sociedade capitalista, domesticada, de produção e consumo para Jack. Ele educadamente e pelo desejo da menina para conhecer e entrar em contato com essa sociedade acaba destruindo sua casa, que representa seu lar, suas referências, seu mundo baseado na vida que viveu com o pai. E a menina se casa com o boi, marcando definitivamente sua entrada nesta sociedade. Assim, Jack expressa o medo de que a filha perca o contato com o universo que reconstruam juntos, para participar do modelo de sociedade e de vida que sempre negou.

Mas, ao final, no confronto com o dono da construtora, Jack se dá conta, de que sua proposta de relações “mais humanas” e “menos econômicas”, começa a se contradizer quando a alteridade do outro lhe é atirada na face, e ele conclui sobre sua própria arrogância, ao ver creditar exclusividade na sua “verdade” de “visão de mundo”, ao ver que o “outro” negado, também não é exatamente o que ele esperava. O amor pela filha e por seus ideais o fez acreditar que poderia protegê-la da perversidade inerente ao capitalismo. Porém ao buscar essa liberdade para Rose, ele restringe e cerceia suas possibilidades de troca, de experiência e de conhecimento para com a sociedade e, ainda mais de participar, de colaborar para transformar ou melhorar as relações no âmbito desta sociedade. Em que encruzilhada nos colocamos?

Quando pensamos em comunidades tradicionais, em remanescentes de quilombos, construímos uma representação, a de relações de trocas, onde os desejos e sentimentos humanos deveriam se realizar plenamente, principalmente em relação à natureza:

É comum entre aqueles que se envolvem com a problemática ecológica citar outras sociedades como modelos de relação entre os homens e natureza. As comunidades indígenas e as sociedades orientais são, via de regra, evocadas como modelos de uma relação harmônica com a natureza. Se em diferentes religiões o paraíso é projetado no reino dos céus, para diversos ecologistas este se localiza em outras sociedades. Há uma virtude nesse procedimento: ele oferece um consolo, enquanto idéia, para o mundo em que vivemos – que concretamente não tem consolo. Isto não deixa de ser, à sua moda, uma crítica à sociedade que não é tal e qual os modelos citados, daí as utopias. Nesse sentido, as utopias têm um lugar concreto num mundo onde não existem concretamente, sendo por isso sonhadas e projetadas enquanto utopias. Por outro lado, esse procedimento não deixa de ser também uma fuga dos problemas concretos, muitas vezes derivada de uma incompreensão das razões pelas quais em nossa sociedade e cultura as coisas são do jeito que são (Gonçalves, 2001, p. 23).

Esse consolo, contudo, formando uma representação social de sociedade “melhor”, da comunidade das relações mais humanas, deve interferir nas relações tanto com a sociedade

negada, como com a sociedade buscada. Tratar a sociedade representada pela nossa experiência indivíduo-social, nossas representações e expectativas em torno de comunidades, carrega o peso de categorizar essa sociedade e, muitas vezes, não saber lidar com ela. Como argumenta Moscovici (2005), comunidades diferentes da nossa exigem um esforço e uma flexibilidade de lidar com o novo, totalmente novo, porém como nós. Somos ao mesmo tempo iguais e diferentes, embora nossas representações nos direcionem para o novo dentro do que consideramos possível em termos de referenciais, nos impulsionando a favor ou contra, de acordo com aquilo que conhecemos, que sentimos e que buscamos. Essas ancoragens, essas representações podem ser ameaçadas por um novo, que não é exatamente, o que se esperava que fosse. É quando “[...] a mente apavora o que ainda não é mesmo velho” (VELOSO, 2006).

A ausência de marcos referenciais afinados com as representações formadas pode provocar também um sentido de ameaça à “compreensão mútua”, um mal-estar e até desconforto. “E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que ‘não é exatamente’ como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida”. (MOSCOVICI, 2005, p. 178). Este deve ser um cuidado ao lidar com o outro, com comunidades, “abrir os olhos para o que quer ser dito”, o que às vezes “grita” aos nossos olhos e não enxergamos, porque seria difícil lidar com outros referenciais, além do que esperamos, do que queremos. (MOSCOVICI, 2005).

Paralelamente, as preocupações que surgiram com a crítica que o movimento ambientalista faz a nossa sociedade, nos interpele ao capital, “[...] hoje, além da consciência do perigo que a diversidade da vida no planeta corre, é possível compreender que os problemas ambientais possuem raízes que se relacionam com problemas humanos, como as desigualdades sociais, a relação de dependência entre países ricos e pobres, o modelo de consumo, entre outros” (SANSOLO, p. 70). Contudo, será que tudo isso pode ser traduzido ou resumido em dinheiro, interesse em valores de troca?

Que o capitalismo desenfreado é avassalador mesmo, já foi mais que discutido. Observamos isso em nosso dia a dia, experimentamos isso em nossa história de vida (GALVAN, 2005). Silva (2005) destaca os apontamentos de Polanyi para as transformações que o capital provocou na sociedade, ao resumir e condicionar o organismo social a um sistema de mercado na época da revolução industrial, destruindo aspectos da vida familiar e coletiva, subjugando a vida, as relações em prol do dinheiro e do “progresso”. Porém, ele é

um fruto da sociedade, de onde nascemos, onde vivemos. É uma realidade. Nega-lo radicalmente, não parece ser a solução, ou pelo menos ser possível. Ao fazer isso, negamos também outras necessidades presentes neste contexto e nos colocamos numa situação conflituosa quando falamos de inclusão social, diversidade e desenvolvimento sustentável, ainda que ele seja situado e talvez, exatamente por isso (SILVA, 2005). Será que essa crítica ao modelo de desenvolvimento só pode nos conduzir a essa polaridade, ou ao isolamento, à exclusão, à negação ou à massificação, ao consumo sem precedentes?

Por outro lado, a inclusão no mercado não tem representado o acesso às “maravilhas da sociedade moderna”. Ao contrário, esse acesso, para populações vivendo basicamente de produção agrícola familiar tem representado, em geral, várias perdas, principalmente em relação à qualidade dos alimentos consumidos e, por vezes, até mesmo representando uma ameaça à segurança alimentar, para falar apenas de sobrevivência. Algumas pesquisas com populações indígenas mostram isso claramente. Ao diminuir a utilização de produtos tradicionalmente cultivados ou extraídos da natureza, o baixo poder aquisitivo faz com que a substituição alimentar fique restrita a alimentos baratos, que representam aumento de consumo de produtos ricos em carboidratos (macarrão, biscoitos e doces), e à restrição do consumo de fonte de proteínas. (GUGELMIN; SANTOS, 2001). Isso sem falar das conseqüências inerentes a essa nova condição: danos à saúde, distanciamento de hábitos culturais e outros aspectos negativos, que vão desde afastamento de importantes referenciais coletivos, valores que dão sentido a condição de existência, até a baixa auto-estima em relação à sociedade.

Gonçalves (2001) destaca que a mudança de foco de produção de valores de uso para produção de valores de troca em comunidades camponesas acaba gerando uma perda de qualidade de vida, pois diminui a dedicação do tempo e espaço para os valores de uso que passam a ser buscados exclusivamente no mercado. Essa situação é questionada pelo movimento socioambientalista, que tende a querer valorizar as relações baseadas em valor de uso, relação essa de pouco interesse para o mercado capitalista.

Gonçalves (2001, p. 114) argumenta:

De fato, o que parece existir entre eles é um diálogo de surdos, onde os interlocutores falam, mas não ouvem: o ecologista fala de valor de uso e o economista fala de valor de troca. A segmentação do conhecimento mostra aqui concretamente suas conseqüências. Valor de uso e valor de troca são as duas faces da mesma moeda, a mercadoria, embora o específico da mercadoria seja o valor de troca.

Enquanto o movimento ecológico se preocupa com a qualidade e o contexto social envolvido no valor de uso, vivemos e nos relacionamos em uma sociedade onde o que sobressai, aparentemente, é o valor de troca. Quando os projetos socioambientais tentam fazer com que se ganhe com o uso sustentável dos recursos naturais, pensamos que podemos criar uma ponte entre o valor de uso e o valor de troca. Contudo, mais do que relação econômica cultural, estamos diante de desejos e expectativas e a transposição para o valor de troca nos remete diretamente ao outro, ao irreduzível: a necessidade de diálogo. Em monólogos cegos surgem conflitos, contradições e diferentes representações à despeito das próprias questões envolvidas. O tempo é um outro aspecto que se impõe nessa roda de representações, onde tempo e dedicação exigem retorno, um retorno inclusive financeiro. Além do mais, entrar no mercado de valores de troca implica em aquisição de técnica e capacidade, mesmo sobre produtos artesanais.

Assim, para Gonçalves (2001, p. 115),

[...] de nada adianta aos ecologistas acusar os economistas por não manifestarem preocupações ecológicas, se os próprios ecologistas não superarem o ecologismo naturalista – que só se preocupa com os efeitos naturais – das práticas socioeconômicas, instituídas através de muitas tensões e lutas e que, portanto, nada têm de naturais. [...] (GONÇALVES, 2001, p. 115).

Todavia, Gonçalves (2001) faz uma reflexão sobre a transição para o mercado, para as relações voltadas para o valor de troca. Na medida em que ela limita os espaços de contato do ser humano com seu ambiente natural e diminui as condições de vida de comunidades onde o “sistema de produção era fundado no valor de uso”. Ele questiona: “Alguém compraria o seu arroz e o seu feijão se dispusesse de condições naturais para produzi-los por conta própria?” (GONÇALVES, 2001, p. 116). Devemos estar atentos que para responder a esta pergunta é preciso mais do que a constatação de que: “Separar o homem da natureza é, portanto, uma forma de subordiná-lo ao capital” (GONÇALVES, 2001, p. 116). Existem, ainda, outras questões que permeiam às próprias contradições do homem e a dinâmica de sua cultura. Mas, é preciso também se perguntar, na medida em que a entrada no capitalismo acarreta uma série de tendências “negativas”, se é legítimo pensar numa prorrogação do plantar o seu próprio arroz ou o seu próprio feijão como se essa condição também não abarcasse outras implicações sociais? Ou ainda, e principalmente, se é legítimo pensar nessa condição para o outro, porque é esta a sua origem, a origem camponesa, ou porque essa é uma alternativa mais viável? Além disso, é preciso detalhar e caracterizar o que constitui realmente as condições naturais para produzir por conta própria no universo do outro?

Anacã, da comunidade do Forte, resume sua percepção das mudanças que transcorreram nas atividades e no tipo de vida da comunidade ao longo do tempo: “Antes, o difícil era fácil, agora o fácil ficou difícil”. As coisas podem ser adquiridas no supermercado, nas lojas. Não é mais preciso produzir todos os alimentos, mas por outro lado, para se ter acesso a esses produtos é preciso ter dinheiro, e este é que não é muito fácil de conseguir. Dentro da comunidade, diferentes representações definem os conflitos envolvidos, a história de vida das pessoas mais velhas está ancorada aos modos antigos de viver, o mesmo não ocorre com os mais jovens, que não viveram isso, não possuem esse referencial. Anacã explica: “Mas hoje, os jovens, eles não querem pega duro, trabalha na roça. Eles nunca viveram assim, eles não entendem disso. Eles querem coisa nova”. As três filhas de Anacã moram em Goiânia, estudaram e estão trabalhando. Não querem voltar a morar no Forte.

Na comunidade da Pontezinha, um diálogo entre mãe e filho, Juriti e Savacu, demonstra bem a diferença de representações proporcionada pela história de vida, ou seja, o contexto em que as representações vão sendo formadas:

Juriti: O pai levava os filhos para roça na lavoura. Mexia com rapadura e farinha. Então quando ele faleceu, depois a mãe faleceu, e o serviço continuou, não tenho esse negócio de para não...

Savacu: Eu acho que antes a vida era mais difícil, era tudo braçal.

Juriti: Savacu, de primeiro eu achava que era mais fácil, oê podia roça o mato, queimava, num gastava adubo, num gastava nada. A planta vinha, que vinha com força, eu lembro de dava quarenta ou cinquenta sacos, o feijão velho a gente guardava.

Savacu: Não mas eu falo assim, que é mais fácil hoje, que antes era muito trabalho. Eu mesmo conheci gente que pra rela mandioca era a custo desse angico, rela na mão, na roda. Hoje oê tem o maquinário. Tinha que faze azeite pra lumiar, azeite de mamona. Algumas coisas melhoram.

No âmbito das representações sociais tratadas, é interessante que, embora o Projeto considere a venda de produtos e a exploração turística como uma alternativa de renda, para muitos das comunidades e mesmo do grupo, essas atividades não são pensadas como uma alternativa, mas como a única ou a verdadeira possibilidade de renda e de crescimento, ainda que possivelmente estejamos pensando em ganhos financeiros similares, e que estejamos longe de falar em “grandes ambições”. O que muda é o referencial do valor e da representação do potencial de ganhos, em torno das atividades, para que foram capacitados os que participaram em fases anteriores do Projeto Mulheres das Águas e os que estão envolvidos com a atividade turística.

Uiraçu, da CAMARÁ, trata dessa questão quando descreve o potencial do turismo, enquanto apenas uma “alternativa” de renda, com o potencial de proporcionar a manutenção das pessoas em suas terras, promovendo a valorização de suas características culturais e a conservação do Cerrado. Segundo Uiraçu, “Nós pensamos em complementar e pequeno, mas o complementar e pequeno é tudo o que há. Atualmente as atividades que essas pessoas desenvolvem resultam em um retorno complementar e pequeno. É isso. É complementar e pequeno mesmo, e acho que vai continuar assim. O turismo não vai enriquecer ninguém. Mas para eles esse complementar e pequeno, eu acredito, que vai fazer diferença”.

Sobre o impacto e o peso do capitalismo na história e na vida contemporânea, Gonçalves (2001) propõe uma reflexão mais profunda sobre o desenvolvimento do capital, que vá além da percepção de dominação da natureza e do ser humano mesmo, que focalize as relações instituídas a partir da revolução industrial. Assim, precisamos reconhecer que para o processo de exploração do sistema capitalista ocorrer há todo um aparato extra-econômico que precisa ser instalado, e esse processo está vinculado às relações sociais.

Não se trata então de definir o que é melhor, mais o que é possível, o que é viável dentro das diversas concepções e expectativas. E essa descoberta não pode estar em outro lugar senão no diálogo, no reconhecimento da importância do princípio dialógico, conforme apontado por Buber (2004), como uma condição para se pensar e trabalhar com as diferenças, as diferentes representações. E se possível, ao reconhecer o outro Tu, levar a frente um diálogo de representações mais conscientes (MOSCOVICI, 2005), considerando que o outro pode escolher, não apenas revelar, o contrário do que gostaríamos, e ainda assim a porta do diálogo poderá permanecer aberta, a porta de nossos diálogos *mythos* e *logos* (MORIN, 1996).

As representações revelam de que forma esses mitos conduzem as expectativas e os movimentos. As preocupações com a dívida estão ancoradas às negações à sociedade capitalista e esta conduz à imagem do dinheiro. Observamos dinheiro e dívida atrelados aos mais diversos aspectos sociais. De um modo ou de outro esses fenômenos de dívida são, em geral, fenômenos religiosos, econômicos, jurídicos, estéticos, morfológicos, etc. Mauss (1974), conclui ainda pela sobrevivência da dívida, contudo, restrita a ocasiões específicas:

É possível estender essas observações às nossas próprias sociedades. Uma parte considerável de nossa moral e mesmo de nossa vida continua estacionada nesta mesma atmosfera de dívida, de obrigação e de liberdade misturadas. Felizmente, nem tudo está classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas têm ainda um valor sentimental, um valor venal, tanto é que há valores que pertencem somente a este gênero. Não temos apenas uma moral de comerciantes.

Restam-nos pessoas e classes que guardam ainda os costumes de outrora, e quase todos dobramo-nos a eles, pelo menos em certas épocas do ano ou em determinadas ocasiões. (MAUSS, 1974, p.163).

Quando Mauss (1974), ressaltou a importância desses valores econômicos, religiosos e jurídicos, nas sociedades que fizeram parte de seu estudo, ele apontou para necessidade de refletirmos sobre a ausência e a presença dessas dádivas em nossas relações. Para Mauss:

Talvez seja bom que haja outros meios de gastar e de trocar além do puro gasto. Entretanto, a nosso ver, não será no cálculo das necessidades individuais que se encontrará o método da melhor economia. Devemos, acredito, mesmo na medida em que desejamos desenvolver nossa própria riqueza, permanecer um tanto indiferentes de puros financistas, sem deixarmos de ser melhores contabilistas e melhores gerentes. A perseguição brutal dos fins do indivíduo é nociva aos fins e à paz do conjunto, ao ritmo de seu trabalho e de suas alegrias, e – por efeito – retroativo – ao indivíduo mesmo. (MAUSS, 1974, p.163).

A questão das ações e das escolhas ao redor das relações de dádiva, e de outro lado, a incompreensão quanto à forma como as mesmas tornam possível um leque de possibilidades, são tratadas por Mauss (1974) como uma oportunidade de crescimento senão de diálogo, entre os indivíduos, entre os grupos. A partir do dar, receber e retribuir, as sociedades “aprenderam a estabilizar suas relações”:

“(…). Foi somente depois que as pessoas aprenderam a criar e a satisfazer interesses mutuamente, e, enfim, a defende-los sem ter que recorrer as armas. Foi assim que o clã, a tribo, os povos, aprenderam – e é assim que, amanhã, em nosso mundo dito civilizado, as classes e nações, bem como os indivíduos, devem aprender a opor-se sem massacrar-se e a dar-se sem sacrificarem-se uns aos outros. Este é um dos segredos permanentes de sua sabedoria e solidariedade” ((MAUSS, 1974, p. 183).

Mauss (1974) despertou o tema da dádiva em novos estudos, destinados a investigar as pistas dessas dádivas no mundo moderno. Segundo Galvan (2005, p. 73),

O dinheiro – sobretudo se apresentado em sua clássica forma de moeda cunhada – contradiz tão profundamente as relações de dádiva...que provoca sua ressurreição antes mesmo de levar a termo por completo sua destruição. Visto de outro lado, a necessidade de relações diferentes daquelas de compra-venda impõe-se tão profundamente na sociedade que os processos da dádiva, que foram destruídos, são criados e outros ainda, que mal sobreviveram, retomam novo alento dentro do quadro social mudado. Só que, se o quadro mudou, eles também mudaram, mesmo ao permanecer. Ou: para permanecer.

E Galvan (2005, p.80) destaca:

Preliminarmente a qualquer desenvolvimento ou aprofundamento de “economia geral”, no estudo da dádiva e de sua história, o mais importante não é estranhar as profundas diferenças entre seu ciclo e os mecanismos de mercado; é lembrar que os protagonistas – os homens – continuam a ser homens, seres relacionais.

Godbout e Caillé (1999) prosseguem com os estudos sobre a dádiva moderna, perseguem a dádiva, em nosso contexto socioeconômico capitalista. A dádiva moderna está, e como não poderia deixar de ser, mais vinculada ao indivíduo do que à coletividade. Mas ela continua a ser um acontecimento social, um acontecimento relacional. Ela persiste, “re-paginada”, muitas vezes “invisível”, integrada aos valores de uso, e aos valores de troca. A dádiva não desapareceu, está diferente, com uma aparência quase auto-suficiente, condizente com a expectativa individual da modernidade. É como iniciam o tema Godbout e Caillé (1999): “Os tempos são difíceis, mas modernos”, um provérbio italiano utilizado por Sloterdijk (1983 *apud*, GODBOUT e CAILLÉ, 1999).

Há, porém, uma descrença quanto à re-existência da dádiva, se é que ela algum dia deixou de existir, ancorada a tudo o que provocou “profundas mudanças em nossas relações sociais”, e na forma como consolidamos ou mantemos os vínculos que nos interessam. É comum sentir saudade dos “velhos tempos”, principalmente quando as transformações que observamos, ou que ouvimos contar, nos falam do “horror” da “massificação”, do “terror” do capital modificando a vida das pessoas, e isso não será negado. No entanto, podemos participar da dádiva moderna, já estamos participando, nesses “tempos difíceis”.

Nossa memória guarda um tempo que não vivemos: o tempo das trocas isentas de dinheiro, como o melhor meio para sobrevivência e convívio social. Ela também guarda e observamos isso nesse nosso tempo moderno, como o dinheiro, a ganância pelo dinheiro para atingir um patamar de consumo, tem sido cruel, como tem ignorado os recursos naturais e ressaltado as desigualdades sociais. Não nos parece coerente, não nos parece adequado, não acreditamos que podemos vivenciar a dádiva no mundo capitalista. O referencial, a ancoragem que fazemos da dádiva, aquela que queremos e precisamos encontrar está ligada à imagem do passado, e nessa imagem não há “dinheiro”. Essa imagem só pode, então, ser encontrada em comunidades “isoladas”, de vida “simples”, comunidades onde as trocas “realmente” acontecem. Por isso é tão difícil pensar em dádiva com dinheiro, é praticamente impossível e exige grande esforço, porque não temos essa imagem. Para nós, fixados nas trocas de presentes pontuais, o Papai Noel, o dia dos namorados, dos pais, são apenas estratégias do mercado para aumentar as vendas, somente isso. Quando trocamos pequenas gentilezas com os amigos, só estamos sendo, simplesmente educados, e por vezes, cumprimos uma obrigação social. Será mesmo? Ou, será sempre assim?

Segundo Goubout e Caillé (1999), a questão é que nos concentramos nos interesses que existem na dádiva. Para nós a dádiva exige o desinteresse, uma inocuidade que não nos pertence. É preciso perceber não só o interesse em retribuir, essa obrigação que se instala na relação, mas o interesse em dar. O interesse em perpetuar vínculos. O dinheiro, é verdade, tem o poder de encerrar uma proposta de vínculo iniciada, mas não de maneira determinista, e além do mais, existem muitas outras formas de interromper esses vínculos, essas propostas de vínculos, quando elas não nos interessam. Os estudos de Goubout e Caillé (1999) revelam, por exemplo, como uma retribuição imediata, representa, para muitos, a vontade de quem retribui de se desobrigar do vínculo. Para Goubout e Caillé (1999, p. 22) “A dádiva constitui o sistema das relações propriamente sociais na medida em que estas são irredutíveis às relações de interesse econômico ou de poder”.

Está bem que estejamos diante de representações, de diferentes pontos de vista, de diferentes momentos dessa história social econômica. Como diz Jack, personagem do filme de Rebecca Miller (MUNDO DE JACK E ROSE, 2006), “No final é tudo uma questão de gosto”. E pode até parecer que sim, que seja só uma questão de gosto, mas não pode, porque “sabemos” demais, “sentimos” demais. Podemos enxergar só as diferenças entre as “sociedades arcaicas” que Mauss (1974) analisou, ou algumas ínfimas semelhanças que ainda persistem em nossa sociedade, apesar de e, com o advento do dinheiro e do “*homo economicus*”... Afinal, a dádiva se modificou, é a dádiva moderna, mas também podemos viver o benefício do diálogo Eu-Tu de Martin Buber, viver e se relacionar, mesmo com o homem máquina, “complicado como uma máquina de calcular”, a que Mauss (1974) se refere.

Não que sejamos inocentes, isso não parece possível e tão pouco o queremos. “A inocência está perdida para sempre” (GODBOUT e CAILLÉ, 1999). Alguém poderia dizer: “Que ninguém agora vai achar que o cara da soja é bonzinho porque tá destinando alguns fundos para manter o cerrado em pé!”. Mas não estamos propondo essa redução das relações a este nível, legal, financeiro e institucional, estamos discutindo o contexto das representações que construímos de um outro representado, representado enquanto imagem e memória. Admite-se, contudo, que tanto “o mercado como o Estado de direito moderno” agem nessa via de destruição “das tradições” e das “particularidades”, são verdadeiras “máquinas” de “dispositivos antidádiva” (GODBOUT e CAILLÉ, 1999, p. 26). Porém no âmbito de nossas representações também precisamos admitir imbuídos em nosso universo e no universo do outro, “Será preciso indagarmos, ao contrário, se a formação do vínculo social não estaria

obedecendo a regras que nos escapam e que não mantêm com a lógica econômica senão uma relação estranha e paradoxal” (GODBOUT e CAILLÉ, 1999).

Será que, inseridos em uma proposta de mudança nas relações com o meio ambiente, compreendendo aí as relações humanas, poderemos pensar num mundo em que os destruidores irão respirar ar poluído e os conservadores ar limpo, que precisamos viver apartados, separando nossos mundos de acordo com as idéias que os alimentam, que os edificam? O mundo já está dividido e não é uma divisão, que para muitos pareça justa. Então vamos manter o diálogo, podemos discordar, mas manteremos o diálogo. Queremos estar “conscientes”, de que? De que nossas representações, as categorias que estamos constantemente recriando, só confirmem uma tendência? As representações são dinâmicas e nós também. Não parece muito útil ficar preso a categorias estanques. Proporemos uma imagem não de adaptação, adaptação “ao sistema”, mas uma imagem relacional.

Poderíamos também enveredar por uma comparação sem fim entre diferentes sociedades, diferentes épocas, variados aspectos: a posição feminina, a identidade da criança, a concepção da escola, até mesmo a relação com os animais, à relação com a natureza. Mas não é essa a questão e nos perderíamos numa discussão em busca do perfeito, da sociedade perfeita. Ao invés disso, assumiremos viver o mundo, exatamente como ele é, um mundo metade perfeito, com pessoas metade perfeitas, uma mistura de “egoísmo e altruísmo” (GODBOUT e CAILLÉ, 1999, p. 25), vivendo e defendendo seus “meios ambientes”⁵. Um mundo em que inclusão, respeito às diferenças e conservação ambiental inclui planejamento e dinheiro dentro da negociação, da articulação, do desenvolvimento dos projetos, porque o “dinheiro não é tudo”, mas é um componente importante para tal e porque a diversidade social inclui os sujeitos “urbanos”, “capitalistas” e até mesmo, o “grande proprietário”, aquele que interfere na cultura local e, que modifica a paisagem.

Mauss (1974) propõe pensar esse aspecto diverso e relacional da sociedade, compreendido por diferentes interesses e visões de mundo, num patamar mais estratégico, numa visão relacional e política:

⁵ A palavra a qual nos referimos ao ambiente, meio ambiente, até parece mais adequada agora, quando nos damos conta de que o ambiente, pensado socialmente, é pensado e vivido exatamente assim, uma parte do ambiente, à parte que envolve cada grupo, aos limites representados pelos diversos grupos, que cada sociedade opera, meio ambiente não como uma afirmação de cisão, de exclusão, mais uma afirmação do reconhecimento que estamos nos relacionando nesse universo de diferenças, de diferentes representações.

Estudos desse gênero permitem, com efeito, entrever, medir e equilibrar os diversos móveis estéticos, morais, religiosos, econômicos, os diversos fatores materiais e democráticos cujo conjunto fundamenta a sociedade e constitui a vida em comum e cuja direção consciente é a arte suprema, a Política [...] (Mauss, 1974, p. 184).

Se quisermos trabalhar em prol de uma perspectiva de transformação, que compreenda valorizar as relações sociais e a diversidade ambiental, faz-se necessário uma reflexão sobre até onde poderemos ir se criarmos um espaço, somente para os que são merecedores de entrar, somente para aqueles que correspondem sentimentalmente e racionalmente às nossas expectativas, às nossas representações sociais. A porta tende a ser estreita demais, e no final a imagem não será mais de um caracol coletivo que nos leve à nossa própria responsabilidade para com o mundo, para com as comunidades, para com o ambiente natural, mas a de um círculo fechado, onde muitos ficarão de fora. Não queremos aqui, criar mais uma utopia, a da crença em um mundo isento de lutas, mas também não queremos nos fixar somente na luta, sobretudo quando elas tendem a se tornar os “monólogos surdos” a que Gonçalves (2001) se refere, quando estão engessadas em rígidas representações (MOSCOVICI, 2005).

É necessário levar em conta que os sujeitos, enquanto “agentes de conduta econômica” e imbuídos em processos socioeconômicos, são dotados de incertezas, quanto a seus recursos e quanto a seus objetivos recíprocos, estando e se movimentando para além da escassez e das “necessidades financeiras excessivas”. Isso acontece, mesmo em uma sociedade, que se concentra no individualismo, em que o universo complexo das relações sociais está aparentemente excluído, e conseqüentemente, exclui-se também, os investimentos coletivos, as interações políticas, e os diversos processos necessários para tornar a ação possível. Tudo isso é muitas vezes, considerado irracional, uma vez que não está afinado com o modelo de capitalismo e sociedade que pode e deve atingir suas respectivas metas. “O dar, a reciprocidade, os laços de consangüinidade e de religião estão todos aí para mostrar os limites da lei de oferta e de procura e também das próprias teorias de psicologia social” (MOSCOVICI, 2005, p. 126). Imprimindo imprevisibilidade às possibilidades de previsões do comportamento social, impondo alteridade na investigação das representações sociais e conduzindo a um repensar dessas representações e das suas interferências nas relações, desta perspectiva relacional como a verdadeira reveladora dos potenciais e dos desafios para o desenvolvimento de projetos socioambientais.

E como exercer esse entendimento, e tomar consciência das próprias representações? Paulo Freire nos conduz pelo caminho da humildade, resgatando o amor pela humanidade, com todos os seus percalços e desgastes, suas inconstâncias e duras realidades não dos outros,

mas de todos nós. E neste encontro lembrar que: “Sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa. Transforma-se na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista” (FREIRE, 1979). Ou em uma constante angustia, um provável emperrar dos próprios caminhos e de outras oportunidades de trocas, e relacionamentos.

Relacionar-se é, segundo Buber (2004), abrir a porta do diálogo, mantendo a conversação ante todo o mistério e alteridade do outro. O outro, muitas vezes categorizado, numa relação Eu-Isso, relação que conforme Buber também se faz necessária. É a exclusividade de relações Eu-Isso com o outro, no entanto, que depõe contra as possibilidades de diálogo e de trocas reais, de relações do tipo Eu-Tu. Essa exclusividade é que colabora para restringir o universo das representações, impedindo os diálogos e levando aos monólogos da estagnação.

É da inteireza que trata este trabalho, a inteireza que permite conciliar várias “verdades” (ainda que tenha abordado apenas alguns aspectos), que não intenciona abandonar algumas tornando-as dispensáveis, mas procura entender que ligações existem entre elas, entre o passado e o presente, as faces da liberdade e da obrigação, da condição, os pensamentos opostos e os contraditórios, levando-se em conta que são todos constituintes do universo pensado e criado pelo humano. As representações sociais são criadas, elas têm um sentido, uma coerência, elas cumprem o seu papel revelando as complexas redes com que o pensamento social traduz os significados do seu mundo e conduz aos movimentos e aos relacionamentos.

5 À ESPERA, A BUSCA E A EXPECTATIVA DO OUTRO

Segundo Gambini (2001), à época do descobrimento do Brasil, o encontro entre índios e portugueses guardava um conflito entre o inconsciente e o consciente: a projeção positiva do Tupi esperava, segundo sua mitologia, a chegada de “um homem novo que mostraria o caminho para a Terra sem Mal”, o que, sem dúvida facilitou a aproximação nos primeiros contatos. Embora os portugueses trouxessem a percepção do Paraíso terrestre na paisagem, num mundo sem pecado, os índios foram também, posteriormente, considerados sem alma e “filhos do demônio”. O familiar, idealizado pela igreja católica, encontra o aspecto concreto da imagem idealizada nos homens e mulheres que aqui habitavam. No entanto, a Europa católica da época do descobrimento, pautava-se pela intolerância aos diferentes, com a eliminação do pagão, do mouro e do judeu, e não haveria de ser diferente com os índios do Brasil. Quanto à civilização européia, valia-se da racionalidade para justificar sua soberania em relação a outras civilizações com diferentes visões de mundo.

Qual o poder do outro que faço representar e que ao mesmo tempo, me reserva um mistério, uma ameaça, ou uma graça, e pode modificar o sentido do meu mundo? O mito em torno do outro, atualizado em novas representações, o outro que chega, o outro que busca, o outro que pode “mudar o tom”, e revelar soluções que não consigo encontrar. Aqui, o Projeto Mulheres das Águas vivencia um outro encontro, o das representações do outro, encontro de representações, projetadas neste encontro, dando vida e alimentando os mitos que persistem em torno do outro, do encontro com o outro. Ao mesmo tempo, revelam-se as conexões entre arquétipos mitológicos e representações sociais, na imersão do indivíduo e da comunidade no mundo social. Segundo Gambini, (1993, p.12):

Com todo o avanço de nossa ciência e nossa vã filosofia, nós também precisamos de mitos ou de imagens incomuns para expressar níveis da realidade situados além do conhecido. O que vale dizer: enquanto houver algo ainda por conhecer, haverá mitos como formas que a própria natureza fornece ao homem para falar daquilo que seu espírito intui mas sua mente não esgota. Desaparecerão um dia? Isso ninguém sabe dizer. Provavelmente não, nunca – ou então também o devir desaparecerá. Os mitos revelam o fundo da alma. O fundo da alma – não da mente – é repleto de imagens incomuns, bizarras, inesperadas, que chocam e exasperam a mente consciente porque a desafiam, como a provar-lhe que aquilo que chama de realidade é apenas um arranjo temporário e superficial das coisas, que tudo é se assim parece, mas que o ser é abismal e inesgotável [...] Um mito contém tanta verdade sobre a natureza do real quanto a mais avançada descoberta da teoria quântica ou a mais profunda intuição da psicologia do inconsciente. Aí reside seu valor, que ultrapassa os códigos estéticos da literatura ou da arte. Um mito vale não apenas por ser belo, mas porque contém uma centelha de conhecimento roubado aos céus como o fogo de Prometeu ou da arara.

De acordo com Morin (1996) “*mhytos*” e “*logos*” estão em constante relação, e esta relação não se restringe somente a uma relação de oposição entre o pensamento “empírico/técnico/racional” e o pensamento “simbólico/mitológico/mágico”. Ao contrário,

Os dois modos coexistem, entretajam-se, estão em constantes interações, como se tivessem uma necessidade permanente um do outro; podem por vezes confundir-se, mas sempre provisoriamente (toda a renúncia ao conhecimento empírico/técnico/racional conduziria os humanos à morte, toda a renúncia às suas crenças fundamentais desintegraria a sua sociedade) (MORIN, 1996, p. 144).

Os mitos foram transformados e sendo integrados às religiões. A oposição entre ciência e religião, entre mito e razão, porém, não eliminou o conhecimento e a necessidade do pensamento mitológico, “e, paradoxalmente, é na sua pretensão a reger e guiar a humanidade que a Razão e a Ciência se vão achar parasitadas pelo mito” (MORIN, 1996, p. 145). Assim, “[...] embora os dois pensamentos tenham se tornado antagonistas, vivemos, não só a sua oposição, mas também a sua coabitação, as suas interações e as suas trocas clandestinas e quotidianas” (MORIN, 1996, p. 145).

Assim é que neste ponto assumimos, definitivamente, a força e a presença dos mitos, se revelando por todos os cantos, contos, poesias e histórias de vida. Identificamos então o arquétipo do herói e outros, como o do “monstro-tirano”. E utilizamos os próprios mitos, suas mensagens para desenvolver a discussão e promover reflexões, buscando-se uma crítica mais coerente com toda a proposta de reconhecimento de diferenças da dissertação, diferenças temporais e atemporais, diferenças que estão “acima do ilusório”.

Segundo Campbell, (1990), arquétipos são idéias comuns presentes nos mitos, idéias que se repetem e que estão relacionadas ao inconsciente. “Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana, esses arquétipos, ou idéias elementares, aparecem sob diferentes roupagens. As diferenças nas roupagens decorrem do ambiente e das condições históricas” (CAMPBELL, 1990, p. 55). Dessa forma, a imagem do herói evolui segundo os conceitos e idéias de seu tempo, “o herói evolui à medida que a cultura evolui [...]” (CAMPBELL, 1990, p. 144). Mas, que novas roupagens encontramos nestes arquétipos, idéias alimentares, quando nos referimos a representações do outro, um herói, muitos heróis e suas diversas representações? E o que buscam nossos “heróis”, que representações estão envolvidas nessas buscas?

Os heróis de que falamos são históricos, necessários e são também reais:

Transe de violência
 Vaidade demente
 Guerras à nossa espreita
 Restos à nossa gente
 Que ferramenta
 Eu uso pra viver?
 [...]
 Será que nenhum de vocês
 Sabe falar português?
 Então, em nome da nossa dor
 Eu exijo um tradutor
 Alguém de carne e osso
 Alguém em quem se possa confiar um pouco
 [...]
 (LUÍS e DUNCAN, 2005)

São estes os heróis de hoje, de sempre. Aqueles que estão para os outros, e que não estão presos às normas, aos caminhos usuais, que conseguem traduzir para o mundo o que representam essas dores. O herói na vida real é também alguém que persegue seus ideais, ele está num ponto da vida, que Campbell (1990) chama de “bem aventuraça” e nessa busca exerce também um papel social, contrapondo ao individualismo o direito democrático da sociedade.

Brandão (1989, p. 15) procura a origem dos heróis: eles teriam surgido dos mitos ou seriam personagens históricos, seriam em sua origem, humanos ou deuses? Não parece possível distinguir o que ou quem surgiu primeiro, se o herói mitológico ou o histórico. Mas o fundamental no herói é que ele supre uma necessidade, uma ausência no “organismo coletivo”. Quanto a sua natureza, Brelich (*apud* BRANDÃO, 1989), baseando-se nas características dos heróis mitológicos, considera sua posição sobre-humana, porque ele não é exatamente um Deus, mas ele transgredir a “normalidade” das atitudes, das regras humanas impostas pelos “Deuses”, no caso dos heróis da mitologia grega. Já a origem etimológica nos conduz a “guardião, defensor”, aquele que “nasceu para servir” (BRANDÃO, 1989, p. 15). Vargas aponta para sua relevância arquetípica, individual e social, colaborando para “a estruturação e desenvolvimento de nossa consciência” (VARGAS, 1989, p. 9).

5.1 “SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE”

O outro, é o diferente. Ele compõe mistério, estranheza, mas também a expectativa do que o seu olhar revela sobre mim, sobre os meus. Acima de tudo ele pode revelar para os outros, com os quais me relaciono, aquilo que eu não consigo fazer acreditar, ou ainda, ele

pode revelar a mim mesmo, os caminhos para a solução dos problemas que a minha costumeira presença ou representação já não dá conta de decifrar.

Moscovici (1990) destaca o pensamento social expresso em ditos populares, a consolidação de imagens e idéias que falam por elas mesmas, imagens e idéias tão presentes nas sociedades onde são correntemente utilizadas, que se tornam, em geral, a melhor forma de caracterizar uma determinada situação e revelam, ao final, a própria representação envolvida. Os ditos populares expressam muito bem a relevância desse outro, estranho, “de fora” para as revelações que esse encontro pode proporcionar. Afinal: “Santo de casa não faz milagre”. Esse foi um dos ditos mais proferidos, durante as entrevistas, como um resumo do porquê de tantas dificuldades. O dito expressa também a origem dos desafios para que os processos já desenvolvidos, de capacitação e elaboração de produtos atrelados ao Cerrado fossem percebidos e valorizados pela comunidade de São João, e até mesmo para que os objetivos atuais, voltados ao desenvolvimento turístico, fossem alcançados.

Acurana, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que representou seu grupo nas primeiras reuniões do Projeto Mulheres das Águas, fala da importância do “pessoal de fora” “pra valorizar o que é daqui”, tanto para “explicar que isso tem valor”, quanto para dar o valor mesmo, “pagar por isso”, já que as pessoas locais não percebem essa possibilidade de renda:

Sem muita visão com pouco recurso, mas eles precisam do conhecimento de que o atrativo pode desenvolver o turismo, mas eles não acreditam que eles podem tirar o sustento dali, não sabe que o atrativo pode gerar renda. Acho que é porque ninguém nunca foi lá dizer que aquilo pode gerar renda. Talvez porque ninguém nunca procurou para pagar. O pessoal não tem capacitação, era necessário ter. Eu acho que o fato mais importante para São João da Aliança é o turista vir, com o turista as pessoas irão melhorar (saberiam o que fazer para receber o turista). O que falta é divulgação para o turista vir para São João da Aliança, com o turista as pessoas procurariam a capacitação, seria um estímulo para as pessoas.

Iraúna, da Mulheres das Águas, também se refere ao outro, até mesmo em relação aos hábitos alimentares. Ela atribui a dificuldade de venda das geléias produzidas a partir de frutas do Cerrado, ao pouco interesse das pessoas locais para com esses produtos:

Eu acho que vai incentiva até varias produção de São João d’Aliança que o povo não produz porque não valoriza. O povo não valoriza as frutas do Cerrado, porque não tem consumo, não tem quem dá valor. À medida que vem o turista e gosta das coisas que é feita do Cerrado, uma palha de buriti, muitas pessoa daqui vão passar a usar. Até na parte da alimentação, às vezes tem um alimento que ninguém aqui conhecia ele, na medida que começa a ter um desenvolvimento turístico, você começa fazer, pra fazer uma coisa diferente, de uma coisa que tem aqui e que ninguém usava. A gente num usava cagaíta, nem suco de manga, de caju. A medida que veio o curso a gente começou a fazer geléia, e a usar pra suco, pra doce.

Na fala da Iraúna, estão presentes importantes representações relacionadas ao turista, que incentiva ainda o consumo de novos alimentos, e a grande influência que os cursos exerceram sobre sua própria alimentação. Porém no caso específico desta atividade, já tão familiar ao grupo, a questão financeira, a dificuldade de escoamento dos produtos e o pouco acesso a recursos tecnológicos, que garantam o atendimento às exigências sanitárias para elaboração do produto, também são alguns dos desafios para que a mesma exerça esta atividade, conforme apresentado anteriormente.

Urutau, que explora a atividade turística na Comunidade do Mingau, destaca esse outro, revelando para ele a oportunidade que estava “diante de seus olhos” e não conseguia perceber quando quase desistiu de sua parcela, para voltar a sua antiga comunidade:

Com um ano já tinha gente querendo comprar minha parcela. Porque dá pra explorar o turismo. Já tem oito anos que eu tô aqui. Mas só tem três anos que eu comecei a explorar. Isso começou porque vinha gente da UnB, o pessoal de São João, tinha gente que vinha acampa. Eles achavam o lugar bonito, gostavam de banha aqui, e foram me falando disso. Aí eu vi que minha parcela, eu podia tentar viver disso. Eu to querendo fazer o projeto e trabalhar, trabalhar mesmo.

Mas por que é o outro que me revela? Por que ele tem esse poder? Ou será conhecimento? Representação? Moscovici (2003) trata do poder da ciência, do conhecimento interferindo nas representações, criando novas representações, da mesma forma, da influência das minorias na constituição de novas representações. Para alguns componentes do grupo envolvido no Projeto Mulheres das Águas, a percepção do empoderamento que o conhecimento permite, dá passagem e força para essa representação, criando a expectativa do outro como aquele que soluciona, que me indica os caminhos que preciso seguir para vencer os desafios.

5.2 O ESTRANGEIRO HERÓI

Um “estrangeiro” lembrado por alguns entrevistados, em um momento de grandes dificuldades e preocupações das comunidades rurais de São João d’Aliança, foi o Padre Bernardo. O momento era de invasões e violência sofridas por pequenos produtores rurais. Inhambu lembra esse período, quando viu algumas casas serem queimadas e as pessoas fugindo das suas terras, e se refere ao fato como a origem de seus temores em relação aos grandes proprietários.

Faria (2001, p. 18), cita a passagem do Padre Bernardo, um padre holandês, que entrevistou pela comunidade Pedra de Amolar, ante a invasão de suas terras:

Movido pelo seu jeito
 De europeu destemido
 Descobrimo a verdade
 Se viu de armas munido
 Aproveitando o momento
 Que era de eleições
 Padre Bernardo denuncia
 Um por um os figurões
 [...]
 Cita nome, mostra provas
 Defende a população
 Sela de vez seu destino
 Que será a remoção
 Em pouco tempo o padre
 De São João foi removido
 Mandado pra Cabeceiras
 Longe de seu povo querido

O Padre Bernardo é lembrado como um herói, com coragem de “europeu destemido”, desafiou as relações sociais usuais de temor pelo “mais forte”, mas acabou sendo transferido para outra cidade.

Um outro estrangeiro também passou por São João e esteve presente em quase todas as entrevistas, mencionado principalmente por seu papel no início do processo de pensar o turismo para o Município. Tauató, da ONG AGEMA, fala da importância do outro, Surucuã, estrangeiro, despertando seu interesse para a atividade turística. Segundo Tauató, Surucuã pensava no turismo como uma proposta de alternativa econômica para São João e também para a conservação do cerrado e sua diversidade cultural, diferente dos processos de exclusão e degradação ambiental, gerados pelas atividades agrícolas. Esse contato com Surucuã acabou o levando a fazer o primeiro curso de guia e montar, ao final, a AGEMA:

Resolvi vender o caminhão e eu fui trabalhar na construção. Foi quando eu conheci o Surucuã e aí comecei a conhecer as pessoas. Eu assim era muito amigo dele, tinha muita confiança na amizade dele e tudo. A construção e o negócio do turismo a gente começo a pensar. Ele é um ambientalista nato. A construção dele, ele num permitia tirar nenhum galho, nenhuma árvore. [...] A gente fez o curso básico de guia, e eu num tinha nem idéia do que que podia gerar ali, junto com o pessoal da Nativa. Até então só se via São Jorge e Alto Paraíso como local de turismo e começaram a perceber que o entorno também tinha potencial, até melhor. E aí, na verdade, foi o Surucuã que percebeu isso, ele pediu para o Sebrae, o curso em São João.

Surucuã conseguiu apoio financeiro para a reforma de uma casa, chamada de Casa da Capetinga, local onde aconteceu a Escola Bioma Cerrado, um curso para guias turístico, com a duração de um ano e meio, direcionado para questões relacionadas a meio ambiente e diversidade cultural. O retorno de Surucuã a seu país de origem acabou representando um marco para Tauató, com a desarticulação das pessoas envolvidas. A imagem de Surucuã é

contraditória, ele é um “ecologista nato”, uma pessoa visionária, mas por outro lado, foi embora, deixando um grupo que trabalhava segundo sua orientação sem essa referência, sem esse apoio.

Chincoã, da CAMARÁ, lembra da fala de Tauató, quando o grupo da fase atual do Projeto Mulheres das Águas, participou de um curso de capacitação para elaboração de projetos. Esse curso representava uma mudança na perspectiva de participação dos envolvidos, que deveria ocorrer de maneira mais autônoma, com a elaboração de subprojetos a serem aprovados pelo Conselho Gestor: “Eu não esqueço da fala do Tauató durante o curso de capacitação: ‘Quer dizer que agora é diferente, antes a gente fazia o que o Surucuã falava, ele é que escrevia os Projetos. Agora não, a gente é que vai ter que escrever’”. Essa mudança faz parte da estratégia de desenvolvimento do Projeto Mulheres das Águas, direcionado para autonomia dos grupos e afinado com os objetivos da CAMARÁ e da AD Capetinga. A estratégia promove também um conflito: se por um lado amplia os mecanismos e as possibilidades de participação, por outro representa um desafio, o desafio inerente aos riscos da autonomia, da liberdade, e ao mesmo tempo das responsabilidades que as acompanham.

Quando Acauã chegou a São João, o grupo já estava desarticulado em relação ao turismo. Ele conheceu Cauré, Tauató, Corruíra, Arapaçu e recebeu apoio principalmente de Cauré e Tauató para fazer um reconhecimento do local, dos atrativos naturais, que durou cerca de doze dias. A atividade turística não estava acontecendo como planejado inicialmente, porém já havia uma expectativa em torno da mesma, assim como em torno de um apoio externo, e de um “outro”, ancorado na experiência anterior do grupo. Acauã, não é de São João e também vê essa possibilidade turística como um potencial para o Município e para a valorização das comunidades locais e a conservação do cerrado. A presença anterior de Surucuã acaba colaborando para esse encontro entre o que Acauã buscava em termos profissionais e o que alguns componentes do grupo anterior já haviam experimentado e pensado para São João com o apoio do “outro” Surucuã.

No entanto, Acauã sente um outro aspecto dessa expectativa, o risco de que a história se repita, de que o turismo não aconteça como pretendem, de que ele vá embora, desarticulando novamente esse outro grupo: “Tô com medo de ser o novo Surucuã da parada, porque ele fez coisa para caramba e todo mundo joga pedra no cara” (ACAUÃ). Acauã, não é só o “outro” que veio de fora, ancorado a imagem de Surucuã, ele representa a UnB, assim sua imagem também está atrelada a Universidade, e às expectativas em torno dele também

O que dizer sobre o “outro” que a universidade representa? No retorno da Comunidade do Forte, quando Tauató trabalhou como guia para a pesquisa de campo, ele fala de suas expectativas para com a minha pesquisa. Ele espera que a pesquisa traga também soluções, porque vem da universidade, da Universidade de Brasília. Ele cobra um retorno, e faz uma grande distinção entre o seu conhecimento e o meu, situando o meu dentro de uma grande expectativa. Ao chegar em São João nós conversamos cerca de uma hora sobre conhecimento, e capacidade de resolução de problemas, sobre o processo de aprendizagem que busco, por meio do curso de pós-graduação, mas principalmente sobre a pesquisa de campo, e a troca de saberes que esta proporciona.

Contudo, retornando à Brasília, inicia-se uma outra reflexão: quando argumentamos sobre o reconhecimento e a valorização de saberes, saberes ambientais, culturais, tradicionais, populares, talvez não estejamos tomando em consideração que muitos dos problemas tradicionais, populares, culturais e ambientais, não surgem tanto no âmbito desses mesmos referenciais. Assim é que as soluções passam a ser buscadas “fora”, em parte, porque não encontra um sentido, um referencial dentro das próprias comunidades.

Tomemos como exemplo a comunidade Xavante de Pimentel Barbosa, confinada em sua Terra Indígena, transformada numa ilha, em termos espaciais, cercada por plantios de grãos, no contexto de expansão agrícola do Estado do Mato Grosso. A recuperação demográfica da comunidade e a aquisição de armas de caça pressionam a sua maior fonte de proteína: os grandes mamíferos do cerrado. Essa comunidade trabalha há quinze anos com pesquisadores estrangeiros e o apoio do WWF para efetivar um plano de manejo de fauna (WWF-BRASIL, 2000).

Os problemas que nos propomos a discutir, dentro de uma perspectiva de conservação ambiental e diversidade cultural, tomam uma proporção bem maior do que os problemas que estão restritos a um saber-fazer comunitário. Eles envolvem grandes proprietários, pressões econômicas, capacidade de acesso a recursos financeiros e tecnológicos, e toda uma representação social vinculada a esses saberes, são desafios e limites impostos não só pelas representações, mas pelas próprias condições de autonomia intrínseca ao contexto de nossa sociedade. E não é possível negar este fato. Ao invés disso, precisamos estar atentos novamente à valorização das capacidades e ao reconhecimento dos saberes sim, dentro de uma perspectiva voltada para as singularidades do outro.

Porém, nem sempre o apoio externo garante que os objetivos serão alcançados. No caso dos Xavante, no segundo projeto de plano de manejo, muitas das propostas não foram aceitas pela comunidade, pois não estavam de acordo com a sua realidade, as suas necessidades. E o projeto sofreu diversas mudanças, caso contrário, não ocorreria. Uma das recomendações tratava da proibição da caça de filhotes de tamanduá-bandeira, o que não foi possível, pois era a carne oferecida aos idosos, por ser mais macia. (WWF-BRASIL, 2000).

Não se trata, é claro, de uma transferência de responsabilidades, não é essa a idéia. O objetivo é encontrar soluções em conjunto, unir saberes para tentar lidar com as complexidades dos problemas que nos propomos a discutir. E não estamos no Projeto Mulheres das Águas, tratando da caça de animais silvestres, falamos a mesma “língua”. No entanto, há uma proposta de participação comunitária que reconhece as diferenças, e ainda assim, parecem existir limites para que o diálogo ocorra. Pelo menos, assim foram percebidos pelos sujeitos durante o período da pesquisa como observamos a seguir.

Tauató traz a tona, a importância da Universidade nessa troca de saberes. O papel da Universidade, uma Instituição pública, que para alguns entrevistados em São João, por muitas vezes representa, mais um processo de exclusão social, de desconsideração pela comunidade envolvida. Inhambu trata do histórico de pesquisas, ancorando o que seria, até então, a representação da UnB no Município, para seu grupo, AD Capetinga:

Até no início a gente tinha muito aquela coisa de crítica, desde de noventa e sete. Tem pesquisa demais, desde geologia, tem gente que trouxe até mineradora. A gente num tem nada, tem pesquisa que a gente só descobre depois. Eu só descobro porque eu tenho mania de ler coisas. Tem na área de fitoterapia, num tem retorno pra comunidade. O Município num tem nem um lugar que peça uma autorização para isso, você nem sabe se alguém já fez isso, que você ta fazendo.

Parece que essa desconfiança, aliada à percepção do poder do conhecimento e do acesso, colaboram para formar uma representação, uma representação que não chega a criar uma barreira, mas mantém “um pé atrás” ou deixa “uma pulga atrás da orelha”.

Seguindo com a discussão, Chincão, da ONG CAMARÁ, fala da necessidade de autonomia dos grupos, do estímulo a essa autonomia, como o principal objetivo do seu grupo:

O objetivo da CAMARÁ é apoiar o desenvolvimento de grupos que estejam interessados na conservação ambiental e valorização de práticas culturais relacionadas à esta conservação. Então, eu gostaria de ver os grupos, as associações de São João, agindo mais autonomamente, adquirindo e administrando recursos de apoio, tomando suas próprias decisões diante dos problemas que querem resolver e os objetivos que querem alcançar.

Porém, para Inhambu, do grupo AD Capetinga, a CAMARÁ é o outro que tem condições e está mais habilitado a concorrer a novos apoios financeiros, apesar de todos os apoios que seu próprio grupo já recebeu e das parcerias que estabeleceram, incluindo o IBAMA, o WWF, a JICA, e ultimamente a Organização Ecodata. Além disso, chama a atenção o fato de seus objetivos estarem afinados com o da própria CAMARÁ. São relatos desses posicionamentos:

Pra concorrer a esse outro apoio, da ALSO, tem que ser a CAMARÁ junto com a UnB, num é a AD Capetinga, a AGEMA que vai conseguir isso. É o nome que está por traz, é o nome da UnB, é a Chincoã, é a Caburé, num é o Tauató ou a Inhambu que vão conseguir isso.

A AGEMA, a GIRO, todos nasceram da AD Capetinga. O papel da AD é exatamente isso, pegar um grupo e tornar autosustentável, você vai capacitar esse grupo para afinidade dele e pronto.

Há, uma percepção da CAMARÁ, como a detentora do recurso financeiro, ainda que a organização esteja trabalhando com esse recurso por meio de subprojetos, compondo uma representação do outro, possuidor de conhecimento e prestígio, poder social, poder financeiro, poder de decisão e “afastado”, “distante”:

Essa coisa da gestão tá em Brasília, com pessoas que não tem afinidade com o local também atrapalha. [...] É essa coisa, quem ta atrás, de certa forma com o poder, num tem vínculo afetivo com o local. Para o Acauã é um trabalho, para a Chincoã e o Uiraçu também é um trabalho. Pausa...O Acauã não, ele ta enraizando.

Por que os vínculos afetivos são tão importantes para Inhambu e a que imagens a ausência deles está associada, que experiências anteriores foram reveladas? Inhambu fala de “outros”, sobre o que deixaram, e não deixaram, sobre o porquê de alguns componentes do grupo ficarem “ressabiados”:

Mas a gente já levou muita pancada. O Sebrae, os próprios representantes do governo, eles num vêm por amor. Outros grupos que vieram e depois que termina eles vão embora, quando acabam as diárias, aí termina tudo. Ele (Anacã) tava descrente, o Tauató, o Cauré, só eu, o Arapaçu e a Murucututu que ficamos insistindo de novo. Eu acho que é respaldo financeiro também. Tava todo mundo desempregado, o pessoal agora tem algum trabalho. (Sobre a participação no Projeto).

Benvindo (2005) propõe uma discussão em torno das possibilidades do agir comunicativo, por meio de um questionamento: “Será que a comunicação emancipa?” A comunicação social, apesar de ser “a primeira importante manifestação da racionalidade humana”, parece não ser suficiente para superação dos desafios da modernidade, e “há, no mundo, muito mais fatores que a comunicação. E esses fatores podem exigir algo além do discurso para a sua própria reflexão [...]” (BENVINDO, 2005, p. 264). Some-se a isso o fato

de que uma auto-reflexão, baseada no poder da comunicação, também pode ser questionada em torno do seu próprio potencial de se provocar uma real auto-reflexão. Há uma grande dificuldade de “se colocar no lugar do outro, que é a condição para sua própria compreensão e auto-reflexividade” (BENVINDO, 2005, p. 265). Faz-se necessário, no percurso dessa proposição que o relacionamento com o outro leve a “um relacionamento consigo mesmo”.

Assim, a reflexão pode ser uma ferramenta de emancipação, pois que “não opera dentro das mesmas estruturas” do que o que está sendo pensado. E só assim, ela pode transcender, mesmo correndo o risco de se distanciar do real, mas promovendo um pensar que não está amarrado ao contexto. Portanto, “o sujeito que reconhece o outro enquanto se reconhece” (BENVINDO, 2005, p. 275). Aí sim, conduz-se a uma reflexão, que no seu “vir-a-ser” produz uma tendência à emancipação por meio da comunicação. Eu reconheço o outro, a sua representação, mas também me reconheço. Posso colaborar com o seu pensar e colaborar com meu, refletindo sob as diferenças e as possibilidades. Vivenciamos, então, a nossa própria emancipação. Por meio da auto-reflexão pode-se perceber o potencial de desenvolvimento do Projeto a partir das diversas singularidades, singularidades de conhecimento, de experiências, aumentando-se a força desse espaço de valorização das capacidades singulares.

Existe, porém, algo que faz com que a presença do outro, além de seu poder de conhecimento, exerça uma influência sobre o sujeito. Neste caso, destacamos o outro que tem representações que são familiares aos sujeitos, que fazem sentido, que tem algo a lhes dizer coerente com suas representações, embora espera-se que possa “transcender” às mesmas, porque fala de um outro contexto. O sujeito familiar, não apenas em termos de “proposta”, mas quanto à sua identificação abrangente com as “dores”, “o tipo de vida”, fortalecendo os vínculos e entrelaçando as representações. E então, podemos observar os encontros... A vivência dos arquétipos mitológicos, envolvidos em busca de um outro que corresponda à essas expectativas... o “outro” buscado e o “outro” esperado.

5.3 OS HERÓIS E SUAS FAÇANHAS

Mas antes do herói em sua “bem aventura”, tratamos de destacar várias façanhas heróicas reveladas, quer sejam pela história da origem de algumas comunidades de São João, quer sejam em histórias pessoais voltados para a família e para o grupo social. Essas façanhas heróicas compõem um melhor entendimento dos sujeitos, de seus valores, de suas representações sociais, enquanto dotam de sentido seu mundo de relações e significados.

5.3.1 O herói polonês e seus descendentes

O sobrenome Szervinsk está por todos os lados. É um sobrenome polonês. Existe uma história e várias versões, com algumas pequenas diferenças, sobre o primeiro Szervinsk que chegou a esta região: Antônio Rebendoleng Szervinsk.

Utilizamos novamente, como referência, o trabalho realizado por FARIA (2001) durante a Escola Bioma Cerrado, no processo de resgate cultural das comunidades, para contar algumas partes da história heróica de Antônio. Antônio Szervinsk era um soldado em meio à guerra por expansão econômica e religiosa no velho mundo:

Um valoroso guerreiro
 Desobedeceu a seu rei
 Não aprovando a guerra
 E o massacre de seu povo
 Esse jovem polonês
 Tomou o caminho novo
 [...]
 O guerreiro dissidente
 Pra não cair em perdição
 Sendo ele muito crente
 Recorreu à religião
 Orou com fé e esperança
 Pedindo ao seu defensor
 Que lhe mostrasse um destino
 E o levasse com amor (FARIA, 2001, p. 6)

O guerreiro parte, então, para as desventuras do mar. Ele sente medo, mas segue... Passa por uma “tempestade violenta”, um naufrágio, passa fome, sede. Encontra outro barco, mas continua sua viagem sozinho, com mais determinação ainda, em direção ao novo mundo. Chegando ao Brasil, é seqüestrado por índios, e pressentindo a morte:

Jesus meu bom Senhor
 Já me livraste no mar
 Escutai meu clamor
 Livrai-me dessa maldade
 Que eu te honrarei meu Deus
 Por toda a eternidade
 Serei um homem de paz
 Um homem de oração (FARIA, 2001, p. 6)

Szervinsk é salvo por um padre, e passa a trabalhar com o mesmo com gratidão. Quando o padre morre, ele parte novamente, “Desbravando esse Brasil”. Chega até o interior de Minas e lá é acolhido por “um povo hospitaleiro”, onde trabalha e aprende a criar gado e cultivar a terra. Ele se apaixona pela filha de seu anfitrião, mas como não possui qualquer bem para começar essa nova vida, parte novamente:

Numa grande aventura
 Se uniu a outros homens
 De destemor sem igual
 Saiu desbravando as terras
 Rumo ao Planalto Central (FARIA, 2001, p. 7)

Ele encontra seu lugar e depois volta com o sogro e a esposa, para conhecerem a região: “Que paisagens naturais tinham em ostentação”. A partir daí Freitas (2001) desenvolve a descrição dos caminhos da descendência que deram origem a várias comunidades: Fazendinha, João Paulo, Criminoso, Pontezinha, Alto Paraíso, Brancas, Carestia e Ribeiro.

E o texto destaca a força dessa história:

Da vida na Europa
 Antonio muito contava
 As suas muitas façanhas
 A todos impressionava
 Porém os seus resultados
 Ninguém não imaginava
 Viriam se tornar lendas
 Por gerações recontadas (FARIA, 2001, p. 8).
 [...]

 Vivendo em grande modéstia
 Esse povo se firmou
 Criaram profundas raízes
 Por isso não se acabou
 O povo da região
 De São João e Água Fria
 Também Alto Paraíso
 Descendendo dessa família (FARIA, 2001, p. 15)

Antes de morrer, Szervinsk ainda realiza seu último feito heróico, parte com os filhos e recupera uma espada, que havia cravado em uma Palmeira quando chegou a região:

A natureza guardou
 Com cuidado redobrado
 A encomenda que Antônio
 Ali havia deixado
 O tronco ainda estava verde
 Onde a espada estava
 Pegando ali sol e chuva
 Não oxidou a espada (FARIA, 2001, p. 16)

Assim o “herói” cumpre sua última missão e deixa seus descendentes:

O velho Rebendoleng
 Se fez como grão de milho
 Morreu pra gerar outros grãos
 Uma multidão de filhos
 Seus descendentes fecundos
 Não cessam de aumentar
 São muitos que já nasceram
 Que não se pode contar (FARIA, 2001, p. 16)

Essa é a história da origem dessas comunidades, uma história heróica completa: insatisfação com a vida na sociedade original, aventuras e desafios que conduzem ao despertar de valores espirituais, o matrimônio, a constituição de uma comunidade, de várias comunidades, a partir de seus descendentes e o retorno, com a retirada da espada na palmeira (Campbell, 2005). E ele deixa esses valores para as comunidades, seus descendentes.

Brelich (1980, p. 313 *apud* Brandão, 1989, p. 19) traça a estrutura morfológica dos heróis, o herói, dentre outras características, é “fundador de cidades e seu culto possui um caráter cívico; o herói é, além do mais, ancestral de grupos sanguíneos e representante prototípico de certas atividades humanas fundamentais e primordiais”. Ele se constitui em uma imagem original e primordial. A comunidade da Pontezinha parece ter valores ancorados a essa imagem original, o pacto com “Deus”, o pacto realizado por Antonio, que consiste em ser um “homem de oração” e viver “como antigamente”, “com muita simplicidade”. (FREITAS, 2001). Aspectos esses, que também podem estar relacionados ao que Acauã, da UnB, se refere quanto a comunidade da Pontezinha: “Existe um controle nessas comunidades, existe alguma coisa que rege elas, seja família, seja espiritual, seja nome, existe uma coisa que mantém essa comunidade unida até hoje”.

5.3.2 Heróis e heroínas em tempos modernos

Campbell aponta para a presença de heróis e a importância desses heróis vivos, dessas buscas, do exercício de conservar e renovar os valores que são vivenciados quando se inicia a saga do herói, mesmo que ocorra em um determinado período da vida. “Esse herói reinterpreta a tradição e a torna válida, experiência viva, hoje, em vez de um amontoado de clichês anacrônicos” (1990, p. 150). Ao buscar o caminho, a saga do herói, ele deverá despertar para sentimentos que dizem respeito à coletividade, principalmente o sentimento de compaixão para com os outros. Segundo Campbell: “Este é o segredo final do mito – ensiná-lo a penetrar no labirinto da vida de modo que os seus valores espirituais se manifestem” (1990, p. 122). Conforme Feinstein e Frippner (1988), os heróis modernos estão e precisam estar empenhados em ser primeiramente os heróis de si mesmos e de sua família, sobretudo, nos diversos contextos socioeconômicos em que se encontram, com posições sociais fluidas, instáveis, marcando as incertezas, demandando feitos heróicos em torno da competição e da iminência de perdas de importantes vínculos sociais.

Na comunidade do Mingau, Urutau explica a sua origem, o motivo inicial que o levou a se mudar para o Projeto de Assentamento Mingau:

Nasci no Engenho, uma comunidade muito sólida. Mas eu ainda assessoro lá, meus irmão mora tudo lá. Meus pai mexiam com roça de toco, desmatava e roçava, sem adubo, sem nada. Os mais novos trabalha para fora. Era mais plantio, tinha umas criação mais para consumo, a roça também. Pouca coisa que vendia. Era só mesmo para sobrevivência. Eu morava lá no Engenho, os meus oito irmão, nós começamo a trabalhar coletivo, os oito hectares, todo mundo queria criar gado. Aí através de Sindicato, o pessoal me chamou. Achei uma boa idéia, que aí sobra mais pouco pros meus irmão e eles tem mais chance na vida. Aí eles me disseram que até três pessoas de lá podia passar pra cá. Eu só que vim, era mais envolvido com essas coisa, eu só mais atirado, e pensei que assim ia ajuda meus irmão, minha família.

Mas Urutau reconhece as dificuldades desde o início que foi sair de sua comunidade e se “aventurar” em uma outra comunidade, ele cita a história de sua parcela:

Inclusive a história do meu lote, é assim, interessante. Eu num tinha costume muito, assim, com beira de rio não. Pedril, igual aqui. Na época, eu era presidente da Associação, e eu tava lá em Brasília. Eu achei muita sacanagem do pessoal. Ai ficou esse aqui, muita sacanagem. Esse tanto de pedra, ai fui embora, lá pra minha comunidade, fiquei um tempão lá. Aí o pessoal falou pra eu voltar, depois de tanta luta...Aí eu voltei, comecei a construí a casa devagarinho.

Tauató da AGEMA, e Sovi, da Aliança Mulheres do Cerrado já se referiram muitas vezes aos desafios que enfrentam a fim de desenvolver atividades mais compatíveis com o que acreditam em relação ao meio ambiente e o que gostariam quanto aos seus vínculos sociais. Os dois são casados e se referiram em momentos distintos durante as entrevistas sobre esses desafios, para eles o desafio maior é conseguir sobreviver e manter a família dessas atividades:

Esse trabalho do Tauató mesmo, tem hora que você, gente, poxa vida, num tá dando tanto lucro. Tem hora que você desanima. Você tem que lutar muito para sobreviver mesmo, sabe Luciana. Será que a gente num pode ser um beija-flor nessa vida. Fazer a nossa parte, é um sonho. Você vê a necessidade desse desenvolvimento, dessa mudança. Eu num sei se eu tô sendo assim tão sonhadora, mas de repente.... Esse trabalho do Tauató já mais de sete anos. Tem hora que ele fala que vai desistir e quer lagar. . A gente já discutiu muito, todo mundo tem o seu tempo, o outro já deixou sua cota, e tudo você tem que aproveitar, se você vê só o lado ruim, você não dá conta, você para, porque as dificuldades são muitas. (SOVI)

Como eu num posso parar o avião que tá jogando agrotóxico, eu num faço banheiro com fossa, eu tento manter a mata ciliar, eu tento recuperar, plantando mais coisa lá no meio do Cerrado, fazendo o manejo. Já tirei até minhas vaquinhas de lá, que elas tavam quebrando os ipê, estragam o cerrado. To fazendo minha casinha de adobe, tô usando material reciclado. Procuro reciclar, aproveita coisas que as pessoas jogam fora. Eu faço minha parte, como o beija-flor que fazia na queimada da floresta...(TAUATÓ)

Para Inhambu da AD Capetinga, é uma missão, assim como todas as suas outras atividades relacionadas a questões sociais que já exerceu e ainda exerce, trabalhando no conselho tutelar, na pastoral, na igreja, na secretaria de assistência social da prefeitura, ambas voltadas para o desenvolvimento das pessoas de São João d’Aliança. A sua experiência nas

comunidades e a história de lutas pelo uso da terra no Município apontam qual seria hoje o maior desafio para o desenvolvimento do ecoturismo na região:

Você tem que brigar, bate de frente com os monocultores. Porque eles acham que o turismo pode prejudicar eles, porque eles trabalham de forma errada. Tem muita comunidade errada, mas também tem comunidade que é modelo. O produtor de banana ali é modelo. Ele é a favor de outorga de água, de deixar cem metros de mata ciliar, de deixar diversidade de árvores.

Falam na lata, te chama de ecochata, de dizer que eu vivo num mundo de utopia, um sonho que jamais seria realizado. Que quem manda no mundo é o capitalismo. Que eu num ia transforma isso nunca numa fonte de renda pro Município. E pior que a maioria é dono de mercados, de restaurantes, de bar, a maioria é dono do comércio também. Acaba não participando. Prejudica, num prejudica porque eles num tem conhecimento.

O poderio da expansão agrícola da monocultura se aproxima, então, do arquétipo do grande “monstro-tirano”. Conforme Campbell (2005) o “monstro-tirano”, presente nas mais diversas mitologias, lendas e tradições folclóricas possui, em essência, as mesmas características: ele é o monstro egoísta, que se apodera dos bens alheios, levando ruína para si próprio, para aqueles com os quais se envolve e inclusive para toda a civilização, ele, “o gigante da independência autoconquistada é o mensageiro do desastre do mundo, muito embora, em sua mente, ele possa estar convencido de ser movido por intenções humanas” (CAMPBELL, 2005, p. 25).

Há então um abismo separando o “monstro-tirano” e tudo que ele representa da organização e do grupo com que Inhambu trabalha, e essa distância, segundo ela pode interferir na divulgação, na expansão da proposta do Projeto. Para Inhambu, as informações sobre a travessia não deveriam ficar na AD Capetinga, mas na Câmara Municipal, pois “um monocultor jamais vai entrar na AD para ler esses documentos”.

Para combater esse “monstro”, gigante e poderoso, é preciso um guerreiro virtuoso:

Onde quer que o tirano ponha a mão, há um grito (que, se não se eleva do exterior, vem – mais terrivelmente – de cada coração): um grito em favor do herói redentor, o portador da espada flamejante, cujos golpes, cujo toque e cuja existência libertarão a terra (CAMPBELL, 2005, p. 25).

O monstro desperta o herói, a heroína, para aqueles que querem e podem agir, fugindo das atividades convencionais, “do emprego de carteira assinada” a que Inhambu já se referiu. Mas muitas vezes, os heróis vêm de fora, distante daquela civilização onde o monstro opera. Na mitologia Grega, Teseu, originário de Atenas, vai para Creta e lá mata o Minotauro, símbolo da cobiça e do eu egocêntrico do “monstro-tirano”, Minos. Minos havia se apoderado de um presente de Zeus, que deveria ser sacrificado tão logo recebesse suas graças, suas

conquistas, pois essas conquistas deveriam dar-lhe uma função, uma posição antes social que pessoal. Mas, ele não resiste ao poder e se apropria dos bens de maneira pessoal. Como punição Zeus intervém para que da união de sua esposa com o presente, um poderoso touro branco, surgisse o Minotauro, o monstro fruto da cobiça de Minos. Em Creta, Dédalo, o cientista da ilha, constrói um labirinto para esconder o Minotauro e proteger os habitantes de Creta. Mas para compensar a Zeus, jovens são mandados, em sacrifício, ao Minotauro. Somente Teseu põe-se a desafiá-lo, arriscando-se no labirinto.

Campbell (2005) refere-se ao novo como uma possibilidade essencial, e é isso que Teseu representa: “Ele foi à coisa nova e viva que surgiu” (CAMPBELL, 2005, p. 26). Os grandes problemas do “organismo social” parecem carecer de algo novo para serem solucionados por alguém que não esteja “preso” às representações usuais do “monstro”, às suas regras e que queira guerrear, enfrentar a complexidade do labirinto. Assim, é que não serão úteis nem o renascimento do passado, nem o planejamento do futuro de forma a perseguir uma concepção de mundo ideal, e nem mesmo “o trabalho de re-união dos elementos que se encontram em processo de deterioração” para fazer com que os problemas socialmente criados, desintegrando o “mundo” sejam resolvidos. A mitologia fala da necessidade de um novo “olhar”, a criatividade e a coragem que advém da criação de “algo novo” (TOYNBEE, *apud* CAMPBELL, 2005, p. 26).

O novo não precisa necessariamente vir de alguém novo, de alguém de fora: “é possível buscar e encontrar regeneração no interior dos próprios muros do tirano” (CAMPBELL, 2005, p. 26). A questão é criar uma nova forma de pensar esses problemas, refletindo sob até que ponto sua forma de agir e pensar alimenta e mantém, não o problema, mas a concepção que se tem do mesmo e de sua solução. Toynbee (*apud* CAMPBELL, 2005, p. 27) considera essa possibilidade por meio de dois processos: a separação e a transfiguração. Na separação os indivíduos realizam uma transferência “da ênfase do mundo externo para o mundo interno, do macrocosmo para o microcosmo, uma retirada, do desespero da terra devastada, para a paz do reino sempiterno que está dentro de nós”. Essa separação permite que se entre em contato com a “experiência” e a “assimilação, diretas e sem distorções” e desta feita, possa surgir o novo, transfigurado (TOYNBEE, *apud* CAMPBELL, 2005, p. 27). O novo, o usual transfigurado, que se arriscara pelo labirinto.

De acordo com Campbell (2005, p. 28):

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias de vida e do pensamento humanos. [...]

Embora o herói como ser humano moderno, tenha morrido, ele está sempre renascendo como um homem “aperfeiçoado, não específico e universal” (CAMPBELL, 2005, p. 28). O herói é o que busca e é esperado...

5.3.3 O arquétipo do herói em sua busca pela “bem aventurança”

Para que o encontro das representações aconteça, dois universos mitológicos e arquetípicos são vivenciados, o “herói arquetípico” parte em sua busca. E este “herói”, em algumas representações, é familiar, ele compõe uma representação familiar. Porém, ele também carrega as expectativas das representações anteriores, ancoradas às experiências passadas e compondo de antemão, as representações que fazem dele, e que ele faz dele mesmo. O “herói arquetípico” esperado precisa criar vínculos, permanecer, estar perto e ter representações familiares ao grupo.

Como “o mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado” (CAMPBELL, 1990, p. 43) retomemos da introdução, a busca que se inicia em direção ao feito heróico. Segundo Campbell (1990, p. 132), no mito da necessidade da busca por um caminho para a recuperação: “A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno”.

Acauã conta como chegou até São João, e porque se interessou pelo Projeto: “Eu formei em turismo e fui trabalhar no Blue Tree, e tava muito infeliz lá. Na Embratur o trabalho envolvia muita burocracia, muita vaidade. Na Embratur eu era estagiário e no Blue Tree eu era contratado, mas num tava crescendo nada”.

E como se sente em relação à corriqueira “vida social” em Brasília: “Alguns amigos eu num consigo mais conviver, os papos sempre são night e mulherada. Eu nunca fui assim, agora então”. “Eu não me relaciono com esse pessoal cheio de grana, e nem quero”.

É como Campbell (1990) adverte: “Se o seu mito privado, seu sonho, coincide com o da sociedade, você está em bom acordo com o seu grupo. Se não, a aventura o aguarda na densa

floresta à sua frente” (CAMPBELL, 1990, p. 42). Assim, o herói, quando desafinado com a mitologia pública, “[...] terá problemas. Se forçado a viver nesse sistema será um neurótico” (CAMPBELL, 1990, p. 43). Acauã procurou por um trabalho mais coerente com o que acredita em termos de profissão. Ele se formou em turismo e seus trabalhos anteriores não o estavam fazendo “crescer”.

Conforme Vargas (1989), quando assumimos a “grande batalha para sair do mundo parental”, também provavelmente assumiremos “o herói, em nossa personalidade” e “a nível coletivo ele vai assumir características próprias do momento cultural de determinada sociedade” (Vargas, 1989, p. 10). Essas características parecem estar presentes no representante da UnB, que estava procurando um trabalho com o qual se identificasse. O Projeto Mulheres das Águas, em São João d’Aliança, estava bem de acordo com essa busca. Acauã parece estar em seu caminho de “bem aventuraça”, no que consiste esse caminho? E quais são os desafios? Quais são os “inimigos” do “herói arquetípico”?

Acauã explica no que se constitui a proposta de planejamento turístico para região, o ecoturismo, e expõe paralelamente o que seria uma situação contrária a essa proposta:

O Ecoturismo, quando ele foi criado, ele já visava um processo de conservação ambiental e educação ambiental através da preservação. [...] Também o ecoturismo consome a cultura da pessoa, o meio de vida da pessoa. Os três pilares são: cultura, meio ambiente e turismo. O turismo como ferramenta para você conhecer a cultura e o meio ambiente de determinada região. E isso vai muito do guia que ta conduzindo a região. A partir do momento que você convive um pouco com aquela cultura, você pode se sensibilizar por mais que você num goste. Você passa a entender, a respeitar aquilo, por mais que você não se identifique com aquilo. Eu por essas andanças minha aí, a gente acha que conhece tudo do mundo. [...] Tem muita coisa que você tem que ir lá e ver na realidade, assim, sabe. A ferramenta para isso é a viagem, o turismo. As pessoas fazem isso há milênios, seja por comida, seja por família, seja por curiosidade. O ecoturismo já vê que você tem que ir para aquele lugar e de repente deixar contribuições, interagir com aquele lugar, deixar a cultura se mostrar. Não aquele negócio de ir a um não lugar, Las Vegas poderia ser em qualquer lugar que ia ser Las Vegas, num tem nada de cultura local. No Brasil, a gente não tem ecoturistas, num tem pessoas conscientes de seu papel de turistas. Muitas cidades no Brasil se acabaram por causa do turismo de massa. “A gente viaja por sexo, drogas e rock and roll”, Num se preocupa se aquele rio que ele ta banhando ta preservado, se aquela comida é típica de lá. [...] O turismo educacional, agregar valor a um lugar porque ele vai conhecer um banheiro seco, uma horta orgânica. E um turismo, impregnado ele mesmo com essa preocupação, tanto as pessoas que estão à frente, também se preocupam com isso. Na investigação sobre artesanato, a gente procurou artesanato que tivesse a ver com a conservação do Cerrado. A pontezinha, que é uma comunidade de duzentos anos. A gente tá preocupado com o que é esse produto, quem é essa comunidade. A gente ta tentando fazer um processo de valorização cultural primeiro a partir deles. A própria comunidade que tem que da ênfase pra isso, pra sua cultura local. A própria comunidade tem que valorizar, por exemplo, a catira e outras manifestações pra que o pessoal de fora possa perceber isso [...]. Não coisas para inglês vê, acho que vai ser um grande desafio [...] O que eu quero para mim é isso, se as pessoas tiverem interessadas num turismo massificado tudo bem,

mas eu acho que num vale a pena, e para ter isso, vai ter que ter investimento de fora e aí não vai ter espaço pro pessoal daqui. É o que acontece com Alto Paraíso e São Jorge. É um ou outro. A comunidade local é colocada para escanteio, porque o turismo de massa procura Disneylândia, procura Las Vegas.

Segundo Campbell (1990), os heróis arquetípicos surgem afinados com sua época, com seu contexto cultural. Assim é que na época de Don Quixote, seus grandes inimigos eram os moinhos de vento. Na verdade a representação do mecanicismo e, em “Guerra nas Estrelas”, de George Lucas, o inimigo era a representação da burocracia, do ser humano que se rendia ao sistema. Da mesma forma em que alguns mitos, sobre o herói, se tornam insuficientes para tratar dos problemas do mundo contemporâneo, mesmo sobrevivendo ao fracasso da “ideologia oficial” do progresso tecnológico como o grande promissor da humanidade. É esse o feito heróico de Prometeu, ao roubar o fogo dos céus, afirmando o império da “ciência como religião monolítica para uma cultura mundial” (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1988, p. 210). Atualmente, a “massificação”, “o capitalismo selvagem”, a “degradação ambiental”, dentre outras mazelas da sociedade, tornaram-se nossos grandes desafios. São nossos inimigos, exigindo novos mitos. E então, novos mitos se tornam necessários. Campbell (1990) prevê a necessidade de um mito que nos coloque em contato com a dimensão planetária dos desafios que enfrentamos, e dos problemas que a própria sociedade cria.

Feinstein e Frippner (1988) destacam, neste sentido, a outra face da tecnologia, compondo essa “visão mitológica e planetária” da humanidade por meio da comunicação em rede, em que novos conhecimentos, novas alianças se estabelecem e, além disso, permite abolir não só as barreiras espaciais, como as temporais e até mesmo as distâncias culturais. Essa tecnologia, também utilizada pela televisão, se de um lado transporta muitas informações questionáveis, de outro revela algo sobre a sociedade: “Nunca a informação sobre os acontecimentos à nossa volta estiveram tão disponíveis. A imagem de mídia de nós mesmos é constantemente refletida de volta para nós, valiosa evolução na elaboração mítica, a qual vale a pena considerar” (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1988, p. 212).

Mas como combater os inimigos desse organismo social planetário? Como sensibilizar a sociedade para a importância, a existência e a necessidade de se combater esses inimigos? Esse movimento surge nos mais diversos lugares e grupos, da ciência aos projetos socioambientais, aos grupos de jovens engajados, às comunidades que lutam para manter seu meio de vida (GONÇALVES, 2001). Qual a ferramenta que Acauã usa em sua “bem aventurança”?

Ele fala de seu trabalho, da fotografia como um instrumento e o que ela representa. Aqui estão destacados três momentos:

Todo mundo que tem vindo pra São João tem gostado. A divulgação daqui é muito baseado nisso, nas minhas fotos, nessas belezas e na busca por essas belezas. Tem que ta vindo pra São João d'Aliança buscar isso, senão ele vai se decepcionar.

Já me falaram que minhas fotos num passam isso, que as minhas fotos passava mais felicidade, muita cor, mais quente, a coisa do aconchego, que te põe pra dentro, que te faz café, que num pergunta se você quer, põe na xicara e te dá. Eu vejo muito isso nas minhas fotos, do dia a dia deles, de como eu sinto eles.

É o meu olhar, é como eu sinto, é como eu vejo. Mas eu sinto que eles também se vêem na fotos, pela alegria deles.

São as fotografias que expressam a beleza e a riqueza do patrimônio cultural de São João d'Aliança, e elas adquirem maior força quando Acauã convida Anacã, poeta do Município, para fortalecer esses objetivos, aumentando assim, seu potencial de sensibilização.

Onde se ancora esse caminho?

Eu sempre tive uma preocupação muito grande, sempre foi uma coisa que me motivou muito. Eu tenho uma identificação muito grande, acho muito bonito, apesar de ser meio sofrida e tal, o meio de vida deles, sempre tive um lado de preocupação ambiental. Esse projeto é uma oportunidade que eu tenho muito grande, que eu tenho de fazer alguma coisa.

Mas os desafios ultrapassam o mundo moderno. Eles acontecem também dentro da articulação do grupo. Acauã acredita que assume grande responsabilidade pelo desenvolvimento do Projeto:

Acaba que eu num sei se foi eu que me coloquei nessa função, mas meu papel é tipo o pivô central. Eu acho que é muito, acho que é demais (sobre as próprias responsabilidades). Quem tem que movimentar é a galera de São João. Eu sou o pivô central, tudo que acontece, eu tava no meio. Muitas coisas que foram idealizadas, num ta acontecendo nada. Aí eu me cobro, sabe porque que eu fico mal, eu preciso sistematizar o negócio do inventário. Eu preciso organizar o negocio de capacitação. Eles tão em movimento, mas eles não pegam e eu é que vou fazer. Acho que tinha que ter o grupo mesmo. Como vai ser? Quanto que vai custar? Quem vai fazer? Vai ter mostra de artesanato num vai? Agora a gente vai fazer uma mostra cultural, vai custar tanto. Até por falta de ter gente para ajudar, precisa de mais gente para ajudar...

Nas mitologias que falam do herói, ele não está inteiramente só ao longo do caminho, embora o objetivo final deva ser assim concluído. Ele tem o apoio de guias, amigos que o chamam para “aventura”, amigos que indicam os caminhos. Teseu matou o Minotauro, o fruto da cobiça, mas para sair do Labirinto recebeu a ajuda de Ariadne e Dédalo. Dédalo orientou Ariadne para entregar um rolo de fio de algodão que conduziu Teseu para a saída (CAMPBELL, 2005).

Dédalo era um exímio artista e cientista, o mesmo que criou o labirinto para proteger Creta do Minotauro, mas também um labirinto que aprisionava e levava ao sacrifício de vários jovens. Dédalo representa o auxílio da ciência, do conhecimento maduro, do guia que conduz ao caminho, criando antes o próprio caminho, e posteriormente, conduzindo o herói a liberdade. Campbell (2005, p. 30) descreve Dédalo:

É muito curioso que o próprio cientista, que, a serviço do rei pecador, foi o cérebro criador do horror representado pelo labirinto, possa servir, com a mesma prontidão, aos propósitos de liberdade. Mas o herói-coração deve estar disponível. Durante séculos, Dédalo representou o tipo do artista-cientista: aquele fenômeno humano, curiosamente desinteressado e quase diabólico, que está além das fronteiras normais do julgamento social, dedicado à moral de sua arte, e não à moral de seu tempo. Ele é o herói do caminho do pensamento – de bom coração, dotado de coragem e cheio de fé no fato de que a verdade, tal como ele a conhece, nos libertará.

Dédalo possui as duas faces da ciência, a que cria ou identifica os problemas e que por isso mesmo desvenda os mesmos “labirintos” sociais que criou, eis aí a imagem, personificada, para a discussão que Silva (2005) faz em torno da posição que a ciência ainda ocupa em nossa sociedade, criando verdades; Moscovici (2005) diria criando representações, numa posição confortável, cuja responsabilidade está no próprio método e na própria ciência e não nos impactos e nas conseqüências de suas “verdades”. Segundo Morin (1996) essa é uma versão mitológica da ciência, como se a mesma fosse responsável pela “Salvação da Humanidade” (MORIN, 1996, p. 157).

Por outro lado, Dédalo está disponível e existem várias visões, vários “conhecimentos” acessíveis pela ciência, inclusive os próprios mitos, identificados, desvendados e discutidos pela ciência, que podem guiar o “herói” em seu caminho, em sua “bem aventurança”. Existe ainda o próprio arquétipo de Dédalo, o mestre que já percorreu, não sem dificuldades e desafios, o caminho para o centro e a saída do labirinto, um mestre com as marcas, as cicatrizes do “herói” e que por isso mesmo pode conduzir um novo “herói”. Ele sabe o que há no interior do labirinto:

[...] onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro (CAMPBELL, 2005, p. 32).

Segundo Vargas (1989), o que os mitos nos dizem sobre o herói, sob nossa própria busca, a compreensão de toda essa dinâmica, nos ajuda a lidar com o caminho de “bem aventurança” escolhido, com os desafios, seja individualmente, seja coletivamente.

Um outro mito alerta o herói sobre seus próprios limites, sobre a necessidade de se estar atento às orientações quanto ao planejamento e ao uso da ferramenta tecnológica, sobre a própria técnica, sob a presença dessa consciência no amadurecimento daquele que propõe a “liberdade”. Dédalo, também tentou libertar seu filho, Ícaro, da prisão do labirinto, que ele mesmo criou. Para isso, confeccionou asas, assim ele e o filho poderiam atravessar o mar e fugir da ilha de Creta. Porém, as asas eram de cera e, Dédalo alerta o filho, chama a atenção de Ícaro, que para o uso seguro da sua invenção, seria necessário estar atento aos limites da tecnologia e da própria condição enquanto ser humano. Caso contrário, ele morreria e o caminho seria interrompido. Assim, durante esta travessia não poderia voar baixo demais, que estivesse tão próximo do mar e nem alto demais, próximo do Sol. Mas Ícaro, no auge de seu vôo, entusiasmado com o que está experimentando, esquece os conselhos de Dédalo. As asas derretem e Ícaro cai. Dédalo, no entanto, consegue fugir da ilha. Esta é uma aventura perigosa:

Quando você enfrenta algo que é uma aventura inteiramente nova, abrindo novos espaços, quer seja uma inovação tecnológica, quer seja simplesmente um modo de viver em relação ao qual os outros não podem ajuda-lo, sempre existe o perigo do entusiasmo excessivo, o negligenciar de certos detalhes técnicos. Então você cai.[...] Quando seguir o rumo de seu desejo, do seu entusiasmo, da sua emoção, conserve a mente sob controle e não se deixe arrastar compulsivamente na direção do desastre” (CAMPBELL, 2005, p. 140)

A técnica humana é uma ferramenta para os propósitos do herói arquetípico. Se antes tínhamos espadas e lanças, asas de cera, hoje temos novas tecnologias, tão poderosas em nossas mãos quanto nas mãos dos supostos “inimigos”. É preciso planejar, é preciso entender o potencial da tecnologia, caso contrário, elas agirão contra nossos próprios objetivos, pois essas são as “armas” da nossa época. O projeto se vê em uma encruzilhada, o turismo enquanto estratégia para alternativa de renda precisa gerar renda, precisa ter produtos artesanais em condições técnico-sanitárias de entrar no mercado. No entanto, precisa com essa mesma estratégia proteger a comunidade desse mesmo mercado, na verdade do que ele representa. Ainda assim, sem a técnica a proposta não acontece, não é possível negligenciar a técnica. Devem fazer parte da técnica uma proposta de inclusão e diálogo do próprio “monstro-tirano”. Ele está no comércio, na principal rádio local e é associado a um futuro e provável apoio financeiro.

Vargas (1989, p.11) nos conduz a uma reflexão neste mesmo sentido, sob os limites heróicos. Ele utiliza a conhecida frase, “conhece-te a ti mesmo”, encontrada no oráculo de Delfos, no templo de Apolo para lembrar que nos mitos, os heróis devem nos servir de

inspiração para nosso “vôo espiritual”, arquétipos que nos guiam às profundas e difíceis transformações que sofreremos no caminho, um caminho único, com elementos primordiais coletivos e humanos. Mas precisamos estar atentos para nossos próprios limites, limites humanos e tecnológicos.

Contudo, a maior façanha ainda está por vir: o retorno. “A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e em seguida, torná-la conhecida” (CAMPBELL, 2005, p. 43). Segundo Campbell (2005), o retorno é, em geral, uma das façanhas mais difíceis. Muitos mitos descrevem a resistência ao retorno, ou mesmo, a opção pelo não retorno. O feito heróico se conclui quando o herói retorna, ele precisa retornar, ele precisa transmitir a mensagem, a partir dos desafios que experimentou, das batalhas que travou, que o levaram de encontro a ele mesmo, que falavam dos valores que procurava encontrar, da compaixão que queria vivenciar. Ele precisa tentar levar essa mensagem para aquela sociedade fria, calculista, que não lhe dizia nada, que estava vazia de significado. Ele precisa inclui-la na complexa diversidade cultural, a multiplicidade. E ele talvez deva saber que, em geral, o que os mitos nos mostram é que as pessoas não compreendem bem sua mensagem, que eles não conseguem colocá-las em prática, “institucionaliza-las” como ele gostaria. E eles não o farão porque existem os heróis. São eles que cumprem essa função na sociedade e ele está cumprindo a sua. O herói sabe que existem outros heróis e que vão existir outros... embora, muitos estejam tentando salvar a si mesmos, ou a seu componente familiar.

Segundo Feinstein e Frippner (1988), na sociedade atual, em que o individual se sobressai e aparece, na maioria das vezes quase que independente e até se contrapondo ao seu universo social, o herói arquetípico possui outras estruturas. Há uma necessidade de múltiplos heróis individuais e, neste contexto, nem sempre em prol da coletividade. Mas, eis que a dimensão de nossos problemas nos coloca num caminho de volta aos nossos vínculos com a natureza, os ciclos, os ritmos, as necessidades dos recursos naturais e sua dimensão social, democrática e participativa, não só individual, mas definitivamente social:

[...] as tendências rumo à reconciliação com as forças naturais, a igualdade nos relacionamentos interpessoais e a consciência global vão além da estrutura da mentalidade heróica usual. Embora contra-reações vigorosas a cada uma dessas tendências sejam inegáveis, da mesma maneira que o mito predominante se entrincheira fortemente quando é desafiado por um contramito, está surgindo um novo arquétipo que se caracteriza pela transcendência das polaridades que marcaram a era heróica, incluindo instinto versus razão, individualismo versus comunidade e natureza versus tecnologia. Apesar do obscurecimento do arquétipo por ansiedades e complexidades sem precedentes, também nos tornamos mais capazes do que nunca

de participar conscientemente da evolução de novas mitologias que irão talhar nosso destino coletivo. (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1988, p. 212).

Um outro aspecto precisa ser ainda considerado com o advento do retorno. Ao partir, nosso herói arquetípico também deixa sua mensagem para os que ficaram: as mensagens de força, de desafios vencidos, de valores compreendidos. Mas, há também o risco da existência do mito, perpetuar o próprio mito, tornando a mensagem novamente mal compreendida. Condicionando o agir comunitário dependente do outro, do estranho, do que deve dizer o que e como as coisas devem ser feitas, do que capta os recursos, do que sabe utilizar a técnica e que por tudo isso trará a solução. Se o tempo e o movimento-ação darão conta disso, não sabemos, não nos compete neste momento. Mas, propomos uma discussão, uma reflexão, como que colaborando, querendo colaborar com o tempo, ignorando os mistérios do “dever”. Esse é mais um dentre todos os seus desafios, agir em meio a um profuso e indecifrável universo, desafiador-desanimador e que, vai requerer mais que vontade, mais que dedicação. Essa busca exige um herói moderno que esteja disposto a enfrentar a volta de Ulisses, ao final da Odisséia, encontrando pretendentes para sua amada, que

[...] saquearam sua casa, dizimaram suas provisões e dispuseram de seus recursos, e planejavam assassinar seu filho e roubar-lhe a herança. Ulisses desafia dramaticamente os pretendentes e reclama o direito à esposa, ao reino e a terra. A humanidade dos tempos modernos abusou indiscriminadamente dos recursos terrestres, colocando em perigo a herança das gerações futuras. O desafio do novo herói é único, pois exige tanto ingenuidade individual como colaboração.

A ingenuidade de ver e revelar mais as belezas que as “durezas da vida”, mais as possibilidades que as dificuldades, embora elas também sejam necessárias. Nenhum dos entrevistados, sujeitos de suas representações, ocupou tanto o gravador e as horas fora dele, como o representante da UnB. Aqui, o “herói” em sua “bem aventurança”. Foram quatro entrevistas, diálogos tensos, angustias e reclamações. O receio atingiu seu ápice no momento de consolidar as idéias. Parecia que havia tanto para descobrir que muitas entrevistas seriam necessárias, ou talvez fosse preciso mudar a metodologia, encontrar alguma que estivesse mais de acordo com a pressão que o representante da UnB sentia naquele momento e que de alguma forma, eu acreditava, estivesse comprometendo o desenrolar da pesquisa. Mas o tempo das dissertações, das pesquisas de campo, não é o tempo do vivido. Precisamos concluir o que não está concluído.

Demorei muito para perceber o que não poderia ser dito, porque estava além das palavras. Afinal: “As melhores coisas não podem ser ditas porque transcendem o pensamento” (CAMPBELL, 1990, p. 51). “Quando sua mente se deixa simplesmente

aprisionar pela imagem ali fora, impedindo que se dê a referência a você mesmo, nesse caso você terá lido mal a imagem” (Campbell, 1990, p. 59). Assim, utilizo uma das histórias hassídicas, que Martim Buber publicou sob as tradições orais difundidas por Dov Baer, ao popularizar o hassidismo na província da Galícia, retirada do livro *Você e Eu*, de Bartholo (2001).

Dov Baer, homem de notáveis erudição e inteligência, profundo conhecedor do Talmud e da Cabala, decidiu procurar o rabi e pôr-lhe à prova a sabedoria. Mas se decepciona. O Baal Shem, nos encontros, só lhe diz ‘banalidades’. Que numa viagem por um deserto lhe faltou pão para alimentar o cocheiro, e então apareceu um camponês e lhe vendeu pão. Que noutra viagem lhe faltou feno para os cavalos, até vir um camponês e alimentá-los. Frustrado, Dov Baer está decidido a partir. Mas na última hora o Baal Shem chama-o à sua presença para entregar-lhe um texto sobre a natureza dos anjos, pedindo-lhe que o lesse, refletisse sobre ele e depois o interpretasse. Dov Baer assim faz. O Baal Shem lhe diz: ‘Não tens saber’, e em seguida recita-lhe a mesma passagem. Diante de Dov Baer, então, o aposento onde estavam se incendia e o rumor dos anjos pode ser ouvido por entre as chamas. Dov Baer cai desacordado. Ao recobrar os sentidos, tudo está como antes. O Baal Shem lhe diz: ‘A interpretação que me deste estava correta, mas não tens saber, pois teu saber não tem alma’.

Depois desse encontro, Dov Baer decidiu permanecer para sempre (BARTHOLO 2001, p. 15).

Bartholo (2001, p. 16), explica: “Não a fria lâmina da análise, a rigorosa causalidade da lógica e a profusiva erudição, e sim o fogo angélico fundindo justiça e amor, eis o sangue da alma, que anima o saber verdadeiro e distingue a verdade da mera correção. (...)”.

O tempo do conhecimento, da discussão, nem sempre é o tempo do sentir, talvez esse venha primeiro, e devesse mesmo vir primeiro. Ao insistir, em “por a prova à sabedoria”, muito se perde. O campo de visão nem sempre alcança o que é relevante na singularidade do outro, do seu saber e do seu sentir. Esse saber enraizado na vivência, no encontro. É desse saber que o representante da UnB sempre falou, dessas “banalidades”, essas “dádivas”, sem as quais não vivemos. A melhor forma de falar do representante da UnB é lembrando dessa história: não tem “saber”, é o sentir, o simples e assustador amor vivenciado no trabalho, e na presença com o outro. E esse sentimento vai posicionando as pedras-livros-vivências do caminho-conhecimento-ação-razão, do encontro proporcionado pelo tempo e pelo sentimento. O saber e a razão não estão restritos ao conhecimento, postos a prova por um questionamento intelectualizado. Acauã expressa isso em vários momentos. E são tantos. Mas um, a meu ver, marca sua presença: “Eu acredito na condição humana, na capacidade deles”.

No último encontro que tivemos, ele me entrega um texto, um agradecimento do amigo, Anacã, pelo trabalho que desenvolvem juntos com a comunidade, utilizando as imagens-

palavras que montaram com o objetivo de valorizar São João, suas pessoas, suas belezas naturais, que chamam de verbografia; a união do verbo com a fotografia. Insatisfeitos com a plena divulgação da exposição de fotos-poesias procuram consolidar essas idéias, compartilhando-as com outras pessoas. Assim fecham todo o percurso do que poderia ser feito em termos de representações sociais. Realizam a objetivação, junto com os alunos e professoras das escolas de São João d'Aliança, que trazem as imagens e idéias para sua realidade. Levam a exposição até as turmas e pedem para que as pessoas escolham uma das fotos-poesias e se situem dentro delas, explicando o porquê da escolha, o que significa para elas. Essa dinâmica, aliada a um presente que recebe de Acauã, a cópia de todas as fotografias-poesias que elaboraram juntos, representa para Anacã, que o trabalho de Acauã está realmente voltado para a comunidade de São João, pela sua disponibilidade, pelo seu interesse. É o reconhecimento do trabalho e da dedicação. Mais ainda, é doação e é amor pelo lugar e pelas pessoas. Ele então lhe escreve uma poesia, uma forma de agradecimento, que transcrevo, abaixo:

A aventura do poeta visual nas terras do poeta verbal
 Como é doce o pranto de um homem
 Doce e belo...
 ...Lindo...Lindo como a vida
 O pranto é água divina...é rio encantado e marcado
 Rio que jorra direto da fonte do coração
 E como é lindo encontrar...um homem com coração...
 Sim...os homens fizeram comércio com as estrelas
 E esta os roubou o coração...
 Enganando-os no lugar do coração colocou uma pedra fria...Pobres homens
 ...mas, um milagre se fez...é, um milagre
 incompreensível...perambulam pela terra, alguns homens
 muitos homens...poucos dentre os bilhões, mas muitos
 a ponto de transformar o feio no belo e
 arrancar do fosso lacrado, o ser...o ser
 aprisionado nos calabouços do ter...
 Hoje eu o vi...sim...vi um desses homens
 ...Eles andam camuflados em peles e pêlos, em sacos
 de tripas comuns...,mas,...mas,...mas, seus olhos os
 denunciavam...os delatam com um brilho e um
 ??? e um riso e um verbo poligonal...
 Revelam...
 Veio de lá...lá...de qualquer canto
 Tirando fotografia...
 Cabelos rolando aos ventos...
 Figura encantando e assustando...
 Seu canto ajuntou o povo do vilarejo
 E em pouco tempo ele conhecia a todos
 E todos o chamavam pelo nome
 Seu canto é um canto pros olhos e não
 Para os ouvidos...por isso é um canto que
 Obriga o povo parar ao seu redor e quando
 Param, seu canto os cativam e libertam
 Dos males que os cegava...

...E o seu canto se fez verso...Para olhos
 e ouvidos...para plebe e nobre deuses e demos
 E o povo rendeu-lhe louvores...homenagens...
 Simples louvores...não dos arrogantes que querem
 A láurea de Deus...não um louvor de barro
 Cascalhado...superfície irregular...mais, louvor
 E assim, ele se revelou...abriu as janelas
 Dos olhos e seu lindo sol rio...jorrou
 E então exausto da odicéia como estrela num
 Suspiro fragmentou-se e partiu-se em milhares
 De verso...o fotógrafo se fez poesia para todos.
 Poucas luas dali o poeta sentiu a eclosão de
 Tal homem...estrela luminosa que reluz a quem quer ver
 ...e se foi como folha ao vento...
 ...quem sabe e próximo destino...apenas
 vai...e indo se faz...se muda e refaz.

“E a poesia atinge a realidade invisível!” (MOYERS, p. 59). Para Campbell (1990), nos dias de hoje, nas sociedades modernas, os artistas é que transmitem os mitos. “Essa é a função do artista” (CAMPBELL, 1990, p. 105). Ele (o poeta Anacã) transmite e revela, e confirma... A prova de seu valor, a provar de seu amor pela comunidade, é disso que se trata esse reconhecimento, assim se conclui uma parte do feito heróico. E ele pode seguir, pode continuar por novas aventuras... “quem sabe o próximo destino... apenas vai... e indo se faz... se muda e refaz”, modificando suas representações, atualizando-as, se desintegrando e se refazendo com a presença do outro.

E então, segundo Morin (1996, p. 146), “o mistério do mito invade aquele que o considera a partir do exterior, ao passo que, do interior, este mito é vivido, não como mito, mas como verdade”. Para Morin (1996) são intrigantes e implicadas em mistério, as relações entre razão e mito:

De igual modo, a relação entre mythos e logos torna-se obscura quando se percebem não só os seus antagonismos, mas também as suas complementaridades e as suas interferências. Devemos, pois, aventurar-nos evitando a excessiva clareza, que mata a verdade, e a excessiva obscuridade, que a torna invisível (MORIN, p. 146).

Agarrar um mito, ou a vivência de um arquétipo mitológico, decifrá-lo por completo, não será possível. Há um excesso de significância, há um excesso de possibilidades, que por outro lado, espera ser violado, compreendido e assimilado. (MORIN, 1996). O texto entregue “na ultima hora”, não apenas descreve a imagem arquetípica heróica presente no outro, Acauã, em sua “bem aventuraça”, mas chega carregado pelo fenômeno da sincronicidade: “coincidências plenas de sentido que não podem ser compreendidas mediante o princípio da causalidade”, decifrando plenamente o que estava sendo buscado (JUNG, 1991 *apud* CATALÃO, 2006, p. 94).

Dessa forma, ali também se completa minha busca pessoal. Aquele que me revela o que eu buscava é um brasileiro, de Brasília mesmo, que trabalha com comunidades a cento e cinquenta quilômetros daqui. Muitas “águas ainda vão rolar”, e muitas lições ainda serão apreendidas, mas o recado está dado: “Como essa nova concepção se consolida, se concretiza? Que desafios estariam presentes, como interagir sem assimilar? Que representações estariam presentes, provocando essa nova concepção e de que forma poderiam ser identificadas?”.

Nesse universo social e mitológico de representações, as trocas envolvendo as representações do outro, é verdade, não são sempre boas e fáceis, mas elas estão acontecendo e são motivadas pelos interesses diversos, pelas visões do que seria um mundo melhor e pelos complexos vínculos afetivos, que se contradizem: tanto repelem quanto forçam o re-pensar, o re-apresentar do campo relacional.

5.4 ÚLTIMO CONTATO (DA PESQUISA)

Não reparei na paisagem ao longo da estrada. Já estava acostumada aos morros e morrotes, as pequenas e as grandes plantações, os buracos, as placas. Ria sozinha, lembrando da viagem com Iratauí, quando resgatamos um pica-pau ferido na estrada (que boa estória!). É a Feira que me conduz a essa que seria a última visita como pesquisadora. Não estou só, levo a família e alguns amigos. Eles vão para a Feira, a sanfona do Urututu, as geléias da Iraúna, as colchas e os tapetes da Sururina e da Saurá, a rapadura da Pontezinha...para estarmos juntos. Somos turistas, e cada um terá sua impressão. Espero que gostem e que gostem deles.

Estamos quase chegando, já passamos da pamonha e a borracharia Lapachanga: entrada para a comunidade da Pontezinha. Ela ainda me é tão diferente, tão especial, achei melhor nem tentar explicar. Opa chegamos, lá está o Posto Policial. Indico a entrada para a casa do Tauató, falo de sua chácara, da casa de adobe, do banheiro seco, de como ele e sua família são queridos. Falo do Acauã, e da horta que fez junto com os amigos na chácara do Tauató. Passamos. Ali é o “caldeirão”, onde comi várias vezes! Do Acauã para o Anacã: É um trabalho muito legal! Será que a Iratauí vai estar na feira? Senão, depois a gente dá uma passadinha lá! Eu falo sem parar, mostro a rua da AD Capetinga, o sorvete lá perto, tão baratinho. Mas, o xerox aqui é caro. Ali, a padaria, aquela casinha sem pintura, um pão doce, quentinho, gostoso (Fico pensando sobre os pães que já comi, não sei se exagerei.).

Todos querem um bom banho, vamos para o Urutau, e seu balanço. Parece que somos os únicos turistas. O Urutau nos recebe com aqueles “braços abertos”, nos acompanha até o balanço. Explica tudo, faz demonstração, conversa com todo mundo. As crianças se afogam na lama, afinal estamos na comunidade do Mingau, e o “mingau” é a maior diversão. Chegam mais pessoas, amigos de amigos, amigos antigos... Difícil sair... Mas, o sol já se esconde, os mosquitos vão chegando e estamos indo embora. Ninguém paga pela diversão. Pagamos pelas bebidas, conforme orientação do anfitrião. Urutau se despede de cada um, um por um, conversas, risos. Nós agradecemos, ele também.

Bom, vamos para a Feira. Mostro a Casa da Capetinga e conto a intrigante história sobre ela. “Não gosto dessa construção para a Feira, é tão quadrada, poderia ter mais charme, mais cara de rural...”, minha amiga diz. Olhei para os lados. Sabe que nem reparei na Igreja, na placas de bem-vindo e boa viagem. Acho que ninguém reparou. Quase me esqueço do ávido início dessa história. Nem tudo me chama atenção. Talvez mais as pessoas que as estruturas.

A Feira não está cheia, são poucos os visitantes. Encontro novamente minha antiga amiga, lhe dou uma geléia de vinagreira, da Iraúna, uma que eu já havia comprado, mas ela estava olhando interessada, e era a última. Um abraço gostoso e o presente está dado. Comemos coxinhas da Anhuma, caldo de fruta-pão. Meus amigos elogiam: que delícia!!! Anacã também está lá, ele me presenteia com uma poesia, um “presente do sorriso”.

Tudo me parece tão familiar, tão “eu já conheço”, mas, na verdade, não é...Conheço uma parte do que me é familiar e do que consegui rever, re-apresentar. Mas também é agradável, é bom estar ali. Eu gosto de estar perto daquelas pessoas. São João não é mais apenas uma passagem para a Vila de São Jorge, para Cavalcante. Eu desejo realmente que as atividades que estão sendo pensadas consigam ir para frente, e que os espaços de diálogo possam, no seu devido tempo, ser ampliados, colaborando para o próprio desenrolar do Projeto.

Vamos para o “João Paulo”, a chácara do Tauató. Meus amigos querem conhecer a casa de adobe, o banheiro seco, as artes naturais que ele vem desenvolvendo. Além disso, eu preciso buscar os puxadores de indaiá que encomendei para minha casa. Nossos amigos ficam fascinados. Lá estão os puxadores. Adorei! Quanto custa este trabalho artesanal? “Não custa, não fiz pelo dinheiro”, diz Tauató. Eu insisto, é um trabalho lindo, diferente, original. Ele não aceita, “de jeito nenhum”. Resolvo então lhe oferecer um livro interessante sobre movéis

naturais, feitos com madeiras retorcidas, para próxima visita, é claro! “Ótimo, combinado”.
Na despedida, um “muito obrigado”.

CONCLUSÃO

O Projeto Mulheres das Águas evoluiu para uma participação muito mais ampla e para o surgimento de um objetivo comum aos diversos grupos envolvidos: o desenvolvimento do turismo na região. Isto levando o Projeto a uma situação atual, onde seus atores compartilham desse objetivo comum, como uma forma de favorecer a conservação do Cerrado, valorizar a cultura local, o saber-fazer tradicional, e consolidar as atividades desenvolvidas anteriormente, com a perspectiva de melhoria ou surgimento de uma alternativa de renda através de atividades econômicas, baseadas numa relação mais equilibrada e favorável a manutenção dos recursos naturais locais.

O Projeto segue em meio a uma intensa discussão, sobre os problemas a serem enfrentados e as estratégias possíveis e necessárias, provocando e revirando expectativas, sentimentos, conduzindo os movimentos dos grupos envolvidos. As representações em torno do ambiente natural e social revelam aspectos importantes sobre as comunidades e os participantes do Projeto Mulheres das Águas. Elas não encerram, mas favorecem o conhecimento acerca de algumas de suas referências, das ancoragens desses referenciais e das expectativas que geram.

Na comunidade do Forte, o histórico de perdas de instituições, com a transferência da sede do Município para São João d'Aliança e a saída dos jovens, a procura de trabalho e estudo, constroem uma representação, vigorosamente realimentada pelas dificuldades de acesso às cidades mais próximas e seus recursos, de um lugar sem futuro. Mesmo com as melhorias de infra-estrutura básicas, relativas ao abastecimento de água e energia; o acesso, e a melhoria das condições da estrada parecem ser de suma importância para a comunidade. Colocam às vistas que, se é interessante e proveitoso, beneficiar a comunidade com turistas esportistas, que sobem e descem a Serra Geral do Paranã, também pode ser útil não só para a comunidade, como para outros turistas, inclusive os ciclistas, apoiar a melhoria da estrada.

A comunidade tem vários desafios pela frente, inerente à sua história, ao seu contexto, ao seu possível reconhecimento no âmbito de uma história de colonização e escravidão, na qual está inserida. Esses desafios também dizem respeito aos limites, do tempo e da liberdade, mas podem ser apoiados com informação, com conhecimento, com experiências vindas de outros lugares, com o apoio de outros pesquisadores da Universidade de Brasília.

Na comunidade do Mingau, no qual os representantes entrevistados demonstraram grande envolvimento com as questões ambientais, assim como experiências em diversos cursos, um dos maiores desafios parece ser a consolidação dessas experiências. Contudo, a concretização das mesmas está atrelada a um outro desafio, o da construção coletiva, o da participação comunitária. Este tema pode representar um limite para as intervenções do Projeto, mas também pode ser apoiado com trocas de experiências em outras comunidades, que conseguem levar adiante essas iniciativas, assim como outros cursos na área de cooperativismo e associativismo. Outros aspectos abordados, quer sejam os relacionados à condição da mulher, ou a dificuldade relativa aos poucos recursos financeiros, podem ser apoiados, porém, vão demandar também uma tomada de consciência da relevância da participação dos envolvidos, no interior da comunidade.

A questão da regularização das parcelas e das famílias, condicionando à continuidade na divisão do parcelamento restante, é, aparentemente, o maior entrave, pois que é o mais urgente. Contudo e, ainda que suas parcelas sejam ampliadas, parece pouco provável, considerando-se a presença de dívidas e a dificuldade em viabilizar uma renda advinda de suas próprias parcelas, que os problemas serão prontamente resolvidos. No seio da comunidade, já há essa percepção, haja vista, a iniciativa de formar pequenos grupos de trabalho, decisão coerente com a diversidade dos componentes da comunidade e seus respectivos interesses. É provável, que do fortalecimento desses grupos, possam surgir novas propostas concernentes ao turismo e ao uso e exploração dos recursos naturais. A comunidade do Mingau deve receber atenção e apoio do Projeto, levando-se em conta o histórico de envolvimento de seus componentes, que se vêm, em um momento de grandes desafios, relativos a terra e a vontade de tornar possível e compatível, viver, ou mesmo sobreviver, de uma relação mais equilibrada com o cerrado.

A comunidade da Pontezinha revelou como seus estreitos laços familiares e os aspectos culturais fortalecem seus referenciais ambientais. O grupo familiar entrevistado está tradicionalmente vinculado à terra, de onde mantém suas necessidades de subsistência, mas se percebe ameaçado pelo uso contínuo dos recursos, em condições de uma exploração, além do que considera adequada. Assim é que sua maior prioridade está associada à assistência técnica. Uma assistência técnica nos moldes convencionais irá, provavelmente, diminuir o sentido de autonomia e reconhecimento de saberes desta comunidade. Talvez, fosse interessante apoiar este grupo com a divulgação de técnicas de agrofloresta, ou agroecologia, conceitos, aliás, afinados, familiares com suas referências de saúde e cuidados ambientais.

Nas comunidades do Forte e do Mingau, a presença de turistas pode se tornar um grande estímulo de recuperação para alguns, ainda que essas atividades sejam, a princípio, como um lampejo de ar fresco para a auto-estima de seus representantes. Terá sentido principalmente, se forem encontrados os espaços para que outras pessoas da comunidade, também participem, além da Anhuma, no Forte e do Urutau, no Mingau. Tanto Urutau, como Anhuma, já percebem essa necessidade como um fator potencializador dos seus interesses e das suas atividades.

A comunidade da Pontezinha pode se beneficiar com a passagem dos turistas com visitas programadas, porém voltadas primeiramente para a venda e, possivelmente, para a vivência e a experiência no contato com a elaboração de seus produtos. Atividades como acampamento ou preparo e oferta de refeições devem ser vistas com maior cuidado, visto que seus costumes e a própria tradição religiosa podem vir a ser um aspecto de conflito em sua efetiva consolidação, enquanto proposta de potencial alternativa de renda. E, desenvolver a atividade, no sentido de proporcionar exclusivamente trocas e relacionamentos, pode causar alguns problemas para a comunidade, como já destacado, com declarada preocupação quanto a seus meios de subsistência, atrelados à terra.

A maioria das representações sociais do ambiente natural do grupo envolvido diretamente com o Projeto Mulheres das Águas, revelou uma compreensão do ambiente de maneira interligada com ser humano, relacionando-o com referências mais abrangentes e inclusive espirituais, conduzindo a uma proposta de estilo de vida. A maioria também representou seus respectivos grupos de maneira pouco consolidada, com certo grau de instabilidade relacionada às questões econômicas e de oportunidades de trabalho.

Esse grupo, trabalhando em atividades no âmbito do Projeto Mulheres das Águas, tem grandes expectativas em relação ao turismo, ancoradas a uma imagem de qual seria o turista “ideal” para o Município. Essa imagem, aparentemente rígida, principalmente para alguns componentes do grupo, pode vir a se tornar mais um desafio interno e mesmo nas comunidades, dependendo da forma como será tratado, sendo necessário e útil, pensá-la mais em termos relacional e diverso, que em termos de uma busca por um “ideal” de turista.

No contexto de representações do grupo do Projeto, parece que tanto os representantes da CAMARÁ, como o da UnB revelam em seus objetivos a necessidade de estimular a participação das diversas organizações, criando um espaço para o planejamento em conjunto e

também a oportunidade de promover as próprias organizações, valorizando suas ações em busca de seu fortalecimento e autonomia, considerando o Projeto, um meio para vivenciar e buscar esse caminho. Já nas representações dos outros envolvidos, AGEMA, Mulheres das Águas, Mulheres do Cerrado, AD Capetinga e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, as representações estão mais associadas às questões de consolidação de representações relacionadas ao ambiente natural e social, às necessidades econômicas e aos interesses relacionados ao fortalecimento dos vínculos.

O grupo do Projeto Mulheres das Águas enfrenta os desafios para o desenvolvimento de uma proposta baseada na construção e na participação e, alguns limites que a envolvem. Identificamos em seu contexto, como as organizações Mulheres das Águas e, Mulheres do Cerrado, com um histórico de envolvimento em vários cursos voltados para atividades coletivas, algumas diretamente relacionadas à valorização do Cerrado. Mas ao mesmo tempo, evidenciam-se tentativas frustradas e de muitas dificuldades, para inserção no mercado. Observamos também o grupo da comunidade da Pontezinha, elaborando tradicionalmente produtos artesanais, mas com poucas condições de escoamento desses mesmos produtos. Além disso, as mulheres desta comunidade expressaram seu interesse em desenvolver os artesanatos que já produzem, colchas e tapetes, em condições mais apropriadas. Esses grupos demandam apoio técnico adequado, coerente com seus interesses e potenciais, mas também com as exigências inerentes aos produtos, podendo se beneficiar com as iniciativas do ISPN e do Projeto Mulheres das Águas.

A partir das diversas representações, podemos apontar para alguns aspectos que podem ser entraves à continuidade de algumas iniciativas coletivas, relacionadas à elaboração de produtos artesanais e àqueles vinculados ao Cerrado:

- A dificuldade de administrar os conflitos de processos coletivos;
- A dificuldade de elaborar a apresentação e desenvolver estratégias para o escoamento dos produtos;
- Pouca condição de atender às exigências sanitárias dos produtos alimentícios, com todo o processo que a regularização dos mesmos exige, desde a elaboração e a construção de locais adequados de produção até acompanhamento e controle técnico, carecendo de recursos econômicos para tal;

- A dificuldade de lidar com os recursos econômicos da venda dos produtos, sobretudo com a necessidade de reinvestir, aspecto associado à situação econômica dos interessados;
- Condições econômicas precárias agindo prejudicialmente quanto às possibilidades de lidar com os riscos que envolvem novos empreendimentos e com a questão financeira urgente da grande maioria envolvida;
- Contexto social que gera situações de conflito quanto à disponibilidade e dedicação a novas atividades. Um exemplo seria o pouco apoio que as mulheres têm para desenvolverem trabalhos extras aos serviços de casa, envolvendo a própria família, pela ausência de recursos como creches, e pela necessidade de colaborarem nas atividades da “vida rural”. Outro exemplo está associado à história de vida dos sujeitos, em que a sobrevivência sempre esteve ligada à venda da força de trabalho, em geral, em atividades de exploração, incompatíveis ou desvinculadas, à conservação do cerrado;
- A aparente preponderância no Município de um mercado de consumo, ainda que restrito se comparado a grandes cidades, atrelado a produtos industrializados, impulsionando os produtos artesanais e tradicionais para a sua desvalorização social e conseqüentemente econômica.

Embora a pesquisa não tenha direcionado a investigação ou a discussão para o âmbito das questões relacionadas às diferenças de gênero, principalmente devido a fase atual do Projeto, focalizando muito mais a participação no desenvolvimento do turismo e não especificamente a inclusão da mulher, mesmo que isso ocorra, até pela sua característica continua em relação à outras fases. Não é possível negar, a presença desse aspecto nas representações relacionadas às experiências e vínculos com o ambiente natural, como destacado por Anhuma e Dona Jacutinga da comunidade do Forte, Juriti na comunidade da Pontezinha, e Arirambinha da comunidade do Mingau. Além disso, pode ser observado também, no desafio das mulheres em desenvolverem uma nova atividade, o constante conflito entre as preocupações com os cuidados da família e as exigências e riscos, para assumir um trabalho externo.

Parece ainda útil ao grupo, pensar e desenvolver estratégias de inclusão de parceiros potenciais ligados ao comércio e à comunicação no âmbito do Município. Embora, este tema não tenha sido explorado com maior profundidade, este grupo não tem participado das reuniões ou das atividades, o que deveria ser considerado, em se tratando de importantes e

necessários aliados nesse repensar as relações, as representações e as capacidades. Da mesma forma que os parceiros públicos, da Câmara e da Prefeitura, os quais não foram possíveis entrevistar, mas que foram pouco a pouco se ausentando nas reuniões e se afastando do grupo diretamente envolvido. Essas ações devem ser vistas como componentes fundamentais de um processo construtivo, que se pretende autônomo, pois que essa autonomia não precisa representar, necessariamente, auto-suficiência. Ela está vinculada às parcerias, nas suas mais diversas expressões, e ela potencializa a ação de outros parceiros, como a perspectiva de apoio do Projeto Alternativas a Soja no Cerrado – ALSO, por meio do Instituto Sociedade População e Natureza – ISPN.

Um outro apontamento se faz necessário, considerando todo o investimento técnico, financeiro e humano necessário para que essas iniciativas gerem o retorno esperado, ou pelo menos, adentrem nesse desejado mercado, externo ao Município, focalizado principalmente em Brasília. O estímulo ao desenvolvimento turístico da região parece ser um caminho mais viável e apropriado, pelo menos a médio prazo. Contudo, pensar o turismo, o ecoturismo, nos moldes das representações apresentadas pelo grupo diretamente envolvido no Projeto, pode levar a uma expectativa de retorno em um prazo muito longo, o que tende a aumentar a frustração dos interessados. Talvez fosse interessante pensar em uma estratégia motivadora, mais a curto prazo.

Na impossibilidade da construção do Centro de Atendimento ao Turista, e a necessidade de maior estruturação dos grupos para assumir esse empreendimento, conforme observado pelo representante da CAMARÁ, sugere-se verificar a possibilidade de utilizar um outro local já existente: a casa de madeira reformada para produção de geléias, que se encontra fechada. Segundo as representantes da organização Mulheres das Águas, a casa não é apropriada para a produção das geléias, devido às exigências técnicas sanitárias para a elaboração de produtos alimentícios. É verdade que a casa, não está às vistas dos turistas na rota de São Jorge, Alto Paraíso e, Cavalcante, pois não fica próxima à GO 118. Porém, a colocação adequada, de placas ao longo da estrada e na cidade pode despertar o interesse dos viajantes. Além de exigir um investimento financeiro bem menor, essa pode ser uma oportunidade para os grupos começarem a experimentar esse contato com turistas, pessoas que tendem a fazer uma passagem rápida, mas que podem retornar. Seria uma porta para um primeiro contato, para divulgar os atrativos naturais e culturais do Município, uma possibilidade para vender alguns produtos artesanais, dos diversos grupos interessados e também, uma oportunidade para vivenciarem a organização necessária para a administração deste espaço coletivo.

Os aspectos que mais se destacaram no âmbito das representações sociais envolvidas com o Projeto Mulheres das Águas podem ser assim identificados:

- Quanto aos aspectos vinculados às questões de gênero, percebe-se como algumas entrevistadas deixaram claro a sua interferência, tanto nas possibilidades de estar próximo ao ambiente natural, quanto à própria condição de ação e inserção no contexto social, e mesmo, definindo atividades prioritárias no âmbito da família.
- Ainda na família, alguns entrevistados revelaram como esse é um espaço importante, e ao mesmo tempo, um desafio para ampliar suas idéias sobre meio ambiente e sociedade. Para alguns, mais que um desafio é uma necessidade, pois estes espaços são o seu ambiente primeiro.
- A afetividade também se mostrou um aspecto importante na elaboração e consolidação das representações. Sua presença parece estar associada a um maior envolvimento e, mais ainda, à expectativa de um maior comprometimento com as propostas e as comunidades. Afetividade representando presença, disponibilidade, envolvimento extra - atividades profissionais.
- A disponibilidade dos envolvidos está, contudo, restringida, cerceada, muitas vezes pelas suas necessidades econômicas, que evidencia um outro aspecto das representações, gerando cobranças, decepções, insatisfações pessoais e dificuldades nas relações.
- O aspecto espiritual se mostrou relevante nas representações e vínculos com o ambiente natural, mas de outro lado, age também confirmando algumas concepções mais rígidas sobre causas e conseqüências, envolvendo o uso dos recursos e a vida das pessoas, a vida das pessoas e a necessidade financeira, a necessidade financeira e os vínculos afetivos.
- As representações do outro, revelaram como as relações sociais são fatores de formação e de influência nessas representações. Um outro necessário e importante, um outro cobrado e criticado, um outro mais forte e com mais conhecimento, um outro esperado.

O trabalho tratou de representações sociais, conforme proposto por Moscovici (2005), dos fatos sociais a que Mauss (1974, p. 181) se refere, revelando os movimentos, os pensamentos e os sentimentos. E nos colocamos nesse meio, expondo os próprios pensamentos, os próprios sentimentos, permitindo que a pesquisa revelasse de que forma a

busca foi elaborada, construída e não confirmada e de que forma conduziu a um amadurecimento em termos de representações, em termos relacionais.

As representações do outro e as expectativas que elas criaram e ainda criam, ancoradas e atualizadas em novos sujeitos, nos conduzem a um re-pensar dos limites e dos estímulos de ação de cada um, agindo no desenvolvimento do Projeto. Seria um equívoco enveredar por este tópico tentando identificar aspectos negativos e positivos, ou mesmo assumir arrogantemente uma crítica improdutivo, triste crítica. O contato com essas representações revela, acima de tudo, a importância do outro, das relações com o outro, das trocas entre as diversas representações do universo social, conduzindo a novas possibilidades de intervenção dos sujeitos em seu meio. Ao que nos resta tentar colaborar, na esperança de que, esta dissertação possa ajudar a girar a roda que tece o “fio de Ariadne”, o fio de algodão, resultado de uma longa história de homens e mulheres, que conduz nossos heróis à saída do labirinto. Os sujeitos, as suas histórias, as suas angústias, as suas lágrimas, corajosamente e humanamente colhidas no campo da pesquisa, já teceram um fio paralelo, que fixa as páginas e alinhava, porque se modifica, o texto que resgata a minha própria busca.

Assim como as dádivas, os conflitos observados estão relacionados não só com representações sociais em torno do ambiente, das expectativas com o desenvolvimento do turismo e com o outro, mas também com os mitos presentes nessas mesmas representações. Esses mitos são fragmentos da expressão cultural, vinculados às histórias de vida e às buscas de melhorias nos contextos sociais, onde os indivíduos se inserem, e são por isso, preponderantes na discussão que propomos. São passíveis de reflexão e, na verdade, demandam algumas reflexões.

Torna-se necessário, ao grupo, ter clareza de seus objetivos sobre o que significa incluir a comunidade na proposta de desenvolvimento do Projeto. Primeiramente, talvez, não o que significa para a comunidade, mas para os próprios representantes dos grupos envolvidos e para os seus respectivos grupos. Como esta inclusão se ajusta ou se opõe a sua concepção de relações econômicas e sociais, transformando possibilidades de dádivas em conflitos, ou exigindo dos envolvidos mais do que se propõe a contribuir. Talvez, ao entrar em contato com a concepção presente nas próprias comunidades é que esses “nós” serão desfeitos, porque eles evidenciam a diversidade nos vários contextos sociais envolvidos e nas representações. Para tanto, o contato deverá estar fundado no diálogo, nas prosas, na beira da escada, no pé do fogão e nas salas de reuniões. É a um diálogo franco a que nos referimos, um diálogo que não

teme as barreiras que podem não ser possíveis quebrar e, quem sabe, nem desviar, mas que permite uma elaboração totalmente condizente com as diferentes possibilidades envolvidas. Um diálogo que também não teme a existência dessas outras concepções, do querer a estrada funcionando, do não querer se envolver com o turismo, pelo menos não diretamente e, do ser diferente de nossas próprias representações.

A diversidade de representações revelada pelos grupos permitiu apontar algumas ações em consonância à implantação e consolidação do ecoturismo local, partindo da visão de cada uma das comunidades, permitindo antever medidas úteis para valorizar as capacidades sociais, provavelmente, agindo beneficentemente na articulação com o grupo do Projeto Mulheres das Águas. A pesquisa ocorre em uma fresta dialógica entre a ciência ocupada com a sustentabilidade e a sociedade, a que se referem, quando os grupos expõem seus desafios, suas representações em torno de suas expectativas, daquilo que aqui pensamos e elaboramos a partir das proposições um desenvolvimento sustentável e situado (SILVA, 2005). Subentende-se que o sustentável do desenvolvimento só pode ser alcançado por construções e práticas coletivas. E o situado pode estar no exercício consciente das representações, no diálogo das representações, no exercício do princípio dialógico de Martin Buber (2004). É nele que as possibilidades reais de troca, e de atualização das representações acontecem.

Dessa forma, as idéias e as práticas sociais precisam dialogar com a sustentabilidade e dela fazer sentido, garantido autenticidade e legitimidade na busca pelo desenvolvimento. É desse universo construtivo e real que tratou a investigação: sobre os limites, os desafios e a rica diversidade que envolveram e envolvem o Projeto Mulheres das Águas. Considerando que a linha tênue que separa os limites dos desafios, não pode, no entanto, ser vista de forma fixa, a sua definição e o seu desenrolar depende de um outro fio, aquele que conduz, mais uma vez, os diálogos das liberdades de escolhas e das obrigações, inerentes às mais diversas situações e condições socioeconômicas dos sujeitos e àquelas que, vinculadas a tantas outras representações, conduzirão ou não, aos movimentos necessários para participação.

Ao identificar essas representações sociais esperou-se colaborar, na medida do encontro (BUBER, 2004), para que o desenrolar das relações, não óbvias e não programadas, e o desenvolvimento do Projeto utilize cada vez mais, conscientemente os espaços de diálogos. Espaços de diálogos presentes, conscientes de suas próprias representações, conscientes de que existem outras representações e que as mesmas brotam de sua própria legitimidade. Moscovici (2005) aponta para os riscos de emoldurar nossas representações, criando

monólogos surdos, que só confirmam representações cristalizadas. Emoldurando-as, fortalecemos um dos fatores que formam os aspectos de resistências em nossas representações e que interferem em nossos movimentos. Nós passamos então, a adorá-las, como se fossem valiosas obras de arte ou adorados deuses (MOSCOVICI, 2005). Dessa maneira, é preciso estar atento à forma como nos “agarramos” às nossas representações sociais e como, muitas vezes, não nos dispomos a atualizá-las, a rerepresentá-las, permitindo que nosso quadro receba contribuições das mais diversas pinceladas, facilitando nossas trocas, nossos diálogos e a possibilidade de pensar em um desenvolvimento sustentável situado (SILVA, 2005).

Negar as representações é querer viver a par delas. É como negar nossos vínculos, nossa memória coletiva e a do outro. Não precisamos, porém, ficar presos a elas. Sua característica flexível e dinâmica é o que a torna tão interessante nesta abordagem. Porém, precisamos estar atento ao tempo, o tempo de conhecer, de aprender, de criar, de modificar e de dialogar, que é o tempo do eterno, o tempo de Buber (2004), o tempo da vida, das relações e da liberdade de pensar e trocar. O desafio que se impõe, é o que obriga o aprendiz, para o grupo e sua relação com as comunidades.

Para além dessas conclusões, algo mais pode ser apreendido. Se aparentemente, o texto deu a impressão de “devassar” as particularidades dos sujeitos, sua intenção não foi exatamente essa. Ao contrário, só poderíamos entender as diferenças e as ancoragens singulares e, ao mesmo tempo, sociais, mergulhados nessas revelações. Mas é nos distanciando que conseguimos uma imagem ampla dos movimentos, de como as representações vão se formando, se modificando e de que forma elas estão presentes nas escolhas, nos conflitos e nas alianças. Dessa visão, dois aspectos se destacam, um está vinculado à questão financeira, às necessidades inerentes à vida do corpo e do imaginário humano. O outro diz respeito aos vínculos afetivos, a sua preponderante condução nos movimentos, determinados pela sua presença, pela sua ausência ou mesmo pela sua complexa invisibilidade, casos em que os afetos existem, mas por algum motivo permanecem escondidos, camuflados, impedidos de serem percebidos coletivamente. Esses dois aspectos agem nas representações e nas opções a elas relacionadas, ora estimulando os movimentos, ora os colocando em contradição. Ao que se arrisca sugerir ao grupo e tornar evidente as contradições e os estímulos presentes na conjunção também desses dois aspectos, entre o afeto e a necessidade econômica, promovendo o re-pensar, o re-apresentar das próprias representações.

Ao final, os encontros, as possibilidades de encontro, se tornam os espaços para as possibilidades de dádivas. As dádivas vivenciadas por intermédio de diálogos, criando mais que um turismo para a renda, um turismo “de gente pra gente”, como apontou Inhambu. Tratamos dessas possibilidades e desafios de dádivas, mas que, contudo, não podem deixar de ser vistas de maneira híbrida. Não podem deixar de considerar os aspectos inerentes às necessidades e interesses humanos, a mistura de interesses econômicos com interesses em vínculos, que aconteceram não só no passado, mas no hoje e que podem acontecer no futuro buscado (GODBOUT; CAILLÉ, 1990).

O homem duplo, o qual Buber (2004) se refere, experimentando o mundo e se relacionando com ele, entendendo-o e expressando-o categorizado em suas representações (MOCOVICI, 2005), muitas vezes cindido, dissociado em partes (MATSUSHIMA, 1992), é o mesmo ser humano que mistura em seu mundo suas necessidades de sobrevivência física e emocional, interesses profissionais, espirituais e sentimentais, caleidoscopicamente interligados, complexamente vívidos. Ainda que duplo, representado e cindido, o universo de relações é complexamente representado, é complexamente vivenciado; o ambiente social e natural é mutante, é transfigurado nesse universo de relações, requerendo constante vivência, experiência e relação, atendimento das necessidades físicas, intelectuais e afetivas.

Não podemos entender e desenvolver projetos sem entendermos que estamos imersos nessas imagens e pensamentos sociais, que estaremos discutindo mais que o compartilhar de recursos, mais que a necessidade de participação, mais que o desenvolvimento de capacidades. Estaremos nos relacionando, testando nossas habilidades em lidar com os diferentes modos de pensar e sentir o ambiente, gerando ou dissolvendo conflitos, ainda que não queiramos ter em conta qual o papel e a responsabilidade que nossa própria representação desempenha nesses movimentos. No entanto, não podemos afirmar ser suficiente tomar consciência das próprias representações, ainda que tenda a ser bastante útil no âmbito do envolvimento de um grande e diverso número de participantes e, numa proposta de ampliação dos referenciais de conservação do Cerrado e da cultura local. Parece que vinculado a esta idéia, terá forte influência no desenvolvimento do Projeto, e no âmbito das representações do ambiente natural e social, a possibilidade de tornar, cada vez mais próximo e real, o efetivo desenvolvimento de atividades relacionadas à conservação do ambiente natural. Por efetivo entendendo aquelas ações que possam gerar retorno financeiro e estejam ancoradas em espaços de diálogo e de reconhecimento das diferentes necessidades, das diferentes realidades.

O Projeto é enfim um exercício de “chacoalhar” as representações envolvidas, e isso não é novo para os que participam. Isso é vivenciado e foi demonstrado ao longo dos capítulos, só tratamos de identificar e destacar alguns pontos. Pensar a pesquisa e o ecoturismo para o Município de São João d’Aliança não poderia ser diferente. Todo o processo do contato e das trocas torna-se um grande “chacoalhar” de representações.

Zimmer (1989), cita na conclusão de seu livro sobre mitos e símbolos da Índia, uma parábola humorística judaica, segundo a tradição dos *hassidins*, extraída do livro de Martin Buber, *Die Chassidischen Bücher*. A pequena história é contada pelo rabino Eisik, filho do rabino Jekel, que morava no gueto da Cracóvia, capital da Polônia:

Numa noite, o devoto e fiel rabino Eisik dormiu e sonhou; o sonho ordenou que ele fizesse uma longa viagem até Praga, a capital da Boêmia, para lá descobrir um tesouro escondido, enterrado sob a ponte principal que levava ao castelo do rei. O rabino, surpreso, adiou a partida. Mas o sonho repetiu-se por mais duas vezes. Depois do terceiro aviso, reuniu coragem e iniciou a jornada.

Chegando à cidade que era seu destino, o rabino Eisik viu que sentinelas guardavam a ponte dia e noite; não se atreveu, portanto, a fazer nenhuma escavação. Limitava-se a voltar a cada manhã e a perambular até o anoitecer; ficava a olhar a ponte, observando as sentinelas e examinando, sem tentar coisa alguma, a alvenaria e o solo. Por fim, o capitão dos guardas, surpreso com a insistência do ancião, aproximou-se e perguntou-lhe com gentileza se perdera alguma coisa ou se esperava alguém. O rabino Eisik contou-lhe seu sonho, com simplicidade confiante, e o oficial recuou um passo, rindo:

– És, na verdade, um pobre homem! – disse-lhe o capitão. – Gastaste os sapatos nessa caminhada só por causa de um sonho? Quem, sendo sensato, acreditaria em sonhos? Olha, se eu acreditasse neles, estaria fazendo o contrário do que faço neste momento. Teria feito uma peregrinação tola como a tua, com a diferença de que tomaria a direção oposta, mas chegando, sem dúvida, a um resultado igual. Deixa-me contar-te o meu sonho.

Era um capitão simpático, apesar de seu bigode feroz, e o rabino sentiu afeição por ele. – Eu sonhei com uma voz – disse o oficial cristão da guarda boêmia – que me falou da Cracóvia, ordenando-me que fosse até lá e procurasse um grande tesouro na casa de um rabino judeu chamado Eisik, filho de Jekel. Eu encontraria o tesouro enterrado num canto sujo atrás do fogão. Eisik, filho de Jekel! – riu-se o capitão outra vez, com os olhos brilhantes. – Imagina só, ir até Cracóvia e pôr abaixo as paredes de todas as casas do gueto, onde o nome de metade dos homens é Eisik e da outra metade Jekel! Eisik, filho de Jekel, além de tudo! – E ele ria sem parar da inacreditável pilheria.

O modesto rabino ouviu-o com ansiedade; fez uma grande medida e, agradecendo ao amigo estrangeiro, apressou-se a voltar ao lar distante, onde escavou o canto esquecido da casa e descobriu o tesouro que pôs fim à sua miséria. Construiu, com uma parte do dinheiro, uma casa de orações que leva seu nome até hoje (ZIMMER, 1989, p. 177).

Então Zimmer (1989) comenta:

Ora, o verdadeiro tesouro que põe fim à nossa miséria e às provações nunca está muito distante; não deve ser procurado em nenhuma região longínqua, está enterrado no mais profundo recesso de nossa própria casa, ou seja, de nosso ser. Está atrás do fogão, do centro daquela estrutura que proporciona vida e calor à existência, no âmago dos âmagos – só é preciso desenterrá-lo! Persiste, porém, o estranho fato de

que apenas depois de uma piedosa jornada a uma região distante, a um país estrangeiro, uma terra estranha, o significado da voz interior que guiará nossa busca nos possa ser revelado. Enquanto se dá esse fato singular, ocorre outro, paralelamente: quem nos revela o significado de nossa enigmática mensagem interior deve ser um estrangeiro, de outro credo e outra raça (ZIMMER, 1989, p. 177).

A história aponta para as mensagens reveladas pelo “outro”, ainda que de maneira inadvertida. Muitos mitos em diversas culturas tratam desse nosso “tesouro” escondido, revelado em terras longínquas. (ZIMMER, 1989). Talvez o turismo, ou melhor, o ecoturismo, sejam curtas ou longas às viagens, possa nos proporcionar, uma visão do outro, em sua infinita irredutibilidade, que nos impele contra nós mesmos, a uma descoberta que não pode se concretizar se não, distante, de alguma forma, de nossos valores, nossas idéias, nossas representações, ou seja, uma visão que está no “entre si” do “encontro”. E talvez muitas e muitas viagens a muitos lugares, muitas culturas sejam necessárias para percorrer este caminho que conduz a tão perto, ou quem sabe, uma viagem de apenas cento e cinquenta quilômetros... É bom lembrar que nesse percurso, podemos e devemos trocar nossas dádivas, atualizando-as em novas representações, podemos ultrapassar os limites de nossas linguagens e descobrir que afinal compomos diversas possibilidades, mas que para tanto “olhos, narinas, bocas e orelhas” precisam “silenciar”, o silêncio da alteridade. Assim, poderemos perceber que existem flores no cerrado o ano todo, que algumas, só serão observadas após as queimadas, se destacando no meio do chão aparentemente estéril, mas estranhamente rico em perspectiva. E que a gente, nessa paisagem, tem belezas e tem dores, uma tão real quanto a outra, tão nossa, tão boa e tão dura. Que o Projeto Mulheres das Águas, seus homens e suas mulheres possam colaborar para essa viagem, com o outro, daqui ou de lá, e pelas águas de São João criar novas alianças...

Valeu a pena buscar, pesquisar, seguir e entrar em contato com os sonhos dos envolvidos, e ter o privilégio de ver o mito se apresentando, como um daqueles livros mágicos que enquanto lemos (e escrevemos) vão acontecendo. As dificuldades nos guiam em direção a um encontro tão obvio e que não nos damos conta, com nós mesmos, de que nos falamos muitos mitos. Essa singularidade, “abismal e inesgotável”, que precisa ser vivenciada no ínterim de nossa gente, irá continuar a escrita de sua história, enquanto amadurece...Ao final, o autor experimentou estar o mais perto e o mais longe possível de sua pesquisa, questões tão suas quanto dos sujeitos aqui representados, quanto, provavelmente, de vários outros projetos voltados para a sustentabilidade da diversidade socioambiental. O percurso conduziu a um momento que pode ser compartilhado com as pessoas envolvidas no Projeto Mulheres das

Águas, encerrando o Mestrado, com todas as provações e revelações que só um rito, esse rito acadêmico, re-apresentado em nosso tempo cultural, poderia proporcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Arnaldo; MONTE, Marisa; BROWN, Carlinhos. **Infinito Particular**. In: **Infinito Particular Marisa Monte**. Rio de Janeiro: Monte Criação e Produção: 2006. 1 disc compact: digital, estéreo.
- ASSUNÇÃO, Ademir. O vôo mítico dos pássaros. In: **Brasil 500 pássaros**. Brasília: Eletronorte, Eletrobrás, Ministério de Minas e Energia, 2000.
- DOS ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial**. 3. ed. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005. 92 p.
- BARTHOLO, Roberto. **Você e Eu: Martin Buber, Presença Palavra**. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 117 pp, 2001.
- BARBOSA, Ana Izabel Costa; GRANDO, Raquel Lopes Sinigaglia Caribe. **A Dança dos Quilombos**. In: III Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade - ANPPAS, Brasília-DF, 2006. 16 p. <<http://www.anppas.org.br>>. Acessado em 10 de julho de 2006.
- BENVINDO, Juliano Zaiden. Será que a Comunicação Emancipa? Tópicos para a reflexão social e jurídica da teoria de agir comunicativo. In: MILOVIC, Miroslav; SPRANDEL, Maia; COSTA, Arapaçu Araújo (Orgs.) **Sociedade e Diferença**. Brasília: Casa das Musas, 2005, 261-276 p.
- BERTRAN, Paulo. **Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil**. Brasília: Editora Universidade Católica de Goiás – UCG, Codeplan, 1988. 148 p.
- BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central. Eco-História do Distrito Federal Do Índigena ao Colonizador**. Brasília: Verano, 2000. 270 p.
- BIZERRIL, Marcelo X. A. **Vivendo no Cerrado e Aprendendo com ele**. São Paulo: Saraiva, 2004. 79 p.
- BONTEMPO, Eduardo Coelho; BARBOSA, Guilherme Alves; NERY, Sérgio Tavares Formiga. **Meio Ambiente e Turismo de Aventura na Localidade de Belchior**. 2004. 24 p. Trabalho de Conclusão de Curso, União Pioneira de Integração Social – UPIS, Brasília. Trabalho não publicado.
- BORGES, Gabriela Lafetá. A ‘palavra de Lévinas’: o “enigmático” e o “racional” na ética do Outro. In: MILOVIC, Miroslav; SPRANDEL, Maia; COSTA, Arapaçu Araújo (Orgs.) **Sociedade e Diferença**. Brasília: Casa das Musas, 2005, 143-153 p.
- BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. Saber com o Outro Volume 1. São Paulo: Cortez, 2003. 318 p.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol III. 2º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1989. 406 p.

BRIXIUS, Leandro. **Seminário Internacional destaca ações que promovem a agroecologia**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: vol. 3, nº 3, Jul/Set, 2002. 11 – 16 p.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 8º ed., 2004, 152 p.

CAMARÁ - Centro de Apoio para Sociedades Sustentáveis. **Projeto Mulheres das Águas: Promovendo a Integração e Participação pelo Ecoturismo no Cerrado**. Apresentado e aprovado pelo PPP-ECOS. Brasília, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito. Joseph Campbell com Bill Moyers**. Org. por Betty Sue Flowers, tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, 250 p.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. Tradução Adail Ubirajara. São Paulo: Editora Cultrix/ Pensamento, 2005. 414 p.

CANALLI, Rodrigo Lobo. O guardião do meu irmão – do ser-aí ao ser para-o-outro. In: MILOVIC, Miroslav; SPRANDEL, Maia; COSTA, Arapaçu Araújo (Orgs.) **Sociedade e Diferença**. Brasília: Casa das Musas, 2005, 131-141 p.

CATALÃO, Vera Lessa. As qualidades sensíveis da água. In: CATALÃO, Vera Lessa; RODRIGUES, Maria do Socorro (Orgs.) **Água como matriz pedagógica**. Brasília: Edição do autor, 2006. Cap 6. p. 82-94.

CIDADES@ - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades@/Pop. e domicilios>>. Acesso em: 15 de junho de 2006.

DICIONÁRIO ESCOLAR DE LÍNGUA PORTUGUESA. Elaborado por PECORATO, Dinorah da Silveira Campos; PECORATO, Giglio; BRESSANE, Geraldo. 11 ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980. 1263 p.

DIEGUES, Antônio C. S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: NUPAUB/ USP, 1993.

FARIA, Joaquim Teles de. Sem título. Trabalho resultante da pesquisa com comunidades de São João, durante conclusão de curso na Escola Bioma Cerrado. São João d'Aliança, 2003. 38 p. Trabalho não publicado.

FEINSTEIN, David; KRIPPNER, Stanley. **Mitologia Pessoal. A Psicologia Evolutiva do Self**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988. 250 p.

FILGUEIRAS, Tarciso S.; WECHSLER, Francisco S. Aproveitamento e Manejo. Pastagens Nativas. In: DIAS, Bráulio F. de S. FUNATURA. **Alternativas de Desenvolvimento dos Cerrados: Manejo e Conservação dos Recursos Naturais Renováveis**. Brasília: Fundação Pró-Natureza, 1996. 47-49 p.

FORNARI, Ernani. **Manual Prático de Agroecologia**. São Paulo: Editora Aquariana, 2002. 237 p.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. Cadernos de Pesquisa, V. 34, nº 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio. A formação da alma brasileira.** São Paulo, Axis Mundi: Terceiro Nome, 2º ed., 2000, 192 p.

GAMBINI, Roberto. Prefácio. In: Mindlin, Betty. **Tuparis e Tarupás.** Narrativas dos índios Tuparis de Rondônia. São Paulo: Instituto de Antropologia e Meio Ambiente: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 123 p.

GALVAN, Cesare Giuseppe. Moeda e Dom, Contrastes e Confrontos. Preliminares a uma “Economia Geral”. In: MILOVIC, Miroslav; SPRANDEL, Maia; COSTA, Arapaçu Araújo (Orgs.) **Sociedade e Diferença.** Brasília: Casa das Musas, 2005, 67-80 p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** 8º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001, 148 p.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. Introdução In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.) **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 8 ed. 2003. 323 p.

GUGELMIN, Sílvia A.; SANTOS, Ricardo V. Ecologia humana e antropometria nutricional de adultos Xavante, Mato Grosso, Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 17 n. 2, março/abr. 2001.

<http://ecoturismonocerrado.zip.net> . Acessado em 26 de julho de 2006, 15 de setembro de 2006 e 20 de novembro de 2006.

IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade.** São Paulo: Editora futura, 2002. 219 p.

LOUREIRO, Carlos F. B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico uma abordagem política.** Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

LUGAR CHAMADO FORTE. Um filme de Loiane Ribeiro e Gisele Neves. Brasília: Loiane Ribeiro Filmes, DVD (33 minutos): Padrão NTSC, som estéreo digital, cor, livre. Trabalho de conclusão final de curso de jornalismo.

LUIS, Pedro; DUNCAN, Zélia. Braços Cruzados. In: DUNCAN, Zélia. **Pré Pós Tudo Bossa Band.** Manaus: Universal Music: 2005. 1 disc compact: digital, estéreo.

MACEDO, Renato L. G. Sistemas Agroflorestais com Leguminosas Arbóreas para Recuperar Áreas Degradadas por Atividades Agropecuárias. In: Simpósio Nacional de Recuperação de Áreas Degradadas. Curitiba. **Anais do Simpósio Nacional de Recuperação de Áreas Degradadas.** Curitiba: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná, outubro de 1992. 800 exemplares. 288-297 p.

MARTINS, Leila C. **Memória e meio ambiente: a experiência com as mulheres das águas.** In: I Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade - ANPPAS, Indaiatuba-SP, 2002. 14 p. <<http://www.anppas.org.br>>. Acessado em 26 de abril de 2006.

MARTINS, Leila C. **Projeto Mulheres das Águas: uma experiência de luta pela conservação da vida no cerrado.** Resumo encaminhado ao Prêmio Ambiental Von Martius em abril de 2006.no prelo.

MATSUSHIMA, Kazue. **Perspectiva arquetípica e holística em educação ambiental: fundamento, vivência e prática.** 1992. 322 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Vol II. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974, 331 p.

MONTEIRO, Maria B.; VALA, Jorge. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: **Psicologia Social.** 5. ed. Lisboa: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 2002.

MORIN, Edgar. **O Método III : O conhecimento do conhecimento.** Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

MOSKA. **Moska.** Manaus: Sony Music: 2001. 1 disco compact: digital estéreo.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 3 ed. 2005. 404 p.

MUNDO de Jack e Rose. Produção de Lemoire Syvan, escrito e dirigido por Rebecca Miller. Imagens filmes. Santa Catarina: Pólo Industrial de Manaus sob licença de W Mix Distribuidora Ltda. 2006. 1 dvd (111 min.): NTSC, son., color. Legendado. Port.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, Vol. 19. nº 55, junho de 2005, p. 180-186.

PELUSO, Marília L. **O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental.** Estudos de Psicologia (Natal) vol. 8 nº 2, Natal, maio/agosto de 2003.

PPP-ECOS. Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN). **Long live the Cerrado!** Sustainable Products and Livelihoods supported by the GEF Small Grants Programme in Brazil. 2006.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** Questões da nossa época, vol. 41. São Paulo: Editora Cortez, 1995. 87 p.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Capítulo III. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa. **Cerrado Ambiente e Flora.** Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 89-166 p.

RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam. **Companheiras de luta ou “Coordenadoras de Painéis”? As relações de gênero nos assentamentos rurais.** Brasília: UNESCO, 2000. 348 p.

SANSOLO, Davis Gruber. **Turismo – aproveitamento da biodiversidade para a sustentabilidade.** In: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Editora futura, 2002. 69 - 91 p.

SILVA, Gabriela Tunes. **Sobre raízes e utopias: caminhos contemporâneos do desenvolvimento situado**. 2005. 186 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

TOWNSEND, Colin; BEGON, Michael; HARPER, John. **Fundamentos em Ecologia**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2005. 592 p.

UNGER, Nancy M. **O Encantamento do Humano: Ecologia e Espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991. 94 p.

VELOSO, Caetano. Sampa. In: GIL, Gilberto. **Gilberto Gil unplugged**. Manaus: Warner Music Group: 2003. 1 disc compact (45 min.): digital, estéreo.

WWF - Brasil. SÁ, Rosa M. (Coord.). **Manejo de Fauna na Reserva Xavante Rio das Mortes, MT: cultura indígena e método científico integrados para conservação**. Brasília : WWF, 2000. 68 p. (Série Técnica, Vol. IV).

ZIMMER, Heinrich. **Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia**. Compilado por Joseph Campbell; tradução Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1989, 234 p.

APÊNDICE A**ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS**
MODELO 1**GRUPO ENVOLVIDO DIRETAMENTE NO PROJETO****ENTREVISTADO:****IDADE:****OCUPAÇÃO:****PREFERE CODINOME? () NÃO () SIM : _____****ENDEREÇO:****TELEFONE:****DATA:****ENTREVISTADORA:****PERGUNTAS**

1. O Sr (a) é dessa região? Poderia contar um pouco de sua história neste local?
2. Poderia descrever o seu ambiente? Que atividades exerce ligadas ao ambiente (a terra, a água, as plantas e os animais)?
3. Poderia falar sobre o Cerrado?
4. Você se considera participante de um grupo? Poderia descrever as características do seu grupo? O que diferencia seu grupo de outros?
5. Enquanto membro do grupo X poderia descrever as atividades importantes relacionadas ao meio ambiente, tanto as que geram renda, quanto as que não geram renda?
6. Como foi a sua participação e de seu grupo no Projeto Mulheres das Águas?
7. O que mudou com a participação do grupo no Projeto Mulheres das Águas?
8. Quais são os maiores interesses do grupo no momento?
9. O que você acha do turismo? Pode ser bom para o grupo, de que forma?
10. Você gostaria de participar? Como?
11. Qual a relação do turismo com o meio ambiente?
12. Poderia descrever os desafios para a implantação do ecoturismo na região?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADASMODELO 2**GRUPO COMUNIDADES****COMUNIDADE:****ENTREVISTADO:****IDADE:****OCUPAÇÃO:****PREFERE CODINOME? () NÃO () SIM : _____****ENDEREÇO:****TELEFONE:****DATA:****ENTREVISTADORA:****PERGUNTAS**

1. O Sr (a) é dessa região? Poderia contar um pouco de sua história neste local?
2. Poderia descrever o seu ambiente? Que atividades exerce ligadas ao ambiente (a terra, a água, as plantas e os animais)?
3. Poderia falar sobre o Cerrado?
4. Você se considera participante de uma comunidade? Poderia descrever as características da sua comunidade? O que diferencia sua comunidade de outras?
5. Enquanto membro da comunidade X poderia descrever as atividades importantes relacionadas ao meio ambiente, tanto as que geram renda, quanto as que não geram renda?
6. Você conhece o Projeto Mulheres das Águas? Como foi a participação da comunidade no Projeto?
7. O que mudou com a participação da comunidade no Projeto Mulheres das Águas?
8. Quais são os maiores interesses da comunidade no momento?
9. O que você acha do turismo? Pode ser bom para a comunidade, de que forma?
10. Você gostaria de participar? Como?
11. Qual a relação do turismo com o meio ambiente?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS**MODELO 3****GRUPO TURISTAS****ENTREVISTADO:****IDADE:****OCUPAÇÃO:****PREFERE CODINOME? () NÃO () SIM : _____****ENDEREÇO:****TELEFONE:****DATA:****ENTREVISTADORA:****PERGUNTAS**

1. Como você chegou até este lugar?
2. Qual a sua primeira impressão?
3. O que mais chamou sua atenção?
4. O que gostaria que houvesse, que tornasse o seu passeio mais interessante?
5. O que gostaria de saber se possível sobre o lugar ou as pessoas?
6. Algo te incomodou, o que?
7. Você sente vontade de voltar?
8. Já indicou este lugar para alguém? Como e porque escolheu esta pessoa?
9. O que te atrai em lugares, como turista?
10. Poderia indicar um lugar como uma referência para você em termos de turismo?
11. Como é ser turista?
12. O que é turismo?

APÊNDICE B**CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO**

Eu, _____, declaro que estou ciente de estar participando de um trabalho de pesquisa para identificação das diversas representações sociais (posições, relações e visões do meio ambiente) das comunidades de São João d'Aliança e dos participantes do Projeto Mulheres das Águas. A pesquisa está direcionada para a atual fase do Projeto voltado para o estímulo ao ecoturismo e a conservação do cerrado. Sou voluntário e fui informado que o conteúdo da entrevista será divulgado em dissertação de mestrado, sendo que poderei ser identificado com codinome se assim preferir, assim como, poderei desistir a qualquer momento.

Brasília, ___ de _____ de 2006.

Assinatura

APÊNDICE C

“Entre idéias e mitos”

Numa terra estranha, onde as árvores eram tortas, os frutos insinuantes, e a gente diversa, chegaram, no percurso da história e nas trilhas do tempo, homens que adoravam aos bois e os grãos para os bois. Esses homens com o passar dos anos foram se transformando, na verdade a cabeça foi se modificando, foi ficando maior, e maior, até que nasceram pelos e em seguida, chifres. Eles se transformaram em minotauros, os corpos eram de homens, mas as cabeças não vislumbravam outras possibilidades para a terra, não compreendiam as árvores tortas, eles se fixavam nos bois e nos grãos, e com isso, suas cabeças pendiam para um lado, aquele lado que figurava a expansão da “monoimagem”, da “monoidéia”. Os minotauros confusos também não entendiam os outros homens, a gente diversa do lugar, e nem sempre os enxergavam, com a cabeça pendendo para um único lado, era difícil ver outra coisa, além da “monoimagem”. Os homens que ali habitavam, vendo sua estranha terra se transformar, iam cedendo às idéias e a força dos minotauros, os homens com “cabeças de boi” em prol expansão da “monoidéia”, da “monoimagem” e assim, a conseqüente perda das múltiplas idéias memoriais.

Um dia, uma sábia sereia quis mostrar à seus filhos e filhas os riscos do mundo se tornar um imenso campo semeado com as “monoidéias” dos minotauros. Ela nasceu sereia? Não, ela andava pelo mundo procurando entender os homens e mulheres, querendo aprender e ensinando. Como o tempo, os livros, os homens que escreviam os livros já não lhe bastavam, ela queria compreender. Então, entrou no barco que conduz a grande viagem, uma viagem difícil e arriscada, uma viagem entre a vida e a morte, para o lugar sem tempo. Quando já estava bem distante avistou o que procurava: a grande baleia. Ela teve dúvidas e sentiu medo, mas bravamente saltou para dentro da boca do gigante e alcançou as profundezas intocáveis que a habitavam. Lá permaneceu ouvindo as belas e assustadoras músicas que cantam a vida dos homens. No momento certo, voltou para o mundo, saltando do coração da baleia, só que não poderia voltar como antes, ela voltou como sereia. Assim, poderia transitar entre o mundo dos homens e o mundo dos peixes, translúcido, flutuante e sereno. A sábia sereia agora além de ensinar, encantava...

Na terra das árvores tortas, ela não queria só mostrar os perigos das “monoidéias”, ela queria agir e encantar as pessoas do lugar, para que elas percebessem o valor de outras idéias, das suas próprias idéias. Então, mulheres que ainda olhavam para as águas, que se ocupavam nelas, lavavam suas roupas, se banhavam e queriam continuar a cantar suas músicas ficaram encantadas com a “presença” da sábia sereia. Aos poucos elas também foram se transformando, olhavam às águas, e nelas mergulhavam. Iam fundo para não se perderem nunca mais, tão fundo que, muitas vezes, não quiseram voltar a superfície, preferindo o escuro saudoso e mágico que à terra devastada da superfície. Elas passearam pelas águas, protegeram suas margens e começaram a tentar reverter as “monoidéias”, mas o mundo parecia congelado, cristalizado como as “monoidéias”, elas se sentiam cansadas, desencorajadas. Porém, sempre existiriam as águas e a sábia sereia. Elas ficaram conhecidas como as mulheres das águas.

A sábia sereia sentiu que precisava encontrar alguns aliados. Ninguém melhor que alguém onde seu sangue corria, sua filha, ela conhecia as armas e as estratégias para lutar contra a expansão das “monoidéias” e, ela queria participar. Além disso, a sábia sereia

encontrou dois homens que buscavam. Esses dois homens, vindos de outros lugares seguiram os cantos da sereia e chegaram à terra das árvores tortas. Um, falava uma língua diferente e via coisas que ninguém via, ele realmente queria transfigurar o mundo cristalizado, não só ali, como em vários outros lugares onde as árvores tortas estavam morrendo pela cegueira dos minotauros e suas “monoidéias”.

O outro era jovem, ele acreditava que o mundo era mais bonito do que parecia, e que ali, na verdade, havia uma grande força. Eram nos pequenos lugares, repletos de frutos insinuantes e homens assustados com a voracidade dos minotauros que ele sempre quis estar. Assim, ele tratou de apontar sua espada para a diversidade de frutos daquela terra, tocando e comprovando que eles estavam ali, que ainda havia tantos frutos e tantas árvores, e tantos homens e mulheres, que eles poderiam permanecer, inclusive, poderiam renovar a terra, por onde os minotauros haviam passado. A espada mágica fazia as belezas se revelarem, se mostrarem para que todos acreditassem em sua existência. Quando o poeta das árvores tortas viu as belas imagens, elas instantaneamente passaram a falar, e as pessoas foram convidadas a pensar sobre as imagens que falavam, sobre as várias idéias que ali se encontravam.

Lá o jovem estrangeiro encontrou um outro homem que também via e queria acreditar, porque esse homem já havia andado por muitos lugares, e agora era o maior andarilho daquela terra, mas o andarilho não queria estar só. Eles queriam muito mostrar as outras pessoas o belo mundo das árvores tortas, frutos insinuantes e múltiplas idéias. Seria possível proteger a gente diversa, as árvores tortas e os frutos insinuantes sem encontrar os minotauros e tentar mostrar-lhes a beleza da existência de outras idéias? Haveria ainda alguma chance para aqueles que ignoravam a aridez das “monoidéias”? O jovem estrangeiro era um herói, ele queria lutar, mas também estava confuso, ele queria primeiro que a gente diversa acreditasse em suas próprias idéias, mas isso seria suficiente para combater os minotauros, a força de suas “monoidéias”?

O Silfo das cores, ele amava as cores, ele amava o som das águas, os pelos dos bichos, as pegadas dos seres na terra, as formas e os gostos da terra das árvores tortas. Ele ficou preocupado com a confusão do jovem estrangeiro, ele pensou que ele poderia desistir, mas ele acreditava nele, talvez ele pudesse se perder... Ele traçou um plano. Foi ao encontro do jovem e zuniu em seu ouvido, tanto, tanto que ele, fugindo do zumbido, começou a se afastar da terra diversa e sem perceber, ele partiu para as terras transformadas em “monoimagens”. Ele partiu caminhando com os próprios passos, porque queria entender, ele queria compreender porque os minotauros adoravam aquelas terras pobres que eram para eles a sua riqueza. Mas quando ele entrou naquelas terras, ele, inevitavelmente, se perdeu, para todos os lados que olhasse a imagem era mesma, não havia nada de diferente, para frente e para trás, para um lado e para o outro, a visão era a mesma. Ele tentou correr longas distancias por longas horas, mas nada se modificava, e ele não encontrará o minotauro. Exausto, ele deitou naquelas terras e, olhou para o céu. O céu ainda era o mesmo, ele estava azul e nuvens brancas passavam se modificando, depois veio a cor cinza e escureceu. Ele ali ficou, mesmo após as tempestades, o sol forte e o dia nublado. Seus olhos se fixavam no céu, no movimento e na mudança, ele esqueceu porque estava ali, o que procurava, o que seus olhos viam lhe diziam que ele era apenas um homem como todos os outros, um ente vivo como todos os outros que estavam sob aquele céu. Mas ele não era, ele era um herói... um herói que buscava.

Em uma noite pulsante e estrelar, algumas mulheres logo ali do lado, onde as terras se mantiveram diversas, teciam seus fios, o algodão era um dos frutos de suas terras, de suas memórias de múltiplas idéias, elas teciam e mantinham vivas essas memórias. Elas permaneciam e lembravam do jovem estrangeiro, das belezas que sua espada revelava.

Enquanto elas falavam sobre si próprias, sobre o jovem e as múltiplas idéias, ele, deitado nas terras áridas e verdes do minotauro ouviu aquelas vozes, aquelas idéias, ele ouviu como nunca havia ouvido antes e, então compreendeu. Ele quis ouvir mais e se levantou. As vozes passavam para o fio e o fio começou a se movimentar, ele saiu pela porta, passou a porteira e pegou a estradinha de terra, andou por suas curvas sinuosas, atravessou uma estrada reta e chegou a terra verde-árida. Ali, o jovem estrangeiro queria ouvir e seus ouvidos guiaram o fio, que chegando até ele o envolveu e o trouxe de volta às árvores tortas. Ele também havia se modificado, seus cabelos haviam crescido, sua pele estava gasta, do sol e da chuva, mas além de sua espada, ele agora tinha um espelho. O espelho também era mágico, ele refletia nos olhos daquele que o olhasse o céu do mundo e, desse céu era possível se ver a si mesmo, não a imagem da pele, mas das nuances em mutação. Essa imagem provocava as mais surpreendentes reações que iam do medo, do terror ao despertar de uma generosidade madura. O herói voltou para o mundo com suas duas maravilhas e ele voltara a agir.

Ele e o andarilho se juntaram à sábia sereia, às mulheres das águas e àquelas foram encantadas pelas sereias, mas preferiram se manter na superfície. Elas se identificavam como mulheres do cerrado. Havia ainda um grupo, representado por uma guerreira, uma mulher confiante e determinada, que conhecia bem a história e os homens do lugar, ela nascera ali, está era a sua terra, ela também queria agir, e se uniu ao grupo.

No compasso das horas, o ar possui mais que bolhas de “monoidéias” e bolhas de múltiplas idéias, assim como a terra, ele reflete brotos coloridos e áridos verdes. As “monoidéias” transitam junto com as múltiplas idéias, vão de uma terra à outra, ninguém as confunde, mas elas transitam, não existem limites, não existem fronteiras, as idéias transitam e, as imagens dos frutos, das árvores tortas e das águas aparecem em mais e mais lugares. Eles resistem, eles existem e, estão cada vez mais, presentes. O jovem estrangeiro até anda pela terra dos minotauros, sem receio, pois o fio de algodão continua existindo, embora seja o seu ouvido que o guie. Nessas suas andanças pode ser que, despreziosamente, tropece algum dia com um dos minotauros, e pode ser que até lhe de o espelho mágico, ou que talvez não mais o reconheça, mas então, esta será uma outra história, como tantas outras que ocorrem por aí, em outras terras, como onde as árvores são gigantes, os frutos assobiam e a chuva marca os encontros... A sábia sereia? Ela se desloca entre mundos, e seu canto encanta os homens e as mulheres, a terra e as águas... É fácil reconhece-la, sente-se encantado.

Sabemos que as “monoidéias” são apenas mais uma idéia, elas compõem a diversidade presente nas múltiplas idéias, o perigo ocorre quando nos fixamos em apenas uma e ignoramos as outras, querendo torna-la única. Pior que isso, ignoramos de que maneira essas idéias interferem nas diversas melodias da vida dos homens. Alguns minotauros enxergavam o jovem estrangeiro, o andarilho e a guerreira com uma pele de casca de árvore torta, o que os causava um certo receio, porque eles não entendiam se eles eram árvores ou homens. Por muito tempo, o jovem estrangeiro e seus amigos usaram esse disfarce para se proteger, só depois eles compreenderam que não fazia sentido. Os disfarces dificultavam ainda mais, a expansão das múltiplas idéias. O que realmente queremos saber é como poderemos expandir as idéias em que acreditamos. Como elas poderão ser entendidas e como não poderão. Mas primeiro, antes de se fixar em qualquer idéia é bom ampliar e aprofundar o maior número de idéias possíveis, conversar, conhecer e experimentar. Devemos considerar nessas idéias os nossos desejos e, assim, entenderemos realmente do que se trata cada idéia e como ela se relaciona com as várias outras idéias existentes. Podemos fazer isso de várias maneiras, só nos resta uma pergunta:

Estamos prontos para silenciar e escutar, queremos ouvir?

Observação: Embora os personagens sejam inspirados em pessoas reais, em suas representações, não devem ser confundidos com os mesmos. Eles devem ser vistos e sentidos, como motivadores de reflexão e inspiração, mas sempre em sintonia com nossas buscas pessoais.